

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS - GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

CARLA MARINHO BRITO

**Visualidades da Fortaleza de São José de Macapá em interação com uma
Escola Pública da Cidade de Macapá**

João Pessoa- Paraíba

2013

CARLA MARINHO BRITO

**Visualidades da Fortaleza de São José de Macapá em interação com uma
Escola Pública da Cidade de Macapá**

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba-UEPB e Universidade Federal de Pernambuco-UFPE como requisito final para obtenção do título de Mestre em Ensino das Artes Visuais no Brasil, sob a orientação da Professora Doutora Renata Wilner.

João Pessoa- Paraíba

2013

B862v Brito, Carla Marinho.
Visualidades da Fortaleza de São José de Macapá em
interação com uma escola pública da cidade de Macapá / Carla
Marinho Brito.-- João Pessoa, 2013.
220f.
Orientadora: Renata Wilner
Dissertação (Mestrado) – UFPB-UFPE
1. Artes visuais. 2. Visualidades - Fortaleza de São José de
Macapá. 3. Patrimônio cultural. 4. Ensino de arte - Escola
Estadual Tiradentes - Macapá-AP.

UFPB/BC

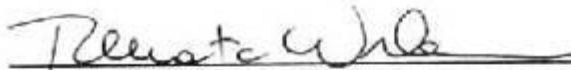
CDU: 7.01(043)

Carla Marinho Brito

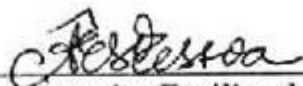
**VISUALIDADES DA FORTALEZA DE SÃO JOSÉ DE MACAPÁ
EM INTERAÇÃO COM UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE
MACAPÁ**

Aprovada em 07/06/2013

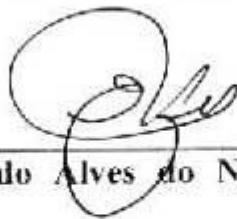
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a. Renata Wilner - Orientadora



Prof. Dr. Angelo Emilio da Silva Pessoa - Membro Titular Externo
(UFPB)



Prof. Dr. Erinaldo Alves do Nascimento - Membro Titular Interno
(UFPB)

Dedicatória:

À memória de Raimundo Carlos Oliveira Souza (Carlinhos), que partiu prematuramente deste plano em 2012, deixando saudade! “Comme un printemps sur mon trajet [...] Je t'aimais, je t'aime et je t'aimerai”.

A minha mãe Iracira, ao meu segundo pai Nezinho e a minhas irmãs Iara e Patrícia pelo apoio e incentivo!

Aos/Às aguerridos/as professores/as pesquisadores/as de Arte!

AGRADECIMENTOS

Aos docentes e amigos/as do Centro de Educação Profissional em Artes Visuais Cândido Portinari - CEPAVCP, pelo incentivo ao desenvolvimento desta pesquisa em especial à Caroline de Oliveira Almeida, gestora do CEPAVCP; à Maria Helena da Silva Lobato, secretária; à Joana Silva da Cruz, pedagoga; à Rosana Olívia Medeiros de Oliveira Souza, docente; ao Jean Freitas Leitão, docente.

À Secretaria de Estado de Educação – SEED, pela contribuição a esta pesquisa.

Ao Colegiado de Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá- UNIFAP, na coordenação do Professor Especialista José de Vasconcelos, pelo incentivo e compreensão à realização da pesquisa.

Ao Professor Pós- Doutor José Alberto Tostes por suas orientações e contribuições dadas a este trabalho durante a banca de qualificação.

Ao Professor Doutor Erinaldo Alves do Nascimento pelas suas aulas agradáveis que sempre despertavam inquietações e reflexões. Pelas suas contribuições dadas durante a banca de qualificação; e pela generosidade dada nos momentos em que necessitei, e por aceitar novamente em participar da banca de defesa. Muito obrigada.

Aos Docentes do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba-UFPB e Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, pelas aulas e conhecimentos compartilhados.

À Professora Doutora Maria Betânia e Silva pelas suas aulas de Metodologia de Pesquisa, pela generosidade dada nos momentos em que necessitei, e também por aceitar compor a suplência da banca de defesa. Muito obrigada.

Ao Professor Doutor Ângelo Emílio da Silva Pessoa por aceitar compor a suplência da banca de defesa. E pelas suas contribuições dadas durante a banca.

As amigadas conquistadas na turma de mestrado.

Ao Museu Fortaleza de São José de Macapá, por disponibilizar dados de seus arquivos para a pesquisa.

À Escola Estadual Tiradentes, por me acolher para realização da pesquisa campo.

Aos colaboradores entrevistados (as) por se disporem a contribuir com a realização deste trabalho.

Aos estudantes colaboradores sob o pseudônimo: Dandara, Rafa, Gustavo, Kevin, Frank, Razor, Estefany, Karol, e Karla; que dedicaram tempo em suas agendas para participarem de forma voluntária da construção desta pesquisa, e representarem parte das vozes de estudantes da cidade de Macapá neste trabalho.

À Vitória Marinho Frazão e Iara Marinho Brito, por me auxiliarem durante a pesquisa de campo na escola.

Aos amigos! Ronne Franklim Carvalho Dias e Alexandre Adalberto Pereira, competentes professores e pesquisadores, por contribuírem de maneira generosa nas interlocuções durante a realização do projeto desta pesquisa efetivado para o processo de seleção do programa de Pós-graduação. Amigos, cujas falas foram de extrema importância num momento em que me encontrava com algumas enfermidades e preste a desistir do mestrado. Muito grata aos dois!

A todas as pessoas, que infelizmente, não pude citar, mas que contribuíram na construção deste estudo ou incentivaram-me. Grata!

E Por fim, a Deus! Por ter me dado toda força e coragem para enfrentar as atribuições que foram aparecendo em minha vida ao longo do desenvolvimento da pesquisa, mas que com sua ajuda e companhia consegui superá-las. Muito obrigada Pai!

RESUMO

A Fortaleza de São José de Macapá, fortificação militar portuguesa do século XVIII, possui, na atualidade, uma significação relevante para uma parcela considerável de sujeitos sociais. Sua imagem e diversas visualidades se fazem presente no cotidiano, sobretudo da cidade de Macapá. Dessa forma a presente pesquisa se propõe em seu objetivo geral, refletir como são as visualidades da Fortaleza de São José de Macapá em interação com uma Escola Pública da Cidade de Macapá. Para tanto a pesquisa apresenta referenciais teóricos, reflexões e questionamentos num percurso que engloba questões relativas à imagem e visualidade, principalmente da fortificação; questões relativas a patrimônio cultural, memória, identidade evidenciando a fortaleza em sua construção e uso patrimonial; e ainda investigando quais imagens são geradas pelo Museu Fortaleza de São José de Macapá – MFSJM. E por fim, aborda a vivência da pesquisa de campo na Escola Estadual Tiradentes para investigar e analisar principalmente a problemática das visualidades dessa fortaleza no âmbito da educação (disciplina Arte), ressaltado, sobretudo as concepções e interpretações visuais de uma parcela de estudantes sobre esta fortaleza e suas imagens. A abordagem metodológica é focada na pesquisa qualitativa com utilização do método grupo focal. Assim sendo, constatou-se que há diversificadas visualidades sobre a fortaleza veiculadas na cidade de Macapá/ mídia/ meio virtual; há uma deficitária produção de material educativo pelo MFSJM; os/as estudantes colaboradores/as valorizam, e a maioria expõe a fortaleza como parte de seu referencial identitário; a Fortaleza de São José de Macapá é posta como o grande símbolo do Estado do Amapá.

Palavras- Chave: Visualidades, Patrimônio Cultural, Ensino de Arte.

RÉSUMÉ

La forteresse de São José de Macapa, fortification militaire portugaise du XVIII^e siècle, a actuellement un sens très important pour un nombre considérable de sujets sociaux. Son image et les regards sont présents dans la vie quotidienne, surtout des gens de la ville de Macapa. Cette recherche a pour objectif général de réfléchir quels sont les regards qu'on a de la Forteresse de São José de Macapa en interaction avec une école publique de la ville de Macapa. Pour cela, la recherche présente des références théoriques, des réflexions et des questionnements relatifs à l'image et au regard, notamment de la fortification ; questions concernant au patrimoine culturel, à la mémoire, à l'identité, tout en mettant en évidence la forteresse en sa construction et son usage patrimonial ; en examinant quels images et regards sont générés par le Musée de la Forteresse de São José de Macapa- MFSJM. Finalement, traite de l'expérience de recherche de terrain dans l'Escola Estadual Tiradentes pour étudier et analyser principalement la problématique des regards qu'on a de cette forteresse dans la sphère de l'éducation (la discipline de l'Art), en signalant les conceptions et interprétations visuelles d'un nombre d'étudiants sur cette forteresse et ses images. L'approche méthodologique se concentre sur la recherche qualitative en utilisant la méthode de groupe de discussion. Ainsi, il a été constaté qu'il y a divers regards de la forteresse circulant dans la ville de Macapa/ médias/ monde virtuel ; il y a une production insuffisante de matériel éducatif par MFSJM ; les étudiants/tes collaborateurs/trices valorisent, et la majorité a la forteresse comme partie de son référentiel d'identité ; la Forteresse São José de Macapa est vue comme le grand symbole de l'État d' Amapa.

Mots-clés: Regards, Patrimoine Culturel, Enseignement de l'Art.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- R. Peixe. Óleo sobre painel de madeira. 5,63x 1,82 cm.s/d.	26
Imagem 2- R.Peixe. Óleo sobre tela. 1 x 0,50 cm. 1991.....	26
Imagem 3- Planta da Fortaleza de Macapá (1739). AHU, cartografia manuscrita. Maranhão 894.....	34
Imagem 4- Mapa geométrico de um pentágono regular para fortificar a praça da vila de São José de Macapá no ano de 1759.....	35
Imagem 5- Projeto para a fortificação da Praça de Macapá com a planta da Vila (1762) AHE. RJ M13. PA084.	35
Imagem 6- Planta e Praça da Vila de São José de Macapá em 1763	36
Imagem 7- Planta baixa da fortificação com detalhamento de alguns Elementos Estruturais.....	37
Imagem 8- Vista de um dos baluartes da Fortaleza de São José de Macapá que mostra a inclinação de sua muralha.	38
Imagem 9- Planta e Praça da Vila de São José de Macapá em 1763.....	40
Imagem 10- Entrada do antigo Igarapé da Fortaleza, também chamado de Igarapé do Igapó - 1908.....	41
Imagem 11- R. Peixe. Pintura óleo sobre tela. 1 X 0,50 cm. 1991.	42
Imagem 12- Vegetação e árvores frondosas; deteriorações por abandono dos telhados originais.	43
Imagem 13- Estacionamento e Instituição bancária	43
Imagem 14- Vista panorâmica do projeto paisagístico em andamento.....	44
Imagem 15- Vista área da Fortaleza de São José de Macapá. Aproximadamente anos 2008/2009. Como o projeto de entorno: Parque do Forte concluído.....	45
Imagem 16- Pintura do Artista Ivam Amanajás, 1999.....	47
Imagem 17- Dekko- A dança na fortaleza, Óleo sobre tela.	48
Imagem 18- Sem identificação do artista. Óleo sobre tela. 1,20 X 1,60. s/d.	52
Imagem 19- Artista Olivar Cunha. Igarapé das mulheres. Nº 01 da série. 2007. Acrílica sobre tela – Uso de espátula e pincel. 50 X 20 cm.	54
Imagem 20- Bandeira do Estado do Amapá.....	57
Imagem 21- Bandeira da Cidade de Macapá.....	58
Imagem 22- Brasão de Armas do Estado do Amapá.	59

Imagem 23- Brasão de Armas da Cidade de Macapá.	60
Imagem 24- Propaganda para inauguração do Parque do Forte em 2006.	65
Imagem 25- Propaganda de incentivo ao turismo do aniversário de 254 anos da cidade de Macapá.	67
Imagem 26- Publicidade da lanchonete de um Hotel da Cidade.	69
Imagem 27- Anúncio publicitário de uma representação comercial farmácia	71
Imagem 28- Prato decorativo (artesanato feito por artista local).	73
Imagem 29- Grafite criado em uma lanchonete ambulante.	74
Imagem 30- Cartão virtual coletado em rede social	75
Imagem 31- Artista Edricy França. Tatuagem feita pelo artista contendo um elemento arquitetônico da Fortaleza de São José de Macapá.	76
Imagem 32- Identidade visual (logomarca) do Museu Fortaleza de São José de Macapá.	79
Imagem 33- Intervenção de grafismo na muralha externa da fortificação	95
Imagem 34- Pichação na estrutura de um dos edifícios interno da fortaleza (Casamata Leste do MFSJM).	95
Imagem 35- Estrutura criada para a quadra junina: “Arraiá da Beira Rio- no forró e na esquina do Rio Amazonas”.	96
Imagem 36- Uniforme da Guarda da Fortaleza de Macapá. Soldados preparam a carga de munição no canhão para a salva de tiros.- década de 50.	97
Imagem 37- Identidade visual (logomarca) do Museu Fortaleza de São José de Macapá.	98
Imagem 38- Material didático (bingo) feito artesanalmente por funcionários do Museu.	102
Imagem 39- Folder de aniversário de 218 anos da fortaleza. Ano 2000.	103
Imagem 40- Folder de aniversário de 229 anos da fortaleza. Ano 2011.	105
Imagem 41- Páginas de um guia turístico informativo da fortaleza. Ano 2005.	107
Imagem 42- Escola Estadual Tiradentes, pintura coletada na própria escola. Artista: M.Arcanjo, técnica pigmentos naturais, dimensão 50 X 60 cm. s/d	109
Imagem 43- Imagem produzida por Dandara (estudante) contendo uma representação da Fortaleza de São José de Macapá	109
Imagem 44- Vista aérea da Escola Estadual Tiradentes	111

Imagem 45- Escola Estadual Tiradentes. Vista entre o cruzamento da Avenida FAB com Rua Santos Dumont	111
Imagem 46- Imagem da fortaleza selecionada por Gustavo, 15 anos	131
Imagem 47- Imagem da fortaleza selecionada por Gustavo, 15 anos	131
Imagem 48- Imagem da fortaleza selecionada por Estefany, 14 anos	132
Imagem 49- Imagem da fortaleza selecionada por Estefany, 14 anos	132
Imagem 50- Imagem da fortaleza selecionada por Kevin, 15 anos	132
Imagem 51- Imagem da fortaleza selecionada por Kevin, 15 anos	132
Imagem 52- Panorâmica da Fortaleza de São José de Macapá	135
Imagem 53- Panorâmica da Fortaleza de São José de Macapá	135
Imagem 54- Pintura da fortaleza sem identificação do artista. Óleo sobre tela. 1,20 X 1,60. s/d.....	138
Imagem 55- Pintura do Artista Ivam Amanajás, 1999.....	142
Imagem 56- Dekko- A dança na fortaleza, Óleo sobre tela	142
Imagem 57- Artista Olivar Cunha. Igarapé das mulheres. Nº 01 da série. 2007. Acrílico sobre tela – Uso de espátula e pincel. 50 X 20 cm	146
Imagem 58- Desenho da Fortaleza de São José de Macapá. Autora: Dandara, 16 anos	150
Imagem 59- Desenho da Fortaleza de São José de Macapá. Autor: Razor, 16 anos	150
Imagem 60- Desenho da Fortaleza de São José de Macapá. Autor: Gustavo, 15 anos	151
Imagem 61- Desenho da Fortaleza de São José de Macapá. Autor: Kevin, 15 anos.....	152
Imagem 62- Imagem da fortaleza fotografada por Dandara, 16 anos	158
Imagem 63- Imagem da fortaleza fotografada por Dandara, 16 anos	158
Imagem 64- Imagem da fortaleza fotografada por Rafa, 16 anos	159
Imagem 65- Imagem da fortaleza fotografada por Rafa, 16 anos	159
Imagem 66- Imagem da fortaleza fotografada por Gustavo, 15 anos	160
Imagem 67- Imagem da fortaleza fotografada por Gustavo, 15 anos	160
Imagem 68- Imagem da fortaleza fotografada por Kevin, 15 anos	160
Imagem 69- Imagem da fortaleza fotografada por Kevin, 15 anos	160
Imagem 70- Tema Fortaleza de São José de Macapá e sua relação com a cidade numa perspectiva futura. Autora Dandara, 16 anos	163

Imagem 71- Tema Fortaleza de São José de Macapá e sua relação com a cidade numa perspectiva futura. Autor Gustavo, 15 anos	164
Imagem 72- Tema Fortaleza de São José de Macapá e sua relação com a cidade numa perspectiva futura. Autor Kevin, 15 anos	164
Imagem 73- Tema Fortaleza de São José de Macapá e sua relação com a cidade numa perspectiva futura. Autor Frank, 14 anos	165

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Breve significação dos termos: Monumento histórico, patrimônio histórico, patrimônio ambiental urbano, patrimônio cultural.....	81
Tabela 2- Levantamento descritivo e divisão de espaço de uma página do material educativo do MFSJM (não publicado).....	100
Tabela 3- Momentos e etapas ocorridas na pesquisa de campo. Escola Estadual Tiradentes.	115
Tabela 4- Período, horário e locais de realização dos encontros do grupo focal. Escola Estadual Tiradentes.	117

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
 1-CAPITULO	
VISUALIDADES DA FORTALEZA DE SÃO JOSÉ DE MACAPÁ.....	27
1.1-Imagens, Visualidade e Interpretações.....	27
1.2-Visualidade Arquitetônica e a Paisagem Urbana	33
1.3-Visualidade Artística e questões culturais.....	46
1.4-Visualidade Oficial.....	56
1.5-Visualidade de Propaganda e Publicidade.....	64
1.6-Visualidade do cotidiano.....	72
 2-CAPITULO	
PATRIMÔNIO CULTURAL: MEMÓRIA, IDENTIDADE E VISUALIDADE.....	80
2.1-Concepções e reformulações conceituais sobre patrimônio cultural, memória e identidade.....	80
2.2-Usos da Fortaleza de São José de Macapá e sua construção de valor patrimonial.....	85
2.3-As imagens e materiais didáticos produzidos pelo Museu Fortaleza de São José de Macapá para o processo de educação patrimonial e preservação da fortificação.....	93
 3- CAPITULO	
EDUCAÇÃO, PATRIMÔNIO CULTURAL E VISUALIDADES: ARTICULAÇÕES, INQUIETAÇÕES, CRUZAMENTOS, REFLEXÕES E POSSIBILIDADES	110
3.1- A Escola Tiradentes é.....	110
3.2- Articulações e inquietações na escola.....	113
3.3- O Grupo focal: cruzamentos, reflexões e possibilidades.....	115
3.4- Patrimônio Cultural.....	119
3.5- Fortaleza de São José de Macapá.....	124
3.6-Imagens e Visualidades da Fortaleza de São José de Macapá.....	128
3.6.1-Recepção de imagens e as visualidades da Fortaleza	129

3.6.2- Produção de imagens e as visualidades da Fortaleza.....	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS.....	178

APÊNDICES

APÊNDICE A – Cronologia de Eventos da Fortaleza de São José de Macapá	186
APÊNDICE B- Glossário de alguns dos elementos estruturais da arquitetura da Fortaleza de São José de Macapá.....	193
APÊNDICE C- Planejamento de ações para o grupo focal.....	195
APÊNDICE D- Roteiro de entrevista com Direção da Escola.....	208
APÊNDICE E- Roteiro de entrevista com Professora de Arte	210
APÊNDICE F- Roteiro de entrevista com funcionária do Museu Fortaleza de São José de Macapá.....	212
APÊNDICE G- Roteiro de entrevista com Historiador.....	214

ANEXO

ANEXO A - Trechos do Currículo de Arte, Secretaria de Educação do Estado do Amapá, 2009.....	215
---	-----

INTRODUÇÃO

Na pesquisa proposta, a área de interesse centraliza-se no Ensino de Artes Visuais. A temática focaliza-se na análise de como a arquitetura, em específico o monumento histórico é percebido enquanto imagem, como são desenvolvidos os saberes sobre este tema, problematizando acerca das visualidades, interpretações que são construídas pelos sujeitos, sobretudo os discentes, a par deste assunto, na educação formal.

Os monumentos arquitetônicos, por sua trajetória histórica adquirida na relação espaço-tempo, possuem uma carga de valores simbólicos socioculturais, os quais geram questionamentos que são levantados sobre várias óticas, como o proposto por Canclini (2008, p.291): “Os monumentos. Que sentido conservam ou renovam, em meio às transformações da cidade em competição com fenômenos transitórios como a publicidade, os grafites e as manifestações políticas?”

A Fortaleza de São José de Macapá, monumento arquitetônico que possui a categoria de museu, ao mesmo tempo em que é o próprio objeto artístico/artefato/imagem, está inserida no meio urbano de uma cidade; onde relações e valores são construídos e desconstruídos no seu entorno. Dessa forma, os monumentos arquitetônicos não se resumem somente a uma materialidade logicamente idealizada, para fins de utilização espacial, como também refletem relações do passado e do presente na sociedade, que podem ser harmoniosas ou conflitantes e que possibilitam serem abordadas num enfoque crítico. Um viés para tais abordagens é o da Educação. Assim, faz-se necessário apresentar o problema da pesquisa: **Como são as visualidades da Fortaleza de São José de Macapá em interação com uma Escola Pública da Cidade de Macapá?**

Convém ressaltar novamente que a Fortaleza de São José de Macapá está integrada no cenário urbano da cidade de Macapá, Estado do Amapá. E com suas grandes muralhas de cantarias (pedras talhadas), desperta no mínimo curiosidade por sua singularidade entre as demais edificações de seu entorno. Esta curiosidade ou fascínio provoca repertórios visuais, sobretudo das crianças moradoras da cidade. Relatado por Canto (2011, p. 10): “A Fortaleza de São José de Macapá sempre provocou em mim uma grande inquietação. Sua estrutura de pedra marcou decididamente meu tempo de criança e de adolescente, pois foi ao seu redor que

comecei a compreender a cidade como um ser vivo [...]”. E Camilo (2003, p. 15): “o interesse em estudar a Fortaleza de São José de Macapá começou a surgir na infância, quando a imensa fortificação apresentava-se aos meus olhos, despertando uma euforia proporcional a sua grandeza física e uma curiosidade repleta de enigmas”.

Na condição de pesquisadora, meu interesse em estudar a fortificação não partiu da infância. Mas confesso que também me despertava um fascínio e uma curiosidade quando criança, assim como em Canto (2011) e Camilo (2003). Procurava compreender o que eram aquelas enormes paredes de pedras marrons, localizadas na frente da cidade, além de uma vontade imensa de saber o que havia no interior da grande muralha. Dúvidas e inquietações infantis que só foram sendo supridas em minha adolescência, quando tive oportunidade de conhecer o interior da Fortaleza e quando meus conhecimentos foram se tornando mais aprofundados sobre sua história, e sobre o seu intento de estar localizada ali, em frente da cidade, na margem de um rio.

Mas apesar de meu fascínio de infância e os conhecimentos iniciais adquiridos na adolescência sobre o monumento, foi somente entre os anos de 2009 e 2010, em minha fase já adulta, que surgiram as inquietações pertinentes em pretender investigar como são as visualidades acerca desta fortificação, sobretudo de uma parcela de adolescentes da cidade. E para se chegar à problemática desta pesquisa, foi a partir de reflexões e observações que ocorreram em quatro momentos relevantes em minha trajetória pessoal, os quais propiciaram o desejo de abordar o referido monumento e suas visualidades como foco de estudo, conforme relatarei a seguir.

O primeiro momento ocorreu de maneira um tanto corriqueira no ano de 2009, durante todos os finais de tarde e, sobretudo ao final de semana é comum ter um público diversificado de pessoas ao entorno da fortificação: pessoas caminhando, praticando esportes, apreciando a paisagem, sentadas à grama, alguns grupos cantando músicas e tocando violão, casais namorando, famílias reunidas. Enfim crianças, jovens, adultos e idosos criando relações cotidianas às proximidades da muralha da fortificação. Em uma de minhas caminhadas ao Parque do Forte ou “lugar bonito”¹, observei vários grafismos, dentre eles: “*Aron, Joice, Sarah, Pamela, Kaio, etc*”. “Escritos” de sujeitos sociais grafados nas muralhas da parte

¹ -O espaço paisagístico de entorno ficou conhecido popularmente por este nome após campanha publicitária massiva do governo da época em que foi reaberta a área, abordagem presente no primeiro capítulo.

externa do monumento. Ao fazer a verificação desses grafismos me chamou atenção o fato de que a fortificação é secular e durante muito tempo ela não recebeu intervenção dessa forma, tão evidente, em sua estrutura. Somente recentemente pós-revitalização da área externa, essa ação vem ocorrendo, o que tem provocado preocupação da equipe do museu da Fortaleza em monitorar o espaço da fortificação, que é grande, para o número reduzido de pessoal da instituição responsável por este serviço.

Ao constatar tal fato sobre os grafismos, e supor na época que estavam sendo feitos por sujeitos possivelmente estudantes, surgiram questionamentos, dentre eles: No ensino formal do Estado são abordadas questões sobre o patrimônio cultural, arquitetura/monumento histórico? No ensino de Artes são desenvolvidos esses saberes? Como ocorrem essas abordagens, e quais, são utilizadas em uma perspectiva educativa de cultura visual? Num levantamento documental feito no Currículo Estadual da referida disciplina, o qual foi reformulado em 2009, verificou-se que tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio existem especificações acerca destes saberes como conteúdo do Currículo. (Anexo A).

O segundo momento ocorreu no primeiro semestre de 2010, quando eu ocupava a posição de Professora Substituta do Colegiado de Licenciatura Plena em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá- UNIFAP e fui convidada para participar de uma banca de conclusão de graduação, cujo trabalho possuía a temática que focava sobre a Fortaleza de São José de Macapá como fonte de inspiração para criação de obras (pinturas) do artista plástico R. Peixe, já falecido, porém muito reconhecido no Estado. A pesquisa e o trabalho da equipe foram louváveis, porém ao ler percebi que as autoras se detiveram, no desenvolvimento do texto, às questões mais históricas da fortificação e dando ênfase na biografia do referido artista. Deixaram de explorar com mais afinco a relação da representação do monumento presente em determinadas obras do artista, numa perspectiva que o título da pesquisa² sugestionava abordar.

A partir daí surgiram outros questionamentos acerca da fortificação: Quais possibilidades temáticas de discussão na disciplina Arte, relativas à Fortaleza de São José de Macapá (além de questões arquitetônicas, estéticas e históricas), possibilitam correlacionar

²- ARRELIA, Denize Regina da Silva.; TAVARES, Ellen Simey da Silva.; RAMOS, Maira das Graças Senna. **A Fortaleza de São José de Macapá**: como fonte de inspiração para R. Peixe. Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em Artes Visuais). Departamento de Artes Visuais, Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP, 2010.

com o cotidiano dos estudantes? Que papel a fortificação ocupa na vivência dos estudantes, numa sociedade onde uma parcela considerável a torna como um dos mais relevantes monumentos culturais e turísticos do Estado?

O terceiro momento de motivação à pesquisa ocorreu durante o segundo semestre de 2010, no decorrer do desenvolvimento da disciplina Ensino de Artes em Museus e Espaços Culturais, da UNIFAP. Nessa disciplina, uma das propostas principais era que os discentes analisassem e discutissem a mediação cultural desenvolvida pelos setores educativos de museus e espaços culturais e elaborassem um projeto prático de mediação cultural. Dois museus foram selecionados, sendo um deles o Museu Fortaleza de São José de Macapá-MFSJM.

A escolha do MFSJM permitiu conhecer algumas questões internas da Instituição, principalmente, do processo de mediação cultural ocorrida no espaço. A partir das falas dos mediadores, verificou-se que apesar de ocorrer visitação de escolas ao monumento, ainda são encontrados fatores que dificultam tal visita, dentre eles o translado. Este levantamento sobre visitas ao espaço também foi verificado ainda no ano de 2009 através do relatório anual da época, cedido pela Museóloga da Instituição e constatou-se que o museu recebe visitação de procedência nacional e internacional. E que, segundo o relatório daquele período, quanto à profissão dos visitantes: “32% são Estudantes [...] 6% são Professores”³.

Apesar de a estatística da época ter demonstrado que mais de trinta por cento do público visitante era de estudantes, percebeu-se durante a análise diagnóstica desenvolvida na disciplina Ensino de Artes em Museus e Espaços Culturais que a maioria das Escolas Públicas do Estado ainda possui um hábito pouco desenvolvido quanto à acessibilidade cultural da Instituição/Monumento. O que provoca uma indagação: Ocorre ação de incentivo das escolas públicas à visitação do MFSJM possibilitando aos estudantes uma contribuição no processo de inclusão cultural?

O quarto e último momento de minhas reflexões pessoais que contribuiu para o início da pesquisa, parte da verificação de elementos representativos da fortaleza presentes no cotidiano visual urbano e em diversas linguagens artísticas. Poetas, músicos, artistas plásticos inspiram-se e exaltam a fortificação em suas criações. Seus elementos arquitetônicos são

³ - LEITE, Elani da Costa; SILVA, Nazimara da Silva. **Setor de visitação turística:** Relatório Anual. Museu Fortaleza de São José de Macapá. Macapá, AP, 2009.

observados pela cidade em: marcas institucionais, marcas comerciais, propagandas publicitárias, produtos artesanais. Seu caráter simbólico, como artefato cultural de interesse coletivo, é visível ainda no Brasão e Bandeira do Município de Macapá e, sobretudo, na Bandeira do Estado do Amapá. Propiciando questionar: Como essas imagens e suas visualidades são veiculadas na sociedade e como são recebidas pelos sujeitos sociais, principalmente os estudantes?

Assim, a abordagem da Fortaleza de São José de Macapá num foco imagético busca problematizar as interpretações suscitadas a respeito da fortaleza, ou seja, investigar como são as visualidades de estudantes do Ensino Médio sobre esta fortaleza em uma Escola Pública da cidade de Macapá. O foco da escolha de estudantes do Ensino Médio justifica-se com base na reformulação curricular em Arte do Estado ocorrida no ano de 2009, que prevê como segunda unidade do 1º semestre do currículo do 1º ano do Ensino Médio, questões a serem abordadas sobre: “Bens culturais, Patrimônio Cultural, Patrimônio Material e Imaterial.”⁴. E como unidades do 2º semestre do currículo do 2º ano; questões acerca de: “Visualidade e cotidiano [...], patrimônio cultural e museu, monumentos históricos do Brasil e do Amapá”.⁵ Por conseguinte, vê-se, com esta abertura do currículo de Arte em discutir sobre tais abordagens, a possibilidade de investigar as interpretações que os estudantes fazem sobre a fortificação a partir da interação do monumento enquanto artefato/imagem.

Embora tenha partido de interesse pessoal, pesquisar sobre a Fortaleza de São José de Macapá, tendo como foco a subjetividade de estudantes de uma escola pública, possibilitará contribuição social e acadêmica acerca de discussões tais como: patrimônio cultural e ensino de Artes Visuais.

Tendo em vista tal intento, tornou-se necessário um levantamento de pesquisas que foram realizadas acerca da Fortaleza de São José de Macapá⁶. Dentre as quais foram

⁴ -Plano Curricular da Educação Básica do Estado do Amapá, 2009, p. 17. Anexo- A.

⁵ -Idem, p. 18 (Anexo A).

⁶ - Também foi realizado um levantamento no *site* da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD/IBICT, para verificar pesquisas sobre outras fortificações. Porém os títulos encontrados foram na área de História; e Arquitetura e Urbanismo. São elas: PÚRPURA, Christian. **Formas de Existência em Áreas de Fronteira**: A política portuguesa do espaço e os espaços de poder no oeste amazônico (séculos XVII e XVIII). Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo- USP, 2006; REZENDE, Tadeu Freitas de, **A conquista e a ocupação da Amazônia brasileira no período colonial**: a definição das fronteiras. Tese (Doutorado em História). 2006. 353 f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História Econômica. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006; MOREAU, Filipe Eduardo. **Arquitetura Militar em Salvador da Bahia Séculos XVI a XVIII**. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo – USP, 2011. Disponíveis em: <http://bdt.d.ibict.br/> Acesso: 13 de junho 2013.

localizados alguns títulos de dissertações de mestrado⁷. Dentre as dissertações, pode-se evidenciar a pesquisa pertencente à autora Claudete Nascimento Machado, sob o título: *Os olhares a Fortaleza de São José de Macapá: do tombamento (1950) aos dias de hoje (2001)*. Na qual a autora analisa os “olhares” ou os discursos verbais e não verbais sobre a Fortaleza de São José de Macapá apresentadas em reportagens de jornais impressos, discursos institucionais como IPHAN e Governo do Estado, poesias, fotografias e pintura de R. Peixe.

E a pesquisa de autoria de Fernando Pimentel Canto sob o título: *Vertentes Discursivas da Fortaleza de São José de Macapá: Das Cartas dos Construtores às Transformações e Apropriações Simbólicas Contemporâneas*, cujo autor, assim como Machado (2001), também faz uma análise do discurso verbal e não verbal sobre a fortificação, mas em outra ótica. O autor analisa o discurso contido nas cartas dos construtores da fortificação enviada ao governo da época, os discursos contido na literatura produzida em poemas de autores amapaenses⁸, os discursos em imagens midiáticas divulgadas, sobretudo, no período de aniversário de 250 anos da cidade de Macapá, em 2008.

As pesquisas de Canto (2011) e Machado (2001) chamaram minha atenção, por serem dentre as demais pesquisas encontradas, as que possuem focos e abordagens que muito se inter-relacionam com a temática proposta na presente pesquisa. Observei que o foco dos autores abrange discursos verbais e não verbais a partir principalmente de uma análise bibliográfica e documental, que subsidiará como importantes referenciais a esta pesquisa.

Contudo a presente pesquisa: Visualidades da Fortaleza de São José de Macapá em interação com uma Escola Pública da Cidade de Macapá propõe refletir sobre as visualidades da Fortaleza de São José de Macapá, levando em consideração, principalmente as opiniões de

⁷ - GALLOIS, Dominique Tilkin. **Mairi Revisitada**. A Reintegração da Fortaleza de Macapá na Tradição Oral dos Waiãpi. São Paulo: NHII-USP/FAPESP, 1994; CAMILO, Janaína. **Homens e pedras no desenho das fronteiras: a construção da Fortaleza de São José de Macapá (1764/1782)**. Dissertação (Mestrado em História, Filosofia e Ciências Humanas). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003 (também disponível no site IBICT); OLIVEIRA, João Batista Gomes de. **Musealização da Fortaleza de São José de Macapá-F.S.J.M.: sede de um Complexo Museológico para o Estado do Amapá**. 1999. 187 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Instituto de Artes. Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 1999; LUNA, Verônica Xavier. **Entre o Porteau e o Volante**: Africanos Redesenhando a Vila São José de Macapá – 1840-1856. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Piauí. Teresina, PI, 2009 (também disponível no site IBICT); MACHADO, Claudete Nascimento. **Olhares a Fortaleza de São José de Macapá: do tombamento (1950) aos dias de hoje (2001)**. 2001. 189 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 2001 (também disponível no site IBICT); CANTO, Fernando Pimentel. **Vertentes Discursivas da Fortaleza de São José de Macapá: Das Cartas dos Construtores às Transformações e Apropriações Simbólicas Contemporâneas**. 2010. 159 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Desenvolvimento Regional). Universidade Federal do Amapá. Macapá, AP, 2011.

⁸ - Alexandre Vaz Tavares, Jeconias Alves de Araujo, Hodias Araújo, Carlos Cordeiro Gomes, Ray Cunha, Herbert Emanuel e Adriana Abreu, Luiz Jorge Ferreira. (CANTO, 2011). Não há registrado das décadas que foi produzido cada poema analisado.

estudantes do Ensino Médio de uma escola pública do Estado do Amapá. Isto é, levando em conta suas narrativas e suas representações, haja vista que a fortificação se faz presente no repertório visual de muitas crianças e adolescente da cidade, devido sua utilização enquanto imagem no cotidiano. Sendo a escola escolhida para o desenvolvimento da pesquisa de campo: Escola Estadual Tiradentes⁹, uma das mais antigas da cidade, cuja arquitetura (edifício) também se constitui como um dos patrimônios materiais da cidade.

Ressalta-se, ainda, que a pesquisa sobre levantamento documental a respeito da fortaleza, não se restringiu somente às pesquisas de dissertações citadas. Ao longo do percurso foram feitos levantamentos de dados pela *internet*, instituições educacionais de ensino superior¹⁰, como a Universidade Federal do Amapá – UNIFAP (Divisão de documentação e programas especiais), e o próprio Museu Fortaleza de São José de Macapá¹¹.

Como objetivo geral, esta pesquisa se propõe refletir como são as visualidades da Fortaleza de São José de Macapá em interação com uma Escola Pública da Cidade de Macapá. E como objetivos específicos, visa: Analisar as visualidades da Fortaleza de São José de Macapá em diversas modalidades; construir um levantamento conceitual sobre imagem, visualidade, patrimônio cultural, memória e identidade; aferir sobre as imagens, discursos e relações funcionais de usos atuais do/no Museu Fortaleza de São José de Macapá para o processo de preservação e educação patrimonial; averiguar quais influências a Fortaleza de São José de Macapá contribui no processo de construção de referenciais identitários individual e coletivo de estudantes de uma Escola Pública; verificar quais memórias os sujeitos pertencentes a uma parcela da sociedade de Macapá, possuem sobre a Fortaleza de São José de Macapá.

A abordagem metodológica é focada na ótica da pesquisa qualitativa, que segundo Teixeira apud Silva (2005, p.85) “na pesquisa qualitativa, o social é visto como um mundo cheio de significados que podem ser investigados”. Mundo de significações que é construído

⁹ -Abordagem mais específica no capítulo 3.

¹⁰ - Encontraram-se pesquisas em nível de Tese de Conclusão de Curso-TCC. As quais são: ARAGÃO, Fábio Rodrigo Couto; MARTINEZ, Monnya Karoline da Silva. **A Fortaleza de São José de Macapá, a valorização de nossa história**, estágio supervisionado em Turismo II. Relatório de estágio 2 .Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP. Macapá- AP, 2004; ARRELIA, Denize Regina da Silva.; TAVARES, Ellen Simey da Silva.; RAMOS, Maira das Graças Senna. **A Fortaleza de São Jose de Macapá: como fonte de inspiração para R. Peixe**. Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em Artes Visuais). Departamento de Artes Visuais, Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP, 2010.

¹¹ - Que não dispõe muito de dados documentais em sua biblioteca sobre a Fortaleza de São José de Macapá, devido os mesmos estarem localizados, principalmente no arquivo público do Estado Pará. Informações repassadas por funcionários da Instituição.

e desconstruído na inter-relação dos coletivos e instituições sociais como o espaço escolar. Ambiente este, onde parte desta pesquisa foi efetivada, e onde foram criados percursos de investigações, indagações e reflexões. Assim Gatti e André (2010) inferem que:

O uso dos métodos qualitativos trouxe grande e variada contribuição ao avanço do conhecimento em Educação, permitindo melhor compreensão dos processos escolares, de aprendizagem, de relações, dos processos institucionais e culturais, de socialização e sociabilidade, do cotidiano escolar em suas múltiplas implicações, das formas de mudanças e resiliência presentes nas ações educativas.

(GATTI; ANDRÉ, 2010, p. 34)

Nesta perspectiva, optou-se ainda em definir a pesquisa qualitativa, com utilização do método grupo focal, que segundo Gatti (2005, p.9): “um grupo focal permite ao pesquisador conseguir boa quantidade de informação em um período de tempo mais curto.” Realidade que ocorreu no ano de 2012 durante o desenvolvimento da pesquisa de campo devido à greve dos professores do Estado do Amapá, tornando o ano letivo atípico.

Outro ponto observado por Gatti (2005, p.7) sobre o método grupo focal, é que segundo o autor: “Os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas”. E ainda, “Grupos focais, [...] são excelentes para descobrir por que as pessoas pensam como pensam, e é certamente possível destrinchar o processo de formação de percepções durante as interações do grupo focal”. (BARBOUR, 2009, p. 136). Ou seja, os eixos temáticos desta pesquisa que giram, principalmente, sobre as imagens e visualidades de uma fortificação fazem parte de questões sobre a cidade e de um cotidiano no qual vivem os/as colaboradores/as (estudantes). Assim sendo, a utilização deste método possibilita propiciar aos colaboradores/as uma interação com mais facilidade sobre os assuntos dialogados.

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão de ideias partilhadas por pessoas no dia-a-dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros.

(GATTI, 2005, p. 11)

E ainda, complementando Gatti (2005), Barbour (2009) infere que:

Os grupos focais permitem aos participantes debaterem questões dentro do contexto de seus próprios contextos culturais, como observado por Callaghan (2005). No

decorso dos grupos focais, os participantes podem relatar histórias para confirmar suas experiências em comum e suas identidades coletivas (Muday, 2006), o que também pode ser o que tende a ocasionar consensos nas discussões de grupo focal. (BARBOUR, 2009, p. 138)

Durante o desenvolvimento da pesquisa, além da realização do grupo focal com os estudantes¹² utilizando um roteiro elaborado e flexível a mudanças, foram realizadas entrevistas utilizando tópicos abertos, questionários convencionais, com sujeitos sociais necessários para complementação de informações e dados. Assim sendo, o número de colaboradores/as da pesquisa foi definido da seguinte maneira: os/as entrevistados/as (historiador, funcionário/a do MFSJM, professora de Arte, gestora da escola pública) e os/as colaboradores/as do grupo focal: os/as estudantes.

Ainda, utilizaram-se anotações de campo/ diário de itinerância; e instrumentos de registro como recursos audiovisuais (fotografia, gravação em áudio). A cada etapa, foram analisados e/ou revistos os delineamentos de hipóteses, questionadas a partir de cada situação ocorrida ao longo do processo, numa postura crítica e reflexiva.

No que se refere à construção da pesquisa em seu embasamento teórico, utilizou-se procedimentos técnicos como: pesquisa bibliográfica, partindo de seleção e análise de referenciais literários, incluindo textos produzidos por instituições públicas nas três esferas (federal, estadual, municipal), dissertações e teses acerca de eixos teóricos e temáticos da pesquisa, dentre eles, questões sobre os termos imagem e visualidade, patrimônio cultural, memória, identidade e cultura visual; além de pesquisa documental referente à Fortaleza de São José de Macapá, e a Escola Estadual Tiradentes.

Dessa maneira, a pesquisa apresentar-se-á em três capítulos, o primeiro intitulado: *Visualidades da Fortaleza de São José de Macapá*, no qual se faz reflexões, através da construção teórica de vários referenciais pesquisados, iniciando-se com abordagem a par de questões conceituais a respeito de termos como, por exemplo, imagem e visualidade. Em seguida o capítulo (dividido em modalidades como visualidade arquitetônica e a paisagem urbana, visualidade artística e questões culturais, visualidade oficial, dentre outras) discorre sobre algumas imagens da fortaleza, problematizando principalmente as visualidades junto a essas imagens.

¹² -Quantidade de colaboradores/as definida e justificada no capítulo 3.

O segundo capítulo denominado *Patrimônio Cultural: memória, identidade e visualidade*; propõe-se a levantar reflexões e diálogos entre os eixos de forma a estabelecer uma relação ampla dos termos para posterior aproximação do foco de estudo, a Fortaleza de São José de Macapá. Neste capítulo ainda, é ressaltado principalmente questões em torno da fortaleza e sua construção patrimonial, a relação social do público com o monumento. Bem como, averigua quais imagens e discursos são gerados pelo Museu Fortaleza de São José de Macapá - MFSJM para contribuir no processo de preservação e educação patrimonial.

O terceiro capítulo, cujo título é *Educação, Patrimônio Cultural e Visualidades: articulações, inquietações, cruzamentos, reflexões e possibilidades...* Inicialmente faz abordagem sobre a escola campo (Escola Estadual Tiradentes); relata os procedimentos e as articulações realizadas na escola para o desenvolvimento da pesquisa e do grupo focal com os/as colaboradores/as estudantes. E aqui se evidencia a problemática geral da pesquisa que é refletir como são as visualidades da Fortaleza de São José de Macapá em interação com uma Escola Pública da Cidade de Macapá, tendo como foco as concepções e interpretações dos/as estudantes.

Por conseguinte, a pesquisa sob o título “Visualidades da Fortaleza de São José de Macapá em interação com uma Escola Pública da Cidade de Macapá” propõe contribuir no meio científico somando-se às pesquisas que foram desenvolvidas acerca da fortificação, que ainda é em número reduzido na área de arte, predominando a área de história. Vem também contribuir com conhecimento acerca do patrimônio cultural numa abordagem a partir dos estudos da cultura visual¹³, analisando uma arquitetura, principalmente, como um artefato imagético e problematizando as interpretações, as disputas, as construções de significados, bem como as possíveis mudanças e fissuras. E ainda, a pesquisa de campo ocorre em um ambiente escolar, na qual a fortificação é problematizada por uma parcela de estudantes. Ou seja, a pesquisa visa contribuir também nas discussões sobre educação, em foco o Ensino de Artes Visuais.

¹³ - A Cultura Visual não é uma disciplina, mas um campo disciplinar, ou um “movimento” entre diferentes campos, como: Estética, Antropologia, Arqueologia, Arquitetura, Crítica e História da Arte, Estudos do Gênero e Étnicos, Marxismo, Estruturalismo, Pós-estruturalismo, Fenomenologia, Psicologia, Semiótica, Sociologia, entre outros campos disciplinares. Sendo que cada disciplina contribui com seus elementos teóricos e metodológicos, que vinculados uns aos outros, criam modos particulares de análises sobre os materiais visuais. Deste modo, os objetos de estudo, bem como suas análises, são concebidos a partir da interdisciplinaridade que os próprios objetos suscitam. (CUNHA, 2005, p.1)

1. CAPÍTULO

VISUALIDADES DA FORTALEZA DE SÃO JOSÉ DE MACAPÁ



Imagem 1: R. Peixe. Óleo sobre painel de madeira. 5,63x 1,82 cm.s/d.
Imagem 2: R.Peixe. Óleo sobre tela. 1 x 0,50 cm. 1991.
Fonte: Museu Fortaleza de São José de Macapá.

1. VISUALIDADES DA FORTALEZA DE SÃO JOSÉ DE MACAPÁ

1.1 - Imagens, Visualidade e interpretações

Vivemos atualmente num mundo hibridizado sobre diversos aspectos culturais, como por exemplo: linguagem, religião, música, esporte, festividades, arquitetura. (BURKE, 2008). E nesse contexto, é inevitável não perceber a ênfase que as imagens vêm ocupando em diferentes espaços sociais, sejam eles externos (espaço urbano), ou internos como espaços educativos, influenciando e interconectando os processos de hibridizações. São discursos que caracterizam as imagens como: atraentes, fragmentadas, saturadas, históricas, excludentes, camufladas, artísticas, etc. Um universo informacional de estrutura dinâmica que não é ingênuo e se faz presente no cotidiano.

A imagem é uma condição vinculada ao modo como uma acepção, ideia, objeto ou pessoa se posiciona ou se localiza num ambiente ou situação. Significados não dependem da fonte que os cria, emite ou processa, mas de uma condição relacional e concreta, ou seja, da situação ou contexto no qual os vivenciamos. Construídos em espaços subjetivos de interseção e interação com imagens, os significados dependem de interpretações que se organizam (estruturam) apoiadas em bases dialógicas.

(MARTINS, 2007, p. 27)

Os sistemas culturais são cenários enriquecidos de imagens, e, por conseguinte, as representações visuais também formam e transformam as identidades dos sujeitos, por conviverem cotidianamente na sociedade do primado da imagem. Essa multiplicidade de sentidos, contida nessas representações, não é natural e neutra. São narrativas que refletem práticas sociais e culturais e necessitam ser problematizadas. Como expõem Cunha (2005, p.10): “Se as imagens criam realidades, produzindo efeitos de verdade, é urgente prestarmos atenção sobre as narrativas produzidas pelos materiais visuais”.

Contudo apesar deste “culto devotado”, na atualidade, à imagem ou sua presença nas vivências dos sujeitos, não é fato recente, ela permeia na trajetória histórica, como observado em Joly (1996), Cunha (2005) e Nascimento (2011). Sua utilização já serviu a diversos propósitos dentre eles “educar”, como no período da Idade Média e no século XIX, este último, com proposta de utilização da imagem direcionada, inclusive ao ensino de desenho.

Assim sendo, segundo Cunha (2005, p.4): “a cultura ocidental utilizou, e ainda utiliza as imagens com o intuito de produzir realidades, bem como aproveitá-las com objetivos educativos”. Sobre os processos educativos, sabe-se que não se restringem somente à esfera interna do espaço escolar. Os discursos visuais que as imagens carregam criam um currículo à

parte, currículo este imbricado de visualidades que constroem e desconstroem identidades e subjetividades constantemente.

As pedagogias visuais, entendidas aqui como os processos educativos efetuados pelas imagens, passam a compor um currículo paralelo, dentro e fora das escolas, funcionando como uma espécie de currículo visual. As pedagogias da visualidade formulam conhecimentos e saberes que não são ensinados e aprendidos explicitamente, mas que existem, circulam, são aceitos e produzem efeitos de sentido sobre as pessoas. Entender as pedagogias da visualidade, dentro e fora das escolas, é fundamental para que se compreenda como estamos sendo regulados por elas, como crianças, homens, mulheres de diferentes contextos sociais e culturais estão construindo suas identidades e visões de mundo a partir de seus ensinamentos.

(CUNHA, 2005, p.10)

Mas o que fazer com muitas imagens? Já que elas estão presentes nas práticas culturais. Práticas essas, segundo Nascimento (2009), onde os sujeitos são produzidos, significados são negociados e relações de poder estão explicitamente inseridas. E ainda, problematizar imagens configura-se o mesmo que problematizar visualidades? Imagem é sinônimo de visualidade? Visualidade é sinônimo de visão?

São termos que se fazem presente hoje, quando ocorrem abordagens sobre representações, artefatos visuais, cotidianidade. No entanto, configuram-se muitas vezes termos complexos, contraditórios e de diversidade de significações. Dessa forma, ressalta-se que a intenção neste momento não é tornar simplista ou reducionista esses conceitos, mas sim como forma de elemento facilitador a uma reflexão sobre os eixos em questão.

De acordo com Buarque de Holanda (2008), dicionário Aurélio, o conceito de imagem é:

1. Representação gráfica, plástica ou fotográfica de pessoa ou de objeto.
2. Representação plástica de Cristo, da Virgem, dum santo, etc.
3. Estampa que representa assunto ou motivo religioso.
4. Reprodução de pessoa ou de objeto numa superfície refletora.
5. Representação mental dum objeto, impressão, etc.; lembrança, recordação.
6. Representação cinematográfica ou televisiva de pessoa, animal, objeto, cena, etc.
7. Metáfora.

(FERREIRA, A. B. H. 2008, p.461)

Já Nascimento (2011, p. 214-215) pontua que “as imagens podem ser vistas como uma modalidade de materialização enunciativa, ou seja, uma maneira de os enunciados discursivos poderem se materializar e se exteriorizar”.

Outra perspectiva é de Joly (1996, p.13) na qual informa que o termo imagem é muito utilizado e possui diversos tipos de significação que o torna difícil de dar uma definição simplista. No entanto, a autora ressalta que apesar das diversas significações desta palavra, os sujeitos sociais conseguem compreendê-la no sentido de que indica algo de modo que: “depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece”.

Acerca ainda do que diz respeito à compreensão e significados da imagem, estudiosos da área classificam a imagem como tendo várias funções na sociedade. Aumont (1995) classifica as funções da imagem como sendo três modos: O modo simbólico, que segundo o autor, é quando as imagens servem de símbolos, sobretudo religiosos; o modo epistêmico, em que a imagem tem a função de trazer informações visuais sobre o mundo, como por exemplo, um mapa rodoviário, ou um cartão postal ilustrado; e o modo estético que tem a função destinada a agradar seu espectador, oferecendo-lhe sensações específicas.

Outra estudiosa da área, Ramalho e Oliveira (2005), também classifica a imagem em diversas funções, indo além dos três modos informados por Aumont (1995). São elas: “mágicas, religiosas, políticas, estéticas, epistêmicas, informativas, decorativas, persuasivas ou até comerciais. Além da função simbólica, que parece ser inerente à sua condição de imagem, uma ou mais funções podem se realizar em uma mesma imagem”. (RAMALHO E OLIVEIRA, 2005, p. 25). A autora esclarece ainda, que essas diversas finalidades da imagem podem se alterar ao longo do tempo, bem como pode ocorrer em uma única imagem interações entre essas funções em maior ou menor grau de significados.

O que se observa é que as funções de uma imagem podem mudar, através não só do tempo como também de espaço. E se mudam as funções, consequentemente também pode mudar a categoria dessa imagem. Por exemplo, o que em determinado contexto cultural teve funções religiosas e persuasivas pode, em outro espaço, deixar de tê-las, mesmo que permaneçam outras funções, como a simbólica e a estética. Servem como exemplo as igrejas que são ou contêm relevantes obras de arte sacra, e que hoje estão transformadas, praticamente, em museus, pois são abertas permanentemente à visitação - e muitas delas cobram ingressos -, já que nelas raramente são oficiados atos litúrgicos; nessas circunstâncias, inexistem funções religiosas e persuasivas.

(RAMALHO E OLIVEIRA, 2005, p. 24)

A partir do exposto, surgem as reflexões: Não seriam então essas funções, relatadas pelos teóricos, também visualidades? Ou seja, interpretações sobre as imagens que modificam conforme o contexto sócio cultural?

No que concerne aos diversos aspectos em torno das questões conceituais sobre visualidade Cunha (2005, p. 2), infere que muitos pesquisadores da Cultura Visual como “Chris Jenks (1995), Nicholas Mirzoeff (1999), Gillian Rose (2001) e John Walker e Sarah Chaplin (2002:42)” compreendem o termo “**visualidade** (*sic*)” como a **construção cultural dos nossos olhares**” (*grifo meu*). E ainda segundo Cunha (2005, p.2): “Ou seja, encetamos nossos olhares para aquilo que faz sentido dentro de nossas vivências socioculturais. Deste modo, a **visualidade está imbricada com os contextos imagéticos culturais e com os significados que construímos** em torno destes repertórios” (*grifo meu*).

Para Martins (2009):

As **visualidades** ganham sentido **como representações que transitam e emergem de repertórios visuais** criando associações, acionando referências e evocando contextos. Desse modo, podemos dizer que as **representações visuais são moldadas por práticas subjetivas e culturais** que as transformam em visualidades.
(MARTINS, 2009, p.35 *grifo meu*)

E ainda segundo o autor:

Então, quando falamos de visualidades, nos referimos a um processo de sedução, rejeição e cooptação que se desenvolve a partir de imagens. Esse processo tem sua origem na experiência visual. [...] A experiência visual e seus repertórios são responsáveis por sinapses entre conhecimentos objetivos e subjetivos configurados por referências culturais que, de alguma maneira, influenciam os modos e as práticas de ver dos indivíduos.

(MARTINS, 2009, p.34)

Outro pesquisador que aborda acerca da conceituação do termo visualidade é Nascimento que em entrevista¹⁴ informou: “Visualidade é um tipo de interpretação desencadeada pela interação com imagens e seus agregados – o som.” Porém o autor não restringe somente ao termo interpretação, agregando assim outro termo: modalidades de imagens. Dessa forma, segundo Nascimento (2012) o conceito de visualidade pode ser também compreendido:

Como **diferentes tipos e modalidades de imagens**, abrangendo as mais corriqueiras até as ‘preservadas’ em renomados museus, reconhecidas como ‘obras de artes’, produzidas em diversos contextos culturais e temporais. **Envolvem também as possíveis maneiras de interpretar as diversas imagens.**

(NASCIMENTO et al., 2010, p.167 *apud* NASCIMENTO, 2012, p.315 *grifo meu*)

¹⁴ - Entrevista realizada via *email* com o Professor Doutor e pesquisador Erinaldo Alves do Nascimento, em 15 de agosto de 2012.

Assim sendo, percebe-se que o termo visualidade, de acordo com as observações feitas pelos autores, pode ser entendido como “representações visuais”, “diferentes tipos de modalidades de imagens” que transitam ou circulam pelo cotidiano. Mas também como “construção cultural dos nossos olhares” e/ou “possíveis maneiras de interpretar as diversas imagens”.

Outra questão levantada acerca dos aspectos do termo visualidade, é que o mesmo segundo Cunha (2005, p.2) não deve ser confundido com o termo visão¹⁵. Pois segundo a autora a visão seria “possibilidades fisiológicas dos olhos” (CUNHA, 2005, p.2). Indo além da reflexão da autora, Farina, Perez e Bastos (2006, p.32) relatam que “o olho em si não completa o processo visual, pois a retina¹⁶, só transmite signos ao cérebro, sendo este incumbido de decifrá-los”. Neste caso, uma pessoa com ausência de visão, mesmo sem esse sentido fisiológico possui suas visualidades, sua maneira de ver o mundo que pode ocorrer através de outros sentidos como audição e tato.

No que infere a arquitetura, objeto central desta dissertação, os monumentos históricos, assim como as demais edificações arquitetônicas, também se constituem como representações imagéticas/ artefatos visuais, de significações históricas e culturais que materializam conceitos e discursos. Os quais em muitos contextos sociais eram sacralizados. Definido por Canclini (2008, p.291) como “um cenário legitimador do culto tradicional. Seu tamanho gigantesco ou sua localização destacada contribuíam para enaltecê-los”. Desse modo, de acordo com Tourinho e Martins (2011):

Quando vemos uma imagem, objeto ou artefato, recorremos às informações gerais e/ou ao conhecimento específico que possuímos. Recorremos a hábitos, valores, referências e contexto para dar sentido/significado ao que vemos. Cada indivíduo utiliza suas informações, conhecimento, hábitos e referências para estruturar e dar sentido às coisas que visualiza, valorizando-as diferentemente, negociando seus significados de acordo com o contexto, sua trajetória cultural e seus interesses.

(TOURINHO e MARTINS, 2011, p. 54-55)

A Fortaleza de São José de Macapá constitui-se como artefato cultural significativo a uma parcela considerável de sujeitos sociais de sua cidade. Além de sua materialidade (como arquitetura) se fazer presente em espaço estratégico da urbe, imagens referentes à fortificação circulam pela cidade em outros meios como cartazes, outdoor, fachadas comerciais, VT publicitários, entre outros. Ou seja, ao longo do tempo foi e vem recebendo diversas interpretações dentre elas: arquitetônicas (pois sua arquitetura recebeu intervenções e

¹⁵ -Neste texto abordado como o ato ou efeito de ver (fisiologia), haja vista que o termo segundo Ferreira, A.B.H (2008, p. 819) também pode ser compreendido como ponto de vista (ou seja, visão de mundo, concepção, projeção para o futuro).

¹⁶ - Camada formada por células que compõe o olho (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006. p.3).

modificações em sua estrutura e, sobretudo em seu entorno urbanístico); artísticas; oficiais; propagandas/publicidades; e demais visualidades presentes no cotidiano.

No decorrer deste capítulo, serão abordadas algumas das diversas visualidades que a referida fortificação recebe materializadas em imagens. Para tanto, a seleção dessas imagens teve como referência os critérios sugestionados por Hernández apud Arslan e Iavelberg (2006, p.27). Para Hernández, ao se escolher uma imagem para o estabelecimento de um diálogo, faz-se necessário refletir acerca dos seguintes critérios: 1. Ser inquietante; 2. Estar relacionada com valores compartilhados em diferentes culturas; 3. Refletir as vozes da comunidade; 4. Estar aberta a múltiplas interpretações; 5. Referir-se à vida das pessoas; 6. Expressar valores estéticos; 7. Fazer com que o espectador pense; 8. Não ser hermética; 9. Não ser apenas a expressão do narcisismo do artista; 10. Olhar para o futuro; 11. Não estar obcecada pela ideia de novidade. Além disso, efetuar vários questionamentos como, por exemplo: porque estas imagens e não outras? E o que se pode ter de ensino e aprendizado com esta imagem?

A seleção de amostra sofre influências também de minhas próprias identificações profissionais enquanto pesquisadora, professora de Arte, artista visual. E ainda outras peculiaridades com base em Stuhr (2011, p.137): “idade, gênero e sexualidade; classe social e econômica (educação, trabalho, posição familiar) [...]; localização geográfica [...]; religião; *status* político; língua; etnia (o aspecto mais salientado em discussões sobre cultura); designação racial”. E Martins (2008, p.31): “o olhar sempre está traspassado por condições e referentes que se superpõem tais como classe, raça, idade, estilo de vida, preferências sexuais e muitas outras”.

Também, não é o propósito em abordar as imagens selecionadas para a pesquisa numa postura formalista¹⁷ de alfabetização visual. Pois segundo Hernández (2009):

Uma imagem não pode ser considerada como uma combinação de sintagmas visuais ou de elementos morfológicos, como poderiam ser a linha, a figura, a forma, o contraste, o equilíbrio, etc. Uma imagem é, acima de tudo, uma representação de significados, e seus elementos visuais são relevantes, não porque podem ser assinalados de maneira isolada e descontextualizada, mas pela sua contribuição à produção de significado de uma maneira sistemática.

(HERNÁNDEZ, 2009, p. 199)

Assim, a escolha das imagens, necessariamente não foi realizada de maneira fechada em relação ao preenchimento dos onze critérios sugeridos por Hernández (2006), e sim se procurou inter-relacioná-los. E nem se pretende abordá-las de maneira cristalizada definindo-

¹⁷ - A proposta do que se articula como uma tendência hegemônica, em torno da alfabetização visual, fundamenta-se no princípio segundo o qual a linguagem visual está associada a uma gramática conceitual de signos. (HERNÁNDEZ, 2009, p. 195).

se verdades absolutas. O diálogo é uma tentativa de observar as possibilidades e problematizar interpretações sobre a fortaleza, como: suas persistências, suas tradições, suas diferenças e suas modificações. Pois segundo Nascimento (2010, p.18) as imagens “além de ajudarem a dar visibilidade ao discurso reinante, fornecem importantes pistas sobre possíveis questionamentos ou possibilidades de fraturas, na maneira de pensar, ver, fazer, agir e dizer”.

1.2 - Visualidade Arquitetônica e a Paisagem urbana

Ao tomar como abordagem a arquitetura da Fortaleza de São José de Macapá e a paisagem urbana de seu entorno num foco imagético, que ao longo do tempo gerou e gera diversas visualidades expressadas tanto em sua materialidade como em representações criadas individual ou coletivamente pelos sujeitos sociais, propicia correlacionar à reflexão conceitual levantada por Zevi (2009, p.28) quanto à arquitetura que: “não é apenas arte nem só imagem de vida histórica ou de vida por nós e pelos outros; é também, e, sobretudo, o ambiente, a cena onde vivemos a nossa vida”.

Ou seja, uma edificação arquitetônica, ainda segundo o autor, possui um conjunto de elementos tridimensionais que incluem literalmente a participação humana. Porém no espaço arquitetônico, os sujeitos sociais vivem, no entanto, muitos não o vivenciam – pois, muitas pessoas podem se manter alheias ao espaço arquitetônico por não terem interesse, na medida em que não se reconhecem neles ou não reconhecem a história ali representada. Esclareça-se que este espaço não restringe ao interior de um edifício, segundo Zevi (2009):

A experiência espacial própria da arquitetura prolonga-se na cidade, nas ruas e praças, nos becos e parques, nos estádios e jardins, onde quer que a obra do homem haja limitado “vazia”, isto é, tenha espaços fechados. Se no interior de um edifício o espaço é limitado por seis planos (por um soalho, um teto e quatro paredes), isto não significa que não seja igualmente espaço um vazio encerrado por cinco planos em vez de seis, como acontece num pátio ou numa praça. Não sei se a experiência espacial que se obtém percorrendo uma auto-estrada retilínea e uniforme, por quilômetros de planície desabitada, pode ser definida como uma experiência arquitetônica no sentido corrente da palavra, mas é certo que todo o espaço urbanístico, tudo o que é visualmente limitado por cortinas, quer sejam muros, fileiras de árvores ou cenários, é caracterizado pelos mesmos elementos que distinguem o espaço arquitetônico. Ora, visto que todos os volumes arquitetônicos, todos os invólucros murais, constituem um limite, um corte na continuidade espacial, é óbvio que todos os edifícios colaboram para a criação de dois espaços: os interiores, definidos perfeitamente pela obra arquitetônica, e os exteriores ou urbanísticos.

(ZEVI, 2009, p. 25)

No que tange a Fortaleza de São José de Macapá em sua função arquitetônica inicial, a mesma foi construída no século XVIII, no período de 1764 a 1782¹⁸, projetada com propósitos bélicos que incluíam estratégias políticas e econômicas de ocupação e defesa de território. Esse propósito de construir uma arquitetura de defesa “eficiente” é percebido nas imagens de plantas arquitetônicas antecedentes e também na planta do projeto final idealizadas segundo as interpretações de seus engenheiros construtores. (Imagens 3,4,5 e 6).

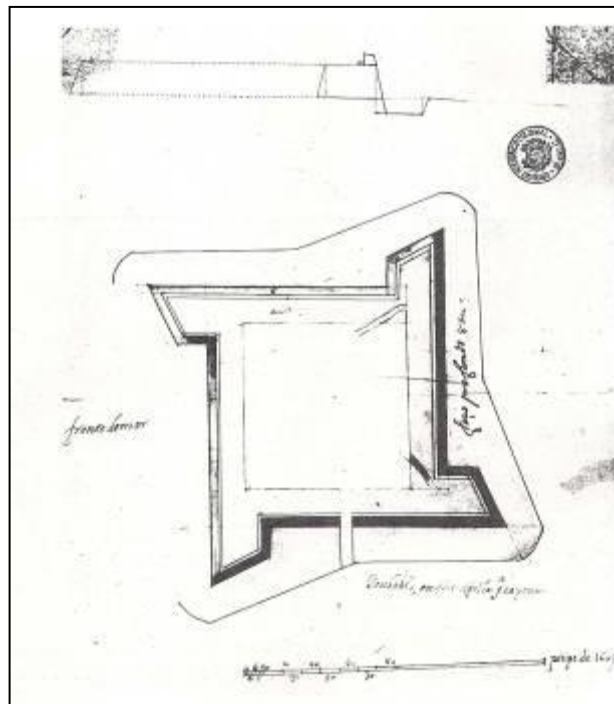


Imagem 3: Planta da Fortaleza de Macapá (1739). AHU, cartografia manuscrita. Maranhão 894.
Fonte: Araujo (1998, p.186).

¹⁸ - Ver cronologia de eventos sobre a Fortaleza de São José de Macapá, Apêndice- A.

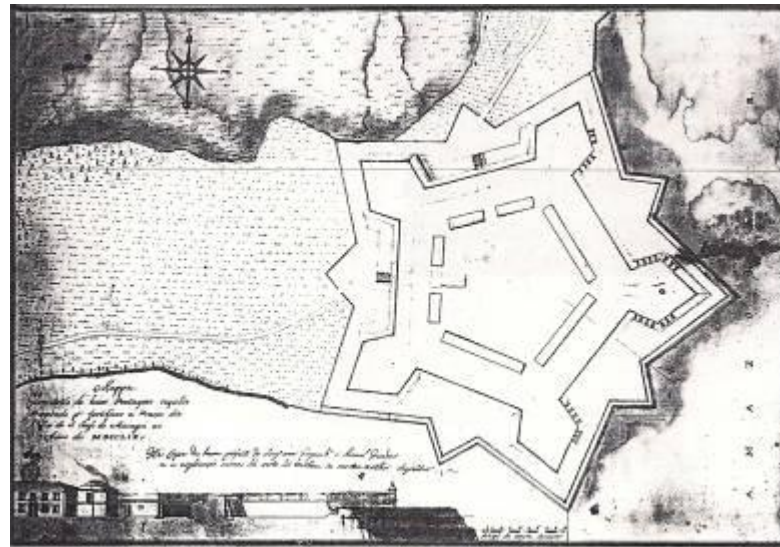


Imagem 4: Mapa geométrico de um pentágono regular para fortificar a praça da vila de São José de Macapá no ano de 1759. Cópia de um projeto do Sargento-mor engenheiro Manuel Guedes.
Fonte: Araujo (1998, p.187).

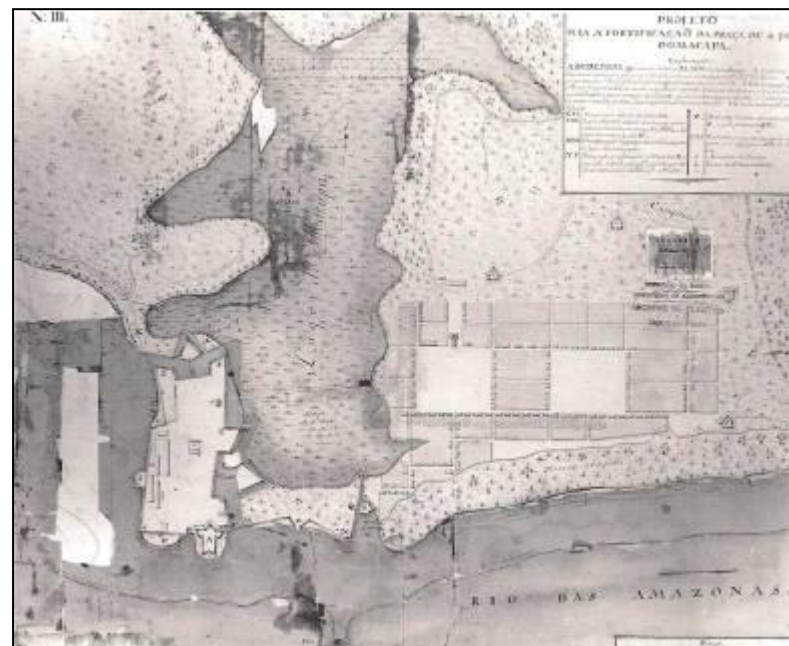


Imagem 5: Projeto para a fortificação da Praça de Macapá com a planta da Vila (1762). AHE. RJ M13. PA084
Fonte: Araujo (1998, p.189).



Imagem 6: Planta e Praça da Vila de São José de Macapá em 1763 tirada geometricamente sob as ordens do Exmo Sr Fernando da Costa Atayde Teive, pelo capitão engenheiro Henrique Antonio Galluccio AHE. RJ M8. G2 102 F. 6.5.

Fonte: Araujo (1998, p.191).

Quanto ao projeto final, embora a fortificação tenha sido projetada por Gallúcio (Galuzzi)¹⁹, este recebeu influência do estilo arquitetônico “Vauban”²⁰, estilo que por sua vez foi influenciado, segundo Camilo (2003) por estudos renascentistas (como de Leonardo da Vinci). Assim, a fortaleza foi construída ao estilo “Vauban de 8ª ordem”, considerada a maior fortificação portuguesa do período colonial brasileiro. Segundo entrevista de campo com historiador Professor Hermano Benedito Pinto de Araújo²¹, a Fortaleza de São José de Macapá é considerada a maior pela quantidade de elementos que compõem sua estrutura arquitetônica, tanto interna quanto externa. Em sua estrutura física encontram-se elementos como baluartes, localizados estrategicamente nas laterais da fortificação, utilizados como uma plataforma de artilharia. Sua praça possui algumas edificações as quais em seu uso original eram denominadas de: Quartel da Tropa, Casa do Capelão (capela), Casa do Comandante, Enfermaria (hospital), Paiol de Pólvora, Armazém de boca/alimentação. (Imagem 7)

¹⁹ - Henrique Antônio Galuzzi – italiano, fez parte da expedição científica de demarcações em 1750. Ascendeu até o posto de sargento-mor. Elaborou mapas de regiões como Vila Nova de Bragança no Pará. Planta da Praça e Vila de São José de Macapá em 1763. Faleceu em Macapá no dia 27 de outubro de 1769. (TAVARES, 2000, p. 162)

²⁰ -Sebastião Le Prestre de Vauban homem de confiança do rei Luís XIV, França, destacou-se na Europa por sua capacidade construtora de obras militares e influenciou Engenheiros de diversos países. (CAMILO, 2003, p. 90)

²¹ - Entrevista feita com o historiador professor Hermano Benedito Pinto de Araújo conhecedor do contexto histórico das fortificações da Amazônia e principalmente da Fortaleza de São José de Macapá. Roteiro entrevista Apêndice -G

Os detalhes e elementos²² de fortificações também são relatados por Castro (1999).

Nesta classificação as fortalezas seriam a maior categoria de fortificação pura, incluindo em seus elementos obras externas que aumentavam seu valor defensivo. Assim, na verdade, existiram poucas “fortalezas” no Brasil que fizeram jus a este nome e São José de Macapá é, talvez, o caso mais clássico entre elas, pois ela teve uma série de posições defensivas complementares, desde a *esplanada* que cobria as muralhas do lado poente, até o grande revelim, não se podendo esquecer a bateria externa de faxina, herdada da antiga fortificação de Macapá [...] e a bateria baixa no lado oeste. Todas estas obras foram executadas com o objetivo de tornar sua posição a mais defensável possível.

(CASTRO, 1999, p. 173)

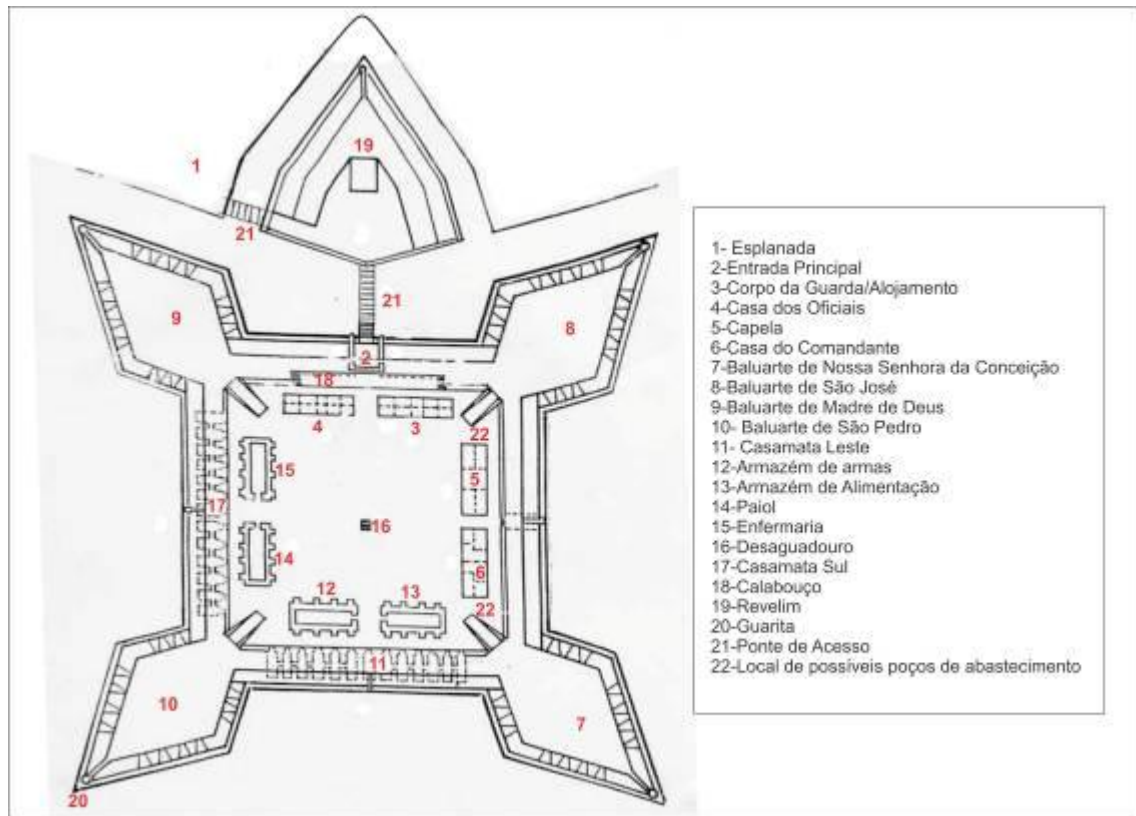


Imagem 7: Planta baixa da fortificação com detalhamento de alguns elementos estruturais.

Fonte: Oliveira (1999) e Museu da Fortaleza de São José de Macapá.

Nota: Imagem apropriada de Oliveira (1999) e identificação dos elementos arquitetônicos apropriada do Guia de Turismo da Instituição (2005)

²² - Ver glossário de alguns elementos estruturais da arquitetura da Fortaleza de São José de Macapá. Apêndice-B.

A Fortaleza de São José de Macapá chama a atenção também quanto ao seu tamanho²³. Sua extensão vertical no que diz respeito à altura de sua muralha feita com cantaria²⁴ e cal oscila entre 08 a 10 metros, de acordo com a característica topográfica do terreno onde a fortificação está localizada.

Convém, no entanto, esclarecer que esta verticalização não é necessariamente perpendicular. Pois segundo o historiador Professor Hermano Benedito Pinto de Araújo, suas muralhas possuem uma inclinação estrategicamente projetada como elemento facilitador da defesa de um suposto ataque do inimigo. Pois com sua altura inclinada, quem se encontra na área externa à fortificação nas proximidades do pé direito da mesma não consegue perceber ou não possui uma visualização do sujeito que se encontra na parte superior interna da fortificação. (Imagem 8)



Imagem 8: Vista de um dos baluartes da Fortaleza de São José de Macapá que mostra a inclinação de sua muralha.

Fonte: http://consultoriopsique.com.br/photo/fotos-de-camila%20karina/fortaleza_de_sao_jose_de_macapa/ Acesso: 13 agosto 2011.

²³ - Ocupa uma área de 127 mil m² com 22.574, 15 m² de muralha e 2.210 m² de espaço interno. (FONTANA, 2005, p. 53)

²⁴ - Cantaria - pedras que são talhadas utilizadas na construção de muros ou de edificações.

No que se refere à relação do espaço arquitetônico da fortificação com a cidade de Macapá, pesquisas como de Silva, M. C (1996) apud Castro, E. (2008); Castro (1999); Machado (2001); e Canto (2011) abordam informações de que cidades brasileiras da Amazônia iniciaram seu processo urbanístico a partir de uma fortificação; onde relações sociais e culturais foram sendo construídas e desconstruídas em seu entorno. Dessa forma, segundo Camilo (2003):

A Fortaleza de São José de Macapá está inserida neste contexto, integrando de maneira destacada a política de segurança implantada durante o governo do capitão-general Mendonça Furtado. Além dela, foram construídas várias fortificações no litoral amazônico, com o objetivo de proteger aquela região das investidas indesejadas dos países concorrentes de Portugal, impedindo ou controlando o acesso destes para o interior do Brasil.

(CAMILO, 2003, p. 16)

Embora a Vila de São José de Macapá tenha sido inaugurada antes do período de construção desta fortificação, tendo como primeiro edifício público e de cunho religioso a Igreja de São José (1761), registros documentais analisados por pesquisadores mostram que no período de construção da fortaleza houve um crescimento populacional. Ou seja, um urbano religioso (vila/igreja) que se torna urbano militar (vila/fortificação). Ressalta-se que crescimento populacional não significa desenvolvimento com qualidade²⁵. Assim a vida urbana da vila e do entorno da fortificação eram relatados em documentos de época, como os códices localizados no arquivo público do Pará, analisados em Canto (2011), como um local onde ocorria escassez de alimentos, falta de saneamento, constantes doenças.

Verifica-se que a população da época foi crescendo em um cotidiano de uma vila localizada, segundo Lopes apud Castro (1999, p. 166-167), num terreno insalubre devido ao lago pantanoso localizado ao sul. (Imagem 9)

²⁵ - Muito embora se esclareça que as questões de qualidade de vida em termos atuais em relação ao século XVIII, não são as mesmas, devido os períodos históricos que criam realidades e contextos diferentes.

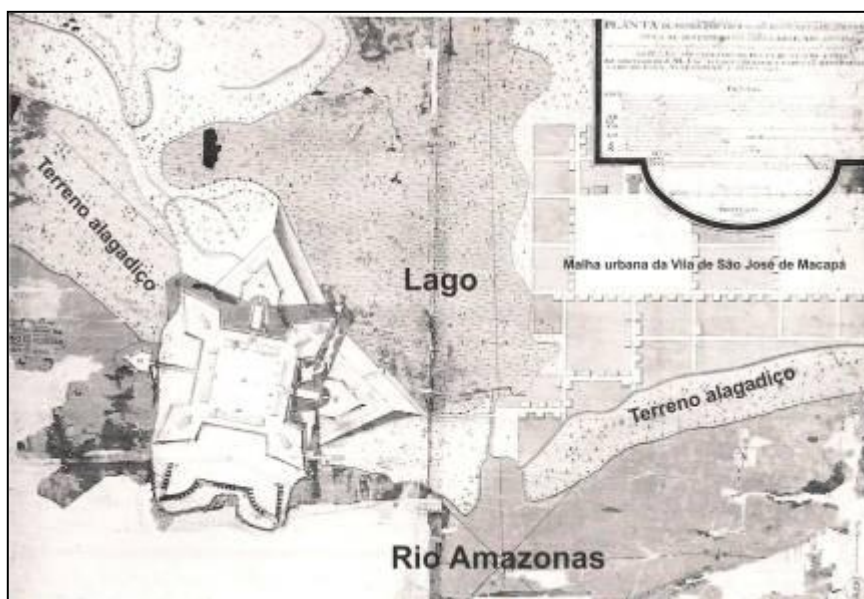


Imagem 9: Planta e Praça da Vila de São José de Macapá em 1763.

Fonte: Araujo (1998, p.191).

Nota: Intervenção de texto feito pela pesquisadora.

Relatado também por Luna (2009):

A localidade escolhida para a vila ficava à margem do rio Amazonas, onde a água do rio formava um lago entre duas partes altas de terra – a parte direita foi destinada à fortificação e a esquerda ficou reservada para o traçado das ruas. Esse lago denominado ressaca (baixada que recebe influência da maré; ora enche de água, ora seca, retornando ao rio), era o caminho de comunicação entre a fortaleza e a vila, através do uso de barco, mesmo nos meses de verão.

(LUNA, 2009, p. 42)

Embora os relatos registrados em códices da época (analisados por pesquisadores), demonstrarem uma relação conflitante para os moradores, a respeito da localização da cidade e sua relação com a fortaleza, tendo como paisagem de entorno: o rio e o lago. Um dos propósitos para a construção da fortificação neste local condicionava também a estratégias de proteção e obstáculos de defesa para porventura um ataque de “nações inimigas” de Portugal.

Essa relação conflituosa com a referida paisagem de entorno no período de sua construção, conforme pesquisas, foi sofrendo modificações e se verifica em imagens fotográficas (a partir da década de 20 do século XX); pinturas (a partir da década de 40) e relatos orais de pessoas idosas da cidade, que a relação dos moradores com o rio e o lago às proximidades da Fortaleza de São José de Macapá passa a ser tida como um local que servia para atividades comerciais ribeirinhas, durante um longo percurso até o período de aterramento da área do lago. Como relatado em Tostes (2012, p.121): “Desde a criação do

Território Federal do Amapá, esta área tem sido uma das mais ocupadas para a atividade do comércio, inicialmente servia para as atividades de ribeirinhos próximos a Fortaleza até o final dos anos sessenta”. (Imagens 10 e 11)

Um dos relatos orais sobre essa relação da paisagem de entorno da fortaleza é o de D. Maria da Silva Braga, antiga moradora da Rua da Praia, registrado em Machado (2001):

Do lado leste, no entorno da Fortaleza, existia um porto, à margem da praia, com um riozinho (hoje aterrado), onde ancoravam embarcações trazendo peixe, camarão frutas e outros gêneros alimentícios das localidades interioranas que abasteciam a cidade, e, onde a população amapaense comprava os alimentos diretamente das embarcações.

(Depoimento de D. Maria da Silva Braga apud MACHADO, 2001, p. 60)



Imagem 10: Entrada do antigo Igarapé da Fortaleza, também chamado de Igarapé do Igapó - onde se situava a chamada Doca - 1908.

Fonte: http://porta-retrato-ap.blogspot.com/2011_07_01_archive.html Acesso 27 fevereiro 2012.



Imagem 11: R. Peixe. Pintura óleo sobre tela. 1 X 0,50 cm. 1991. Imagem que representa como era a paisagem de entorno da fortaleza em década de 40/50 do século XX (aproximadamente).

Fonte: Acervo de obras artísticas do Museu Fortaleza de São José de Macapá.

Outras modificações tanto na Fortaleza de São José de Macapá quanto em sua paisagem de entorno foram sendo estabelecidas, e registradas em imagens, sobretudo fotográficas, ao longo de sua trajetória histórica. Foram e tem sido uma série de intervenções, que contribuem para os “usos e abusos” no que se refere à conservação de um edifício considerado um patrimônio cultural.

Dentre intervenções que poderiam ser consideradas “negativas”, pode-se citar: serviu de curral para animais; deixou-se crescer vegetação e árvores frondosas dentro da área interna (Imagem 12); foi implantado farol em um dos baluartes, bem como foi construída uma quadra de esporte também na área interna; após as deteriorações por abandono dos telhados originais, alguns edifícios foram lajeados; artilharia bélica (canhões) foi saqueada. Ainda em seu entorno, clube social pertencente ao exército brasileiro foi construído; bem como estacionamento pertencente a uma instituição bancária (instituição essa que atualmente ainda se encontra edificada numa área bem próxima à fortificação)²⁶. (Imagem 13).

²⁶ - Ver cronologia de eventos sobre a Fortaleza de São José de Macapá, Apêndice- A.



Imagem 12: Vegetação e árvores frondosas; deteriorações por abandono dos telhados originais.

Fonte: arquivo da Instituição Fortaleza de São José de Macapá.



Imagem 13: Estacionamento e Instituição bancária.

Fonte: <http://www.reocities.com/CapeCanaveral/Hall/7530/atrativos.htm> Acesso: 16 fevereiro 2012.

Quanto às intervenções que poderiam ser consideradas “positivas”, podem-se citar as ações de reparos e restauros, mesmo aqueles que foram feitos sem um amplo conhecimento técnico, mas que de certa maneira contribuíram para uma manutenção da estrutura física da fortificação. Contudo, deixa-se claro aqui a não defesa dessa prática. Pois, um restauro efetivo necessita de um conjunto de atividades e profissionais especialistas que visam o restabelecimento do estado original ou aproximado do patrimônio edificado, procurando a aplicabilidade de materiais que não interfiram e passam a se tornar um “falso” histórico e sem alterar suas características. Essa prática com profissionais especialistas foi verificada no restauro da fortificação no período de 1997 e do projeto paisagístico de seu entorno em 2001, projetado por Rosa Grena Kliass²⁷. (Imagens 14, e 15).



Imagem 14: Vista panorâmica do projeto paisagístico Parque do Forte em andamento.
Fonte: (KLIAS, 2007).

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/01.001/1303> Acesso 19 maio 2011.

²⁷ - Arquiteta paisagista. Entre suas mais importantes obras estão a Reurbanização do Vale do Anhangabaú e o Parque da Juventude, em São Paulo; o Parque do Abaeté e o Parque de Esculturas do MAM-Bahia, em Salvador; o Parque Mangal das Garças e o Projeto Feliz Luzitânia, em Belém; e o Parque do Forte – Complexo Fortaleza de São José, em Macapá. Fonte: Artigo O Lugar Bonito. Autora: Rosa Grena Kliass.
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/01.001/1303> Acesso 27 fevereiro 2012. Ver também cronologia de eventos sobre a Fortaleza de São José de Macapá, Apêndice- A.



Imagem 15: Vista área da Fortaleza de São José de Macapá. Aproximadamente anos 2008/2009. Como o projeto de entorno: Parque do Forte concluído.

Fonte: <http://monumentosbrasil.blogspot.com.br/> Acesso 19 maio 2011.

Segundo Canto (2011, p.30): “a fortificação representou a constituição física da vila, tanto econômica como politicamente, pois sem a guarnição militar que ela abrigou durante parte da sua construção, é possível que Macapá não tivesse sobrevivido. As obras representam, pois, a fixação da população e a formação política do lugar”. Tomando esta observação do autor quanto à construção arquitetônica da fortificação e sua relação socioeconômica e as reflexões levantadas em Zevi (2009), acerca das interpretações construídas ao longo do tempo sobre uma edificação arquitetônica (dentre elas a interpretação política; a interpretação filosófico-religiosa; a interpretação científica, a interpretação econômico-social, e as interpretações materialistas²⁸), pode-se inferir que a arquitetura da fortificação e suas diversas relações tecidas num coletivo social a torna como objeto de referência, cujos elementos arquitetônicos vão sendo representados em outras imagens (sejam estas bidimensionais ou tridimensionais), gerando “sedimentação de discursos predominantes,

²⁸ - A interpretação política (a arquitetura e os eventos políticos); a interpretação filosófico-religiosa (fenômenos históricos que envolvem a cultura arquitetônica, e simbolismo); a interpretação científica (concepções matemáticas e geométricas, e o pensamento arquitetônico); a interpretação econômico-social (tendo a arquitetura como autobiografia do sistema econômico e das instituições sociais); bem como as interpretações materialistas que incluem: Interpretação utilitária (todos os edifícios devem responder ao seu objetivo); as interpretações fisiopsicológicas (os edifícios arquitetônicos são associados a representações conotativas como arquitetura grega = idade da graça, o gótico = idade da aspiração; a Renascença = idade da elegância) e a interpretação formalista (a composição arquitetônica deve responder a questões estéticas: a unidade, o equilíbrio, a proporção, a escala, o estilo, etc.). (ZEVÍ, 2009).

mas também insinuando possíveis deslocamentos interpretativos ou multiplicidade de pensamentos” (NASCIMENTO, 2010, p.16).

1.3 - Visualidade Artística e questões culturais

Dentre as imagens e suas diversas visualidades que circulam no meio social sobre a Fortaleza de São José de Macapá, têm-se as imagens produzidas por profissionais denominados/as pela sociedade como artistas visuais²⁹. Como ressaltado por Machado (2001, p.138): “A representação da Fortaleza nas artes plásticas está no acervo pictórico de vários pintores amapaenses e também no acervo dos artistas fotográficos”. E em Canto (2011, p.16): “Na atualidade, os artistas de diversas áreas veem a edificação como o lócus da cultura amapaense”.

Embora este capítulo se divida em modalidades de imagens³⁰ que trazem diversas visualidades materializadas, e tenha como um dos subtítulos “Visualidade artística e questões culturais”, a intenção não é de estabelecer um grau de superioridade das imagens que serão tratadas aqui (produzidas por artistas) em relação às outras imagens distribuídas nas demais modalidades. Pois todas são importantes na medida em que possuem diversos discursos contidos em sua representação. A intenção da divisão é apenas no sentido de uma organização sistemática do estudo.

Dessa forma, as imagens escolhidas para esta modalidade bem como para as demais tiveram como referência a inter-relação dos critérios sugestionados por Hernández apud Arslan e Iavelberg (2006, p.27), citados no início deste capítulo.

Dentre as imagens artísticas verificadas em pesquisa na *internet* e demais levantamento de dados visuais, optou-se em abordar algumas imagens que trazem a fortaleza interligada a questões socioculturais, principalmente às manifestações culturais e étnicas; já

²⁹ - Os artistas visuais (pintores) mais antigos que se tem registro na história da arte amapaense datam da década de 40 do século XX. Período em que o Amapá torna-se Território Federal e desmembrando-se do Pará. Na memória social que circula na cidade de Macapá não se tem relatos de materialidades pictóricas anteriores. Sendo lembrados em relatos orais os nomes dos pintores da década de 40, como: Espírito Santo e R. Peixe, este último a partir da década citada, produziu muitas pinturas com representações da Fortaleza de São José de Macapá; o que leva a deduzir se esse fascínio do artista em pintar a fortaleza talvez tenha sofrido influência do contexto social ocorrido no lugar, no período em que o Amapá desvinculava-se do Pará, ocorrendo assim uma necessidade de formação identitária pelos sujeitos sociais, mesmo que na condição de Território Federal. R. Peixe também é considerado o artista plástico cuja grande parte de sua produção encontra-se em acervo de Órgãos e Instituições oficiais da cidade de Macapá.

³⁰ - Modalidades de imagens – termo utilizado por Nascimento (2012), relatado no subtítulo 1.1 deste capítulo ao problematizar o conceito visualidade.

que é notório em pesquisa bibliográfica e documental do período de construção da fortaleza, que esta teve como atores sociais no processo de construção: europeus, indígenas e africanos; envolvidos em relação de poder e margens de negociações durante o período colonial.

Desse modo, foram escolhidas quatro imagens pictóricas, das quais duas trazem representação da fortaleza em relação a uma manifestação cultural religiosa, e duas imagens que contêm a fortificação inter-relacionada a questões ligadas aos indígenas. Das duas últimas, uma das imagens correlaciona-se ao cotidiano social de um bairro antigo da cidade.



Imagem 16: Pintura do Artista Ivam Amanajás, 1999.

Fonte: <http://www.ivamamanajas.com.br/index.php/2011-10-10-01-07-20?start=120>

Acesso: 13 junho 2012.

A Imagem 16 é de autoria do artista plástico Ivam Amanajás (Augusto Ivam Amoras Amanajás). Segundo informação coletada em seu *website*³¹, suas produções artísticas possuem como característica marcante o “realismo fantástico”. Em suas pinturas, a temática frequente é relativa a questões do regionalismo, muitas vezes abordado numa proposta, segundo o *site*, de conscientizar e criticar através de sua arte os “homens robóticos”, a “natureza mecanizada” e a “vida artificial”.

³¹ - <http://www.ivamamanajas.com.br/index.php/2011-10-10-01-06-20> Acesso 12 junho 2012.

A pintura traz a Fortaleza de São José de Macapá representada com um de seus baluartes e guarita. Próximo à fortificação em seu entorno têm um grupo de pessoas negras (homens e mulheres) adultos e idosos, devido às expressões e características físicas. As mulheres com grandes saias rodadas e pés descalços, numa postura de dança e os homens tocando alguns instrumentos musicais de percussão.



Imagem 17: Dekko- A dança na fortaleza, Óleo sobre tela.

Fonte: fotografia particular do artista reproduzida na monografia: SANTOS. Carla Patrícia Cambraia dos; PEDRADA. Marcos Antônio Macedo; SILVA. Rondiney dos Santos. O Naturalismo na pintura de Dekko com base na abordagem formalista, Macapá, 2010.

A Imagem 17 foi pintada pelo artista plástico Dekko (Manoel Francisco Pessôa de Matos), que segundo Santos; Pedrada e Silva (2010, p. 18): “ele é um dos artistas que valoriza a cultura material da comunidade de ascendência tucujú, com temáticas que ressaltam a historicidade do negro na formação socioeconômica amapaense”.

A pintura aproxima-se a representação feita pelo artista Ivam Amanajás. Um grupo de pessoas negras (homens e mulheres) adultos e idosos. Mulheres com vestidos outras com grandes saias rodadas, numa postura de dança e tendo uma das mulheres segurando uma bandeira branca. Os homens, alguns tocando instrumentos musicais de percussão, outros

dançando. Todos (homens e mulheres) de pés descalços predominando a vestimenta branca. Verifica-se que o grupo se encontra dentro da área interna da fortaleza, devido à paisagem que se registra com a vista de parte da arquitetura da Casa dos oficiais e Alojamento/ Corpo da Guarda, e ainda a entrada principal ao fundo com parte de uma guarita do revelim, também ao fundo.

As duas imagens representam as inúmeras imagens que circulam em relação à fortaleza relacionada à manifestação marabaixo³² (manifestação cultural que engloba música e dança; religioso e profano), influenciando construções de sentido no que diz respeito às interpretações socioculturais. São imagens que trazem pessoas afrodescendentes associadas à fortificação num sentido de “festejo e felicidade”³³.

O que se percebe com essas imagens é uma apropriação social de junção de dois referenciais identitários: a Fortaleza de São José de Macapá e o Marabaixo. Imagens nas quais trazem discursos que muitas vezes tornam-se ambíguos. Ou seja, há um reforço de duas polaridades de discurso:

Sendo um dos discursos, a fortaleza e o marabaixo como símbolos de identidade dos afrodescendentes, uma parcela da população da cidade de Macapá. Neste caso, a fortaleza representando o sacrifício da mão de obra africana que foi utilizada na construção da fortificação. E o marabaixo³⁴, segundo algumas pesquisas, sendo originário dos africanos trazidos para a Amazônia colonial. Já a outra polaridade de discurso, a fortaleza e o marabaixo são postos como símbolos de identidade do povo amapaense.

Esses dois discursos que persistem nessas imagens gera possibilidades de reflexão e questionamento: Se tanto a fortaleza quanto a manifestação marabaixo são gerados em determinados discursos como elementos identitários do Amapá, porque nas imagens que trazem representação da fortaleza com o marabaixo as pessoas representadas são somente os

³² -Segundo Videira (2009,) as mulheres que dançam o marabaixo são chamadas de dançadeiras e cantadeiras, os homens de dançadores e tocadores de caixa. Caixa seriam os tambores confeccionados manualmente. Vale ressaltar que existem mulheres que já tocam as caixas de marabaixo.

³³ - É necessário pontuar também que muitos grupos sociais se utilizam de elementos ou manifestações culturais, como o canto e a dança, numa forma de afirmação social (movimento de resistência).

³⁴ - Apesar de haver determinados discursos de que o marabaixo é originário dos africanos que chegaram à Amazônia, sabe-se que a manifestação cultural também foi hibridizada recebendo influência inclusive do catolicismo quando se percebe no marabaixo os referenciais de santos católicos. Essa hibridização é presente também em elementos instrumentais do marabaixo como a caixa (um dos instrumentos de percussão) que segundo o Historiador Hermano Araújo: “essa caixa ela é militar, era a caixa que levava os criminosos para a guerra, é a caixa que o arauto falava a linguagem do governador, a linguagem do Rei, para a comunidade, então essa caixa militar, ela vira instrumento musical de uma dança popular, de uma fé popular que é o marabaixo” (Entrevista feita em 27 de julho de 2011).

afrodescendentes? A sociedade amapaense é somente formada por pessoas afrodescendentes? Será que representar somente pessoas negras dançando o marabaixo próximo a fortaleza na intenção de reforço identitário de negritude a uma parcela da sociedade, ao mesmo tempo em que faz esse reforço para alguns, não pode estar gerando um olhar de exclusão para outros? Ou seja, marabaixo só pode ser vivenciado por pessoas negras? E ainda: os afrodescendentes, que residem no Estado do Amapá se agradam com as representações visuais feitas pelos artistas e a mídia, quando associam a pessoa negra dançando e festejando o marabaixo nas proximidades da fortaleza, onde muitos africanos foram escravizados no período de sua construção? Porque não representar também pessoas com outros traços étnicos juntamente com as pessoas negras? Já que um dos discursos predominante nessas imagens é de serem dois referenciais identitários amapaenses: a Fortaleza de São José de Macapá e o Marabaixo.

Outro ponto a ser observado, é que a maioria das imagens que trazem as pessoas dançando o marabaixo próximo à fortaleza predominam representações de pessoas já adultas e/ou idosas. O que permite refletir novamente: Porque não se representam também crianças e jovens nessas imagens? Representar somente pessoas adultas e idosas contribui em discursos que podem gerar uma descontinuidade da cultura entre gerações? Ou seja, será que essas representações contribuem ou não na efetivação de desinteresses entre as crianças e os adolescentes em participarem da cultura dita amapaense?

Segundo Machado (2001, p. 161) até a primeira metade dos anos 90, as imagens sobre a fortificação evidenciavam os africanos como maior referencial em termo de proporção na mão de obra do período de construção. Essas representações eram construídas e interpretadas sob um foco associativo à cultura afro-brasileira. Entretanto, ainda de acordo com a autora, na segunda metade daquela década já era perceptível representações sob o foco indígena devido pesquisas, sobretudo historiográficas, que esclareceram, a partir de documentações localizadas no arquivo publico do Pará; alguns arquivos em Portugal; e ainda pesquisas como de Castro (1999), Marin e Gomes (2003), Vergolino-Henry e Figueiredo apud Luna, (2009), que a mão de obra indígena sobrepunha à africana.

Até a primeira metade dos anos 90, as imagens e representações da Fortaleza, tinham o negro como maior contribuidor em termos de proporcionalidade de mão de obra, de qualidade e organização do trabalho. Com esse ponto de vista, a Fortaleza ganhou imagens e representações de origem negra. Hoje, após pesquisas nos arquivos de Portugal e no Arquivo Público do Pará, já existe um novo olhar, uma nova forma de representação da Fortaleza: é a Fortaleza construída pelos índios,

principalmente. Um discurso construído a partir do olhar da Amazônia indígena e, de acordo com os documentos primários sobre a Amazônia na era de Portugal.
(MACHADO, 2001, p. 161)

Muito embora, a autora tenha informado que, na época, as visualidades indígenas acerca da fortificação estavam sendo veiculadas dentro da própria fortaleza e no cotidiano. Informa-se que no período de 1995 a 2002, o governo estadual da época possuía como programa de governo questões sobre sustentabilidade, sobretudo ambiental e valorização dos povos da floresta, dentre eles os indígenas. O que faz suscitar o referido questionamento: as visualidades acerca dos indígenas e relação destas com a fortaleza continuaram e continuam sendo veiculadas no cotidiano após o período relatado? Ou são as visualidades sobre as pessoas negras que continuam se sobrepondo? Quais discursos contêm essas visualidades?

Na pesquisa de levantamento de imagens que trazem visualidades sobre a fortaleza, constatou-se que poucas foram associadas a questões dos povos indígenas. Das imagens produzidas por artistas, por exemplo, a maioria traz a fortaleza inserida num cenário numa proposta temática de paisagem, ou associando a fortaleza a questões de negritude, principalmente às manifestações culturais como o marabaixo. Porém, mesmo em número reduzido, foram coletadas imagens com representações indígenas e demais temáticas, dentre as quais duas serão abordadas a seguir.



Imagem 18: Sem identificação do artista. Óleo sobre tela.
1,20 X 1,60. s/d.

Fonte: Acervo pertencente ao Museu Fortaleza de São José de Macapá.

A imagem 18, embora não tenha a identificação do artista, foi escolhida (entre as poucas imagens encontradas em pesquisa de campo que abordam concepções sobre os indígenas), e coletada na exposição “Traços da Fortaleza”³⁵, que aconteceu no período de 08 a 19 de março de 2012, na Galeria de Arte Professora Maria de Nazaré Trindade, localizada dentro do Museu Fortaleza de São José de Macapá- MFSJM.

³⁵ - A referida exposição continha painéis fotográficos (tratando, sobretudo das modificações no entorno da fortaleza, sobre os seus últimos restauros, e alguns eventos que ocorriam na fortaleza no período do Amapá Território Federal); pinturas em tela e um painel em madeira, produzidos pelo artista R. Peixe, evidenciando a arquitetura da fortaleza numa temática de paisagem inserida no cotidiano sociocultural em seu entorno no período das décadas de 40 e 50 do século XX (aproximadamente); e por fim essa pintura que não contém a assinatura do artista, e que se encontra num estado material não tão conservada. Nenhuma das pinturas ou painéis continha etiquetas com referências com os dados técnicos como: técnica utilizada, dimensão da obra, ano de produção; impossibilitando a coleta dessas informações durante o registro fotográfico das imagens. Ainda sobre a exposição, a mesma juntamente com outros eventos culturais e científicos (como palestras e seminário), fazia parte da programação de aniversário de 230 anos da Fortaleza de São José de Macapá.

Quanto à cena idealizada na pintura, ver-se dois homens supostamente operários trabalhando. Um trabalho que demonstra esforço árduo e repetitivo, devido à posição dos corpos, gestos e o movimento de segurar uma pedra, sendo representados. Esta imagem idealiza um suposto cotidiano do período de construção da Fortaleza de São José de Macapá, ou seja, os dois homens encontram-se localizados em um dos baluartes da fortificação, sendo representado também outro elemento arquitetônico, a guarita (ao fundo), que contribui para a identificação do lugar. Quanto aos homens a imagem permite indicar pela tez da pele, textura dos cabelos e traços físicos de cada personagem ser um africano e o outro indígena (este último apresentando ornamentos que possui no braço e na cabeça).

Verifica-se que tanto a representação do indígena, quanto do africano demonstram corpos robustos. Entretanto, segundo relatos dos códices abordados em pesquisa como de Marin (1999), a alimentação da época não era saudável, ocorrendo período de escassez de alimento, o que provoca uma reflexão acerca da força física e de como seria a estrutura corporal (se realmente fortes) desses trabalhadores escravizados que sofriam também quanto à questão alimentar. Embora em se tratando de imagem artística, a força física dos personagens pode estar representada em tom simbólico ou alegórico, mais que uma pretensão realista.

Apesar de a imagem representar duas pessoas de traços étnicos diferentes (africano e indígena) no suposto cotidiano do período colonial idealizado pelo artista que a produziu, a imagem possibilita uma reflexão: Onde estaria a representação das pessoas do período ditas “brancas” na imagem? A guarita, ao fundo, parte da arquitetura da fortificação não seria essa representação simbólica? Haja vista que essas construções militares tinham propósitos específicos criados por europeus.

Dentre as várias imagens analisadas sobre a fortificação, verifica-se um predomínio associativo da fortaleza a discursos supostamente “positivos”. Esta imagem, porém permite abordar a associação da fortaleza a um discurso “negativo”, ou seja, idealiza uma representação do passado onde negros e indígenas sofreram sendo mão de obra de uma construção militar. Contudo, ao mesmo tempo poderia ser abordada numa ótica “positiva” evidenciando discursos que expressam orgulho (comuns na cidade de Macapá) quando a relação desses operários com a fortaleza é posta como sendo eles os principais responsáveis por erguer esta arquitetura colocada como um dos símbolos de identidade amapaense.

Tourinho (2009) relata que:

Os discursos visuais também carregam a característica da não neutralidade. Sabemos que uma mesma imagem tanto pode aludir à vida quanto à morte, mostrando a constante mutação das coisas. São as relações humanas, sociais e culturais que “acomodam” sentidos e valores criados com e para imagens. Também, são essas relações que podem perturbar e transformar significações e valorações sobre as produções estéticas.

(TOURINHO, 2009, p.144)

Outra questão observada na imagem é que apesar de ser uma idealização de um suposto cotidiano da época da construção da fortaleza, a mesma possibilita refletir sobre situações sociais atuais que persistem e são discriminatórias tanto às pessoas negras quanto às pessoas indígenas, como: associar pessoas negras a trabalhos inferiores e a pobreza; e/ou a invisibilidade social indígena com permanências a discursos pejorativos que colocam os indígenas como “preguiçosos”, “maltrapilhos”, etc.



Imagem 19: Artista Olivar Cunha. Igarapé das mulheres. Nº 01 da série. 2007. Acrílica sobre tela – Uso de espátula e pincel. 50 X 20 cm.

Fonte: <http://olivarcunhaarte.blogspot.com.br/2010/10/igarape-das-mulheres.html> Acesso 12 junho 2012.

A imagem 19 é de autoria do artista plástico Olivar Cunha, que apresenta em sua produção artística, temáticas como desenhos indígenas, folclore afro-amapaense, resgate da cultura material e iconográfica da Amazônia³⁶.

A referida imagem foi coletada no *blog* do artista e é denominada Igarapé das mulheres. A Fortaleza de São José de Macapá vem sendo representada por um dos baluartes juntamente com a guarita, na parte superior da pintura; ao centro é evidenciado um grafismo denominado *maruana* ou *maluana* pertencente a povos indígenas do Amapá (Wayana e Aparai)³⁷; e na parte inferior da proposta verifica-se uma cena apresentando uma senhora carregando baldes, próximo a casas de madeiras que, pelo título da pintura, induz a concluir ser o antigo bairro da cidade de Macapá chamado Igarapé das Mulheres, um bairro que ficava próximo à Fortaleza de São José de Macapá³⁸. A imagem traz a fortaleza junto com uma cena associada a um cotidiano de labuta que ainda é visto em muitos bairros da cidade, como nas áreas denominadas de ressacas (áreas alagadiças onde moram famílias em casas palafitas).

Das imagens analisadas sobre a associação da fortaleza a questões indígenas, somente a imagem discutida anteriormente (cotidiano da construção da fortificação), traz uma representação de pessoa (personagem) indígena inserida na proposta. As demais (dentre as poucas) imagens analisadas, associam quase que predominantemente, a fortificação correlacionada às iconografias indígenas, em discursos de temática “ornamental e decorativa”. Diferenciando-se assim, das imagens da fortaleza associada às pessoas negras, em maior quantidade circulando na cidade, e que evidenciam não somente elementos simbólicos que se reportam a essa parcela da sociedade, mas também trazem representações das próprias pessoas (personagens) materializadas nessas imagens.

Deduz-se que essa invisibilidade indígena, isto é, da ausência de personagens e/ou de abordagens indígenas nas imagens associada à fortificação, decorra em parte, de um processo histórico sociocultural de “branqueamento”; sedimentações de preconceitos e estereótipos pejorativos, construídos ao longo do contexto brasileiro, cujos descendentes dessa população passam a ser considerados por muitos como a população dita “branca” brasileira, e essa memória desse passado indígena acaba sendo conveniente ser esquecido.

³⁶ - <http://raycunha.blogspot.com.br/2011/06/o-realismo-fantastico-de-olivar-cunha.html> Acesso em 12 junho 2012.

³⁷ - http://educativopavilhao.blogspot.com.br/2011/10/01_archive.html Acesso 14 junho 2012.

³⁸ - No antigo Igarapé das Mulheres, situado na orla da cidade de Macapá, e o que representa o atual bairro Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Nesse local, na década de 40, início do Território do Amapá, as mulheres lavavam as roupas da família e tomavam confortáveis banhos, ficando de guarda uma mulher com uma espingarda, chamada de Lazarina, para o caso da aproximação de alguém do “sexo feio” (nome que, no século passado, eram tratados os homens nos festejos do Marabaixo) para espia-las na hora do banho. Fonte: <http://edgar-amapa.blogspot.com.br/2011/12/igarape-das-mulheres-um-dos-bairros.html> Acesso 14 junho 2012.

Segundo o comentário do artista Olivar Cunha sobre a pintura em seu *blog*, esta faz parte de série Invisíveis Quintais que representa preservação da fauna, flora e costumes no Estado do Amapá. Dessa forma, surgem questionamentos de como seriam as interpretações para uma parcela da sociedade (como os estudantes de hoje) sobre essa imagem, que segundo o artista, representa os costumes do Estado? Quais associações esses estudantes fariam entre a imagem da fortaleza, e o grafismo indígena e a cena que representa um cotidiano? Como está sendo abordados no ensino os conhecimentos sobre a história e cultura indígena prevista na Lei nº 11.645/2008 que complementa a Lei 10639/2003³⁹. Tais reflexões permitem reportar a Nascimento (2009, p.42): “nada do que é posto culturalmente é natural; tudo é uma construção humana, uma invenção por relações entre saber e poder”.

1.4 - Visualidade Oficial

No levantamento de dados desta pesquisa, foram encontradas diversas imagens institucionais que trazem representações da Fortaleza de São José de Macapá. São, por exemplo, brasões de instituições privadas como faculdades, brasões ou logotipos de associações, emblemas de órgãos governamentais.

Foram selecionadas quatro imagens oficiais consideradas como referenciais para o Estado do Amapá e para a cidade de Macapá. E são veiculadas em documentos e publicações oficiais, material de propaganda, campanhas sociais, culturais e usadas como representações ou símbolos sociais para o meio local e global de um coletivo de uma cidade e um Estado. São eles a Bandeira do Estado do Amapá, a Bandeira da Cidade de Macapá, o Brasão de Armas do Estado do Amapá e o Brasão de Armas da Cidade de Macapá.

³⁹ - Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/L11645.htm> Acesso em 16 de junho de 2013.

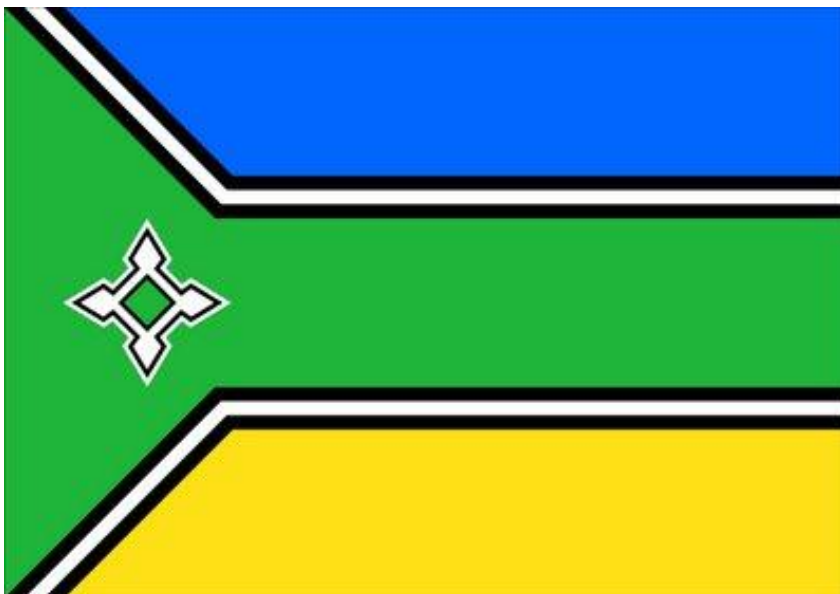


Imagem 20: Bandeira do Estado do Amapá.

Fonte: <http://www.ap.gov.br/amapa/site/paginas/sobre/simbolos.jsp> Acesso em 05 junho 2012

Segundo informações retiradas do *site*⁴⁰ do Governo do Estado do Amapá, a bandeira foi criada⁴¹ em 1984, para ser a representação social do povo amapaense, pelo Decreto Lei nº 4 por uma comissão indicada pelo governo da época (Annibal Barcellos) e segundo o *site*: “Representa uma simbologia que procura identificar, de maneira figurativa, o passado do povo amapaense representado pela figura geométrica da Fortaleza de S. José, motivo e origem da evolução da cidade capital do Estado”. (Imagem 20)

Ainda sobre a Bandeira do Estado do Amapá o referido *site* informa que:

O campo azul simboliza a justiça e o céu amapaense. O verde representa 90% da área do Estado, de floresta nativa, ainda preservada. Simboliza o verde também a esperança, o futuro, o amor, a liberdade e a abundância. O amarelo simboliza a união e as riquezas do subsolo. O branco a pureza e a paz, a vontade do Estado do Amapá em viver com segurança e em comunhão com todos os que nele vivem, significando ainda que a discórdia não pode ter guarida entre o Poder Público e a População. O negro simboliza o respeito permanente aos que tombaram no passado, em lutas ou não, e que em vida fizeram algo de bom para o engrandecimento desta região.⁴²

⁴⁰ - <http://www.ap.gov.br/amapa/site/paginas/sobre/simbolos.jsp> Acesso em 05 junho 2012

⁴¹ - Durante o levantamento de dados não foi encontrado o nome do/a autor/a.

⁴² - <http://www.ap.gov.br/amapa/site/paginas/sobre/simbolos.jsp> Acesso em 05 junho 2012.



Imagem 21: Bandeira da Cidade de Macapá.

Fonte: <http://www.macapa.ap.gov.br/portal/simbolos.php> Acesso em 05 junho 2012

Sobre a Bandeira da Cidade de Macapá, de acordo com o *site*⁴³ da Prefeitura Municipal de Macapá, a bandeira (Imagem 21) foi criada por José Henrique da Silva Costa, sendo escolhida como representação social da cidade em 1992, pelo Decreto nº 264/92-PMM no governo de João Alberto Rodrigues Capiberibe. Por este decreto também foi escolhido o Brasão do Município de Macapá.

Acerca da bandeira do Município de Macapá o *site* informa que:

Seu desenho consiste em um retângulo dividido em cinco faixas horizontais de diferentes larguras. A primeira, a terceira e a quinta são de mesma largura e mais largas que as demais e estão em vermelho, amarelo e verde, respectivamente. A segunda e a quarta, que são mais estreitas, estão em branco. **No centro da bandeira está a representação de uma guarita da Fortaleza de São José de Macapá, na cor prata.** O mesmo desenho também está presente do escudo do brasão municipal. Em relação às cores, o vermelho representa o sol equatorial emitindo raios, que são representados pelas faixas. O amarelo tem a representação da vocação mineira predominante em quase todo o Estado, além do misticismo das grandes religiões que existem na capital do Estado, convivendo harmonicamente. A cor **verde** representa as nossas florestas preservadas. **A cor branca lembra a presença afro, predominante na nossa população, e cujo matiz está sempre presente na indumentária das danças e festas de matriz africana. A união do amarelo e do branco é a viva presença do Espírito Santo e da Santíssima Trindade, que norteiam a dança do Marabaixo, autêntico evento nascido dentro dos limites de Macapá**⁴⁴.

(grifo meu)

⁴³ - <http://www.macapa.ap.gov.br/portal/simbolos.php> Acesso: 05 junho 2012.

⁴⁴ - Idem.



Imagem 22: Brasão de Armas do Estado do Amapá.
 Fonte: <http://www.ap.gov.br/amapa/site/paginas/sobre/simbolos.jsp> Acesso em 05 junho 2012.
 Nota: durante o levantamento de dados foram encontradas somente imagens em baixa resolução acerca dessa representação.

Quanto ao Brasão de Armas do Estado do Amapá⁴⁵ segundo o *site* oficial do governo: “As Armas Estaduais são compostas por um escudo laureado pelas cores azul e vermelho, que retratam o antigo uniforme da Guarda da Fortaleza” (Imagem 22).

Quanto ao significado dos elementos que compõem o Brasão de Armas do Estado do Amapá:

Ao topo a estrela branca e as arestas amarelas simbolizando o surgimento de mais um Estado da Nação. A cor branca simboliza a pureza, a serenidade e paz. O amarelo nossas riquezas. Logo abaixo, a faixa com os dizeres "Aqui começa o Brasil". **Na parte superior do Brasão, lados esquerdo e direito, são apresentadas as formas da Fortaleza de S. José de Macapá.** Seguindo as laterais, verificam-se as formas dos escudos nobres, até juntarem-se os lados, com retas e semi-círculos de raios opostos, sendo que um dos raios internos dos que estão situados do lado direito tem como ponto de partida a Capital do Estado [...] No interior tem-se o mapa geográfico do Estado do Amapá, mostrando a riqueza de solos, dada a sua expansão no espaço que ocupa da Federação. Sua cor amarela representa as riquezas minerais, no solo e no subsolo. Simboliza, ainda, a união, a fé e a constância nos atos [...] No centro do mapa tem o amapazeiro, árvore que deu origem ao nome Amapá [...] Sua cor verde-musgo representa a esperança, a fé no futuro, o amor, a liberdade, a amizade, a abundância e a cortesia [...] ao pé do amapazeiro apresenta o mesmo verde simbolizando, ainda, os nossos férteis campos agrícolas. Abaixo da linha do Equador, ou seja, ao corte nobre horizontal, enraiam-se vinte e cinco (25) arestas negras, fazendo lembrar a convergência para um ponto comum no mapa do Estado, cuja cor simboliza a honestidade vivida e pregada, a obediência à Lei e à autoridade,

⁴⁵ - Data de criação não especificada em nenhuma das fontes de pesquisas, inclusive no *site* referente à instituição.

a desilusão, a tristeza, a aflição e a morte. O Brasão é guardado ainda, pelas palmas protetoras do amapazeiro e seus frutos. Os dois segmentos de palmas são unidos por um laço branco, simbolizando a fita do Divino Espírito Santo (folclore amapaense)⁴⁶.

(grifo meu)



Imagem 23: Brasão de Armas da Cidade de Macapá.

Fonte: <http://www.macapa.ap.gov.br/portal/simbolo.php> Acesso em 05 junho 2012.

Nota: durante o levantamento de dados foram encontradas somente imagens em baixa resolução acerca dessa representação.

No que se refere ao Brasão de Armas da Cidade de Macapá⁴⁷ (Imagem 23), conforme informações do *site* da Prefeitura Municipal de Macapá, o referido símbolo social foi criado, pelo artista plástico Herivelto Maciel, e consiste em:

Escudo em cores verde, vermelho e branca, com contornos negros [...] Os dois guarás, ou flamingos, representados na parte superior do escudo, representam a fauna de Macapá. Esta espécie já serviu de inspiração para vários compositores locais, e os guarás podem ser observado com maior frequência na Área de Proteção Ambiental do rio Curiaú, um dos santuários ecológicos da capital do Amapá. As faixas vermelhas, também predominantes na bandeira do município, representam os raios do Sol Equatorial, todos concentrados no **maior monumento do Estado, que é a Fortaleza de São José de Macapá, representada por uma guarita em cor**

⁴⁶ - <http://www.ap.gov.br/amapa/site/paginas/sobre/simbolos.jsp> Acesso em 05 junho 2012.

⁴⁷ - Data de criação e decreto são os mesmos referentes à Bandeira da Cidade de Macapá.

branca. A cor verde é a representação da nossa mata, e os ramos laterais são de bacaba, fruto que deu origem ao próprio nome Macapá⁴⁸.

(grifo meu)

Fazendo uma busca rápida em qualquer provedor de pesquisa na *internet* sobre a origem das bandeiras e brasões, não é difícil encontrar textos que informam que são símbolos criados na antiguidade (principalmente Idade Média) com propósitos de distinguir aliados de guerra, indicar condições de nobreza e relações de poder. Com a trajetória histórica esses símbolos tornaram-se um referencial de reconhecimento identitário de pertença que muitas vezes excluem as diferenças em função a um coletivo. Trazem comumente imagens e outros elementos que indicam questões históricas, culturais, geográficas, ambientais e ideológicas.

Em se tratando das bandeiras e brasões do Estado do Amapá e da Cidade de Macapá, estes também indicam essas questões, trazem palavras de ordem, como “obediência a Lei e à autoridade”, “justiça”, “paz”, “amor”, “liberdade” etc.; alguns contêm também representações geográficas como a linha do equador, mapas; e questões ambientais referindo-se a vegetação extensa, riquezas minerais, clima e fauna. Sendo que, os referenciais culturais são identificados em todas as imagens por elementos arquitetônicos da Fortaleza de São José de Macapá, e em três imagens a manifestação marabaixo também está presente, através do discurso sobre a simbologia associada à cor branca que além de representar a “paz”, refere-se ao “divino espírito santo” e a “santíssima trindade”, lembrados em homenagens feitas no marabaixo.

Percebe-se que a Bandeira da Cidade de Macapá traz entre os discursos associados à imagem o seguinte trecho: “A cor branca lembra a **presença afro, predominante na nossa população**, e cujo matiz está sempre presente na indumentária das danças e festas de matriz africana” (grifo meu). Atenta-se que nenhuma outra parcela étnica de habitantes da cidade é citada, talvez por estar “incluída” na representação da fortaleza e demais elementos simbólicos. Contudo, tal discurso presente na imagem permite questionamentos: evidenciar na imagem/discurso somente as pessoas afro seria um reconhecimento e valorização dessas pessoas? Mas deixar de citar outras parcelas de sujeitos sociais da cidade que não correspondem a estes padrões étnicos não seria uma invisibilidade e exclusão social?

⁴⁸ - <http://www.macapa.ap.gov.br/portal/simbolos.php> Acesso: 05 junho 2012.

Aqui se repete novamente discursos predominantes nas visualidades artísticas, abordadas anteriormente; quando discursos sobre os dois referenciais identitários, Fortaleza de São José de Macapá e Marabaixo, são colocados como representativos da parcela da sociedade macapaense: os afrodescendentes, ao mesmo tempo em que se afirmam os dois referenciais como símbolos de identidade coletiva peculiares do Estado do Amapá como um todo. Porém, as imagens trazem com frequência representações associadas aos afrodescendentes, invisibilizando, de certa maneira, as demais pessoas de traços étnicos diferentes a este, como por exemplo, as pessoas de traços indígenas.

Em se tratando da Bandeira do Estado do Amapá, pode-se deduzir na imagem uma necessidade de legitimar a identidade amapaense quando a bandeira foi criada. Necessidade de mostrar-se como parte integrante do Brasil, pois o Amapá deixa de ser Território e torna-se Estado. Observa-se que a imagem apresenta as cores: verde, amarelo, azul e branco também presentes da Bandeira Brasileira e com predominância de significados simbólicos das cores que correspondem aos mesmos e/ou aproximados aos significados presentes na Bandeira do Brasil, excerto a cor preta, cujo discurso informa representar o respeito às pessoas que morreram no passado. Esta cor inclusive serve de contorno ao desenho estilizado da fortaleza que é o destaque na bandeira, o que se pode deduzir que a significação se refere também as pessoas que “tomaram no passado” construindo a fortificação⁴⁹.

Assim, são visíveis nas imagens (bandeiras e brasões) partes da arquitetura como a guarita, os baluartes e a panorâmica da fortaleza (vista aérea), associadas a textos escritos como sendo “maior monumento do Estado” ou a figura geométrica da fortificação representando o “passado do povo amapaense”. São imagens e discursos que estimulam indivíduos e grupos sociais a terem na fortaleza referência de glória, e de realização. Também observado em Canto (2011, p.22): “A Fortaleza de São José está presente em imagens institucionais públicas e particulares, por meio das diversas formas de divulgação e comunicação usadas atualmente dentro do Estado Amapá. Todos estes produtos estão associados a uma ideia de algo forte e poderoso”.

⁴⁹ - Muito embora, esclareça-se que no período em que a fortificação foi construída esta região ainda não era Amapá e sim vinculada ao Pará (Grão-Pará).

Martins (2007) relata que:

As imagens nos constroem como sujeitos num labirinto de teias de significados que se interconectam nas dimensões sociais e simbólicas da cultura. O conhecimento, assim como a cultura, é construído a partir de múltiplas vozes, sentidos e perspectivas que se refletem influências políticas, econômicas, religiosas e sociais.

(MARTINS, 2007, p. 33)

Ou seja, percebe-se que as visualidades oficiais, que trazem a fortaleza, têm como um dos aportes tornar a fortificação um dos referenciais máximo para a sociedade amapaense, criando sentidos de exaltação e orgulho para uma parcela considerável da população, porém a mesma recebe esses discursos muitas vezes sem um senso crítico como ressaltado em Canto (2011):

É indubitável o papel sociocultural que a imagem da Fortaleza de São José de Macapá exerce e se faz permanecer na memória coletiva do povo amapaense. Trata-se de uma espécie de culto memorial nem sempre decifrado pelos moradores da cidade, mas apropriado simbolicamente em inúmeras circunstâncias, sobretudo àquelas que ensejam interesses de classes como as dos comerciantes, religiosos, militares e do próprio poder político.

(CANTO, 2011, p. 96)

Assim, Machado (2001, p. 64-65) informa que a construção dos sentidos bem como a valorização histórica da fortificação, para os sujeitos sociais do Estado, ocorre principalmente a partir da década de 50 com seu tombamento. O Governo da época através da imprensa oficial começou a divulgar discursos de historiadores do período, na intenção de criar um “sentimento” de apropriação e conservação. Ao longo do tempo este foi sendo absorvido por uma parcela considerável de sujeitos sociais, de acordo com Canto (2011):

Os amapaenses, presos pelo orgulho da obra permanecida no tempo e na paisagem, também trazem seus discursos de valorização e sentimento de pertença, que se revelam por meio de inúmeras manifestações individuais e coletivas. Sem contar, aqui, aquelas coordenadas pelas entidades políticas que tentam, pelo seu lado, embelezar e preservar o monumento a qualquer custo, desde que esse investimento tenha o retorno político esperado.

(CANTO, 2011, p. 118)

Essas apropriações e disseminações de sentidos realizados pelos governos ao longo do tempo vêm sendo associadas a tomadas de decisões e interferências na fortificação, em muitos momentos sem a participação da sociedade como tratado em Canto (2011, p.74): “cada governante, a seu bel prazer, fez nesse espaço o que achou melhor por fazer, levado por um mosaico de interesses, [...] sem que a população em algum momento tivesse sido chamada para opinar, mesmo através dos seus representantes legítimos”.

Todos nós temos vínculos culturais porque vivemos e existimos dentro de grupos sociais. A forma como vivemos é influenciada por aspectos relativos à nossa própria identidade sociocultural, inserida em uma ou mais nações norteadas por questões globais. As condições que permitem aos indivíduos mudarem social e culturalmente são parcialmente determinadas pelo sistema de governo da nação ou nações onde se vive ou se é cidadão.

(STUHR, 2011, p. 136)

Dessa forma, verificam-se interesses sociais específicos dessas instituições públicas acerca de um sentimento de pertença da população amapaense, utilizando-se de imagens da fortaleza, muitas vezes de acordo com seus interesses políticos e partidários, e que em parte influencia a formação de relações identitárias individuais e, sobretudo, coletivas.

1.5 - Visualidade de Propaganda e Publicidade

Outras imagens sobre a fortificação que circulam pelo cotidiano da cidade e na mídia local, nacional, global (esta última, sobretudo pelo universo *on line* da *internet*), são as de propagandas e publicidades. Quando se abordam os termos propaganda e publicidade; segundo Barbosa, B.C (2011) há vertentes de estudo nas quais autores consideram o termo propaganda amplo que engloba o termo publicidade. Assim, esses tipos de imagem passam a ser denominados: propaganda comercial e não comercial. Outra vertente é de tornar os termos distintos como:

Alguns profissionais entendem que os termos propaganda e publicidade não apresentam o mesmo significado. Devido a sua origem, o termo propaganda passou a ser gentilmente usado para, como o próprio termo diz, propagar ideias de cunho religioso ou político, por exemplo, ideias que não estão ligadas a objetivos comerciais, seu objetivo principal é persuadir o interlocutor a partir da adesão de um sistema ideológico. Já a publicidade tem o foco direcionado para a venda de um produto concreto ou serviço, tendo como seu maior objetivo o lucro e rentabilidade. Neste caso não se vende uma ideia, se propagam mensagens comerciais. Em maior grau de intensidade, o trabalho com a linguagem e persuasão torna-se muito mais perceptível e sedutor na publicidade, já que seus gastos, segundo Malanga (1979), são pagos pelo próprio produto, enquanto na propaganda são pagos pelo Estado e é gratuita para o indivíduo.

(BARBOSA, B.C. 2011, p. 455-456)

Para este estudo, optou-se em denominar propagandas duas imagens que trazem representações sobre a fortaleza e que estão associadas à divulgação de ações ideológicas de governo. E publicidade para duas imagens que trazem a fortificação, mas que pertencem a setores comerciais.



Imagem 24: Propaganda para inauguração do Parque do Forte em 2006.
Fonte: Canto (2011, p. 90).

No ano de 2006, o governo da época lançou nos meios midiáticos uma campanha massiva com discursos que associavam a Fortaleza de São José de Macapá como uma das representações maiores ou a mais relevante de identificação para a sociedade amapaense. Nesse período inaugurava-se o complexo de entorno denominado Parque do Forte, parte de um projeto que envolvia três eixos: revitalização interna, revitalização externa e o museu, como uma proposta de utilização social da fortaleza e visitação turística.⁵⁰, ocorrida ao longo de dois governos.

A imagem divulgada durante a campanha apresenta a fortaleza em vista panorâmica (Imagem 24) inserida dentro do complexo paisagístico de entorno. Na parte direita superior, apresenta a logomarca da empresa publicitária Amazoom Sistema de Comunicação LTDA, contratada pelo Governo do Estado para o trabalho midiático de divulgação e na parte inferior direita traz a logomarca do Governo da época (Antônio Waldez Góes da Silva) e a frase: “Pense num lugar bonito! Parque do Forte, lembrança da inauguração- 10 de junho de 2006”. A campanha midiática, na qual a propaganda tratada aqui estava inserida, além de promover a

⁵⁰ - Cronologia de eventos sobre a Fortaleza de São José de Macapá, Apêndice- A.

inauguração do espaço de entorno da fortaleza, tinha intenções políticas de promover também o governo daquele período.

O Governo do Estado do Amapá promoveu uma grande campanha no rádio e na televisão, através da agência de propaganda Amazon System de Comunicação, com várias peças publicitárias intituladas “Jeito de Ser”, nas quais músicos, compositores, pintores, funcionários públicos, indígenas, operários, donas de casa e pequenos empresários representavam suas categorias, manifestando o grau de aceitação do governo e certezas sobre um grande futuro para o povo amapaense. O comercial iniciava com a música “Jeito Tucuju”, dos compositores Joãozinho Gomes e Val Milhomem, e o locutor dizendo: “pelo jeito 2008 vai ser bom pra muita gente”. E finalizava com o slogan “Confiar no futuro faz parte da nossa natureza”. Uma das peças de 60 segundos trazia a música inteira cantada por Val Milhomem, com uma rica sequência de imagens de caboclos ribeirinhos alegres, negros dançando o Marabaixo (dança folclórica local), paisagens naturais do interior do Estado, o rio Amazonas com suas embarcações peculiares e o Parque do Forte. Quem via a propaganda institucional absorvia naturalmente o sentimento de pertença que a bela melodia e a letra mostravam.

(CANTO, 2011, p.90)

Essa massificação de propagandas e *slogan* “caiu nas graças” da sociedade e a localização da fortificação passou a ser conhecida como “lugar bonito”, atualmente observado em falas de adolescentes como “LB”. A imagem panorâmica da arquitetura da fortaleza e de seu entorno divulgada na época, hoje ainda é uma das mais divulgadas e utilizadas por sujeitos sociais, sobretudo em *blogs*, e redes sociais da *internet* conforme constada em levantamento de circulação de imagens.



Imagem 25: Propaganda de incentivo ao turismo. Aniversário de 254 anos da cidade de Macapá.

Fonte: http://neypantaleao.blogspot.com.br/2012_01_01_archive.html Acesso 16 junho 2012

No ano de 2012, a cidade de Macapá, no dia 04 de fevereiro, completou 254 anos. Durante a aproximação do período e mesmo na própria semana de aniversário foram exibidas, nos noticiários televisivos locais, reportagens sobre a história e memória da cidade. Dentre essas reportagens abordaram-se questões sobre o patrimônio cultural e a ênfase era dada, principalmente à Fortaleza de São José de Macapá. Neste período o governo municipal (Roberto Góes) lançou a campanha: “Macapá 254 anos FelizCidade”, com propagandas contendo diversas imagens da cidade, dos pontos turísticos, com destaque à fortificação.

A imagem 25, analisada nesta pesquisa é uma propaganda da Prefeitura da Cidade de Macapá que fechou acordo com a empresa aérea Gol para incentivar o turismo, promovendo desconto em passagens com destino à cidade de Macapá para duas comemorações do mês de fevereiro: o aniversário da cidade e o carnaval amapaense⁵¹.

⁵¹ - http://neypantaleao.blogspot.com.br/2012_01_01_archive.html Acesso 16 jun 2012

Ressalta-se que apesar da Prefeitura Municipal de Macapá ter feito parceria com uma empresa aérea comercial, optou-se por considerar esta imagem como propaganda, pois segundo informação contida no *site*⁵² da Prefeitura, o texto torna claro que foi uma iniciativa feita pela Prefeitura (Instituição Pública): “Com a parceria, o prefeito Roberto Góes espera potencializar o turismo local”.

A imagem traz a representação da fortaleza na parte inferior em panorâmica, com o complexo paisagístico Parque do Forte, ao lado direito são imagens de vários locais atrativos da cidade seguida abaixo da logomarca da empresa aérea Gol e a logomarca do governo municipal. Na parte superior o *slogan*: “Macapá 254 anos FelizCidade” que também tem inserido no número cinco (cuja metade se completa a um formato de coração) a logomarca do governo municipal (uma variação da Bandeira da cidade). E no centro um texto escrito de autoria de Fernando Canto⁵³. (Imagem 25)

Nesta propaganda, percebe-se a associação da fortificação e demais pontos turísticos da cidade ao sentimento de orgulho e “felicidade” dos macapaenses pela cidade de Macapá. Além de promover o governo municipal como um governo que traz “felicidade” à sociedade. Fazendo uma relação de aproximação entre as duas propagandas debatidas aqui, verifica-se que as duas geram discursos que camuflam as condições em que a cidade e seus habitantes vêm sendo tratados desde o período de sua inauguração, como falta de saneamento, uma infraestrutura de baixa qualidade para atender seus habitantes e os turistas, transporte público

⁵² - <http://www.macapa.ap.gov.br/portal/noticiasview.php?operacao=2103154653> Acesso 18 junho 2012.

⁵³ - “Dentro de poucos minutos você estará pousando em Macapá, a única capital da Amazônia banhada pelo rio Amazonas. Nela você poderá contemplá-lo com suas marés, passear na orla e sentir no rosto o vento que vem de longe trazendo a poesia e a verve dos ancestrais que formaram o povo macapaense. Apesar de ser fundada apenas em 1758, Macapá, cujo nome significa lugar das bacabas, há muito tempo era objeto da cobiça estrangeira, tanto que o seu primeiro nome foi o de Adelantado de Nueva Andaluzia, dado pelo rei da Espanha, em 1544, a Francisco Orellana, o descobridor do rio das Amazonas. Depois foi colonizada por açorianos e povoada em seguida pelos descendentes de índios tucuju e de escravos africanos que para cá vieram para construir a Fortaleza de São José de Macapá. Ela é a maior fortificação militar do período colonial do Brasil e está localizada na frente da cidade, na margem da grande baía de Macapá. Hoje, com cerca de 400 mil habitantes, a capital amapaense é o orgulho de uma gente feliz e hospitaleira e rica na sua diversidade ambiental e cultural. Abençoada pelas águas, ela também se banha diariamente da energia da luz do equador, pois está esperando você no meio do mundo, sob a linha imaginária que divide o planeta. Celebre esta data conosco e com a GOL. Conheça Macapá. 04 de fevereiro de 2012. 254º anos de fundação de Macapá”. Fonte: http://neypantaleao.blogspot.com.br/2012_01_01_archive.html Acesso 16 junho 2012. Percebe-se neste texto, elaborado por Canto para o folheto de propaganda do então governo municipal, uma contrariedade de discursos. Ou seja, vê-se que o autor em sua pesquisa: Vertentes Discursivas da Fortaleza de São José de Macapá: Das Cartas dos Construtores às Transformações e Apropriações Simbólicas Contemporâneas, procura desconstruir alguns discursos predominantes na Cidade de Macapá e no Estado do Amapá sobre exaltação à fortificação. Entretanto, no folheto de propaganda, o mesmo autor constrói novamente discursos criticados por ele em sua dissertação. Esse fato propicia verificar o quanto somos diariamente interpelados por discursos historicamente construídos e persistentes.

precário, descasos dos governos e descontinuidade de trabalhos na cidade por questões políticas e partidárias.

Ao mesmo tempo em que essas duas imagens valorizam o sentimento de orgulho aos cidadãos amapaenses e camuflam as mazelas sociais que se encontram a cidade, elas permitem refletir sobre as questões socioculturais da cidade de Macapá e do mundo, ou seja, refletir sobre: quais fatores e ações que tornam uma cidade com qualidade de vida? Qual o papel individual de cada pessoa para contribuir a essa qualidade? Quais as responsabilidades e compromissos dos governos nas três esferas (federal estadual e municipal)? Quais as carências de uma cidade e o que precisa ser mudado para um desenvolvimento econômico sociocultural? Dentre outros.

Abordadas como artefatos educativos, as imagens podem articular informações, significados e valores que influenciam e até mesmo orientam/direcionam as pessoas a se posicionar em relação às ideias, a formar opinião sobre problemas e situações e, principalmente, a construir algum tipo de interação e compreensão sobre o mundo em que vivem.

(MARTINS; TOURINHO, 2012, p.11)



Imagem 26: Publicidade da lanchonete de um Hotel da Cidade.
Fonte: Arquivo fotográfico pesquisadora. Coletada em 2011.

Dentre as publicidades coletadas em pesquisa de campo, foi feito registro fotográfico de um *frontlights*⁵⁴ de uma Lanchonete de um hotel da cidade (este que também possui como logomarca o portal de entrada principal da fortificação). O referido hotel localiza-se na orla da cidade próximo a Fortaleza de São José de Macapá.

A imagem apresenta uma montagem fotográfica de lanches como sanduíches, batata frita e refrigerantes (marca coca-cola) na parte inferior esquerda. Na parte inferior direita apresenta os textos: “As delícias do Forte Lanche sempre com você, onde estiver”; “Sempre dispostos a lhe servir bem”. Na parte superior direita, a imagem apresenta o logotipo da lanchonete que traz a representação da guarita da fortaleza em sua logomarca. E ao lado da logomarca da lanchonete, apresenta o texto: “forte entrega”, seguido abaixo de telefone e endereço de contato da lanchonete. Juntamente encontra-se localizada novamente a representação da guarita da fortificação, mas numa proposta de desenho de ilustração, uma espécie de mascote (objeto inanimado que ganha características físicas humanas como mãos e rostos), detalhes típicos dessa categoria de desenho. (Imagem 26)

A representação da fortaleza é tratada de maneira “positiva”, onde o desenho de ilustração da guarita aparenta expressão facial de alegria associada à rapidez de entrega do lanche a domicílio e à qualidade do sabor da comida. Numa proposta publicitária de conquistar o consumidor/público para a compra dos produtos, cuja imagem propõe simpatia e aproximação ao universo infantil, mas que também cativa a muitos adultos.

A ideia da fortaleza associada a um “lanche forte” com teor de “positividade”, permitir gerar também reflexões como: o alimento (sanduíches, batata frita e refrigerantes) ao qual a fortificação está associada realmente é um lanche forte e saudável? A representação da guarita (elemento arquitetônico da fortaleza) ilustrada de maneira infantil acontece de maneira ingênua ou porque imagens como essas são um atrativo para crianças? Sabe-se que na sociedade atual crianças e adolescentes estão propícios a serem influenciados como mais facilidades à indústria do consumo e entretenimento, ocasionalmente geram opiniões e influenciam os adultos (pais e responsáveis) quanto à cultura do consumo. Assim sendo a referida imagem abordada pode ajudar a refletir sobre questões do consumismo e as influências geradas na sociedade, principalmente em crianças e jovens.

⁵⁴ - *Frontlights* designa um tipo de mídia exterior. Consiste em um painel suspenso por um poste resistente, em geral a grandes alturas, onde uma lona impressa é aplicada.
Fonte: http://www.rededifusora.com.br/frontlight/index_frontlight.htm Acesso 16 junho 2012.



Imagem 27: Anúncio publicitário de uma representação comercial farmácia.
Fonte: arquivo fotográfico da pesquisadora. Coletado no ano de 2011.

Em uma vitrine de uma farmácia da cidade⁵⁵, encontrou-se uma imagem (montagem fotográfica) que trazia a representação da fortaleza como cenário de fundo e à frente duas pessoas, supostamente um casal (imagem esta retirada da *internet*). A publicidade apresenta também um texto: “A melhor idade é aquela em que não contamos o tempo, e sim quando vivemos o tempo, proporcionar qualidade de vida é a nossa missão”, seguido de outro texto de divulgação dos tipos de medicamentos que a farmácia oferece. (Imagem: 27)

Nesta imagem a fortaleza foi associada à resistência e ao tempo juntamente com um casal, que se for analisado num indicativo de diversidade, de estudos feministas e também questões étnicas; traz um casal de idosos brancos, heterossexual, numa expressão de felicidade e bem estar. O homem abraça a mulher num sentido de proteção. Ou seja, nessa imagem, a fortaleza de São José de Macapá foi associada a um padrão dominante, ocidentalizante e heteronormativo de representação familiar, onde o homem é o “chefe” do lar. Apesar do discurso de referencial cultural persistente, a imagem possibilita refletir sobre: Quais visualidades são veiculadas a respeito de casais, de idosos e de família em nossa

⁵⁵ - Omitiu-se o nome por questões de autorização de marca.

sociedade? Quais são os padrões determinantes e quais os excludentes? E por quais motivos ocorrem tais diferenças?

1.6 -Visualidade do cotidiano

Adotou-se como visualidades do cotidiano a serem discutidas neste subtítulo as imagens coletas na cidade e pela *internet*. Muito embora, esclareça-se que todas as visualidades dos subtítulos anteriores também estão inseridas no cotidiano, por transitarem no meio sociocultural da cidade e mesmo globalmente. Assim sendo, observa-se em Canto (2011) sobre a fortaleza que:

O monumento tem ainda a sua imagem transportada para dentro de instituições e espaços públicos, nas bandeiras e brasões do Estado e do Município, nos logotipos de diversos governos, em cartazes de seminários, encontros, conferências e congressos nacionais, regionais e estaduais, em camisas de torcedores de clubes de futebol (“Torcida forte, é Vasco forte!”), de blocos carnavalescos e escolas de samba, em muros residenciais (“Se Deus é por mim, quem será contra mim? Ninguém!”), em carros de sorvete, em totens comemorativos, em telas, mosaicos, fotografias impressas em residências particulares e instituições públicas, em anúncios de turismo, letreiros de hotéis, agências, capas de livros, calendários e relatórios de políticos, em escudos militares, calçadas, em anúncios (*out doors*), de lojas de veículos, farmácias, supermercados, em cartões de crédito, em fundos de cenários de jornais e programas televisivos, em *slogans* de instituições políticas ou comerciais, em cartazes de festas religiosas, em logomarcas de canais de TV e rádio, em *sites*, *blogs* e outras mídias da rede social da Internet, em capas de CD e de DVD, produzidos em Macapá. Todos são expressões que comunicam visualmente a paisagem da Fortaleza enquanto parte de um inventário fabuloso de imagens que testemunham os mecanismos que levaram às transformações nela ocorrida.

(CANTO, 2011, p. 96-97)

A partir das inferências expostas em Canto (2011) verifica-se que as imagens sobre a fortaleza também trazem textos escritos que colaboram neste sistema de significações. Estas observações foram evidenciadas também em minhas coletas de representações visuais pela cidade sobre a fortaleza. São frases como: “Chapa Fortaleza: fê, ação e ética”; “Parabéns E.E. Antônio João - fortalecendo a educação amapaense”; “Forte veículos”; “Supermercados Fortaleza”. “Farmácias Fortaleza – o nosso forte é você”; “Forte construções – o ponto certo de sua obra”; “Hotel do Forte- você merece um lugar assim”; “Forte Lanche - forte entrega, as delícias do Forte Lanche sempre com você. Onde estiver”.

Entre os numerosos textos contemporâneos publicados em jornais, livros, postais, folders e diversos prospectos turísticos e culturais sobre a Fortaleza de São José de Macapá, selecionei diversas frases que trazem aspectos de um discurso amplo. Esses discursos ora se revelam amoroso-poéticos ora nacionalistas-ufanistas e vão se espalhando, repetitiva e imperceptivelmente no imaginário social e dos indivíduos, por meio de códigos ideológicos neles contidos. Estão sempre presentes nas escolas, que são responsáveis pela disseminação patriótica, desde a época da transformação

do Amapá em Território Federal, mas com evidência vigorosa durante os anos do governo militar (1964-1985).

(CANTO, 2011, p. 114)

Para completar esta abordagem sobre a Fortaleza de São José de Macapá e as diversas visualidades veiculadas, discutidas neste capítulo, foram escolhidas quatro imagens: arte popular (artesanato), arte urbana (grafite), cartão virtual, e arte corporal (tatuagem).



Imagem 28: Prato decorativo (artesanato feito por artista local).
Fonte: arquivo fotográfico da pesquisadora. Coletado no ano de 2011.

A imagem trata de um objeto decorativo produzido por artista local (Imagem 28) em cujo momento de registro fotográfico não havia identificação do artista. É uma espécie de artefato (artesanato) produzido, sobretudo, como *souvenir*. Em geral, os artefatos artísticos disponibilizados para a comercialização turística, vendidos na Casa do Artesão, (local que fica nas proximidades da fortaleza), trazem imagens da fortificação em sua maioria associada à paisagem da região. A cena percebida na imagem em questão exibe um dos baluartes da fortaleza, que pela localização na paisagem é o baluarte de Nossa Senhora da Conceição. Ao fundo observa-se o trapiche Eliezer Levy, local também turístico, que no passado (em estrutura anterior e com mais metragem), serviu de porto para embarcações de grande porte.

A imagem apresenta ainda a estátua de São José de Macapá, também chamada de pedra do guindaste (usada em representações folclóricas de lendas na cidade). A fortificação é associada ao rio, e percebe-se na cena um navio cargueiro, muito frequente no tráfego marítimo do Rio Amazonas na frente da cidade. Atualmente muitos deles vêm sendo acusados de pirataria quanto a traficar água do referido rio para outros países.



Imagem 29: Grafite criado em uma lanchonete ambulante.
Fonte: arquivo fotográfico da pesquisadora. Coletado no ano de 2011.

Outras imagens presentes na cidade compreendem os grafites (arte urbana) encontrados em muros e em alguns pontos de comércio ambulante como as lanchonetes que são encontradas, principalmente, em logradouros públicos como as praças. A imagem aqui apresentada não traz o nome do artista. Novamente percebe-se uma abordagem sobre a relação da fortaleza com o rio, numa proposta de grafite paisagem. Sendo que a imagem se inter-relaciona a um texto escrito de uma passagem bíblica: “Tudo posso naquele que me fortalece”. Ou seja, mais uma vez a imagem da fortificação é colocada numa proposta de sentido “positivo” de significados. (Imagem 29).

As duas imagens relatadas (Imagem 28 e 29) inter-relacionam a representação da fortaleza a uma associação da natureza (ambiente amazônico) do lugar. Esta associação de exaltação a natureza e fortaleza, também são percebidas simbolicamente e mimeticamente nas visualidades oficiais (bandeiras e brasões), discutidas anteriormente, assim como em pinturas em telas feitas por artistas da cidade. Dessa forma, questiona-se: As “pistas” visuais deixadas

nas imagens sobre estas construções bucólicas, natureza e fortaleza, seria por ser o rio Amazonas também um referencial cultural para cidade de Macapá? Já que se faz presente em muitas imagens da fortaleza veiculada na cidade.



Imagem 30: cartão virtual coletado em rede social.

Fonte: arquivo de imagens da pesquisadora. Coletado no ano de 2012.

Verifica-se que a representação da fortaleza também é constantemente veiculada em redes sociais da *internet*, como *facebook*. Uma das imagens coletadas nesse ambiente virtual traz representação da fortaleza numa proposta de cartão virtual de ano novo (Imagem 30). A imagem traz a fortaleza como destaque sendo uma das guaritas de um dos baluartes representando o número 1 da frase: “Que 2012”, e abaixo da imagem da fortificação há outro texto escrito: “seja tão majestoso e forte quanto a Fortaleza de Macapá!” e no canto superior direito o nome da autora do cartão⁵⁶. Foi uma imagem produzida por uma pessoa que a compartilhou para um coletivo em um ambiente virtual, sendo esta imagem também compartilhada por outras pessoas.

⁵⁶ -Ocultado por não ter sua autorização em divulgar seu nome.



Imagem 31: Artista Edricy França. Tatuagem feita pelo artista contendo um elemento arquitetônico da Fortaleza de São José de Macapá.

Fonte: <http://www.fotolog.com.br/edricyfranca/62557935/>
Acesso 20 março 2011.

Outra imagem (Imagem 31) coletada em pesquisa que é interessante de relatar foi encontrada em um *site* de um artista e tatuador amapaense (Edricy França) onde se observa um dos elementos arquitetônicos da fortaleza, a guarita (muitas vezes confundida, por alguns sujeitos sociais, como sendo o baluarte) segurada por uma mão. Essa representação possibilita sugerir também uma referência à lata de spray utilizada na arte de grafite devido ao formato cilíndrico da guarita e posição como a mão a está segurando.

Outra questão que chama a atenção é a utilização do próprio corpo de um determinado sujeito social como suporte de representação da fortificação, por ter provavelmente uma significação relevante de representação identitária para essa pessoa que a escolheu para a sua tatuagem. Dessa forma, de acordo com Pires (2005, p. 169): “O corpo passa assim a contar a história do indivíduo, não apenas pelo processo biológico natural de envelhecimento, pelas rugas e marcas involuntariamente adquiridas, mas também pelos fatos que ele, de forma deliberada quis que ficassem registrados”.

Percebe-se nas duas imagens (imagem 30,31) que a fortaleza foi apropriada por dois sujeitos, que se utilizaram da sua representação para definir parte de seus referenciais

identitários particulares/individuais, sendo que um deles/as tatuou um dos elementos da fortaleza em seu próprio corpo e ainda associou o formato da guarita a uma lata de *spray* o que infere ser também outro elemento de identidade desta pessoa, talvez um artista que tem em seu cotidiano a produção de grafite.

Desse modo, surgem os questionamentos: Quais significações ou sentidos individuais sobre a fortaleza ocorrem a partir de dados coletivos presentes num cotidiano que a definem como um referencial de identidade cultural coletiva? Estas significações individuais seriam as mesmas para cada sujeito social? Esse valor cultural que a fortaleza detém sobre uma parcela representativa da sociedade amapaense decorre por ser uma das poucas edificações do passado que ainda resiste numa cidade que eliminou quase todos os seus registros de edificações do período de surgimento da cidade? Ou pelas influências das imagens criadas pelas instituições sociais?

Assim, a Fortaleza de São José de Macapá, com sua secularidade, não é passado e sim presente, e se faz presente na cidade tanto em sua materialidade física de artefato localizado em frente à cidade; quanto em ideias materializadas em imagens veiculadas em vários formatos em mídias para a cidade e para o mundo. E estas reflexões sobre as visualidades da fortaleza podem ser problematizadas através de uma educação pela cultura visual⁵⁷.

Dessa maneira, perceber as imagens dentro de uma perspectiva da cultura visual segundo Nascimento (2011, p.213), não é utilizar-se de várias imagens, e sim problematizar as interpretações desencadeadas pela interação com as imagens. Ou seja, a partir do contato com as imagens desencadeamos ideias, discursos, interpretações e modos como vamos construindo culturalmente nossos olhares e direcionando nossas escolhas, analisando que efeitos essas imagens provocam em nossas identidades e afetam nossas subjetividades.

Não cabe mais discutir o fenômeno das imagens sem levar em consideração a complexidade, comunicação, manifestação. Não cabe discuti-lo, principalmente, sem levar em conta a influência e o impacto que as imagens exercem sobre a identidade, a subjetividade, ou seja, sobre a vida das pessoas. Embora as imagens possam ser consideradas ou tratadas como artefatos que veiculam e articulam uma nova maneira de fazer cultura, elas não agem sozinhas porque são produzidas por profissionais, para ou por empresas, em escala industrial, ou simplesmente por leigos, amadores, diletantes e curiosos. Adicionalmente, elas agem e são usadas para múltiplos fins.

(MARTINS; TOURINHO, 2012, p.11)

⁵⁷ - Foi a partir dos Estudos Culturais que surgiu o interesse pelos diferentes materiais visuais. Pode-se dizer que os Estudos da Cultura Visual, com também é denominada a Cultura Visual, é um “parente” bem próximo dos E.C., com os mesmos “pais”, porém, com diferentes delimitações em relação aos seus objetos de estudo. (CUNHA, 2005, p.1). Leia-se E.C como Estudos Culturais.

Ou seja, entenda-se que os estudos e análises acerca do “impacto que as imagens exercem sobre a vida das pessoas” recai num jogo complexo de recepção e produção de imagens, pois o produtor de imagem não vive num mundo isolado, e sim num mundo sociocultural onde as imagens circulam constantemente e faz dele também um receptor de imagens que produz outras imagens para serem consumidas e absorvidas por outras pessoas.

2. CAPÍTULO

PATRIMÔNIO CULTURAL: MEMÓRIA, IDENTIDADE E VISUALIDADE



Imagem 32: Identidade visual (logomarca) do Museu Fortaleza de São José de Macapá.

Fonte: Museu Fortaleza de São José de Macapá.

2. PATRIMÔNIO CULTURAL: MEMÓRIA, IDENTIDADE E VISUALIDADE

2.1- Concepções e reformulações conceituais sobre patrimônio cultural, memória e identidade

São evidentes os efeitos e predomínio de ações do ocidente sobre o oriente, no que se refere às relações socioculturais ocorridas na trajetória da humanidade. Essa ocidentalização do mundo presente hoje nas imagens, nos artefatos visuais, que influenciam nossa maneira de pensar, de agir, de vermos o outro e sermos visto, são interpretações historicamente construídas ao longo das ocupações e usurpações de espaços entre as sociedades e dominação de povos.

No que tange o conceito de patrimônio, essa ocidentalização também se faz presente, como expõe Pelegrini (2009, p.19): “O entendimento que temos do conceito de patrimônio deriva de formulações gradualmente engendradas acerca da cultura no mundo ocidental”. Nesse sentido, ao se reportar à terminologia “patrimônio” e aos enfoques que essa palavra possa representar, seja objeto físico, significação simbólica, afetiva, documental entre outras, autores como Choay (2006, p.11); Funari e Pelegrini (2009, p.11) também abordam ao referido termo como sendo criação ocidental, de origem latina surgido em Roma e que legitimava discursos de poder, classe social e gênero. Funari e Pelegrini (2009, p.11), por exemplo, inferem que mulheres, filhos e pessoas escravizadas; ou seja, os próprios sujeitos eram considerados como patrimônio privado⁵⁸ num sentido de objeto material.

O conceito de patrimônio, surgido no âmbito privado do direito de propriedade, estava intimamente ligado aos pontos de vista e interesses aristocráticos. Entre os romanos, a maioria da população não era proprietária, não possuía escravos; logo, não era possuidora de *patrimonium*. O patrimônio era um valor aristocrático e privado, referente à transmissão de bens no seio da elite patriarcal romana. Não havia o conceito de patrimônio público. Ao contrário, o Estado era apropriado pelos pais de família. Nesse contexto, pode-se compreender que os magistrados romanos colecionassem esculturas gregas em suas casas. O patrimônio era patriarcal, individual e privativo da aristocracia.

(FUNARI; PELEGRINI, 2009, p.11)

⁵⁸ - Contudo, segundo Pelegrini (2009, p.19), Abreu (2009, p.35) e Sant’Anna (2009, p. 51), foi na Europa do século XVIII, na França, depois do período da Revolução Francesa, que o conceito de patrimônio foi sendo ampliado a uma concepção de bem comum a um coletivo social e se reafirmando a políticas públicas de proteção. Esclareça-se aqui que neste período, segundo Abreu (2009, p. 35) os bens patrimoniais nacionais eram, sobretudo, obras de arte, castelos e prédios.

Ao longo das épocas e contextos históricos ampliam-se as denominações e significações desta palavra, dentre elas: monumento histórico, patrimônio histórico, patrimônio ambiental urbano, patrimônio material, patrimônio imaterial, patrimônio da humanidade, patrimônio cultural, dentre outros. Assim sendo, o quadro representativo abaixo apresenta uma breve significação de alguns dos termos citados anteriormente e que estão presentes em referências especializadas.

Monumento histórico	Patrimônio histórico	Patrimônio ambiental urbano	Patrimônio cultural
Chamar-se-á monumento <u>tudo o que for edificado</u> por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas <u>rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças</u>. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. (CHOAY, 2006, p. 17-18)	A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de <u>objetos</u> que se congregam por seu <u>passado</u> comum: <u>obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas</u>, trabalhos e produtos de todos os saberes e <i>savoir-faire</i> dos seres humanos. (CHOAY, 2006, p. 11)	Pensar na cidade como um “patrimônio ambiental” é pensar, antes de mais nada, no sentido histórico e cultural que tem a <u>paisagem urbana</u> em seu <u>conjunto</u>, valorizando não apenas monumentos “excepcionais”, mas o próprio processo vital que informa a cidade. Neste campo, o tipo de objeto a ser protegido muda, passando do monumento isolado a <u>grupos de edificações históricas, à paisagem urbana e aos espaços públicos</u>. Assim, quando se pensa na edificação, no monumento isolado, testemunho de um momento singular do passado, mas torna-se necessário, antes de mais nada, perceber as relações que os bens naturais e culturais apresentam entre si, e como o meio ambiente urbano é fruto dessas relações. (CASTRIOTA, 2007, p.17)	Patrimônio Cultural seja dividido em três grandes categorias de elementos. <u>Primeiramente</u>, arrola os elementos pertencentes à natureza, ao <u>meio ambiente</u>. São os recursos naturais, que tornam o sítio habitável.[...] O <u>segundo</u> grupo de elementos refere-se ao conhecimento, às técnicas, ao saber e ao <u>saber fazer</u>. São os elementos não tangíveis do Patrimônio Cultural. Compreende toda a capacidade de sobrevivência do homem no seu ambiente [...] O <u>terceiro</u> grupo de elementos é o mais importante de todos porque reúne os chamados <u>bens culturais</u> que englobam toda sorte de coisas, <u>objetos, artefatos e construções obtidas a partir do meio ambiente e do saber fazer</u>. (LEMO, 2006, p. 9-10-11)

Tabela 1 - Breve significação dos termos: Monumento histórico, patrimônio histórico, patrimônio ambiental urbano, patrimônio cultural (*Grifo meu*).

Fonte: Choay (2006); Lemos (2006); Castriota (2007).

Dessa forma, percebe-se que na concepção de alguns estudiosos, os termos monumento histórico e patrimônio histórico se aproximam quanto à questão do objeto. Pois segundo Freire (1997, p. 142): “Certos edifícios arquitetônicos podem ser considerados monumentos. [...] articulados à celebração, à preservação de memórias, mesmo que recentes. [...] recortam o espaço, estruturam limites na paisagem, funcionam como marcos, como pontos referenciais”. No entanto é necessário informar que nem todo monumento histórico é uma edificação. Pode ser uma escultura, por exemplo, localizada em um espaço público que define um marco ou tem uma representatividade para um determinado grupo.

Em relação ao termo patrimônio ambiental urbano, abrange a quantidade de elementos que representam a significação de um coletivo e sua representatividade se prolonga segundo Choay (2006, p. 13): “aos aglomerados de edificações e a malha urbana: aglomerados de casas e bairros, aldeias, cidades inteiras e mesmo conjunto de cidades”. E por fim na terminologia “patrimônio cultural” verifica-se que vai além dos objetos físicos ou materiais, englobam também o meio ambiente (não somente o urbano) e outras manifestações imateriais como os saberes desenvolvidos pelos sujeitos sociais.

Ainda sobre os monumentos inseridos em cidade, Freire (1997) infere:

Afinal, o que são os monumentos numa cidade? Longe de se referirem a traçados urbanos abstratos, carregam-na de sentido simbólico; testemunham sistemas mentais da época em que foram criados e solicitam, não raro, uma relação não apenas perceptiva, mas também efabuladora (*sic*), que mistura os tempos presente e passado, as histórias individuais às coletivas.

(FREIRE, 1997, p. 55)

Ou seja, Freire (1997, p.127-128) reporta-se aos monumentos como “lugares de memória”, e que, segundo a autora, quando estes monumentos são públicos “entramos nos domínios da *memória oficial*”. Desse modo surgem os questionamentos: o que seria memória? Memória oficial é o mesmo que memória social? E ainda, qual relação há entre memória e identidade?

Segundo Ferreira, A.B.H. (2008, p.547), memória: “1.Faculdade de rever as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos. 2. Lembranças, reminiscência”.

Para Pelegrini (2009):

Memória: disposição de reter, armazenar informações, sentimentos e imagens no cérebro humano. Elemento constituinte da identidade individual e coletiva. Relacionada às culturas e aos modos de entender o mundo, essencial para a continuidade das práticas culturais e para a reconstrução de si.

(PELEGRINI, 2009.p.32)

No que se refere à conceituação de memória oficial, Moraes (2005, p.98) define como um elemento de representação do poder à medida que: “atua no sentido de viabilizar a

manutenção das estruturas sociais, que seleciona, ordena e classifica fatos segundo critérios próprios, e se constrói considerando ou não silêncios, sombras, esquecimentos, repressões e estratégias de exclusão”.

Esse tipo de memória, segundo o mesmo autor, diferencia-se de memória social. Pois para Moraes (2005):

Há várias memórias sociais subterrâneas que, empenhadas em viabilizar as mudanças reclamadas pela sociedade, transmitem, conservam e produzem lembranças e comportamentos proibidos, desqualificados ou ignorados pelos discursos e pelas representações predominantes.

(MORAES, 2005, p. 98)

Sobre o processo de construção da memória, muitos sujeitos, num senso comum, correlacionam de imediato à referida palavra ao passado. Porém, em se tratando do processo construtivo, Freire (1997, p.127) afirma que: “não é do passado que parte a memória, mas sim do presente, respondendo às suas solicitações e atenta às condições de sua efetivação”. Outra autora que afirma esse posicionamento da memória como uma construção do presente é Gondar (2005, p. 17): “O conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. Seja qual for a escolha teórica em que nos situemos, estaremos comprometidos ética e politicamente.”

Dessa forma, segundo Dias (2011)⁵⁹:

Quando a gente está diante de uma igreja barroca, você não está diante do passado, você está diante do presente. Diante de uma obra de 1000 anos um quadro não é passado aquilo é presente, aquilo é cotidiano. Quando estou diante dessas peças todas a gente não está diante de um objeto que ele está morto, ele está vivo dentro desse espaço presente, passado e futuro. Estabelece um link com todos esses tempos.

(DIAS, 2011)

Nesse sentido, após reflexões conceituais sobre memória, observa-se que esta se interliga a formação identitária dos sujeitos sociais, conforme relatado em Ferreira (2005, p.107): “A memória é, com frequência, apontada como elemento essencial da identidade, do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. E ainda Moraes (2005) afirma que:

As memórias coexistem na cultura, às vezes de maneira conflituosa, em outras de maneira pacífica e mais ou menos integrada, mas também como sinalização ou explicitação de expectativas tanto em termos relacionais, conceituais, quanto empíricos, isto é, justapondo, integrando ou lutando em uma “rede” de distintas e contraditórias expressões, na prática e nas representações dos indivíduos e grupos. Nesse sentido, pode-se dizer que a memória constitui, do ponto de vista político, uma vigorosa e necessária estratégia. **Trata-se do domínio da produção discursiva, simbólica e relacional para a afirmação ou a retomada de**

⁵⁹ - DIAS, Belidson. Cultura Visual e escola. Direção: Barbara Pereira. Produção: TV Brasil – TV Escola, 2011. Video 1: Ver e Ser Visto na Contemporaneidade. Programa Salto para o futuro (50min).

identidades e culturas que se sentem ameaçadas pela existência de outras e, mais recentemente, pelas condições planetárias que introduzem elementos que não habitavam o cenário de disputa.

(MORAES, 2005, p. 98. *Grifo meu*)

Mas afinal, o que é identidade? Questionamento que momentaneamente demonstra ser simplificado. Mas que dificilmente possui uma significação fechada e definitiva, por ser, sobretudo um termo complexo. Segundo Pelegrini (2009):

Identidade: processo contínuo e complexo de construção do “sujeito” individual em relação ao outro, de constituição de identidades grupais definidas por meio de critérios como a aceitabilidade e credibilidade que se firmam por meio de negociações diretas com os outros e seus respectivos universos culturais, tornando-os reciprocamente unificados diante determinados interesses.

(PELEGRINI, 2009.p.32)

Outro teórico que busca conceituar o termo é Hall (2006):

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos reodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

(HALL, 2006, p. 12-13)

Ou seja, o processo de formação identitária de um sujeito não ocorre unicamente de maneira individualizada, mas sim, principalmente com a relação social e a alteridade com o outro, e que se configura ainda, na relação temporal, ou seja, é mutável ao longo do tempo, continuamente redefinida historicamente. Assim: “em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento”. (HALL, 2006, p. 39).

Dessa forma, reporta-se a Ferreira (2005, p.107) ao relatar a memória como “elemento de identidade” e a Freire (1997, p.55) ao se referir aos monumentos como “lugar de memória”. Ao considerarmos estes monumentos como artefatos culturais e também visuais, os mesmos, como observam Tourinho e Martins (2011, p. 53) “não apenas influenciam, mas impacta de certa maneira, o nosso modo de pensar”.

Assim sendo, ao atentar-se a um artefato (aqui uma obra arquitetônica) construído no passado, mas que é presente (por ocorrerem ações que em seu redor interagem e modificam este lugar); é recorrer “ao passado para elaborar uma história de como passamos a pensar de um determinado modo e não de outro, abrindo possibilidade para se pensar diferente no presente” (NASCIMENTO, 2011, p.218).

2.2 - Usos da Fortaleza de São José de Macapá e sua construção de valor patrimonial

Em se tratando ao uso da Fortaleza de São José de Macapá como valor patrimonial, em termos de legislação, é a partir da década de 50 do século XX que se homologa o tombamento⁶⁰ da fortificação pelo SPHAN⁶¹(Superintendência do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual IPHAN). Deve-se ressaltar que esse tombamento, segundo Machado (2001), já vinha sendo observado em processo e estudo desde a década anterior. Período em que recebeu restauro (o qual não ocorreu seguindo uma precisão técnica de especialistas) por representantes da Guarda Territorial⁶²

Exatamente em 1950, os técnicos do SPHAN, terminam seus estudos e pareceres culminando com o Tombamento da Fortaleza em 22 de março de 1950 através do Processo nº 423-T-50, inscrito no Livro de Tombo Histórico nº 269, da folha 46. A partir daí, a Fortaleza de São José de Macapá, passou a integrar o conjunto de patrimônio histórico, artístico e cultural brasileiro em terras amapaenses. Foi o início de um novo significado e da sua monumentalização.

(MACHADO, 2001, p. 64)

Quanto ao valor patrimonial referente à interação social com a fortificação, após o tombamento passou a ser visível essa relação em eventos religiosos (missas, procissões), competições esportivas, festas cívicas, folclóricas, etc., ocorridos na fortaleza. Mas com o Golpe Militar de 1964, houve o afastamento da sociedade e o governo da época manteve somente o comando da Guarda nas instalações da fortificação.⁶³

Com a Ditadura de 64, os militares se apossaram de todo o Patrimônio Nacional, e, a Fortaleza, também por ser um monumento de origem militar, foi tomada da sociedade amapaense. Todas as instituições públicas foram retiradas de seu recinto, ficando apenas, a Guarda territorial. Dessa forma, os inquéritos e depoimentos eram prestados no recinto da Fortaleza, assim como, os presos, antes da construção da Colônia Penal do Beírol, eram encarcerados em suas celas.

(MACHADO, 2001, p. 69)

⁶⁰ - Tombamento: ação que implica a preservação e a revitalização, ou seja, a adoção de medidas que se complementam e juntas valorizam os bens que se encontram deteriorados. Deve ficar claro que o tombamento não tem por objetivo “congelar”, “cristalizar” a cidade ou inibir o seu desenvolvimento, mas sim proteger os bens e preservar suas características originais viabilizando toda e qualquer obra que venha contribuir para a melhoria da cidade. (PELEGRI, 2009.p.34). Muito embora, esclareça aqui que a preservação de um patrimônio edificado não é uma prática que precise necessariamente ter a legalização do tombamento.

⁶¹ - O instituto foi criado em 13/1/1937, pela Lei nº 378/1937 e opera no sentido da proteção dos bens culturais considerados representativos de diversos segmentos da cultura brasileira. Inicialmente, as suas ações fundamentaram-se em legislações específicas sobre cada um dos temas pertinentes ao seu universo de atuação. (PELEGRI, 2009.p.27).

⁶² - Cronologia de eventos da Fortaleza de São José de Macapá. Apêndice- A.

⁶³ - Cronologia de eventos da Fortaleza de São José de Macapá. Apêndice- A.

Apesar da relação social ocorrida após o tombamento (um misto de memória social e memória oficial, construída na época), Machado (2001, p.75) ressalta que: “É possível perceber nos anos 80, durante o bicentenário da Fortaleza, que o conhecimento sobre o tombamento ocorrido nos anos 50, ainda era desconhecido pela a maioria da população amapaense. Ainda fazia sentido a imprensa informar sobre o fato”.

A partir deste relato, tornam-se necessários os seguintes questionamentos: Com as visualidades frequentes da fortaleza no cotidiano da cidade de Macapá, a sociedade atual continua possuindo esse conhecimento quanto à fortificação como um patrimônio nacional? Até que ponto esse conhecimento interfere nas interpretações coletivas ou individuais sobre a fortificação?

No decorrer dos anos 90 do século XX, são realizados outros processos de revitalização e restauro acerca da questão patrimonial da fortaleza, como a restauração, iniciada em 1997, observada em Oliveira (1999):

A restauração da F.S.J.M. teve início em julho de 1997. O projeto da DPJ Arquitetos Associados (1989) foi adaptado após análise de especialistas do IPHAN e do Governo do Estado do Amapá. Foram revistos alguns tratamentos dos elementos arquitetônicos e realizado um novo projeto de ocupação para as dependências da Fortaleza. As instituição (*sic*) e empresas envolvidas na restauração foram: Superintendência Regional – 2ª SR/IPHAN, Fundação Cultural do Amapá - FUNDECAP, Secretaria de Infra-Estrutura-SEINF, DPJ Arquitetos Associados e Construtora Vale Queiroz

(OLIVEIRA, 1999, p. 82)

Assim, nos primeiros anos deste século (XXI), após campanha publicitária institucional massiva de divulgação da área paisagística de entorno projetada por Rosa Grena Kliass (conforme abordado no primeiro capítulo) e divulgação de um concurso nacional (realizado pela revista “Caras”) em que a Fortaleza de São José de Macapá foi eleita a primeira das “Sete Maravilhas do Brasil”⁶⁴, a fortificação passou à categoria de Museu através do decreto Lei nº 1073 de 02 de abril de 2007. No entanto, é necessário ressaltar que segundo Machado (2001, p.65), na década de 50 do século passado, havia sido instalado no interior da fortaleza dentre os órgãos públicos da época, o Museu Territorial e o Museu do Índio; mas ainda com a concepção museológica do período (museu como sinônimo de armazenamento de objetos do passado).

⁶⁴ - Votação realizada para todo Brasil em ambiente *on line* do site da revista.

Embora a referida fortificação seja tombada como patrimônio nacional, o Museu Fortaleza de São José de Macapá é uma instituição de gestão estadual, pois o Governo do Estado possui um documento de concessão de uso. Sendo esta instituição vinculada à Secretaria de Cultura do Estado- SECULT.

Vale ressaltar também que o projeto atual do Museu Fortaleza de São José de Macapá (MFSJM) não começou a ser planejado a partir da legislação de 2007 e sim com a restauração da década de 90. E, segundo Oliveira (1999), foi proposto um museu com características históricas, contemplando as concepções do que muitos teóricos denominam de “nova museologia”, que torna o Museu como propulsor de conhecimento. Seus edifícios interiores, usados com funções militares no período de sua construção, receberiam, segundo o projeto museológico, uma sistematização e adequações necessárias a uma estrutura de instituição museal.

Neste sentido, a F.S.J.M. deverá ser exposta. Suas características arquitetônicas originais e sua inter-relação com os vários grupos sociais da época serão (*sic*) ser ressaltadas, bem como os detalhes descobertos nas escavações e prospecções arqueológicas. Esses conteúdos informativos serão apresentados em placas, em três grafias - tupi-waiãpi, português e inglês -, posicionadas na entrada ou próximas de cada elemento arquitetônico da F.S.J.M.. Finalizando, uma grande placa posicionada na entrada da Fortaleza deverá conter o “texto de apresentação” ou “texto introdutório” da exposição da F.S.J.M. – Museu Aberto.

(OLIVEIRA, 1999, p. 111)

Ainda Segundo Oliveira (1999, p.111) uma das metas principais da fortaleza como instituição museológica prevista no projeto de implantação seria: “catalisar, desenvolver e comunicar a herança cultural dos diversos segmentos sociais do Estado do Amapá”. E que de acordo com o mesmo autor: “A implantação de atividades educativas, científicas, culturais e de lazer, nas dependências da Fortaleza de São José de Macapá, são elementos eficientes para preservá-la e valorizá-la”. (OLIVEIRA, 1999, p. 111).

Quanto à realidade atual do MFSJM em relação a determinados pontos estabelecidos no projeto de estruturação e sistematização museológica da fortificação, percebe-se que não vem sendo cumpridas algumas ações previstas. Como, por exemplo, a contratação efetiva de profissionais especializados em áreas correlatas ao funcionamento qualitativo de um museu. E ainda, observa-se que muito dos materiais permanentes que foram instalados no período de restauro da década de 90 do século XX, encontram-se desgastados e desatualizados.

Quanto ao quadro de pessoal, a maioria dos funcionários do museu ainda é feito mediante contrato administrativo temporário com indicações políticas partidárias. Muito embora, perceba-se a presença de profissionais especializados comprometidos com o desenvolvimento das atividades museais da instituição, a realidade atual não é tão facilitadora no tocante à questão de investimento. Porém, trata-se de um número de profissionais, muito reduzido e que também não possuem vínculo efetivo relativo ao Museu.

Essa falta de quadro efetivo especializado gera inclusive oscilação no atendimento qualitativo de uma mediação cultural. Como informado em relatório de visita turística da fortificação, ano 2010:

O setor também passou por dificuldades que muita das vezes ocasionou o **descontentamento de turistas**. Na verdade em relação a esse problema o turista vinha **reclamando pelo pouco conhecimento e insegurança de certos monitores em passarem as informações adequadas aos mesmos**. Vendo que esses problemas estavam atrapalhando o setor, a coordenação resolveu fazer uma capacitação de seus monitores para que pudesse adquirir mais conhecimento e práticas de atendimento ao público.

(CAMPOS; SANTOS, 2010, p. 2-3. *Grifo meu*)

Conforme entrevista feita com Lara⁶⁵ (funcionária do museu), a equipe de mediadores culturais muda constantemente. Fato que segundo minha análise, não contribui para uma qualidade efetiva de atendimento. Apesar da iniciativa da equipe de educação patrimonial da instituição em promover qualificação, questiona-se: uma capacitação, promovida pelo setor educativo aos mediadores que recebem o público que visita a instituição, supre completamente a não formação especializada da maioria desses mediadores que mudam constantemente?

Esse quadro de pessoal instável feito por contrato administrativo temporário chega a afetar inclusive no fechamento do museu para atendimento ao público - como ocorrido entre o período de outubro de 2010 a julho de 2011, em que o MFSJM foi fechado por falta de mediadores para atender ao público devido ao cancelamento dos contratos, por conta de mudanças de governo. Ou seja, retira-se quadro de pessoal temporário de governo passado para ser inserido outro quadro de pessoal temporário do governo seguinte. Ocorrendo assim a descontinuidade de trabalhos iniciados e permanecendo uma realidade de poucos especialistas

⁶⁵ - Entrevista feita no dia 07 de agosto de 2012. Sendo “Lara” o pseudônimo escolhido pela própria entrevistada. Roteiro entrevista apêndice – F.

para gerar um projeto de trabalho sistemático e qualitativo, ao contrário do que consta no projeto museológico do MFSJM.

O modelo de instituição museológica projetado para a F.S.J.M. possibilitará a captação de recursos na iniciativa privada e o intercâmbio com outros órgãos de pesquisas científicas. Também fomentará a implantação dos “Núcleos de Culturas”, formando o Complexo Museológico do Estado do Amapá. Para tanto, a transparência, seriedade e profissionalização da gestão administrativa atual da F.S.J.M., **bem como a criação de equipes técnico-científicas multidisciplinares qualificadas nas diversas áreas, serão fundamentais para a efetivação desse projeto.** Assim, o planejamento institucional deverá ser fomentado por demandas sociais e pesquisas técnico-científicas, dados balizadores de uma política cultural ética e democrática. Tal política cultural deverá fomentar o convívio social crítico e solidário, pautado no reconhecimento da pluralidade cultural.

(OLIVEIRA, 1999, p. 150. *Grifo meu*)

No entanto, apesar de entraves de investimentos para a manutenção da proposta museológica e de alguns pontos “deficitários”, ainda assim a fortificação é um dos monumentos da cidade mais visitado⁶⁶, com um público de procedência local, nacional e internacional.

Dentre as questões que envolvem a revitalização qualitativa de um patrimônio histórico, encontra-se a de permitir a interação dos sujeitos sociais para com esse patrimônio, de maneira a possibilitar o surgimento de um sentido coletivo e/ou individual, uma identificação para com o bem cultural. Para atingir tal finalidade, um viés possível é por meio de ações educativas, como a de educação patrimonial. Para Funari e Funari (2007):

A Educação Patrimonial constitui um campo de ação, por definição, inter e transdisciplinar. Insere-se nas preocupações pedagógicas e não pode ser dissociada das discussões sobre o sentido mesmo do ensino. **O patrimônio, por sua parte, envolve a História, mas também a Arqueologia, as Artes, como a Arquitetura, a Geografia, a Linguagem e mesmo a Matemática.**

(FUNARI; FUNARI, 2007, p. 11. *Grifo meu*)

Durante o período de projeto de musealização da Fortaleza de São José de Macapá, além de se pensar o projeto de estruturação física e reutilização dos espaços das edificações internas da fortificação para o uso do Museu, foi elaborado um projeto educativo de mediação cultural que segundo Marinho (2011):

Essa instituição, no ano de 2002, foi contemplada pelo Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, segundo *site* do Governo Federal, com o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, através da Fundação Estadual de Cultura do Amapá: “Pelo desenvolvimento do Projeto de Educação

⁶⁶ -Ano e público que visitou a fortaleza: 2003- 13.126 pessoas; 2004- 16.706 pessoas; 2005- 18.544 pessoas; 2006 -32.141 pessoas; 2007- 31.958 pessoas; 2008- 30.887 pessoas; 2009- 30.124 pessoas (LEITE; SILVA, 2009, p.10); 2010- 31.665 pessoas (CAMPOS; SANTOS, 2010, p. 13).

Patrimonial da Fortaleza de São José de Macapá, desde 1997, que proporciona aos estudantes, professores e comunidade em geral, informações e atividades relacionadas à história do monumento, visando sua preservação”.

(MARINHO, 2011, p. 9)

O referido projeto denomina-se “Aprender com a Fortaleza”. Por conseguinte, pensar-se em um projeto educativo em um museu é estar em constante atualização e reformulação do mesmo e pondo-o em prática. Porém, durante uma das visitas (para levantamento de dados) à instituição, tive acesso ao projeto que foi reformulado em 2011 (segundo Lara). Dentro desse projeto que denomino de “projeto maior” há outros micro projetos vinculados para levar ao público esse valor patrimonial. No entanto, o que se observou é que poucos conseguiram sair do papel e serem efetivados, principalmente por conta do investimento, disponibilizado pela Secretaria de Cultura do Estado à qual o Museu é vinculado, que ainda não supre a execução do projeto completo.

Uma das ações pontuadas pela entrevistada Lara é que a visita feita por qualquer público à fortificação deve ter sempre o acompanhamento do mediador cultural. Esse fato se justifica, segundo Lara:

Porque nós entendemos que se você vem pra conhecer um patrimônio, porque você quer pertencer àquele patrimônio. Você precisa saber (2.0)⁶⁷ Você precisa saber da história dele, você precisa entender a importância do patrimônio. Como que eu vou pensar em preservar e conservar algo se eu nem sei nem porque eu tenho que preservar!

(LARA, Entrevista feita no dia 07 de agosto de 2012)

No ano de 2010, durante uma visita feita por esta pesquisadora com uma turma de discentes da Universidade Federal do Amapá⁶⁸, uma das equipes de discentes pontuou esse tipo de mediação como um dos pontos “deficitários”. Questão problematizada em Marinho (2011)⁶⁹ com as seguintes reflexões: A experiência estética cognitiva para os sujeitos ao visitarem um museu individualmente é a mesma experiência estética cognitiva feita em um coletivo acompanhada do mediador? Visitar um Museu sem o acompanhamento do mediador não permite alcançar um conhecimento? Segundo Machado, A.A (2005, p. 106):

⁶⁷ - Segundo MYERS (2010, p. 288) a utilização da numeração entre parêntese (2.0), significa “pausa medida”.

⁶⁸ - Na época ocupando a função de Professora Substituta do Colegiado de Licenciatura Plena em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá- UNIFAP. Disciplina Ensino de Artes em Museus e Espaços Culturais, 2º semestre de 2010, aos discentes da turma que cursava o 4º (quarto) semestre do Curso da referida Instituição.

⁶⁹ - MARINHO, Carla. **Além dos Grandes Centros Urbanos:** Inquietações e reflexões sobre mediação cultural nos Museus Fortaleza de São José de Macapá e Museu Sacaca. In: XXI Congresso Nacional da Federação de Arte Educadores do Brasil- CONFAEB, 2011, São Luís. Anais 2 disponível em: <http://www.faeb.com.br/livro/Narrativas/alem%20dos%20grandes%20centros%20urbanos.pdf> Acesso: 03 de março de 2012.

Visitas em grupo com o uso de monitoria geram um olhar coletivo, socializado, verbalizado. Entretanto, nem sempre se quer falar durante um encontro sensível com a obra de arte ou com sua imagem. O silêncio e o tempo das visitas coletivas são diferentes dos das visitas individuais; geram outro conhecimento e talvez outra percepção da imagem vista, pois são acrescidos de múltiplos olhares e opiniões.

(MACHADO, A.A, 2005, p. 106)

Entende-se aqui, que um dos motivos de a visitação do público ser sempre acompanhada pelo mediador, decorre das depredações e pichações que vem sofrendo a fortaleza, além de agregar o valor patrimonial como exposto na fala de Lara. No entanto, outras reflexões surgem: o fato da visitação ser sempre mediada pode gerar um afastamento do público que já visitou o local? Ou seja, uma pessoa, que visitou o museu, acompanhada da mediação, em que se expuseram as questões históricas e patrimoniais, sempre que retornar ao museu desejará visitar o patrimônio com a mediação acompanhada? O formato da mediação propiciará novas e significativas experiências ou repetições enfadonhas?

Reportando ao público escolar que visita o patrimônio, um dos questionamentos feitos à entrevistada ocorreu em torno de quais metodologias são utilizadas para levar o valor patrimonial da fortaleza a esses coletivos. Lara informou que:

Nós temos duas metodologias hoje pra atender os alunos que vem pra cá. Primeiro é o da educação infantil até o 1º segmento do fundamental. Aí nós temos uma metodologia. Essa metodologia, ela vai ter (2.0) nós temos a visita monitorada, nós temos o cinema, que é o Cine Mairi, nós temos um teatro de bonecos. Esse teatro de bonecos, ele vai falar da preservação e conservação do patrimônio, só que de uma forma lúdica. Nós temos também um bingo. Esse bingo nós trabalhamos hoje com elementos da fortaleza pra jogar o bingo. Então a criança vai jogando mais com os elementos da fortaleza. Então nós temos essa metodologia. E para os alunos do ensino médio, nós já temos as palestras com os nossos historiadores. Então eles têm a visita monitorada, eles têm a palestra.

(LARA, Entrevista feita no dia 07 de agosto de 2012)

Observa-se na fala da entrevistada que o lado lúdico de visitação à fortificação encontra-se, sobretudo, voltado para a clientela infantil. E para a clientela de adolescentes concentra-se nas palestras históricas, que segundo a entrevistada, ocorrem em durações entre 1 hora e meia a 2 horas. Retornando à experiência da visitação feita no ano de 2010 com os discentes do Curso de Licenciatura de Artes Visuais, a metodologia de palestra seguida de visitação gerou na opinião de algumas equipes pontos “positivos” e em outras, pontos “deficitários”. Como ponto “deficitário” segue a opinião de umas das equipes de discentes:

“**Mediação Cultural voltada para o contexto histórico**, limitação do horário de visita, falta de acessibilidade para pessoas portadores de deficiência”.⁷⁰(*grifo meu*).

Acredito que a menção da mediação de caráter histórico, pontuada por algumas das equipes como um dos pontos “deficitários”, não possui a intenção de colocar essa abordagem como não relevante, haja vista que a fortaleza é um edifício construído há séculos. Mas sim mostrar que a mediação também poderia interagir com outros campos de conhecimento como observa Funari e Funari (2007, p.11), em citação anterior.

Durante esse período que a pesquisa vem sendo construída, foi se coletando dados e verificou-se que as pichações e grafismos que a fortificação vem sofrendo decorrem, principalmente, de estudantes adolescentes. E observou-se na fala da entrevistada Lara que justamente para esse público a mediação gira em torno de palestras de durações longas. Reflexões se fazem necessárias: por que suprimir a esse público o caráter lúdico da mediação? Será que o/a estudante adolescente que já vivencia no ensino formal essa realidade de palestras (ou aulas expositivas) sente-se satisfeito/a ao visitar uma instituição e receber novamente esse tipo de metodologia? Sabe-se de várias experiências de mediação que se utilizam de ludicidade para receber público adolescente e, até mesmo adulto em diversas instituições museais do país, como observada em Barbosa e Coutinho (2009); Pelegrini (2009); Soares (2007) e Soares (2003).

Mesmo com as reflexões e críticas acima pontuadas sobre a construção do valor patrimonial, efetivada pelo museu ao público visitante, faz-se necessário ressaltar os esforços e boa vontade de alguns profissionais daquela instituição em atender as escolas e os visitantes, na medida, é claro, do que é possível na realidade atual do museu.

Quanto ao valor patrimonial da fortaleza acerca de legislações, sabe-se que é tombado como patrimônio nacional, como já relatado. No entanto, a respeito das políticas públicas e legislações relativas a patrimônio no Estado⁷¹, foram encontradas somente três leis que tratam

⁷⁰ - MARINHO, Carla. **Além dos Grandes Centros Urbanos**: Inquietações e reflexões sobre mediação cultural nos Museus Fortaleza de São José de Macapá e Museu Sacaca. In: XXI Congresso Nacional da Federação de Arte Educadores do Brasil- CONFAEB, 2011, São Luís. Anais 2 disponível em: <http://www.faeb.com.br/livro/Narrativas/alem%20dos%20grandes%20centros%20urbanos.pdf> Acesso: 03 de março de 2012.

⁷¹ - Levantamento feito em pesquisa de campo no período de agosto de 2011, nos órgãos legislativos.

sobre patrimônio cultural⁷². Apesar de se encontrar uma pesquisa de opinião sobre o patrimônio material da cidade⁷³, nenhuma das três Leis, já aprovada, diz respeito à preservação desse patrimônio material (que contempla a preservação das edificações antigas da cidade).

De modo geral, pode-se dizer que embora a Fortaleza de São José de Macapá tenha resistido ao tempo e à ação humana durante séculos, existe na cidade de Macapá um hábito de não preservação, também comum em outras cidades brasileiras, sobretudo de edificações que guardam em sua materialidade a manifestação de memória social e pertencimento de muitos sujeitos. A prática existente é de se construir o novo destruindo-se o antigo. Desta forma, o papel da educação patrimonial em tal contexto é de extrema relevância.

2.3 - As imagens e materiais didáticos produzidos pelo Museu Fortaleza de São José de Macapá para o processo de educação patrimonial e preservação da fortificação.

A Fortaleza de São José de Macapá, como já relatado no primeiro capítulo, recebeu em sua área interna e externa, ao longo dos séculos, diversas intervenções que contribuíram tanto “positiva” quanto “negativamente” para sua preservação. Com o projeto de paisagismo do Parque do Forte a frequência de pessoas aumentou, sobretudo, na área externa. Essa circulação de pessoas também ocorre devido à concentração de pontos comerciais, culturais e vendedores ambulantes que se localizam nas proximidades da fortaleza, como abordado em Canto (2011):

⁷² - Lei nº 1.402, de 10 de novembro de 2009, Estado do Amapá, Assembléia Legislativa referente ao projeto de Lei nº GEA. Publicada no Diário Oficial do Estado nº 4618, de 10/11/2009. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem Patrimônio Cultural do Estado do Amapá, cria o Programa Estadual do Patrimônio Imaterial.

Lei nº 1091, de 29 de maio de 2007, referente ao Projeto de Lei nº 0033/07-AL. Publicada no Diário Oficial do Estado nº 4015, de 29.05.2007. Autor Deputado Jorge Amanajás. Declara de Utilidade Pública no âmbito do Estado do Amapá a RPPM-REVECOM, Reserva Particular do Patrimônio Natural.

Lei nº 1.263 de 02 de outubro de 2008, referente ao Projeto de Lei nº 0077/08 – AL. Publicada no Diário Oficial do Estado nº 4348, de 02.10.08. Autor Deputado Roberto Góes. Considera bem histórico do Estado do Amapá, para fins de tombamento de natureza imaterial, a manifestação folclórica do Marabaixo que ocorre no Estado do Amapá.

⁷³ - site do vereador Clécio Luis (atualmente Prefeito da Cidade de Macapá eleito em novembro 2012) especificava uma pesquisa popular vinculada a um projeto para a criação do Estatuto do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural de Macapá. <http://www.clecioluis.com.br> <http://www.clecioluis.com.br/enquete/bmbi.php> Acesso: fevereiro 2012.

Convém, ainda, dizer que tanto a área sul como a área norte são marcadas pela proliferação de bares e restaurantes que se estabeleceram nesses locais, além, é claro, da zona comercial que se alinha em sua volta desde os tempos de sua construção, e em função da doca, antigo porto de canoas à vela (permanências memoriais).

(CANTO, 2011, p. 89)

No entanto, essa aproximação social ao mesmo tempo em que trouxe o público para perto do patrimônio, também acarretou o aumento de atos de vandalismo e o aparecimento de imagens e “grafismos” transgressores (Imagens 33,34), tanto no parque quanto no próprio monumento. Dentre os grafismos transgressores, percebem-se as pichações feitas, principalmente, por estudantes⁷⁴. Ressalta-se aqui, que os vandalismos e pichações ocorrem, mas não se percebe por parte da gestão municipal e estadual uma manutenção da área de entorno.

Com o advento de mais um lugar para o lazer de crianças e adultos na área de entorno da Fortaleza, também começaram a aparecer os vândalos e pichadores, que deixaram suas marcas praticamente indelévels, não apenas nos brinquedos do playground, como nas muralhas do próprio forte. Desde a sua inauguração para frente, e com o relaxamento da segurança institucional, começou a acontecer toda a sorte de crimes, que os veículos de comunicação locais sempre noticiam com comentários de preocupação.

(CANTO, 2011, p. 91)

⁷⁴ - Fato constatado por entrevista com o historiador professor Hermano Benedito Pinto de Araújo, em 26 de junho de 2011, funcionário do museu FSJM. E também em alguns “inscritos” que são identificáveis na própria muralha onde é possível verificar as escolas e as turmas a que pertencem os estudantes. Como por exemplo: “Lyandra Rayane, C.A (Colégio Amapaense), turma 132, 2º turno”.



Imagem 33: Intervenção de grafismo na muralha externa da fortificação.

Fonte: arquivo fotográfico da pesquisadora. 2010.



Imagem 34: Pichação na estrutura de um dos edifícios interno da fortaleza (Casamata Leste do MFSJM). Fotografia Kelly Aparecida M. Chaves 2010.

Fonte: arquivo disponibilizado pela Instituição Fortaleza de São José de Macapá.

Outro fato observado, que afeta a conservação e preservação do patrimônio são os grandes eventos promovidos ao lado da fortificação, como o que ocorreu no período de junho de 2012, na chamada quadra junina, onde o Governo do Estado criou uma estrutura para o concurso e apresentações de quadrilhas juninas (Imagem 35). A exposição deste fato não é contrária ao evento cultural junino. No entanto, a cidade possui outros locais apropriados onde poderia ser instalada essa estrutura. O fato de realização desses grandes eventos também é relatado em Canto (2011).

Ao lado dessas situações, a área externa da Fortaleza também é um lugar de concentração de população em diversos eventos promovidos pelo poder público e por particulares, que adensam uma agenda permitida pela direção dos órgãos culturais que administram o monumento. Shows musicais, peças teatrais, micaretas e manifestações religiosas são realizados no seu interior ou no seu entorno continuamente, sem que haja nenhum questionamento sobre as condições dos alicerces do forte de mais de 200 anos. Para que funcionem, um verdadeiro exército de ambulantes se mobiliza, numa vinculação direta com a economia informal.

(CANTO, 2011, p. 89)



Imagem 35: Estrutura criada para a quadra junina: “Arraiá da Beira Rio- no forró e na esquina do Rio Amazonas”. Governo do Estado do Amapá.

Fonte: arquivo fotográfico da pesquisadora. Junho, 2012.

Por tudo exposto, partiu-se em pesquisa de levantamento de dados para verificar quais imagens são produzidas pelo museu como propostas para o processo de educação patrimonial e preservação da fortificação e quais visualidades sobre a fortaleza, essas imagens trazem aos sujeitos sociais.

Assim como no primeiro capítulo, a seleção de imagens foi baseada em critérios sugestionados por Hernández apud Arslan e Iavelgerg (2006, p.27), como por exemplo, os critérios: estar aberta a múltiplas interpretações, referir-se à vida das pessoas (neste caso a sociedade macapaense e amapaense), não ser hermética.

Contudo antes de problematizar as imagens produzidas pelo Museu Fortaleza de São José de Macapá- MFSJM em relação à educação patrimonial chama-se atenção para duas imagens encontradas durante esse levantamento.

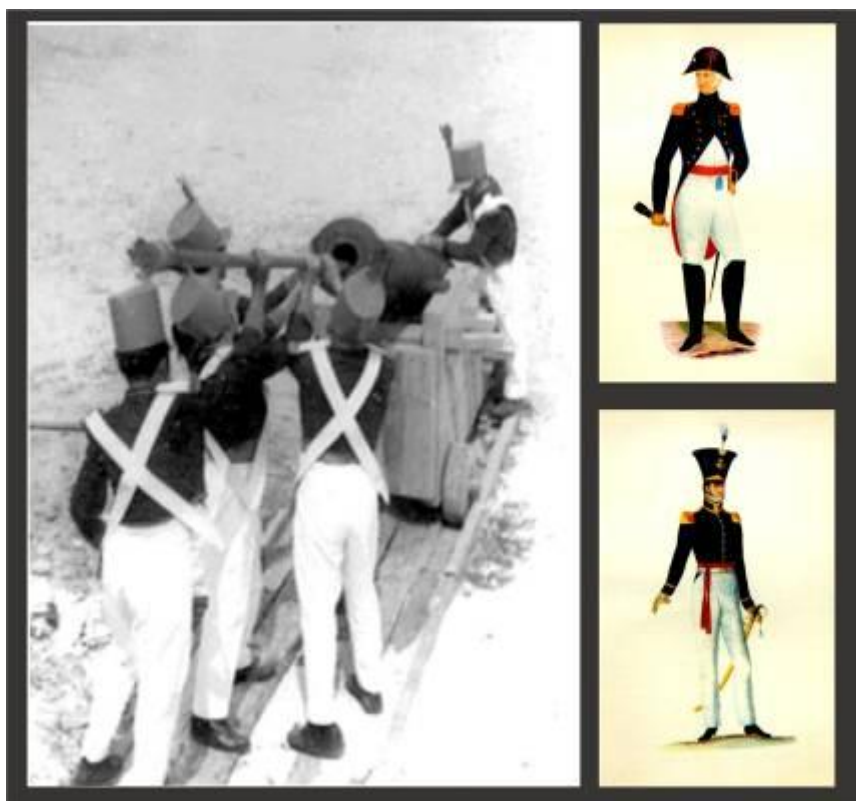


Imagem 36: Uniforme da Guarda da Fortaleza de Macapá. Soldados preparam a carga de munição no canhão para a salva de tiros.- década de 50.

Fonte: http://portaretratoap.blogspot.com/2010_06_01_archive.html Acesso: 29 setembro 2001.

Nota: a imagem localizada na parte superior direita refere-se à representação do uniforme de Oficial engenheiro do período – 1797 a 1806. Fonte: Tavares (2000, p.155). A imagem localizada na parte inferior direita refere-se à representação do uniforme de Oficial do Batalhão de Artífices engenheiro – 1812. Fonte: Tavares (2000, p. 197).

A imagem é uma fotografia da década de 50 do século XX, período que segundo Machado (2001, p.65) funcionava dentro da fortificação diversos órgãos institucionais dentre eles o 1º Museu Territorial e o Museu do índio. Época que dentro da fortificação também funcionava a representatividade da Guarda Territorial, cujos soldados usavam uniformes que se reportavam ao estilo dos uniformes dos engenheiros militares europeus do período colonial e imperial. (Imagem 36).



Imagem 37: Identidade visual (logomarca) do Museu Fortaleza de São José de Macapá.
Acervo: Museu Fortaleza de São José de Macapá.

Na década de 90 do século XX foi realizado um concurso da logomarca para identificar a fortaleza, já com a proposta de museu/monumento e seguindo a concepção da “nova museologia”. Tal concurso foi divulgado tanto em mídia televisiva quanto impressa, no ano de 1998⁷⁵. O autor ou a autora selecionada⁷⁶ criou uma imagem onde os elementos representacionais associam-se às “mandalas” indígenas, com elementos gráficos que simbolizam traçados indígenas⁷⁷ e a Fortaleza de São José de Macapá encontra-se no centro da imagem representada em traços estilizados. O conjunto também se reporta a desenhos de animais feitos em traçados indígenas. Juntamente com a imagem seguem as palavras: “Fortaleza de São José de Macapá – A memória é o nosso forte”. Esta identidade visual é perceptível, atualmente, em documentos impressos, cartazes de eventos promovidos pela

⁷⁵ - Memória desta pesquisadora que chegou a concorrer no concurso da época.

⁷⁶ - Em pesquisa feita no MFSJM cheguei a perguntar a funcionários da instituição o nome do/a autor/a da imagem e sobre algum documento explicativo acerca da imagem, não obtendo informação a respeito.

⁷⁷ - Os traçados lembram a icnografia de grupos indígenas que habitam regiões do Estado. No entanto, durante o levantamento de dados no MFSJM, não foi possível ter acesso ao manual de identidade visual da marca, documento que possuem todas as informações necessárias sobre uma logomarca, inclusive a descrição e significado de cada elemento representativo.

instituição, nas camisas dos mediadores que recebem o público visitante do Museu, dentre outros. (Imagem 37).

As duas imagens (imagem 36 e 37) permitem deduzir que o desenvolvimento de pertença veiculado por instituições públicas são postos de acordo com interesses ideológicos e políticos específicos de cada época. O que leva a supor através da imagem do período da década de 50 do século XX, produzida pela instituição (fortaleza), que se valorizavam discursos ressaltando as atuações dos europeus no contexto de construção da fortificação.

Já na segunda metade da década de 90 do mesmo século, como abordado no primeiro capítulo. Dentre os discursos institucionais construídos sobre a fortaleza, segundo Machado (2001, p.161) era “a partir do olhar da Amazônia indígena e, de acordo com os documentos primários sobre a Amazônia na era de Portugal”, Ou seja, o Governo Estadual da época, com sua política que focava sobre a sustentabilidade e os povos da floresta, materializou em imagens ideias e discursos contendo representações indígenas acerca da fortaleza, inclusive ao selecionar a identidade visual da fortificação (como instituição e patrimônio cultural). Pois segundo Martins (2010, p.28): “Arte, objetos e imagens são ideológicos e sempre estão social e politicamente contextualizados”. E ainda, segundo o autor sobre a sociedade atual em relação a discursos persistentes historicamente construídos:

Podemos [...] refletir sobre o cenário atual e compreender, em retrospectiva, que as teorias universalizantes do conhecimento e da estética foram sustentadas por ideologias dominantes que omitiram ou silenciaram as vozes e, conseqüentemente, os pontos de vista das mulheres, dos negros, dos índios, e de outras minorias.

(MARTINS, 2007, p. 37)

Muito embora as imagens sejam “ideológicas e politicamente contextualizadas” vê-se na imagem da logomarca do MFSJM (utilizada como identidade visual até hoje), uma possibilidade de refletir sobre questões acerca da invisibilidade indígena e questões sociais sobre minorias que são camufladas atualmente. Sendo esta imagem inclusive, dentre as poucas encontradas no levantamento de dados sobre a fortaleza associada à questão indígena.

Em relação a um material didático, propriamente dito, para ser fornecido ao público, sobretudo aos visitantes provenientes de escolas, foi sendo verificado, à medida que se avançava na pesquisa de levantamento de dados naquela instituição, que o Museu não possui uma sistemática de publicação de um material educativo.

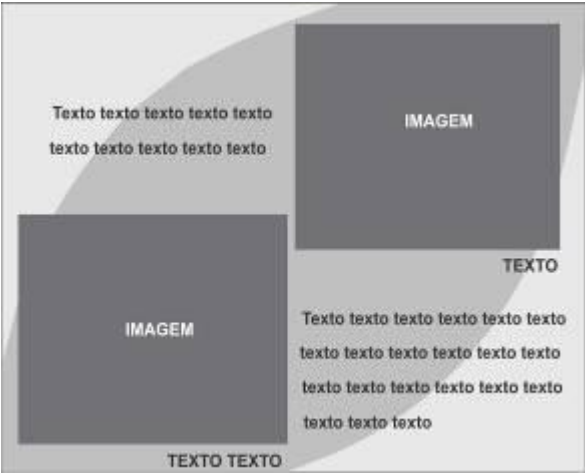
Analizando um dos arquivos digitalizados, disponibilizado pelo MFSJM para esta pesquisa, encontrou-se, dentre os conteúdos, sete páginas de um possível material educativo

(uma cartilha) com textos didáticos e desenhos de ilustrações (feitos por um artista local). O mesmo traz informações acerca da fortaleza como patrimônio, sua revitalização, seu uso como museu, sua história e materiais utilizados em sua construção.

No decorrer da pesquisa, constatou-se que esse conteúdo realmente faz parte de um material educativo que seria utilizado pelo setor de educação patrimonial para auxiliar no projeto educativo junto ao público quanto ao conhecimento e preservação daquele patrimônio.

Parte desse material, ou seja, uma das páginas inclusive foi utilizada durante a interação em um dos encontros do grupo focal com os/as colaboradores/as. Entretanto, descobriu-se também que esse material educativo não chegou a ser publicado por encontrar-se retido por questões judiciais, e que segundo um dos funcionários do museu, o mesmo não poderia ser publicado nesta pesquisa. No entanto, esta informação foi somente descoberta após parte desse material ter sido utilizado durante um dos encontros do grupo focal.

Assim sendo, para não comprometer parte dos dados coletados durante as interações e falas dos/as colaboradores/as (que será abordada no terceiro capítulo), optou-se por exibir, neste capítulo, somente a diagramação e/ou divisão do espaço da imagem utilizada no grupo focal, seguida do levantamento descritivo da página (Tabela 2) e preservando o anonimato do autor responsável pelas ilustrações.

DIVISÃO DE ESPAÇO / DIAGRAMAÇÃO DA PÁGINA.
 O diagrama ilustra a layout de uma página. Ele é dividido em duas colunas principais. Na coluna da esquerda, há um bloco de texto no topo e uma imagem no fundo. Na coluna da direita, há uma imagem no topo e um bloco de texto no fundo. Há também uma pequena seção de texto no canto inferior esquerdo.
LEVANTAMENTO DESCRITIVO DA PÁGINA
<u>1-Fundo da Página:</u> cor lilás em dois tons (claro nas bordas e escuro no centro).
<u>2- Texto principal:</u> localizado nos lados direito e esquerdo da página; fonte em caixa alta e baixa (sendo a primeira letra da sentença maiúscula e as demais minúsculas), fonte (tipo de letra) sem serifa; conteúdo do texto

informa sobre os tipos de materiais utilizados durante a construção da fortificação.
3- <u>Texto secundário</u> : localizados abaixo de cada imagem, fonte em caixa alta (maiúscula) e sem serifa; conteúdo informa o que significam cada um dos ambientes representados nas imagens.
4- <u>Imagem A</u> : localizada na área superior direita da página; apresenta uma cena de um homem indígena (devido à característica dos traços do rosto, pele e cabelos) sem camisa e com calça cinza, corpo robusto, segurando um suporte contendo tijolos. O mesmo está com o corpo numa projeção inclinada e colocando esse suporte dentro de um forno também feito de tijolos, funcionando a fogo à lenha com fumaça saindo de sua parte superior. Próximo ao forno, há uma bancada com vários tijolos sobre a mesma; próximo ao homem outra mesa com várias telhas sobre ela. Ao fundo, numa espécie de segundo plano, madeiras amarradas com cipó, representando uma possível estrutura arquitetônica, e após a estrutura de madeira, em traços leves numa proposta de rascunhos, breves silhuetas de possíveis outros homens indígenas.
5- <u>Imagem B</u> : localizada na área inferior esquerda da página; apresenta uma cena de um homem negro (devido à característica dos traços do rosto, pele) totalmente calvo, corpo robusto, sem camisa e com calça cinza. O mesmo está numa projeção corporal inclinada na direção de um forno feito de argila, localizado no centro do local. Acima do forno há uma estrutura de aparência metálica, com um pó branco em cima dessa estrutura (possivelmente cal). O referido homem segura um suporte de madeira numa ação como se estivesse mexendo o conteúdo branco que está no forno sendo cozido. Perto do forno há uma estrutura de madeira contendo possivelmente água; próximo ao homem outra estrutura de madeira contendo dentro mais cal. Todos os elementos e o homem estão embaixo de uma cabana de palha sustentada por algumas vigas de madeira, reforçada com cipós. Ao fundo e após a estrutura de madeira, em traços leves numa proposta de esboços, breves silhuetas de possíveis outros homens trabalhando.

Tabela 2 – Levantamento descritivo e divisão de espaço de uma página do material educativo do MFSJM (não publicado).

Fonte: arquivos digitalizados do MFSJM.

Nota: tabela criada pela pesquisadora a partir da fonte coletada.

Mesmo não possuindo uma sistemática de publicação efetiva de materiais educativos, ocorrem na instituição ações de elaboração de materiais que auxiliem na interação com o público visitante, como os materiais feitos de maneiras artesanais. Dentre eles, um vídeo e um bingo com imagens da fortaleza (Imagem 38), criados pelos funcionários da instituição. Tal iniciativa não deixa de ter valor, porém se deve atentar para não tornar-se *práxis*, já que existe a Secretaria Estadual de Cultura, responsável pela instituição e que deveria investir na confecção do material educativo.



Imagem 38: Material didático (bingo) feito artesanalmente por funcionários do Museu contendo imagens de elementos arquitetônicos da fortificação.

Fonte: arquivo fotográfico da pesquisadora. Agosto 2012.

Nota: O objetivo do material é ser utilizado após mediação da visita do público escolar como forma de verificar a memória e a percepção dos estudantes quanto ao que foi abordado durante a visitação.

Durante uma visita à biblioteca do Museu, o objetivo era encontrar cartazes, *folders* informativos e principalmente alguma proposta de cartilha educativa que abordassem sobre a preservação patrimonial da fortificação. O que se verificou é que há pouquíssimo arquivo deste tipo de material na instituição. Foram encontrados somente onze *folders*/convites de aniversário e de alguns eventos da fortaleza contendo imagens da fortificação e a programação⁷⁸. Muitos desses *folders* foram feitos também de forma artesanal sem uma qualidade gráfica, em papel A4 e impressos em jato de tintas; outros em qualidades

⁷⁸ -Folder de programação da inauguração da 1ª etapa da restauração e revitalização da fortaleza. Ano: 1998; Folder de aniversário de 217 anos da fortaleza. Ano: 1999; Folders de aniversário de 218 anos da fortaleza. Ano: 2000; Folder de aniversário de 220 anos da fortaleza. Ano 2002; Folder de aniversário de 222 anos da fortaleza. Ano: 2004; Folder de aniversário de 223 anos da fortaleza. Ano 2005; Guia turístico informativo da fortaleza (em língua francesa). Ano 2005. Folder de inauguração do Parque do Forte. Ano 2006; Folder de aniversário de 228 anos da fortaleza. Ano 2010; Folder de aniversário de 229 anos da fortaleza. Ano 2011; Jornal informativo de aniversário de 230 anos da fortaleza. Ano: 2012.

provenientes de gráficas, em papéis fotográficos, ou seja, o que se observou é que as produções destes materiais impressos foram feitos de acordo com a importância de cada evento, de acordo com a disponibilidade financeira, e de acordo com os interesses de cada governo nas respectivas épocas.

Dentre o material visual impresso pelo museu que foram encontrados em pesquisa de levantamento de dados, três deles foram selecionados por trazerem ideias materializadas em imagens e texto escrito que possibilitam abrir um diálogo (segundo o ponto de vista desta pesquisadora) quanto à questão social e de preservação/conservação do patrimônio e demais reflexões abordadas na pesquisa (Imagem: 39, 40, 41). Pois de acordo com Martins (2010):

A interpretação de objetos e imagens é uma prática que mobiliza a memória visual e reúne sentidos da memória social construída pelos indivíduos [...]. Nesse processo de interpretação, ao tentar compreender o sentido simbólico das imagens, os indivíduos são influenciados pelo imaginário dos lugares sociais por onde passam, vivem ou habitam. O território visual onde as pessoas estão situadas – moram, frequentam etc. -, ou seja, o contexto das esferas das suas relações com o mundo as coloca num processo de construção de sentidos e significados, de práticas de interpretação.

(MARTINS, 2010, p. 23)

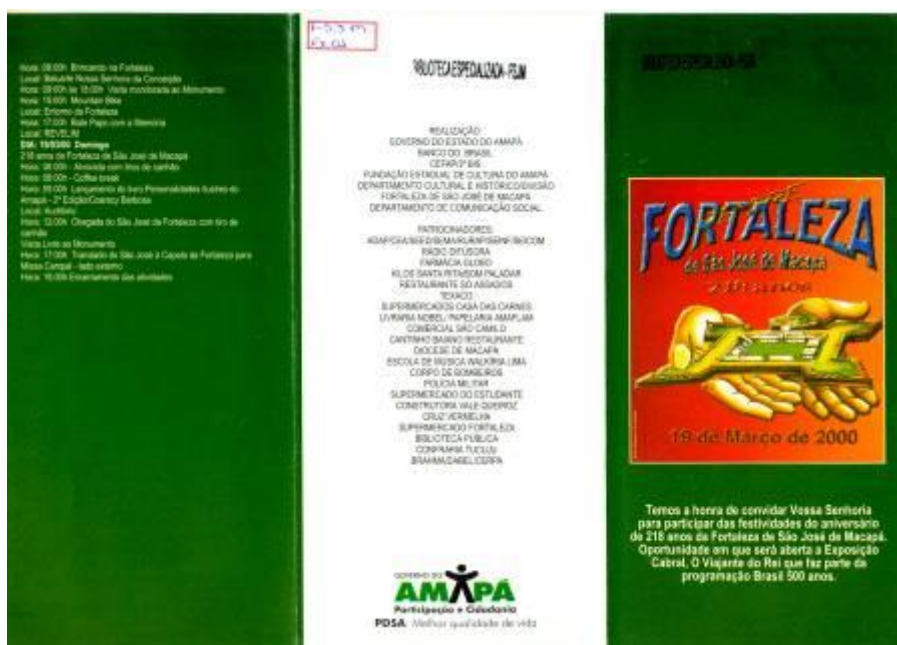


Imagem 39: Folder de aniversário de 218 anos da fortaleza. Ano 2000.
Fonte: arquivo fotográfico da pesquisadora. Julho 2012.

O *folder* de aniversário de 218 anos da fortaleza (Imagem 39) apresenta imagens sobre a fortaleza na capa e também na parte interna do material, junto com a programação de evento. No entanto, a imagem sobre a fortaleza que despertou a atenção foi a que está presente logo no início do *folder*. Ela traz uma representação da fortificação na qual se constitui como uma espécie de maquete, segurada por duas mãos. A imagem permite deduzir que o discurso contido é de um sentido de demonstrar aos sujeitos sociais que a fortificação pode ser tida como um objeto valioso que precisa ser tratado com cuidado e zelo; e que é responsabilidade desses sujeitos a preservação do monumento, ou seja, a imagem traz um significado metafórico de que a fortaleza está em nossas mãos. Sendo a imagem reforçada com a frase: “Sempre Fortaleza de São José de Macapá – 218 anos”.

O *folder* apresenta ainda em seu anverso um texto escrito⁷⁹, cujo discurso fixa no foco das ações portuguesas seguido da descrição de momentos que se interligam ao processo de construção patrimonial e uso pela sociedade. Contudo, o texto reforça o nome da gestão da época e sua política de governo, evidenciando seus “feitos” realizados acerca da fortificação quanto ao processo de revitalização e restauro, num discurso de registrar “o compromisso do poder público com a preservação da memória cultural do povo amapaense”.

⁷⁹ - A Fortaleza de São José de Macapá foi idealizada a partir das estratégias geopolíticas que visaram garantir o território ocupado por colonizadores portugueses, assegurando a conquista definitiva do Rio Amazonas. Sua construção foi iniciada em 29 de junho de 1764. Sua inauguração ocorreu em 19 de março de 1782 ainda inacabada. Tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), em 22 de março de 1950, foi transformada em centro sócio-cultural e de lazer. O espaço servia para comemoração de datas cívicas nacionais e locais, com salva de tiros de canhão ao alvorecer, desfile escolar e militar, entre outros eventos. Em julho de 1997, como parte do programa de desenvolvimento sustentável do Amapá, no Governo de João Alberto Capiberibe, foi iniciada a restauração do forte. A iniciativa representa o compromisso do poder público com a preservação da memória cultural do povo amapaense. A restauração está na sua fase final pelo que representa para a história do país, o monumento foi incluído no calendário de eventos aos 500 anos do Brasil, abrigando atualmente a exposição Cabral, o viajante do rei (Brasil 500 anos).



Imagem 40: Folder de aniversário de 229 anos da fortaleza. Ano 2011.
Fonte: arquivo fotográfico da pesquisadora. Julho 2012.

Já no *folder* de aniversário de 229 anos da fortaleza (Imagem 40) o que chamou a atenção foi uma imagem da fortaleza (detalhe do revelim e do portal principal) que traz uma representação da fortificação em simulação de uma fotografia antiga, devido ao manuseio da cor sépia feita em computador e as bordas colocadas ao redor da imagem, que lembram fotos antigas ou selos. O que permite uma dedução sobre a intenção da proposta visual: seria para associar a ideia das fotografias antigas de família? Cujas fotografias não se torna um simples objeto e sim um arquivo de memórias e lembranças? Neste caso uma memória coletiva de um passado, um tempo que se foi, mas ao mesmo tempo é presente?

Outro ponto verificado trata-se do fundo e as bordas do material são feitos com elementos que sugestionam as antigas civilizações indígenas amapaenses (dentre elas a maracá e a cunani)⁸⁰, novamente trazendo uma imagem associada a questões étnicas que envolveram a construção da fortificação. Muito embora se saiba que essas antigas civilizações indígenas que habitaram a região amazônica antecedem ao período de construção da fortaleza (século XVIII). Contudo apesar do uso de uma iconografia indígena na produção visual do

⁸⁰ - Leal (2009), informa que essas sociais civilizações habitaram a região (hoje atual Estado do Amapá) entre períodos variáveis que engloba o século XIII à XVII (conforme os grupos indígenas de cada época).

material, o texto escrito⁸¹ em nenhum momento refere-se à participação dessas pessoas ou até mesmo dos africanos na construção da fortaleza. O mesmo, expressa um discurso de valorização das ações dos europeus ressaltando o feito de Portugal em construir a fortificação como um marco de suas conquistas na Amazônia. E ainda, contém discursos de exaltação ao monumento com expressões como: “**Ela é um grandioso fragmento** do período de transição econômica do feudalismo para o capitalismo”. (*grifo meu*)

Como o texto escrito não evidencia ou se associa as iconografias indígenas presente no material, e estas se reportam a iconografias maracá e cunani, surge um questionamento: A iconografia indígena presente no *folder* seria influência do conceito de construção identitária “amapalidade” surgido em 2009, criado pela Instituição Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas - SEBRAE e Governo do Estado da época (Antônio Waldez Góes da Silva)? Cujas intenção era incentivar o mercado visual com a “produção de design com referências imagéticas maracá e cunani” (LEAL, 2009, p.47)?

⁸¹ - A fortaleza de São José de Macapá é um importante testemunho material construído na foz pela margem esquerda do Rio Amazonas na segunda metade do século XVIII, quando Portugal realizava a conquista definitiva da Amazônia. Arquitetonicamente é a maior construção militar edificar em todo império colonial lusitano, se traduzindo, num complexo fortificado composto de núcleo quadrado para o arquetelamento com baluartes pentagonais nos vértices, cercado, por outros elementos construtivos de reforço a defesa. Sua valorização histórica e cultural é revelada pela extraordinária capacidade de guardar memórias ou informações situadas em diversos contextos sociais, tanto do passado remoto, como do passado recente. Ela é um grandioso fragmento do período de transição econômica do feudalismo para o capitalismo. Sua construção na Amazônia simboliza parte do conjunto de profundas transformações sócio-ambientais que colaboram na construção da sociedade amapaense. Ela é um espelho que reflete aspectos da ancestralidade do povo e revela as forças políticas que se conflitavam naquela época. Parabéns neste 229 anos Fortaleza de São José de Macapá.



Imagem 41: Páginas de um guia turístico informativo da fortaleza. Ano 2005.
Fonte: arquivo fotográfico da pesquisadora. Julho 2012.

E por fim, o guia turístico informativo da fortaleza (Imagem 41). O referido material, dentre os onze verificado, foi o que mais se aproximou, a um possível material educativo publicado para ser entregue ao público, pois nos demais predominavam os *folders*/convites de aniversários da fortificação.

A publicação contém textos que: Informa seu propósito de construção; informa sobre a arquitetura (a influência estética de criação, edificações internas e demais elementos arquitetônico); informa sobre ocupação da guarda territorial na fortificação no período de criação do Território Federal do Amapá (1943); informa sobre seu tombamento (1950); informa sobre o processo de revitalização e projeto paisagístico a partir de 1997; informa sobre a função dos espaços após revitalização; informa sobre as ações do setor de educação patrimonial na época (2005); e informa sobre a Fundação de Cultura do Amapá – FUNDECAP, responsável pela supervisão das ações da gestão da fortificação na época hoje função assumida pela Secretaria Estadual de Cultura. Resumindo o material contém: História, urbanização e serviços ofertados (na época).

Quanto às imagens presentes, há um predomínio de fotografias de partes dos elementos arquitetônicos da fortificação e fotografias de divulgação da ação dos setores que atendem ao público como o setor de educação patrimonial.

Diante das reflexões e fatos expostos em torno de questões sobre patrimônio cultural, educação patrimonial e preservação de patrimônio, bem como as problematizações levantadas acerca das ações, discursos materializados em imagens e textos escritos produzidos pelo MFSJM, faz-se necessário esclarecer, de acordo com Oliveira e Wenceslau (2007) que uma proposta de educação patrimonial formal ou informal:

Não deve ser vista como impositora de uma identidade (*sic*), como uma obrigação; ela serve como estímulo, um ponto de partida, apresentado, discutido e gerando, em cada indivíduo, a necessidade e o interesse em querer identificar-se com o patrimônio, apenas apresentando subsídios para que ele veja dentro de sua comunidade os patrimônios que são significativos de sua identidade.

(OLIVEIRA; WENCESLAU, 2007, p.30-31)

E ainda, segundo Pelegrini (2009, p.38): “a eficácia dessa ação somente se consolida na medida em que proporciona o intercâmbio de conhecimentos acumulados pela comunidade, pelos especialistas e pelas instituições devotadas à defesa do patrimônio”.

3. CAPÍTULO

EDUCAÇÃO, PATRIMÔNIO CULTURAL E VISUALIDADES: ARTICULAÇÕES, INQUIETAÇÕES, CRUZAMENTOS, REFLEXÕES E POSSIBILIDADES...

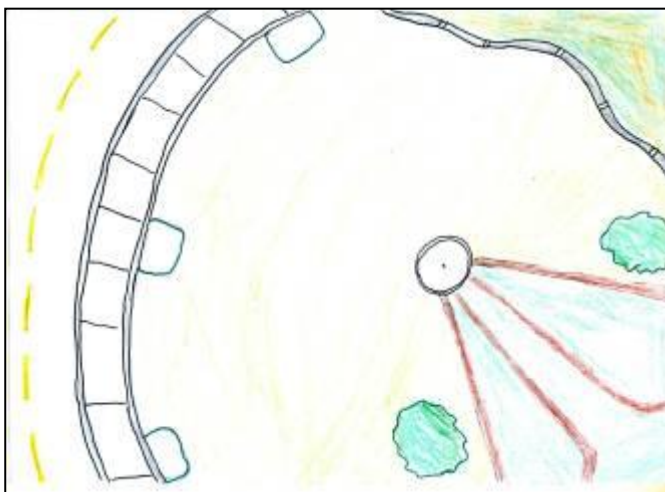


Imagem 42: Escola Estadual Tiradentes, pintura coletada na própria escola. Artista: M.Arcanjo, técnica pigmentos naturais, dimensão 50 X 60 cm. s/d.

Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Outubro 2012.

Imagem 43: Imagem produzida por Dandara (estudante) contendo uma representação da Fortaleza de São José de Macapá. Detalhe de um dos baluartes e guarita, vistos de cima. Técnica caneta hidrocor e giz de cera. Papel A4, ano 2012.

Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Setembro 2012.

3. EDUCAÇÃO, PATRIMÔNIO CULTURAL E VISUALIDADES: ARTICULAÇÕES, INQUIETAÇÕES, CRUZAMENTOS, REFLEXÕES E POSSIBILIDADES...

3.1- A Escola Tiradentes é...⁸²

Conhecida como uma das Escolas Públicas mais antigas da cidade de Macapá⁸³, a Escola Estadual Tiradentes, atualmente vem se destacando na cidade como uma das escolas referência de realização de projetos e de ensino. Localiza-se à Rua Santos Dumont, nº 128, Bairro Santa Rita⁸⁴, na cidade de Macapá, Estado do Amapá, CEP: 68906-500, possuindo uma área vasta que compreende um quarteirão. (Imagens 44, 45).

⁸² - Subtítulo foi retirado a partir de uma imagem (painel) localizada em uma área de circulação da entrada principal da instituição, que traz diversas representações sobre a escola, os funcionários e seus estudantes seguido de texto: “A Escola Tiradentes é...amizade, compromisso, civismo, cultura, inovação, integração, pesquisa, religiosidade, tradição, valorização, solidariedade. Seja bem vindo a uma escola de sucesso!!!” Registro fotográfico em outubro 2012.

⁸³ - Segundo o histórico contido no Regimento Escolar (2010, p.3) da instituição; sua primeira denominação foi Ginásio Polivalente Tiradentes, criado através da Portaria nº 183/71-GAB, de 26 de Junho de 1971 e inaugurada no dia 31 de Março de 1973. Atendendo de 5ª a 8ª série, (Ensino Fundamental). Sendo em 1978 iniciado o atendimento também ao ensino de 2º Grau (Ensino Médio), autorizado pela Portaria nº 205/78-GAB/SED de 25 de Abril de 1978. Já na década de 90, precisamente em 26 de abril de 1994, mudou a nomenclatura, através do Decreto nº 1249, para Escola Estadual Tiradentes para atender as diretrizes da Lei de Ensino 9394/96 e às legislações federais, passou a atender somente a clientela de Ensino Médio. Durante o período que estudei na referida escola (1990 a 1994), a mesma atendia a clientela de 5ª à 8ª série (ensino fundamental) e 1º, 2º e 3º (ensino médio), era denominada **Escola Polivalente Tiradentes**, no entanto, nos dois documentos: Regimento Escolar e Projeto Político Pedagógico; disponibilizado para análise de pesquisa, nenhum dos dois textos informam a respeito do ano e da Portaria que se estabeleceu a referida nomenclatura citada.

⁸⁴ - Há na cidade memórias sociais divergentes quanto ao surgimento do Bairro Santa Rita. Muitos sujeitos sociais dizem que no início o bairro se chamava Bairro da Favela, enquanto outros dizem que o Bairro da Favela existiu, porém tornou-se com o passar do tempo parte do Bairro Central.

O Bairro da Favela, segundo o *blog* Berço do Marabaixo da Favela, informa que o mesmo surgiu na década de 40, mas precisamente em 1943, quando a Amapá desvincula-se do Pará e torna-se Território Federal. Com a mudança política e social, a população afrodescendente que habitava a frente da cidade foi remanejada para dois núcleos populacionais: Bairro da Favela e Bairro do Laguinho, conhecidos pela realização da manifestação cultural marabaixo. Embora haja essa divergência na memória social da cidade em relação ao Bairro Santa Rita ter sido ou não o Bairro da Favela. Tostes (2011) informa que na década de 1950, parte do Bairro Santa Rita, localizado na área oeste da cidade, se expandiu.

Independente das contradições de sua origem, exponho meu relato como moradora do bairro, nascida e criada no mesmo. O Bairro Santa Rita, devido sua localização, encontra-se entre os bairros “centrais” da cidade. Possui várias escolas públicas que atendem a clientela desde a educação infantil até o ensino médio; um hospital particular reconhecido na cidade. Nele está localizado também um centro público de esporte aquático; em seu perímetro passam duas das vias principais da cidade: Avenida Fab e Avenida Padre Julio Maria Lombardi (esta última com diversas lojas e serviços). É também o primeiro bairro da cidade (década de 90 do século XX) a receber o processo de verticalização, com edifícios acima de 10 pavimentos (edifício residencial Turmalina Residence), atualmente já existindo outras edificações. *Blogs*: <<http://bercodomarabaixodafavela.blogspot.com.br/>> Acesso: 12 de junho de 2013. <<http://josealbertostes.blogspot.com.br/2011/02/macapa-253-anos-evolucao-ou-pressao.html>> Acesso: 12 de junho de 2013.



Imagem 44: Vista aérea da Escola Estadual Tiradentes.

Fonte: Google Earth. Data da imagem 20/06/2010. Acesso dezembro 2012.



Imagem 45: Escola Estadual Tiradentes. Vista entre o cruzamento da Avenida FAB com Rua Santos Dumont.

Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Outubro 2012.

A Escola Estadual Tiradentes atende uma clientela de estudantes proveniente de vários bairros da cidade (muitos deles distante de sua localização). Atualmente totaliza 1.810 estudantes⁸⁵ como clientela da escola. Quanto ao currículo abordado, segundo a gestora Mary Célia Vaz Cruz⁸⁶, a instituição utiliza-se do currículo reformulado em 2009 pela Secretaria de Educação do Estado. Além de ter aderido, desde 2010, ao Programa Federal Ensino Médio Inovador⁸⁷ onde se implantou o “Sistema de Organização Curricular por Blocos de disciplinas

⁸⁵ Os mesmos estão distribuídos em 681 estudantes (turno manhã), 606 estudantes (turno tarde) e 523 estudantes (turno noite). Conforme dados coletados em outubro de 2012, na Secretaria da Escola.

⁸⁶ - Entrevista realizada no dia 03/10/2012, na qual a entrevistada não optou pelo anonimato, solicitando que fosse exposta sua identidade. Roteiro entrevista apêndice – D.

⁸⁷ - O Programa Ensino Médio Inovador- ProEMI, instituído pela Portaria nº 971, de 9 de outubro de 2009, integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, como estratégia do Governo Federal para induzir a reestruturação dos currículos do Ensino Médio. O objetivo do ProEMI é apoiar e fortalecer o desenvolvimento de propostas curriculares

semestrais, através de uma nova organização curricular” (REGIMENTO ESCOLAR, 2010, p.3).

No que se refere à opção de escolha dessa instituição para ser campo deste estudo, foi devido a seu período longo de funcionamento na cidade e também por ter uma relação com a minha vivência e formação pessoal, pois estudei nesta escola durante o período de 5ª a 8ª série⁸⁸ e parcela de minha identidade e subjetividade foi construída e desconstruída naquele ambiente escolar, percorrendo aqueles espaços e interagindo com uma diversidade de pessoas. No mesmo ambiente, também realizei minha prática de ensino (estágio supervisionado) no período em que estava cursando a graduação de Licenciatura Plena em Educação Artística, e atualmente retornei como pesquisadora e pude interagir novamente com pessoas daquele espaço, sobretudo, uma parcela de estudantes, meus e minhas colaboradores/as.

Outra motivação é pelo fato do edifício dessa escola ser também um patrimônio material da cidade dentre as poucas arquiteturas antigas que ainda resistem no espaço urbano, onde não há uma cultura e políticas públicas de preservação deste tipo de patrimônio.

Seu edifício foi construído pelo arquiteto João Batista Vilanova Artigas (1915-1985), reconhecido nacional e internacionalmente pelo estilo Brutalismo⁸⁹. No entanto, ao longo dos anos, vem sofrendo sérias intervenções em sua estrutura. Uma delas é sua alteração no telhado. E em seu interior, como mudanças e adaptações de “salas” orientadas pela Secretaria de Educação do Estado do Amapá⁹⁰ para suprir a demanda de estudantes.

Ou seja, prevalece no ensino público o “inchaço” de número de estudantes em salas de aulas, característico das escolas públicas brasileiras. Sem nenhuma preocupação com a

inovadoras nas escolas de ensino médio, ampliando o tempo dos estudantes na escola e buscando garantir a formação integral com a inserção de atividades que tornem o currículo mais dinâmico. Os projetos de reestruturação curricular possibilitam o desenvolvimento de atividades integradoras que articulam as dimensões do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia, contemplando as diversas áreas do conhecimento a partir de oito macrocampos: Acompanhamento Pedagógico; Iniciação Científica e Pesquisa; Cultura Corporal; Cultura e Artes; Comunicação e uso de Mídias; Cultura Digital; Participação Estudantil e Leitura e Letramento.

Fonte: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13439:ensino-medio-inovador&catid=195:seb-educacao-basica Acesso: 08 dezembro 2012

⁸⁸ - Nomenclatura utilizada na época.

⁸⁹ - No Brasil veio a ser o grande líder do Brutalismo. O termo *Brutalismo* consistia no uso dos materiais em seu estado bruto, sem revestimento, mas com admirável, requinte em sua escolha e posição. O termo expressa um desafio que contém agressividade, acompanhada de revolta contra os usos estabelecidos e os regulamentos que entravam o progresso, uma segurança quanto ao caminho a seguir e uma vontade de se impor a esse caminho. (TOSTES, 2012, p.113)

⁹⁰ - Segundo relato informal por um dos funcionários da escola.

qualidade do ensino ou em alterar os espaços físicos dessas instituições, muitas delas com arquitetura marcante na memória social da cidade.

Artigas criou vários projetos em todo o Brasil. O Amapá teve o privilégio de ter três projetos deste grande arquiteto brasileiro; esta informação é quase despercebida do grande público. As obras citadas são: o prédio onde funciona hoje a Secretaria do Estado da Infraestrutura (SEINF), a Escola Tiradentes e o Batalhão da Polícia Militar na Rua Jovino Dinoá no Bairro do Beírol. Dentre estas obras a que mais sofreu alterações foi a escola Tiradentes, que teve radical alteração na área de cobertura, onde foi adicionado um telhado de barro sobre a laje corrida; essa mudança descaracterizou completamente a edificação. Na época da mudança foram alegados problemas técnicos para continuar mantendo as mesmas características. Sem dúvida estas obras são atrações turísticas da cidade de Macapá. O prédio do Batalhão da Polícia Militar está citado no encarte das principais obras do arquiteto para a Região Norte.

(TOSTES, 2012, p.114)

Como pode se observar em Tostes (2012), a informação sobre a Escola Estadual Tiradentes como um patrimônio cultural da cidade ainda passa despercebida pelo público. Muito embora, o foco de estudo seja a problematização das visualidades da Fortaleza de São José de Macapá em interação com a escola. Faz-se necessário evidenciar que a própria edificação da instituição gera possibilidades de ser abordada como temática curricular concernente à educação patrimonial no próprio ambiente educativo da escola. Pois segundo Pelegrini (2009):

A abrangência e a diversidade que envolvem as questões do patrimônio permitem ao professor um amplo leque de opções; entretanto, esse aspecto pode converter-se num problema. Para evitar que isso ocorra, ele deve avaliar as **possibilidades que envolvem desde o enfoque do patrimônio da própria escola onde se desenvolve o trabalho e suas imediações, até os bens culturais visíveis e invisíveis imersos nas comunidades às quais pertencem os alunos.**

(PELEGRINI, 2009.p. 45. *Grifo meu*)

Assim sendo, por uma série de cruzamentos que surgiram entre esta escola e o desenvolvimento desta pesquisa, como relatadas anteriormente, partiu-se para os contatos iniciais com a instituição e realização das interações com os/as colaboradores/as abordados nos subtítulos que seguem.

3.2- Articulações e inquietações na escola

Os contatos iniciais feitos na escola para a pesquisa de campo ocorreram no período de agosto de 2012 com a participação da gestora; equipe Técnica Pedagógica e uma das

professoras de Arte da instituição. Foram encontros individuais, nos quais se explicitou cada etapa planejada das ações.

Assim sendo, marquei com a professora de Arte os dias nos quais poderia passar nas três turmas do 1º ano do ensino médio, turno manhã; das quais ela era professora. Desse modo, nos dias 20, 21 e 24 de agosto de 2012, visitei as turmas 112, 114 e 116, respectivamente, para explicar a proposta da pesquisa de campo e verificar a adesão de colaboradores/as voluntários/as.

Feitas as devidas apresentações e explicações, em cada turma, foi entregue uma ficha de cadastro aos estudantes interessados. Em seguida, dirigia-me à sala de professores para aguardá-los para a devolução das fichas (uma maneira que se combinou com a professora de Arte para que sua aula não fosse tanto interrompida). Essa proposta de esperar os possíveis colaboradores na sala dos professores permitiu que fossem esclarecidas dúvidas individuais. Naquele momento, informava a cada um/a que seria feita a seleção de 10 colaboradores/as distribuídos/as entre as três turmas, e caso existisse muitos voluntários/as, na semana seguinte seria feito sorteio em cada turma.

Recolhida todas as fichas de cadastro, verificou-se a quantidade de estudantes interessados/as: 09 estudantes da turma 112; 11 estudantes da turma 114 e 07 estudantes da turma 116. Nos dias 27, 28 e 31 de agosto de 2012 foram realizados sorteios dos/as participantes. À medida que era realizado o sorteio, ocorria em seguida uma conversa com os sorteados, em que fora entregue um documento de autorização que deveria ser assinado pelos pais e/ou responsáveis para permitir a participação, juntamente com uma carta convite (assinada por mim e pela gestora da escola) convidando os pais e/ou responsáveis e também os/as colaboradores/as sorteados/as para um café da manhã, oferecido por mim, no dia 01 de setembro de 2012 (sábado). A proposta objetivava explicar claramente aos pais a seriedade da pesquisa e coletar as cartas de autorização.

No dia do café da manhã, compareceram somente quatro colaboradores acompanhados de seus responsáveis. O que gerou certa angústia, devido à data de encontros do grupo focal já ter sido agendada junto à Coordenação Pedagógica e a previsão para início no dia 04 de setembro de 2012, semana seguinte ao sábado no qual foi realizado o café da manhã. No entanto, segui o planejamento, expliquei aos pais presentes informações necessárias, repassei

as datas, horários e locais onde seriam os encontros com os estudantes. Todos/as concordaram e entregaram a carta de autorização. No início da semana seguinte, liguei para os/as colaboradores/as sorteados/as que faltaram para saber o motivo da ausência e confirmar sua participação. Na oportunidade, conversei também com pais e responsáveis por telefone. Dois dos sorteados que faltaram, decidiram não mais participar, assim recorri à listagem das pessoas voluntárias e consegui a confirmação de dois outros colaboradores.

Convém, no entanto, antes de iniciar a problematização das falas, e interpretações visuais produzidas pelos colaboradores durante o grupo focal, esclarecer as etapas da pesquisa realizadas na escola, que se sucederam conforme tabela abaixo:

MOMENTOS	PERÍODO	AÇÕES NA ESCOLA
1º	Agosto de 2012	Apresentações e encontros com a gestora da escola, funcionários da Coordenação Pedagógica e Professora de Arte.
2º	Agosto de 2012	Seleção dos estudantes colaboradores
3º	Setembro de 2012	Café da Manhã com os colaboradores e os pais e/ou responsáveis.
4º	Setembro de 2012	Encontros com os/as colaboradores/as (grupo focal)
5º	Outubro de 2012	Coleta de dados sobre a instituição na Secretaria da Escola e Coordenação Pedagógica.
6º	Outubro de 2012	Registros fotográficos dos espaços da escola.
7º	Outubro de 2012	Entrevista com a professora de Arte.
8º	Outubro de 2012	Entrevista com a gestora da escola.

Tabela 3 - Momentos e etapas ocorridas na pesquisa de campo. Escola Estadual Tiradentes.
Fonte: elaborada pela pesquisadora.

3.3- O Grupo focal: cruzamentos, reflexões e possibilidades...

Ao analisar e tecer os comentários críticos sobre as entrevistas e falas expressas neste trabalho, procurou-se manter sempre uma postura ética. Assim, inquietações surgiram, como, por exemplo, questionamentos do tipo especificado por Tourinho (2012):

As questões “como devo agir?” e “que tipo de pessoa devo ser?” se entrelaçam nas discussões sobre ética e servem para guiar nossos fazeres/pensares investigativos. A primeira questão sugere envolvimento e consequência imediatos – como agir num determinado momento ou circunstância. A segunda projeta uma construção, um devir que é, ao mesmo tempo, um estar sendo. Como são questões amplas e se estendem pela vida – não apenas durante os longos processos de pesquisa – vale lembrar que as pequenas coisas podem afetar as grandes.

(TOURINHO, 2012, p. 245)

Dessa forma, as críticas e reflexões pontuadas não são feitas na intenção de encontrar “vilões ou culpados”, ou “deturpar” situações e ações específicas; nem criar uma verdade absoluta, pois segundo Corazza (2000) apud Tourinho (2012, p.142): “Esquecemos, com alguma frequência, que a realidade assume muitas formas, tantas quantas nossos discursos sobre ela foram capazes de compor”.

No que se refere ao número de estudantes colaboradores/as⁹¹, no planejamento prévio estabelecia-se 10 participantes. No entanto, compareceram 09 pessoas, que no primeiro dia de encontro escolheram seus próprios pseudônimos, os quais são: Dandara, 16 anos; Estefany, 14 anos; Franck, 14 anos; Gustavo, 15 anos; Karla⁹², 15 anos; Karol, 15 anos; Kevin, 15 anos; Rafa, 16 anos; e Razor, 16 anos. Sendo 03 colaboradores/as de cada turma (112; 114 e 116).

Visando abordar questões em maior profundidade, pela interação grupal, cada grupo focal, não pode ser grande, mas também não pode ser excessivamente pequeno, ficando sua dimensão preferencialmente entre seis a 12 pessoas. Em geral, para projetos de pesquisa, o ideal é não trabalhar com mais de dez participantes. Grupos maiores limitam a participação, as oportunidades de trocas de ideias e elaborações, o aprofundamento no tratamento do tema e também os registros.

(GATTI, 2005, p.22)

Quanto às investigações acerca de como são as visualidades da Fortaleza de São José de Macapá em interação com a Escola Estadual Tiradentes, principalmente com a participação dos/as estudantes colaboradores/as, o enfoque escolhido para ser abordado no andamento da

⁹¹ -Dandara, 16 anos, mora no Bairro Jesus de Nazaré, sua família possui cinco pessoas, vida cultural da família: frequentar eventos religiosos, e algumas manifestações públicas como o carnaval. Estefany, 14 anos, mora no Bairro Jardim Felicidade I, sua família possui oito pessoas, vida cultural da família: frequentar eventos evangélicos incluindo shows e eventos musicais gospel. Frank, 14 anos, mora no Bairro Jesus de Nazaré, sua família possui cinco pessoas, vida cultural da família: frequentar eventos religiosos como Círio de Nazaré, festividade de quadra junina. Gustavo, 15 anos, mora no Bairro Buritizal, sua família possui seis pessoas, vida cultural da família: frequentar eventos religiosos e teatro. Karla, 15 anos, mora no Bairro Brasil Novo, sua família possui cinco pessoas. Vida cultural da família: frequentar eventos religiosos e festividade de 07 de setembro. Karol, 15 anos, mora no Bairro Jesus de Nazaré, sua família possui três pessoas. Vida cultural da família: participar de grupos culturais – grupo de marabaixo do Pavão e festas religiosas como a festa de São Sebastião. Kevin, 15 anos mora no Bairro Santa Rita, número de integrantes da família e vida cultural não informado pelo colaborador. Rafa, 16 anos, mora no Bairro do Trem, sua família possui seis pessoas, vida cultural da família: não especificou. Razor, 16 anos, mora no Bairro Jardim Felicidade I, sua família possui seis pessoas, vida cultural da família: frequentar principalmente eventos religiosos.

⁹² - Optei pela utilização da palavra “pesquisadora” nos trechos de transcrições das perguntas e interação com os/as colaboradores que se seguirão, ao invés de meu prenome: Carla, para distinguir do nome fictício desta colaboradora, que escolheu ser chamada de Karla. Segundo ela, sua escolha foi para lembrar meu nome.

pesquisa com o grupo não foi somente a recepção de imagens na qual os/as colaboradores/as expressaram suas opiniões e interpretações. Durante os encontros do grupo focal, ocorreram também momentos nos quais os estudantes produziram suas próprias imagens (desenhos e fotografias), bem como interagiram com comentários sobre sua própria produção. Pois segundo Nascimento (2011):

A educação da Cultura Visual compreende que qualquer imagem, tanto no processo de **produção** quanto no de **recepção**, é envolta por práticas discursivas e não-discursivas [...]. O interesse centra-se na **visualidade**, comumente **entendida como interpretações visuais** construídas historicamente pelos sujeitos em diferentes épocas. As visualidades podem ser entendidas como regimes de enunciação visual ou os modos como passamos a ver, pensar, dizer e fazer de determinada maneira e não de outra.

(NASCIMENTO, 2011, p.215. *grifo meu*)

No que tange às datas, aos horários e aos locais de encontros do grupo focal, ocorreram conforme tabela abaixo:

ENCONTROS	PERÍODO	HORÁRIO	LOCAL
1º	04/09/2012	16 às 17h	Auditório da Escola
2º	11/09/2012	16 às 17h	Auditório da Escola
3º	18/09/2012	16 às 17h	Sala de aula da Escola
4º	20/09/2012	16 às 17h	Sala de aula da Escola
5º	25/09/2012	14:15 às 17:15h	Museu Fortaleza de São José de Macapá
6º	27/09/2012	16 às 17h	Sala de aula da Escola

Tabela 4 - Período, horário e locais de realização dos encontros do grupo focal. Escola Estadual Tiradentes.
Fonte: elaborada pela pesquisadora.

Assim sendo, no primeiro encontro do grupo focal⁹³ ocorreram os estranhamentos e conquistas entre mim e os/as colaboradores/as (situações que fazem parte do processo de pesquisa). As ações realizadas foram: apresentações, nas quais foi entregue a cada colaborador/a um crachá em branco para que eles/as criassem seus nomes fictícios; informações da necessidade de se gravar as falas; explicação aos colaboradores/as sobre a metodologia de pesquisa do grupo focal (ressaltando a interatividade de opiniões de encorajamento ou discordância acerca das contribuições de falas um dos outros)⁹⁴; realização

⁹³ - Planejamento de ações para o grupo focal. Apêndice – C.

⁹⁴ -Informações que mesmo pontuando e tentando sutilmente lembrá-los em cada encontro seguinte, percebi-me em determinados momentos, como moderadora iniciante, em situações onde os/as colaboradores/as optavam em responder os questionamentos como se estivessem em entrevistas individuais, deixando assim de divergirem ou compartilharem

do roteiro de perguntas sobre o tema imagens e visualidades⁹⁵ no cotidiano da escola; realização do roteiro de perguntas sobre patrimônio cultural; produção de imagem (desenhos) sobre a Fortaleza de São José de Macapá.

No segundo encontro, foram realizados: análise e comentários por cada colaborador/a sobre a produção (desenho); realização do roteiro de perguntas sobre a temática Fortaleza de São José de Macapá.

Quanto ao terceiro encontro, a proposta ocorreu em torno das interações feitas acerca de imagens sobre a Fortaleza de São José de Macapá coletadas e/ou selecionadas por cada colaborador/a⁹⁶.

Em relação ao quarto encontro, a proposta deu-se em torno de imagens (juntamente com roteiro de perguntas) selecionadas por esta pesquisadora, sobretudo, de imagens abordadas no primeiro e segundo capítulo desta pesquisa. Sendo que, as perguntas elaboradas para este encontro foram baseadas em estudos da autora Franz (2005) sobre âmbitos de compreensão, cuja abordagem se dará em subtítulo posterior.

No quinto encontro, aconteceu a visita ao Museu Fortaleza de São José de Macapá, momento de interação com a materialidade do próprio patrimônio cultural percorrido ao longo da pesquisa. Ocasão em que também os/as colaboradores/as foram novamente produtores de imagens, através do registro fotográfico do patrimônio.

E por fim, o sexto e último encontro com os/as colaboradores/as foi o momento em que ocorreram interações (não mais *in loco*) do grupo quanto à visita na Fortaleza de São José de Macapá; diálogos sobre suas próprias produções fotográficas e também a produção de outro desenho acerca da fortaleza seguido de comentários sobre o mesmo.

Assim sendo, os próximos subtítulos estão organizados conforme as temáticas debatidas nos 06 encontros. E ainda optou-se em fazer seleções de falas dos/as colaboradores/as levando em consideração evidências quantitativas e qualitativas.

opiniões. Entretanto, em muitos momentos ao logo dos encontros e por se tratar de método de grupo focal, no qual as respostas são oralizadas perante o grupo, determinadas respostas de um/a colaborador/a influenciava o restante do grupo.

⁹⁵ -A intenção desse roteiro de perguntas era verificar se dentre as imagens que circulam no cotidiano da escola surgiam relatos entre os/as colaboradores/as sobre possíveis imagens da fortaleza que permitissem problematizar as interpretações geradas a partir dessas supostas representações. Entretanto, como não foi relatado pelos/as colaboradores/as, neste momento, referências sobre questões de circulação de imagens da fortificação na escola, optou-se em suprimir do texto os fragmentos desses diálogos sobre o tema: imagens e visualidades no cotidiano da escola. Somente em outros momentos do grupo focal que se retornou a abordagem de possíveis imagens da fortaleza em ambiente escolar.

⁹⁶ - Alguns colaboradores/as acabaram esquecendo-se de levar as imagens. Prevendo essa possibilidade foram disponibilizadas pastas catálogos com diversas imagens da fortificação para que esses/as colaboradores/as que esqueceram as imagens pudessem selecionar e participar do encontro daquele dia.

3.4 - Patrimônio Cultural

Dentre as temáticas abordadas durante a realização do grupo focal, foi sobre o termo Patrimônio Cultural, objetivando verificar quais as opiniões individuais acerca da conceituação do termo e identificar também, em suas falas, posições iniciais em relação a Fortaleza de São José de Macapá.

Fazendo retorno a Lemos (2006), citado no segundo capítulo, o mesmo conceitua patrimônio cultural dividido em três categorias, contemplando: meio ambiente; técnicas e o saber fazer; e por fim os bens culturais (objetos, artefatos e construções obtidas a partir do meio ambiente e do saber fazer).

Durante um dos momentos do grupo focal, foi feito aos colaboradores/as o seguinte questionamento: “O que significa para vocês patrimônio cultural?”. Nas falas dos/as colaboradores/as predominou muito a acepção do termo como referente ao coletivo, principalmente um coletivo relativo ao próprio Estado ou região: “algo que é nosso” (Dandara), “coisa que é de todas as pessoas” (Rafa), “algo que é da nossa região, do nosso Estado” (Estefany). Ou seja, ocorreu nas falas um sentido de pertencimento e relativo ao lugar onde eles/as vivem. Sobre essa questão Pelegrini (2009), infere que:

A acepção de patrimônio cultural não compreende apenas os sítios arqueológicos, a arquitetura, os antigos objetos em desuso e o espaço dos museus; **os bens que conferem identidade aos cidadãos abrangem também as experiências vividas, condensadas nas formas de expressão diversificadas, juízos de valor, celebrações, modos de usar os bens, os espaços físicos e o meio ambiente.**
(PELEGRINI, 2009.p. 37. *Grifo meu*)

Assim, durante a interação, não foram citadas falas específicas quanto ao patrimônio cultural no sentido de bens culturais (objetos, artefatos). Porém na fala do colaborador Kevin, percebeu-se uma das classificações de patrimônio cultural referente ao meio ambiente: “Bom, no caso patrimônio cultural, se observar lá no Museu Sacaca⁹⁷ é (2.0) você pode observar que tem bastante açaizeira, né, e aqui no Estado é um dos lugares que mais tem a cultura do açaí.” (KEVIN, Grupo focal, em 04 de setembro de 2012).

⁹⁷ - O Museu Sacaca, com característica de exposição a céu aberto, é um complexo museológico que está vinculado ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – IEPA, e possibilita inter-relacionar diversas temáticas dentre elas: científicas, ambientais, saber popular, e identidade cultural local e regional. (MARINHO, 2011, p.6).

Também se atentou para dois comentários aproximados, num posicionamento crítico, sobre o patrimônio cultural em relação a determinadas posturas preconceituosas que algumas pessoas de outras regiões têm em relação à região norte e ao Estado do Amapá, expressos em falas de Razor e Karol.

Karol: “Patrimônio cultural pra mim é tudo que seja daqui, por que tem muitas das vezes pessoas que vem de outros Estados discriminar, tem preconceitos com as nossas culturas, então a gente tem que cultivar, por que senão isso pode acabar” (Grupo focal, em 04 de setembro de 2012).

Razor: “Bom é cultura, né. Tem que (2.0) as pessoas têm que cuidar, tem que ter zelo até porque outras pessoas de outros Estados discriminam a cultura de outros Estados. E temos que ter esse respeito com a cultura de cada um.” (Grupo focal, em 04 de setembro de 2012).

Por não terem sido citadas questões diretas aos bens culturais (artefatos e construções) durante as primeiras perguntas sobre o termo: patrimônio cultural fez-se então o seguinte questionamento: “Vocês conhecem algum patrimônio material ou monumento da cidade? Qual/is?”.

Verificou-se que seis colaboradores/as citaram a fortaleza dentre os monumentos que conhecem. A respeito dos monumentos da cidade o mais citado foi a Fortaleza de São José de Macapá seguido do monumento Marco Zero do Equador⁹⁸. Entre os/as colaboradores/as todo/as referiram-se a mais de um patrimônio cultural, exceto Dandara que se reportou somente à fortaleza, relatando inclusive um fator histórico e sua relevância turística para a cidade: “Conheço, **a Fortaleza de São José é um dos monumentos mais antigos**, e que torna o principal cartão postal da cidade, né. Que muita gente vem pra conhecer ela”. (Grupo focal, em 04 de setembro de 2012. *Grifo meu*).

Questões sobre patrimônio cultural também foram levantadas durante a entrevista com a professora de Arte Monalisa⁹⁹, uma das perguntas feitas foi em atenção à reformulação do currículo de Arte realizada em 2009, pela Secretaria de Educação do Estado do Amapá¹⁰⁰ que prevê no 1º ano do Ensino Médio abordagens sobre bens culturais e patrimônio cultural. E também com o objetivo de buscar informações de como o ensino formal (disciplina Arte)

⁹⁸ - Edificação construída como um marco para sinalizar a divisão da linha imaginária do Equador que divide o mundo em hemisfério norte e hemisfério sul. Nesta construção há um obelisco por onde se pode visualizar o fenômeno do equinócio (dia e noite duram o mesmo tempo) que ocorre em dois períodos do ano, cujo sol alinha-se ao círculo vazado existente no obelisco projetando seus raios solares sobre a linha imaginária dos dois hemisférios.

⁹⁹ - Nome fictício escolhido pela entrevistada. Em 03 de outubro de 2012. Roteiro utilizado na entrevista com a professora de Arte. Apêndice-E.

¹⁰⁰ - Trechos do Currículo de Arte elaborado pela Secretaria de Educação do Estado do Amapá. Anexo-A.

aborda sobre o tema. Assim sendo, perguntei à professora: “no currículo de arte (2009) estão inseridos questões sobre patrimônio cultural. Você aborda esse tema em suas aulas? Como é essa abordagem?”. E a resposta da professora foi: “É (2.0) esse conteúdo ele tá abordando no 3º ano e como eu até hoje não trabalhei com o 3º ano, sempre é com 1º e 2º ano, e aí, particularmente, ainda não trabalhei em minhas aulas entendeu?” (Entrevista feita em 03 de outubro de 2012).

Entretanto, sabe-se que os professores de Arte lidam com os mais diversos tipos de patrimônio cultural cotidianamente em sua disciplina. Por este fato, continuei a pergunta: “Mas mesmo sendo no 3º ano, como disse ainda há pouco. Você chega a abordar algo sobre a temática com as turmas do 1º ano?”. A resposta da professora que se seguiu foi:

Eu acho que quando a gente, por exemplo, a gente inicia o primeiro assunto: entendendo a arte, a gente fala um pouco de patrimônio público, mas só que a gente não se aprofunda. A partir daí eu acho que o professor (2.0) cabe ao professor é (2.0) achar um mecanismo, um meio de cativar os alunos e orientá-los a perceber essa situação da questão do patrimônio, né. Porque é necessário, é algo que faz parte da sociedade, então é necessário que conserve e valorize alguns patrimônios. No caso aqui em Macapá tem poucos, então é necessário preservar todos.

(MONALISA, entrevista feita em 03 de outubro de 2012)

O que fica evidente na fala da professora de Arte, é que na Escola Estadual Tiradentes a temática sobre patrimônio cultural é evidenciada no 3º ano e não no 1º ano (sugerido pelo Currículo de Arte do Estado). Verifica-se também, no trecho: “no caso aqui em Macapá tem poucos, então é necessário preservar todos”; que a fala da professora, ao se reportar à temática, patrimônio cultural, referiu-se (talvez inconscientemente) ao patrimônio material arquitetônico e não as diversificadas tipologias patrimoniais dentre elas as obras de arte ou os próprios saberes de um grupo (patrimônio imaterial).

Acerca das abordagens temáticas sobre patrimônio cultural em sala de aula, Pelegrini (2009) esclarece que:

Precisamos ter em conta que a inserção da problemática patrimonial torna imperioso alguns cuidados iniciais. Para isso, recomendamos que:

- a) O professor tenha algum entusiasmo pelo tipo de bens culturais que pretenda abordar com suas turmas.
- b) Não tome como imperativas a inclusão dessas experiências em todos os ciclos do ensino fundamental ou todos os anos do ensino médio nos quais atua.
- c) Incorpore tipologias patrimoniais diversificadas como meio de aprendizagem.

(PELEGRINI, 2009.p. 44-45)

Outra questão levantada sobre patrimônio cultural tanto para os/as colaboradores/as quanto para a professora de Arte e a gestora da escola, foi sobre quais manifestações culturais ou festividades costumam ocorrer na escola. A intenção também era verificar se alguma proposta sobre a fortaleza seria citada em suas falas.

Assim sendo, nas falas dos/as colaboradores/as somente duas pessoas comentaram sobre determinadas manifestações culturais, os demais informaram não terem participado de nenhum evento cultural na escola. Na fala do colaborador Rafa, por exemplo, o mesmo relata: “Também é meu primeiro ano, nunca frequentei nenhuma manifestação cultural. A única coisa mais cultural que teve na escola foi o projeto da África” (Grupo focal, em 04 de setembro de 2012).

Percebe-se na fala do colaborador que ele se reporta ao projeto como se o mesmo já tivesse acontecido ao mesmo tempo em que diz ser seu primeiro ano na escola. No entanto, em levantamento de dado, verificou-se que o projeto ocorre geralmente no mês de novembro¹⁰¹. Nas falas da Professora de Arte e da gestora em relação às manifestações culturais ocorridas na escola foi ressaltado também o “Projeto África – Brasil – Africano”¹⁰².

Como o projeto trata de manifestações culturais e trabalha (segundo a gestora Mary Cruz) com “questões da cultura afrodescendente”, surge uma inquietação: durante a realização do projeto, em cada ano, são veiculadas imagens sobre a fortificação? Quais ideias e possíveis deslocamentos interpretativos estariam presentes nessas imagens? Haja vista que circulam na cidade discursos sociais sobre a relação da fortaleza com as pessoas escravizadas vindo da África. No entanto, essa observação não pôde ser constatada, devido ao ano de 2012 ter sido atípico para o período letivo das escolas públicas.

Em torno das reflexões sobre patrimônio imaterial (retornando ao encontro com os/as colaboradores/as) não se fez perguntas diretas como: O que significa para vocês patrimônio imaterial? As perguntas tiveram como foco o marabaixo, para verificar, principalmente, qual relação os estudantes estabelecem entre o marabaixo e a fortaleza. Os questionamentos feitos foram: “Vocês sabem o que é marabaixo? Alguma vez já dançaram? Qual a opinião de vocês sobre o marabaixo?”. Assim, destaca-se a fala de Karol:

A palavra marabaixo vem dizer assim. Quando os negros vieram, então vieram em mar, então (2.0) então quando eles morriam, jogavam eles no mar abaixo. Então é mar abaixo que quer dizer marabaixo. Então essa é uma dança muito antiga, por que quando os negros eram acorrentados eles tinham um passo muito pequeno, então eles vinham arrastando os pés, então a dança vem também sobre isso. É muito antiga mesmo. E hoje como diz, assim (2.0) a dança do marabaixo já não é tão antiga como era antes, porque ta tudo modificado, tem alguns grupos, assim (2.0) que ainda levam antigamente como era, como veio de muito tempos, como o grupo do finado Pavão, que é do Raimundo Nino Ramos, e com ele ali a cultura dele é assim, como

¹⁰¹ - Ano letivo de 2012 foi atípico, iniciou em agosto devido à greve dos professores do Estado no primeiro semestre.

¹⁰² - Segundo a Gestora da Escola, o referido projeto “trabalha muito com questões da cultura afrodescendente [...] A questão da valorização da cultura local é muito forte [...] voltado à questão de trabalhar a consciência negra, da cultura, mas também da parte científica [...] as principais manifestações culturais daqui vêm dessa miscigenação africana amapaense brasileira”. (entrevista feita em 03 de outubro de 2012).

disse para os filhos dele, que meu pai também toca no grupo dele. Ele disse que não era pra deixar a cultura morrer e que era pra continuar do mesmo jeito como ele deixou. Então ele (2.0) isso daí é muito antigo, então eu preservo muito! Eu não vou negar em dizer que eu danço. Eu danço! E eu gosto muito! E tem isso de ter preconceito que isso é dança de negro! Não! Dança branco! Dança quem quiser! Quem vem de fora dança não tem preconceito com qualquer cor nenhuma.

(KAROL, grupo focal, em 04 de setembro de 2012)

Sempre que as perguntas giravam em torno do marabaixo, a colaboradora Karol demonstrava entusiasmo e valorização por sua família ainda preservar essa manifestação cultural. Karol é afrodescendente e fala com orgulho das tradições sobre o marabaixo mantidas por seus familiares: “Eu danço, desde um ano. Mas comecei a dançar no grupo mesmo com sete anos. E danço até hoje. E pretendo dançar até, como diz a vovó, até bem velhinha!” (KAROL, grupo focal, em 04 de setembro de 2012).

Karol aborda sobre o preconceito que há acerca do marabaixo em que muitos sujeitos sociais acham que “isso é dança de negro!” e em seguida ela expressa “não! Dança branco! Dança quem quiser!”. Ao verificar esse relato, surgiu a reflexão quanto às imagens que trazem representações do marabaixo às proximidades da fortaleza, debatidas no primeiro capítulo, cujas imagens evidenciam somente as pessoas negras vivenciando o marabaixo, onde se levantou questionamentos aproximados ao: será que essas imagens também não ajudam a reforçar esse preconceito na sociedade ressaltado na fala de karol?

Percebeu-se também que quando a colaboradora falou sobre o preconceito existente em relação ao marabaixo, tal opinião provocou reações no grupo naquele momento, evidenciadas em comentários de alguns colaboradores, como: “Eu nunca dancei, mas eu não tenho nada contra, eu até apoio” (Rafa); “Eu nunca dancei o marabaixo. Mas não tenho preconceito com quem realiza a dança” (Razor); “Eu nunca dancei marabaixo. Mas já vi e também não tenho nada contra” (Kevin).

No que tange a opinião dos/as colaboradores/as sobre o marabaixo, observou-se que muitos deles relataram seus entendimentos baseados em informações de senso coletivo ou uma espécie de memória social que é comum circular pela cidade através dos sujeitos. São vários discursos orais de como surgiu o marabaixo.

Quanto a eles/as já terem dançado o marabaixo, somente duas colaboradoras (Karol e Dandara) disseram que sim. Sendo que Karol dança frequentemente (como abordado acima) por pertencer a um grupo cultural de marabaixo que faz apresentações estaduais e nacionais; e Dandara por ter dançado em eventos culturais realizados em escola.

A Fortaleza de São José de Macapá não foi citada por nenhum deles/as nesse momento de interação. No entanto, quatro estudantes expressaram em suas falas a relação com os negros escravizados, muito embora não ficando claro se os/as mesmos/as referiam-se ou não aos negros que serviram de mão de obra da construção da fortaleza, como forma de associar os dois referenciais identitários. Também foram evidenciados comentários de alguns colaboradores/as em associar o marabaixo à ideia de felicidade, como nos exemplos: “uma dança que foi criada pelos escravos que antes há tempos atrás eles viviam acorrentados, né” (Dandara); “Bom, dança do marabaixo, no caso, é uma dança dos negros que veio de muito tempo atrás, que eles dançavam isso para dizer que eles tavam felizes” (Kevin); “Marabaixo é uma dança que os negros dançavam nos navios quando vinham pra cá pro Brasil, dançavam também quando eles tavam felizes” (Frank).

3.5 - Fortaleza de São José de Macapá

Dando continuidade à verificação de quais memórias e referências os estudantes possuem sobre a fortaleza, bem como averiguar sob quais influências a fortificação opera na construção identitária dos/as colaboradores/as fez-se o seguinte questionamento: “E a Fortaleza de São José de Macapá? Vocês conhecem? O que tem a falar sobre ela?”. Os comentários dos/as colaboradores/as foram:

Dandara: “Tenho muito respeito por causa dela ser daqui mesmo. Tá aqui e também (2.0) muitas vezes essas reportagens aparecem vindo de São Paulo pra cá, comentam sobre a Fortaleza de São José pelo respeito que eles têm a ela, né, pelo menos a ela (risos)”. (Grupo focal, em 04 de setembro de 2012).

Rafa: “É um monumento muito antigo, ponto histórico que atrai muitas pessoas, muitos turistas aqui pra Macapá e é um patrimônio nacional”. (Grupo focal, em 04 de setembro de 2012).

Gustavo: “Eu respeito, né. Mas tem uma coisa nela que também (2.0) que me chama atenção, que no caso era que lá onde ficavam os escravos, né. No caso lá tem uma espécie de esgoto lá no meio que eles botavam os escravos lá dentro né. E era uma forma de tortura muito grande, porque eles morriam afogados porque aquilo enchia quando a maré enchia. Então, tem essa história né. É patrimônio cultural, era pra defender aqui, mas também tinha essa coisa contra os escravos”. (Grupo focal, em 04 de setembro de 2012).

Kevin: “Bom, a Fortaleza de São José é uma coisa histórica, né, no caso. É um lugar que eu respeito muito, é um lugar que gosto muito de ir lá. Só que muitas pessoas, elas desrespeitam aquele lugar. No caso, tem pessoas que fazem vandalismo lá naquele local, que devia ser bem preservado”. (Grupo focal, em 04 de setembro de 2012).

Frank: “Eu respeito muito ela pela importância que teve para o Estado. Gosto muito de lá, acho ela muito bonita também”. (Grupo focal, em 04 de setembro de 2012).

Razor: “Na minha opinião é que temos que preservar o nosso patrimônio. Até porque vem muitos turistas aí de fora que apreciam a nossa fortaleza. Mas só que a gente mesmo, até não tem zelo com ela. Destrói ela, faz outras coisas. Mas assim o que eu acho sobre ela é um patrimônio histórico que os negros, os escravos criaram para defender a nossa costa aqui no Estado”. (Grupo focal, em 04 de setembro de 2012).

Estefany: “É um lugar muito bonito. E eu acho que deve ser preservado e bem cuidado”. (Grupo focal, em 04 de setembro de 2012).

Karol: “Pelo que eu entendo, pela minha forma de entender foi que (2.0) também tem que preservar porque bem dizer, assim, os negros sofreram, carregaram monte de pedras, né. Sofreram pra construir aquilo. Então nós temos que preservar, não temos que destruir, só isso. (Grupo focal, em 04 de setembro de 2012).

Karla: “Mais ou menos, é um monumento interessante, pois conta e relembra um pouco a história do povo nativo¹⁰³”. (Grupo focal, em 04 de setembro de 2012).

Como observado na fala dos/as nove colaboradores/as, as relações socioculturais construídas na contemporaneidade por este coletivo de estudante se faz de modo ambíguo e crítico. Ao mesmo tempo em que se vê o enaltecimento e o orgulho ao monumento, nas falas de alguns são registrados a marca dolorosa da escravidão e da repressão.

Muito embora, perceba-se na fala de Gustavo um relato de certos discursos que circulam na sociedade, mas que surgiram ao longo da história sob o efeito de uma memória social, que muitas vezes vão de encontro com a história documentada, como a questão do desaguardo que, segundo entrevista com historiador, não se tem informação documentada sobre o fato de utilização do fosso para penalização das pessoas escravizadas.

¹⁰³ - A palavra “nativo” é comumente utilizada para significar indígenas. Contudo, observou-se durante o diálogo que a colaboradora Karla, ao utilizar a expressão não se referia a essa significação e sim utilizou o termo para englobar as pessoas que viviam na época do período colonial, incluindo também os estrangeiros, pois as pessoas que viviam na época eram: indígenas, africanos, colonos/soldados vindo de ilhas pertencentes à Portugal e europeus (engenheiro oficiais militares).

Porém, torna-se uma história coletivizada ou porque não dizer relatos presentes de uma cultura histórica¹⁰⁴ que “além de introduzir e produzir sentidos empenha-se em disputar sentidos com outras memórias e discursos sociais “oficiais”. Sendo social, faz parte de um campo discursivo e simbólico em luta” (MORAES, 2005, p. 99). Ainda sobre os sistemas simbólicos, Martins (2010), infere que:

Os sistemas simbólicos são estabelecidos e preservados pela tradição, e cultivados por meio de práticas culturais. Gradativamente, passam a ser incorporados por outros seres humanos, como legado de outras gerações. Portanto, os sistemas simbólicos se constituem como marca e prática desejável que definem e caracterizam um grupo, comunidade ou sociedade num tempo e lugar específicos.

(MARTINS, 2010, p. 20)

Outra questão verificada na fala do grupo de estudantes, neste momento da pergunta, é que nenhum/a se referiu sobre a fortaleza pontuando a participação indígena na sua construção. Os discursos sobre as pessoas negras como mão de obra desta edificação se sobrepuseram. Diferente dos discursos sociais ocorridos na década de 90 (século XX), que valorizavam a participação indígena, relatados por Machado (2001) no primeiro capítulo.

No decorrer dos encontros do grupo focal, foram feitos dois questionamentos para os/as colaboradores/as em relação à consideração dos pontos relevantes e os pontos deficitários da fortificação. Assim, perguntou-se: “O que é ‘bom’ na Fortaleza de São José de Macapá?” e “O que é ‘ruim’ na Fortaleza de São José de Macapá?”.

A respeito do primeiro questionamento citado, verificou-se que a exaltação da fortaleza quanto a sua beleza, estrutura arquitetônica e seus fatos históricos, foram considerados pontos relevantes. E ainda o ambiente que segundo o colaborador Razor: “Pelo ambiente bonito e para passar o dia ao lado da família” (Grupo focal, em 11 de setembro de 2012). Muito embora, em sua fala e de outros/as colaboradores/as se observem certa referência do Parque do Forte (apesar de não citado diretamente) sendo confundido com a própria fortificação ou uma extensão deste monumento. Uma espécie de “batalha de significados”, ou seja, ir ao Parque do Forte para muitos é o mesmo que ir à fortaleza. Questão essa abordada em entrevista com o historiador Hermano Araújo:

¹⁰⁴ - Entendo por cultura histórica os enraizamentos do pensar historicamente que estão aquém e além do campo da historiografia e do cânone historiográfico. Trata-se da intersecção entre a história científica, habilitada no mundo dos profissionais como historiografia, dado que se trata de um saber profissionalmente adquirido, e a história sem historiadores, feita, apropriada e difundida por uma plêiade de intelectuais, ativistas, editores, cineastas, documentaristas, produtores culturais, memorialistas e artistas que disponibilizam um saber histórico difuso através de suportes impressos, audiovisuais e orais. (FLORES, 2007, p. 95).

Esse serviço de urbanismo e paisagismo da área de entorno, ele vai dar outro sentido também. Vai pegar áreas que já foram aterradas e beneficiar com equipamentos urbanos (2.0) com objetivo de atrair à sociedade para a proximidade da fortaleza (2.0) esse processo de atração ao ser inaugurado o projeto (2.0) ele passou a desenvolver competentemente (2.0) a cidade de Macapá hoje vive no entorno da Fortaleza de São José de Macapá, porém sem valorizar e sem participar da vida do monumento (2.0) porque o monumento bem perdeu a atração.

(ARAÚJO, Hermano. Entrevista feita em 28 de julho de 2011)

Araújo ainda critica o nome dado à área de entorno, que gera desinformação a respeito da fortaleza:

Parque do Forte (2.0) isso é uma degradação do seu próprio nome, porque ela é uma fortaleza, e fortaleza é uma categoria de fortificação e forte é outra categoria [...] e aí a população vai lá no parque do forte (2.0) ‘lugar bonito’ que era o *marketing* do Governo e todo mundo vai lá no parque do forte (2.0) vai lá no lugar bonito, mas não vai lá na fortaleza que é o principal lugar de memória. O lugar mais importante passou a ser o ‘lugar bonito’ e não o lugar de memória que é o lugar de história (2.0) e isso ficou (2.0) até hoje a gente convive com esse conflito porque se criou comércio (2.0) tem comércio que é ‘casa do forte’, ‘tecido do forte’, ‘hotel do forte’, ‘drogaria do forte’ e tudo mais e não tem nada da Fortaleza de São José de Macapá.

(ARAÚJO, Hermano. Entrevista feita em 28 de julho de 2011)

Quanto ao segundo questionamento, constatou-se que a maioria dos/as colaboradores/as tomou como pontos deficitários: a falta de manutenção, a falta de iluminação, o vandalismo em relação ao local (fortaleza e Parque do Forte) e aos transeuntes. Ou seja, questões patrimoniais relatadas sobre a preservação do monumento e de seu entorno, abordadas no segundo capítulo, surgiram em vários momentos durante os encontros, assim como a observação feita pelos/as colaboradores/as de que a fortaleza é um patrimônio nacional. Dessa forma os pontos deficitários segundo as fala dos colaboradores Gustavo e Razor, são:

Gustavo: “Bom, tem a questão também, né da iluminação que fica muito escuro, aí fica aquela parte lá cheia de malaco¹⁰⁵ (risos do grupo) Aí as pessoas que vai geralmente caminhar lá não tem, né uma tranquilidade para fazer as atividades”. (Grupo focal, em 11 de setembro de 2012).

Razor: “Bom pela falta de manutenção dos equipamentos de lá. Como a própria colega disse que a noite lá fica escuro, e o pessoal não tem zelo pela fortaleza”. (Grupo focal, em 11 de setembro de 2012).

Em torno das questões sobre visita ao monumento/museu Fortaleza de São José de Macapá indagou-se: “Qual a primeira vez que vocês visitaram a Fortaleza de São José de Macapá? O que acharam?”. Seguido do questionamento sobre a quantidade de vezes que cada colaborador/a visitou o local.

¹⁰⁵ - Gíria que significa pessoas de má índole que praticam crimes, atos de infração e violência.

Três colaboradores (Rafa, Kevin e Frank) disseram nunca terem visitado a fortaleza por ainda não terem tido vontade (Rafa, e Frank), ou oportunidade (Kevin). Verifica-se na fala principalmente de Rafa e Frank certo desprendimento em não terem ido ainda à fortificação muito embora em vários momentos dos encontros suas falas sejam de respeito, enaltecimento e preservação do lugar. Somente Razor e Karol expressaram em suas falas já terem ido ao local em alguns momentos, por intermédio de escolas em que estudaram anteriormente.

Sobre a experiência de terem ido pela primeira vez à fortaleza destacam-se os comentários de Razor e Karol:

Razor: “Bom, eu não me recordo da primeira vez que eu fui, mas no dia que eu fui, eu fui com a minha família. Foi um dia muito legal, que eu pude conhecer a fortaleza e a cultura dela e suas histórias. Eu tinha doze anos”. (Grupo focal, em 11 de setembro de 2012).

Karol: “Foi quando fui dançar marabaixo. Quando teve a demonstração do [pan]¹⁰⁶, amei como quando eles iam ascender a tocha com o fogo. A fortaleza apesar de ser muito antiga é um monumento que chama muito atenção dos turistas, até mesmo dos moradores de Macapá. Ali mostra que os negros escravos sofreram para construir, carregava pedra de uma por uma até construir a fortaleza”. (Grupo focal, em 11 de setembro de 2012).

Na fala de Razor fica evidente que ele retém em sua memória a relação familiar vivida naquele dia de interação com o lugar. Já Karol evidencia que a primeira vez que foi ao lugar foi para dançar marabaixo num evento ocorrido na fortificação. Fato que é muito frequente em eventos promovidos pela própria instituição e/ou pelas gestões públicas (Governo Estadual e Municipal). Cenas de festejos do marabaixo realizados na fortaleza ou em suas intermediações se projetam inclusive em imagens criadas por artistas visuais em fotografias, pinturas, desenhos, etc.

3.6- Imagens e Visualidades da Fortaleza de São José de Macapá

Conforme exposto no início deste capítulo (subtítulo 3.3) as investigações acerca de como são as visualidades da Fortaleza de São José de Macapá em interação com a Escola Estadual Tiradentes, com a participação dos/as estudantes colaboradores/as, tiveram como

¹⁰⁶ - A utilização da palavra dentro do símbolo [], significa: transcrição incerta. (MYERS, 2010, p.288), Porém mesmo com o som incompreensível durante a transcrição da gravação deste trecho, por dedução supõe-se que Karol se referiu aos jogos pan-americanos, quando na ocasião antecedente ao evento a tocha olímpica dos jogos, percorreu todas as capitais do Brasil.

enfoque a recepção e a produção de imagens. Eixos que serão abordados de acordo com as subseções¹⁰⁷ abaixo.

3.6.1- Recepção de imagens e as visualidades da Fortaleza

Dentre os momentos de interação do grupo em torno de questões de suas interpretações sobre as imagens da fortaleza, foi feito o seguinte questionamento: “Vocês se lembram de alguma imagem (obras artísticas, publicidade, representações oficiais como bandeiras ou brasões, etc.) onde apareceu a Fortaleza de São José de Macapá e que lhe chamou a atenção? Descreva como era essa imagem? E porque chamou a sua atenção?”

Dos comentários que se seguiram, verificou-se que seis dos/as colaboradores/as evidenciaram em suas falas já terem visto principalmente a cena em que a fortaleza está em panorâmica (vista aérea). Quanto aos suportes ou meios nos quais viram as imagens foi relatado: fotografias, pingente de cordão, programas de televisão, calendários, revistas, publicidades, maquete etc. Como por exemplo, no comentário da colaboradora Karla: “Eu não me lembro de nenhuma imagem que me chamou a atenção, mas já vi a fortaleza em muitas propagandas eleitoral que aparece muito. Como de cima para baixo, mas já é uma imagem já normal, natural que a gente sempre vê na televisão, então não chama tanta atenção”. (Grupo focal, 11 de setembro de 2012).

No comentário de Karla, a colaboradora expressa uma imagem muito citada pelo grupo, porém, em sua opinião, não lhe desperta o interesse. Ressalta-se que essa cena da fortificação (vista aérea) relatada neste momento por muitos dos/as colaboradores/as; em encontro anterior foi também muito desenhada por uma maioria (proposta que será relatada na subseção seguinte), muito embora a colaboradora Karla não tenha desenhado essa cena.

Observa-se também que a colaboradora cita ter visto imagens da fortificação em muitas propagandas eleitorais. Informa-se que no período da pesquisa, ocorria na cidade eleições para prefeito e vereadores, e era veiculada, principalmente nos horários eleitorais televisivos, muitas imagens da fortaleza como plano de fundo (cenário) ou videocliques enquanto os/as candidatos/as faziam propaganda de seus projetos políticos para cidade. Ou

¹⁰⁷ -Muito embora nos subtítulos anteriores já terem abordadas questões sobre os dois eixos (principalmente recepção de imagens). Optou-se neste momento em desmembrá-los em outras subseções como proposta de sistematizar os dados que ainda faltam ser problematizados.

seja, a fortaleza era colocada como memória oficial e referencial identitário da cidade e como mecanismo envolvente de reforço a questões políticas ideológicas.

Ainda neste momento de interação perguntou-se aos colaboradores/as: “Na sua escola você vê com frequência imagens sobre a fortaleza de São José de Macapá? Nas aulas de quais disciplinas? Descreva como são essas imagens”¹⁰⁸. Todo/as os/as colaboradores/as disseram não ter visto imagens da fortificação sendo veiculadas no interior da Escola Estadual Tiradentes¹⁰⁹, mas comentaram já terem visto nas escolas anteriores em que estudaram, sendo que seis colaboradores/as informaram terem interagido com as imagens nas aulas da disciplina Arte. No entanto, Razor foi o único a citar que a proposta realizada na disciplina Arte também foi articulada com visita ao monumento. Contudo, a referida escola relatada pelo colaborador localiza-se em um ponto cujo acesso à fortificação pode ser feito por caminhada.

Bom, aqui na Escola Tiradentes, a gente ainda não teve a oportunidade de ver essas imagens. Mas na minha outra Escola Antônio Cordeiro Pontes, a gente foi fazer várias visitas lá e aí a gente visitava a fortaleza e conversava com os historiadores de lá. A gente fazia maquetes da fortaleza, imagens, vídeos e entre outras coisas. A disciplina era artes e a série era 8ª.

(RAZOR, Grupo focal, em 11 de setembro de 2012)

Outro momento acerca de recepção de imagens ocorreu no período de 18 de setembro de 2012. De princípio, no encontro anterior solicitou-se que cada colaborador/a trouxesse quatro imagens¹¹⁰ da fortaleza escolhida por eles/as. No entanto, somente dois estudantes (Kevin e Karla) trouxeram o número solicitado, os demais trouxeram três imagens. Sendo que quatro dos/as colaboradores/as (Dandara, Rafa, Frank e Razor) escolheram suas imagens a partir de pastas¹¹¹ catálogos disponibilizadas antes de o grupo começar o diálogo sobre suas escolhas.

O questionamento levantado neste dia foi: “Comentem o que tem nas imagens. Por que gostou mais? Por que gostou menos?”. Assim sendo:

¹⁰⁸ - Como no início do encontro do Grupo Focal nas perguntas do tema imagens e visualidades no cotidiano da escola não foi citado sobre imagens da fortaleza, neste momento fez perguntas diretas a respeito do assunto.

¹⁰⁹ - Esclareça-se novamente que o ano letivo de 2012 foi atípico e se iniciou somente no mês de agosto. E também o fato dos colaboradores serem estudantes do 1º ano, provenientes de outras escolas. Ou seja, pouco tempo de convivência naquela ambiente escolar.

¹¹⁰ - Optou-se neste trecho do estudo disponibilizar somente os relatos de duas das imagens selecionadas por cada colaborador/a, evitando prolongar a extensão do texto. Informa-se ainda que as imagens trazidas pelos/as colaboradores/as foram copiadas por eles/as da *internet*, porém no dia eles/as não levaram os endereços dos *sites* onde os dados foram coletados, até porque não é uma prática habitual feita por estudantes dessa faixa etária.

¹¹¹ - Foram levadas para o encontro prevendo-se um possível esquecimento pelos colaboradores/as acerca da pesquisa de imagens.

Gustavo: “Nessa imagem aqui tem uma banda que está em cima da fortaleza, que no caso não é a fortaleza, é uma maquete dela, né, que eles fizeram uma homenagem tocando músicas, né, em cima dela. Por isso que eu gostei dela assim”. (Imagem 46).

“Nessa aqui aparece somente os canhões e algumas partes dela aqui, e (2.0) assim eu não gostei muito dela, assim, porque não mostra muita coisa da fortaleza, não dá pra dizer assim que alguém de fora daqui do Estado que vê essa imagem não diz que é a fortaleza, não vai saber, né, porque não tem o formato dela, não dá pra dizer”. (Grupo focal, em 18 de setembro de 2012), (Imagem 47)



Imagem 46: Imagem da fortaleza selecionada por Gustavo, 15 anos.

Fonte: *internet*. Setembro 2012.

Nota: o colaborador não identificou o *site* pesquisado.



Imagem 47: Imagem da fortaleza selecionada por Gustavo, 15 anos.

Fonte: *internet*. Setembro 2012.

Nota: o colaborador não identificou o *site* pesquisado.

Estefany: “Essa outra imagem ela mostra a ponta da fortaleza de lado. Eu acho muito bonito porque mostra o rio, mostra a grama embaixo e (2.0) é só”. (Imagem 48).

“Essa imagem pra mim ela é ruim, assim, porque a fortaleza ainda não era como está hoje, ainda não tem grama, não aparece o rio, e (2.0) não é como é hoje, ainda não está tão bonita. Pra mim ela é uma imagem ruim”. (Grupo focal, em 18 de setembro de 2012), (Imagem 49).



Imagem 48: Imagem da fortaleza selecionada por Estefany, 14 anos.
 Fonte: *internet*. Setembro 2012.
 Nota: a colaboradora não identificou o *site* pesquisado.



Imagem 49: Imagem da fortaleza selecionada por Estefany, 14 anos.
 Fonte: *internet*. Setembro 2012.
 Nota: a colaboradora não identificou o *site* pesquisado.

Kevin: “Essa aqui é a (2.0) uma guaritazinha que tem, achei bem legal essa parte porque mostra no fundo o Rio Amazonas, o rio, e (2.0) também mostra o trapiche”. (Imagem 50).

Essa aqui é a imagem que eu não gostei, porque aqui mostra o local por onde os escravos tentavam fugir e eles ficavam presos aí e era um local de muito sofrimento. (Grupo focal, em 18 de setembro de 2012), (Imagem 51).



Imagem 50: Imagem da fortaleza selecionada por Kevin, 15 anos.
 Fonte: *internet*. Setembro 2012.
 Nota: o colaborador não identificou o *site* pesquisado.



Imagem 51: Imagem da fortaleza selecionada por Kevin, 15 anos.
 Fonte: *internet*. Setembro 2012.
 Nota: o colaborador não identificou o *site* pesquisado.

As interpretações feitas neste momento pelos/as colaboradores/as acerca das imagens escolhidas por cada um deles/as, sobressai, em sua maioria, comentários estéticos intuitivos e de juízo de valor, principalmente, quando a imagem dizia respeito às representações da

fortaleza que menos lhe chamaram a atenção. Percebi então que a forma como realizei a pergunta pode ter provocado tais comentários.

Entretanto, analisando o comentário de Gustavo sobre as imagens selecionadas por ele, verifica-se que uma das imagens com que ele se identificou foi pelo fato da questão sociocultural das pessoas homenageando a fortificação a partir da projeção de uma maquete feita para comemoração de algum evento não especificado. Seu comentário permite reportar-se a imagem de um dos *folder's*/convite produzidos pelo MFSJM, debatido no segundo capítulo, cuja imagem permite deduzir um discurso de que todas as pessoas devem “zelar e respeitar a fortaleza”.

A outra imagem, com a qual ele menos se identificou, deve-se ao fato, segundo ele, da imagem não realçar claramente os elementos arquitetônicos da fortificação. Supõe-se que ele talvez estivesse se reportando a elementos muito comuns veiculados na mídia, como o baluarte e a guarita vistos em sua lateralidade ou até mesmo sua imagem em panorâmica (vista aérea), já que ele expressa “essa imagem não diz que é a fortaleza, [...] porque não tem o formato dela”.

Nas imagens selecionadas por Estefany, a colaboradora expressa que a imagem mais interessante para ela é a que evidencia o ângulo de um dos baluartes em sua lateralidade, juntamente com a presença da guarita e também por valorizar a interação paisagística da fortaleza com o Rio Amazonas. Imagem frequente, abordada em fotografias e pinturas de artistas visuais, como as pinturas de R. Peixe, evidenciadas no primeiro capítulo. A outra imagem, da qual ela menos gostou, registra o período em que o entorno da fortaleza ainda não havia passado pelo projeto paisagístico do Parque do Forte, verificando-se ainda a presença do clube social militar e o estacionamento da instituição bancária (questões debatidas no primeiro capítulo). Na fala da colaboradora a imagem não se torna interessante por ser uma imagem que não valoriza a fortificação e também por não realçar a relação do rio com a fortaleza.

Para Kevin, a respeito da imagem com que ele mais se identificou também é expreso, em sua fala, a presença de outro elemento arquitetônico, que assim como o baluarte é muito veiculado pela mídia: a guarita. E novamente, assim como Estefany, ressalta a presença do Rio Amazonas interagindo com a fortificação, evidenciando também a presença de outro local considerado ponto turístico, o trapiche Eliezer Levy. Acerca da imagem com a qual ele menos se identificou, o que chamou a atenção para o colaborador não foi a questão estética da cena

ou dos objetos arquitetônicos e sim a significação de um discurso oral e/ou memória social que circula pela cidade sobre o desaguadouro¹¹² e o sofrimento das pessoas escravizadas do período.

Uma lembrança ou um documento jamais é inócuo: eles resultam de uma montagem não só da sociedade que os produziu, como também das sociedades onde continuaram a viver, chegando até a nossa. Essa montagem é intencional e se destina ao porvir. Se levarmos isso em conta ao interrogar as lembranças/documentos, a questão essencial será: sob que circunstâncias e a partir de que vontade eles puderam chegar até nós? Por que motivo eles puderam ser encontrados no fundo de um arquivo, em uma biblioteca, nas práticas e discursos de um grupo, a ponto de poderem ser escolhidos como testemunho de uma época? Ao desmontar essa montagem que é a lembrança/documento, não revelaremos nenhuma verdade escondida sob uma aparência enganadora, mas sim a perspectiva, a vontade e a aposta a partir da qual nós a conservamos, escolhemos e interrogamos.

(GONDAR, 2005, p. 17)

Dando sequência ao relato das interações dos/as colaboradores/as em torno das imagens, analisando a recepção e as interpretações, realizou-se no período de 20 de setembro de 2012 o quarto encontro, no qual se selecionou sete imagens¹¹³ abordadas no primeiro capítulo. A escolha destas se deu para verificação de algumas inquietações e reflexões levantadas ao longo desta pesquisa. Assim sendo, foram levadas ao encontro duas imagens sobre a arquitetura da fortaleza (fotografias); uma imagem de parte do material da cartilha educativa¹¹⁴ (não publicada) do Museu Fortaleza de São José de Macapá; e quatro imagens de pinturas de artistas locais¹¹⁵.

Ressalta-se ainda que as perguntas formuladas, para este momento de interação, foram elaboradas levando em consideração o embasamento teórico de Franz (2005)¹¹⁶ sobre análise de imagens e os cinco âmbitos de compreensão, proposta pela autora.

¹¹² - Desaguadouro – lugar de coleta de águas da chuva canalizadas para o Rio Amazonas. Comenta-se na cidade que esse local era utilizado para prender em punição a mão de obra da fortificação (sobretudo os negros escravizados). No entanto, segundo falas de historiadores e verificações em textos e pesquisas sobre a fortificação, não foi encontrado registro documental ou passagens citadas em textos escritos que confirmem tal discurso.

¹¹³ - Exceto as duas imagens sobre a arquitetura.

¹¹⁴ - Imagem que por questões judiciais, optou-se em não exibí-la na pesquisa, porém o seu levantamento descritivo encontra-se no segundo capítulo.

¹¹⁵ - Imagens exibidas aos colaboradores sem as informações técnicas das obras, visando à observação e suas interpretações visuais sem interferência de textos escritos.

¹¹⁶ - A autora propõe um instrumento de análise de obras de arte, mas que segundo ela pode ser utilizado para outros tipos de imagens. Nesta proposta, segundo Franz (2005) a imagem “deve ser compreendida à medida que o aluno estabelece numerosas conexões entre a diversidade de conhecimentos implicados na compreensão profunda de uma obra de arte e a vida pessoal e social de cada um” (FRANZ, 2005, p. 161). Os cinco âmbitos de compreensão, segundo a autora, não aparecem de forma isolada, mas interconectados e englobam: âmbito *histórico-antropológico* – “que compreensão os entrevistados têm da obra, como reflexo de determinado contexto histórico/político/social/cultural e como o relacionam com o contexto de recepção”. (FRANZ, 2005, p. 163); âmbito *estético-artístico* – “faz referência à compreensão da imagem como um sistema de representação do universo visual: códigos simbólicos, referenciais culturais” (FRANZ, 2005, p. 163); âmbito *pedagógico* – “se relaciona com a pedagógica crítica na qual uma imagem deve ser estudada por

Dessa maneira, as perguntas formuladas para as imagens (fotografias) sobre a arquitetura (Imagens 52, 53) da fortificação foram: “Em sua opinião qual o grau de importância que tem a Fortaleza de São José de Macapá para os moradores da cidade? Por quê?” (Âmbito de compreensão biográfico); “E na sua vida, qual grau de importância possui a Fortaleza de São José de Macapá? Por quê?” (Âmbito de compreensão biográfico); “O que podemos aprender e ensinar com esta imagem?” (Âmbito de compreensão pedagógico).



Imagem 52: Panorâmica da Fortaleza de São José de Macapá.

Fonte:

<http://casteloroger.blogspot.com.br/2012/05/biblioteca-da-fortaleza-de-sao-jose-de.html> Acesso em janeiro 2012.



Imagem 53: Panorâmica da Fortaleza de São José de Macapá.

Fonte: arquivo digital de dados e imagens disponibilizado pelo MFSJM. Julho 2011.

A partir das interações feitas pelos/as colaboradores/as, pode-se perceber que na primeira pergunta acerca da importância da fortificação para os habitantes da cidade, prevalece o sentimento de pertencimento, exaltação e valorização em relação à fortaleza. Nas falas, os/as colaboradores afirmaram a importância da fortaleza porque é um dos pontos turísticos mais conhecidos, ou porque traz uma relevância cultural e histórica. Falas de um coletivo social que admira e toma muitas vezes a fortificação como representação de uma identidade local. Verificado em Canto (2011):

A Fortaleza de Macapá, pela sua permanência no espaço e no tempo e pelo seu papel histórico, é um símbolo da cidade e ícone material e memorial da sociedade macapaense. As concepções literárias, artísticas e midiáticas expressas nos diversos

meio de uma pedagogia problematizadora e crítica [...] Quais são as questões relacionadas com as metodologias de leitura de imagens que podem prejudicar ou facilitar a compreensão crítica?” (FRANZ, 2005, p. 163-164); *âmbito biográfico*- “como a imagem ajuda o entrevistado a conhecer melhor sua história pessoal? Como ela contribui para melhorar a compreensão do mundo e de si mesmo e neste sentido desenvolver sua identidade?” (FRANZ, 2005, p. 164); e *âmbito crítico-social*- “Define-se a partir de perguntas que levam em conta a relação entre poder e saber como: a quem beneficia e a quem prejudica a visão de mundo que a imagem representa? Como os leva a discutir noções de democracia, tolerância e cidadania?” (FRANZ, 2005, p. 164).

discursos sobre ela, vinculadas ou não ao passado, são o resultado dessa relação que contribui para o processo de formação da identidade local.

(CANTO, 2011, p. 17)

Os Comentários de Kevin e Dandara, por exemplo, chegaram a informar que a cidade de Macapá não seria conhecida ou não existiria se não fosse a presença da fortaleza:

Dandara: “Bem, na minha opinião, ela é muito importante até porque um dos fatos de Macapá ser conhecida é por causa dela, aí pra fora”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Kevin: “Bom, a Fortaleza de São José é um dos pontos mais escolhidos para passar um final de semana e quando se fala em Macapá se fala em Fortaleza de São José. No meu ponto de vista Macapá não seria nada sem a fortaleza de São José”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Já na fala de Karol, a fortificação também é colocada como forma de exaltação, no entanto ela frisa a importância da fortaleza para as pessoas negras da cidade, numa espécie de significação de força e resistência por terem construído um lugar “monumental”, mesmo com toda carga de sofrimentos vivenciada pelos negros escravizados.

Karol: “A importância da fortaleza de São José para os moradores da cidade é porque a fortaleza é **um dos monumentos mais importantes para os negros da nossa cidade de Macapá**. A fortaleza conta como os escravos sofreram com a construção dela. Trabalhavam dia e noite pra que ela ficasse desse jeito como ela é”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012. *Grifo meu*).

Quando a pergunta visou para a importância na vida pessoal alguns dos/as colaboradores/as relataram ser importante em suas vidas por ser um local onde é prazeroso para estar ao lado da família ou “pessoas importantes”. Muito embora, novamente, algumas falas geraram um grau de ambiguidade, ou seja, como lugar prazeroso para se passar com a família estariam eles considerando o complexo Parque do Forte (entorno da Fortaleza) ou a própria fortaleza?

O comentário de Razor, por exemplo, demonstra essa ambiguidade, haja vista que à noite não funciona atendimento ao público na fortificação: “a gente pode passar a tarde com a família, passar a noite pra se divertir e ter uma opção de lazer”. (RAZOR, Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

O comentário de Estefany evidencia que a colaboradora coloca a fortificação como significação de construção identitária: “Já pra mim é muito importante, porque além de ser um

lugar bonito, retrata a história do lugar onde eu vivo”. (ESTEFANY, Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Dois colaboradores, Rafa e Kevin, expressaram em suas falas que na vida pessoal deles a fortaleza não tem importância:

Rafa: “Na minha vida particular, não. Como eu falei, nunca fui lá, e a única vez que estou estudando, fora o ano passado¹¹⁷, a fortaleza, é agora”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Kevin: “A Fortaleza de São José em minha vida não tem um grau de importância, porque eu não conheço sua história direito”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Muito embora cada um dos dois colaboradores tenha expressado a opinião de que a fortificação em sua vida pessoal não tem importância, observou-se que em vários momentos de interação do grupo, esses mesmos colaboradores se reportaram à fortaleza com enaltecimento, respeito e valorização. Dessa forma, surge a inquietação: Os comentários de enaltecimento e valorização sobre a fortaleza feitos ao longo dos encontros pelos dois colaboradores foram somente um reflexo de um significado coletivo gerado na cidade e no Estado sobre a fortificação? Haja vista que neste momento disseram não ter importância em suas vidas?

Por fim, a última pergunta sobre as duas imagens da arquitetura da fortificação ocorreu em torno do que se pode aprender e ensinar sobre as duas imagens. Embora durante o diálogo não tenha sido citado o termo “arquitetura” por esta pesquisadora. Uma parcela dos/as colaboradores/as disse que através das duas imagens poderiam ser adquiridos conhecimentos sobre a arquitetura da fortificação, como evidenciado na fala de Gustavo e Dandara:

Gustavo: “Bom (2.0) da pra aprender uma (2.0) com a arquitetura dela e pra ensinar assim, se eu fosse uma pessoa que conhecesse bastante a história dela, né, que eu não conheço muito, é (2.0). Mas daria pra mostrar, né, dizer como ela foi construída, de onde veio a ideia de fazer ela desse formato. É isso”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Dandara: “Bem (2.0) pela foto, pela arquitetura que mostra bastante, quem conhece bem poderia explicar tudo (2.0) todas essas pontas que tem os nomes dos santos, as casinhas lá dentro, o significado de cada uma, essas coisas”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

¹¹⁷ - Rafa, referi-se a abordagem feita na aula de Arte na Escola Estadual José de Anchieta onde o mesmo estudava. Segundo o colaborador a professora “trouxe duas apostilas com várias imagens da fortaleza”.

Após as interações a par das imagens sobre a arquitetura da fortificação, iniciaram-se as observações da imagem contida no material educativo (não publicado) do MFSJM e de uma das imagens (pintura) exibidas na exposição¹¹⁸ *Traços da fortaleza*. (Imagem 54)

Convém, no entanto, informar que durante a interação com os/as colaboradores/as com a imagem didática¹¹⁹ do museu, optou-se em retirar os textos¹²⁰ que acompanhavam as imagens. A interferência na proposta original foi por considerar que esses textos em questão, neste momento de investigação, poderiam interferir nas interpretações dos/as colaboradores/as em relação às perguntas formuladas acerca das imagens abordadas.



Imagem 54: Pintura sem identificação do artista. Óleo sobre tela. 1,20 X 1,60. s/d.
Fonte: Acervo pertencente ao Museu Fortaleza de São José de Macapá.

As perguntas realizadas neste momento foram: “Que personagens são esses que vemos em cada imagem?” (Âmbito de compreensão: crítico social); “Que relação eles tem com a Fortaleza?” (Âmbito de compreensão: crítico social); “A qual classe social eles pertenciam na época?” (Âmbito de compreensão: crítico social); “Como são vistos hoje na sociedade amapaense e nas demais sociedades?” (Âmbito de compreensão: crítico social).

¹¹⁸ - Realizada no período de 08 a 19 de março de 2012.

¹¹⁹ - A imagem não foi exposta neste capítulo devido questões explicadas anteriormente no segundo capítulo.

¹²⁰ - Os mesmos informam sobre alguns tipos de materiais utilizados na construção da fortificação.

Dessa forma, constatou-se que os comentários tecidos sobre os dois primeiros questionamentos acima, foram falas aproximadas supondo ou imaginando-se um cotidiano daquela época, a respeito da mão de obra da construção da fortaleza.

Como exemplo de comentários da primeira pergunta deste tópico, têm-se:

Dandara: “Pra mim, são os que ajudaram a construir a fortaleza com os trabalhos escravo (2.0) dos escravos e índios”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012)

Frank: “Vejo negros escravos e índios”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Entre os comentários da segunda pergunta deste tópico, podemos destacar:

Rafa: “Na imagem três, eu acho que eles estão fazendo a comida para os próprios trabalhadores e na imagem quatro são os trabalhadores, diretamente, que tão fazendo a fortaleza”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Gustavo: “Bom, nas imagens dá pra perceber que teve uma certa divisão de trabalho, né, por exemplo, os que ficavam trabalhando e talvez os cozinheiros que preparavam a comida para os que estavam trabalhando. Acho que é isso a relação”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Ressalta-se, que durante os seis encontros realizados com os/as colaboradores/as, foi neste e no sexto encontro (após visita ao monumento) que foram citadas, nas falas dos/as estudantes, a presença indígena na construção da fortificação. Sendo que neste momento os comentários decorreram devido às imagens observadas conterem representações de indígenas e negros. Assim com estas representações surgiram comentários reportando-se a um coletivo como, por exemplo, “são os que ajudaram a construir a fortaleza [...]”; “eles estão fazendo a comida para os próprios trabalhadores”. Muito embora, tenham surgido discursos de um coletivo relativo aos operários da construção da fortificação, ainda assim, observou-se que nas falas dos/as colaboradores/as, eles/as parecem atribuir a escravidão somente aos africanos e afrodescendentes, não levando em conta a escravização indígena¹²¹, como se percebe nos trechos: “dos escravos e índios”; “Vejo negros escravos e índios”.

Quanto às interações feitas com as imagens do material educativo do museu, constatou-se que talvez não ocorressem determinadas interpretações visuais, caso o texto estivesse presente, já que o mesmo indicava o local e as tarefas ilustradas. Quatro colaboradores/as expressaram em seus relatos trechos como: “ribeirinhos fazendo farinha”

¹²¹ - Porém, é necessário esclarecer que no período colonial ocorreram tanto relação de poder como políticas de alianças, e em algumas dessas políticas nem sempre a participação dos indígenas nas construções de edificações militares, como as fortalezas era numa posição de pessoas escravizadas.

(Rafa); “eles estão fazendo alimento” (Gustavo); “trabalhando fazendo farinha” (Karol); “eles estão fazendo farinha” (Karla). Ou seja, associaram uma das imagens (do negro na usina de cal) a um cotidiano comum e atual na região, das pessoas ribeirinhas que possuem roças (local onde se faz farinha) e transportaram essas significações para um “suposto” cotidiano na época de construção da fortificação.

Sobre o terceiro questionamento: “A qual classe social eles pertenciam na época?”; alguns dos/as colaboradores/as fizeram comentários como: “pobres”; “classe mais baixa”; “classe dos trabalhadores”. Como exemplo, a fala de Estefany: “Eles eram os escravos, que eles trabalhavam e não recebiam nada pelo trabalho deles”; e a fala de Rafa: “trabalhavam e não recebiam nada” (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Quanto a essa questão surgida nas falas de alguns dos/as colaboradores/as sobre o sistema de pagamento, informa-se que segundo Castro (1999, p.182) eram pagos 140 réis por escravo africano e 40 réis por indígena. Entretanto, conforme o historiador professor Hermano Benedito Pinto de Araújo, o valor de 40 réis era entregue ao agente administrador do “lugar de índio”. Já aos escravos africanos, esse valor de 140 réis era repassado aos seus proprietários particulares por cederem os mesmos ao processo de construção da fortificação. E quanto aos escravos públicos, este pagamento era feito à Câmara do Senado, segundo Luna (2009):

Os africanos da Câmara do Senado eram alugados à vila de Macapá e tinham suas despesas extras debitadas nas “Folhas de pagamento”, instrumento meramente formal que tinha como mecanismo o controle dos gastos efetuados na alimentação, doenças e vestuário dos escravos, para depois debitá-los no aluguel deles, pagos à Câmara do Senado. Desse modo, o Estado repassava a despesa da obra com o aluguel dos escravos para a receita da administração da “Câmara do Senado” da cidade.

(LUNA, 2009, p.99)

Ou seja, esse sistema de pagamento, não beneficiava nem o indígena e nem o africano, pois só confirmava que esses trabalhadores eram propriedades de senhores escravocratas. Assim, mesmo os colaboradores (sem tanto embasamento teórico aprofundado sobre este assunto) terem afirmado que as pessoas escravizadas na época não recebiam nada, suas falas não deixam de evidenciar uma prática que ocorria na época.

Em se tratando da pergunta acerca de como são vistas, na atualidade, as pessoas representadas nas imagens, houve um predomínio de falas geradas em torno de uma “normalidade” num discurso de igualdade e não de diversidade como: “não tem mais essa

divisão de raça, cor” (Karla); “São vistos como cidadãos normais” (Frank); “São vistos agora de uma maneira normal como qualquer outra pessoa” (Razor).

Dentre as falas de “normalidade”, somente um colaborador foi discordante da opinião dos demais: “Eles não são tão vistos porque há escravos ainda hoje, mas é muito pouco visto, em muitos lugares remotos” (RAFA, Grupo focal, em 20 de setembro de 2012). O estudante referiu-se aos casos de pessoas que ainda vivem em situações de escravidão clandestina, que inclusive vem sendo abordados em mídia televisiva (telenovela e telejornais).

Porém, mesmo com discursos direcionados às pessoas representadas nas imagens e pontuados de maneira ampla quanto à sociedade. Dois dos colaboradores (Kevin e Gustavo) expressaram, em suas falas, uma relação atual interligada ao monumento, ou seja, valorizam a atuação dos trabalhadores na construção da fortaleza. Como se pode observar abaixo:

Kevin: “No meu ponto de vista, são vistos como heróis, porque apesar de tudo eles tiveram força e não desistiram e continuaram lutando até hoje, principalmente os negros”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Gustavo: “Bom, eu acho que eles são vistos como os realizadores do projeto, dela. Porque mesmo tendo todo o (2.0) como é que eu posso dizer? (2.0). Assim, o desenho da fortaleza pra fazer¹²², mas foram eles que deram toda a mão de obra pra construir ela”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Encerrada a etapa de imagens que continham representações de negros e indígenas correlativos à construção da fortificação, iniciaram-se as observações de imagens com abordagens sobre a representação do marabaixo nas proximidades da fortaleza. (Imagens 55, 56).

¹²² - Deduz-se que Gustavo referiu-se aos engenheiros europeus responsáveis pela criação do projeto arquitetônico da fortaleza.



Imagem 55: Pintura do Artista Ivam Amanaías, 1999.
Fonte: <http://www.ivamamanajas.com.br/index.php/2011-10-10-01-07-20?start=120> Acesso: 13 junho 2012.



Imagem 56: Dekko- A dança na fortaleza, Óleo sobre tela.
Fonte: fotografia particular do artista reproduzida na monografia: SANTOS, Carla Patrícia Cambraia dos; PEDRADA, Marcos Antônio Macedo; SILVA, Rondiney dos Santos. O Naturalismo na pintura de Dekko com base na abordagem formalista, Macapá, 2010.

Os questionamentos realizados neste momento foram: “Quem são os homens e mulheres presentes nas imagens?” (Âmbito de compreensão: histórico e antropológico); “O que eles estão fazendo perto da fortaleza? O que você acha disso?” (Âmbito de compreensão: histórico e antropológico); “O que a imagem diz sobre a vida dessas pessoas? Sobre sua cultura, sua vida social?” (Âmbito de compreensão: histórico e antropológico); “O que essa imagem representa na sua vida? Já viu ou participou de um evento como este em seu cotidiano? O que achou?” (Âmbito de compreensão: Biográfico); “Como foram produzidas essas imagens? Quais materiais você acha que foram usados para confecção das mesmas? Como são chamados os homens e mulheres que fazem essas imagens? Por que vocês acham que eles/as fizeram essas imagens?” (Âmbito de compreensão: estético estilístico).

A partir das interações feitas pelos/as colaboradores/as, percebeu-se que logo na primeira pergunta feita neste bloco de imagens, alguns colaboradores (novamente como nas imagens anteriores sobre a mão de obra da fortificação) imaginaram situações de um suposto cotidiano da época. Oito colaboradores/as expressaram em suas falas que as pessoas representadas nas imagens eram escravos. Como por exemplo, no comentário de Gustavo: “Bom dá pra perceber que são os escravos que construíram, pelas imagens assim dá pra perceber que talvez, fosse já no término dela já pronta e eles estivessem comemorando o término dela”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Entretanto, somente Karol expressou em sua fala que: “Eles fazem parte de um grupo de marabaixo”, sem se reportar a um suposto cotidiano da época (lembrando que Karol vivencia essa manifestação em seu cotidiano). Logo, atestou-se que a exibição das imagens anteriores acerca da mão de obra que construiu a fortaleza interferiu nas interpretações visuais dos colaboradores/as neste bloco de imagens bem como no outro, que será ainda abordado.

Aqui, volta-se a reflexão sobre as imagens acerca do marabaixo e fortificação. Ou seja, existindo imagens com representações do marabaixo nas proximidades da fortaleza contendo personagens de outros traços étnicos, e não somente as pessoas negras, será que essas imagens ainda sim receberiam as influências do bloco anterior nas interpretações dos/as colaboradores/as ao dizerem que eram “escravos comemorando a construção da fortificação?”.

Assim, segundo Martins (2010):

Ao serem criados, objetos e imagens passam a existir em contexto e, portanto, não estão limitados a uma única associação de significado e valor vigente ou predominante num determinado período. Eles podem mudar de contexto e de significado de acordo com as práticas culturais e o circuito temporal ao qual passam a fazer parte.

(MARTINS, 2010, p. 22)

Apesar de alguns dos/as colaboradores/as já terem em suas falas antecipado referências para a pergunta seguinte, fez-se o questionamento acerca do marabaixo: “O que eles estão fazendo perto da fortaleza?”. No intuito de saber as interações dos/as demais. Esclareça-se também que embora no primeiro encontro do grupo focal tenham sido feitas perguntas a respeito deste tema, repetiu-se, neste momento, para verificar quais seriam as interações diante de imagens que possuem representações sobre essa manifestação e com um dado a mais, a representação da manifestação dentro e/ou nas proximidades de fortaleza.

E novamente predominou interlocuções girando em torno de serem negros escravizados, felizes, comemorando o término da construção. Contudo, na fala de Razor, percebe-se interpretações distintas, as quais: “Bom, eles estão dançando, ou a segunda opção, eles estão fazendo algum protesto contra a fortaleza”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

No caso da fala de Karol, neste momento, a colaboradora continua dizendo que eles estão dançando marabaixo, mas acrescenta um dado a mais: “Eles estão dançando o marabaixo, porque o marabaixo faz parte da história da fortaleza, o marabaixo vem dos escravos” (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012). Ou seja, percebe-se a associação do

marabaixo em relação à fortaleza como um referencial identitário afrodescendente para a colaboradora.

Sobre o questionamento feito: “O que a imagem diz sobre a vida dessas pessoas, sobre sua cultura e sua vida social?”, percebeu-se que assim como as demais respostas anteriores, as falas e significações dos/as colaboradores/as receberam influências do outro bloco de imagens (mão de obra da fortaleza). Isto é, diante das representações presentes nas imagens como roupas simples, pés descalços, a própria fortaleza, etc, os/as colaboradores/as reafirmaram comentários predominantes sobre serem os negros escravizados, pobres, trabalhadores, mas com uma cultura “celebratória” (referindo-se a manifestação do marabaixo). Exemplificado nas falas abaixo:

Gustavo: “É (2.0) sobre a vida dessas pessoas, observando nas imagens, né, as roupas delas dá pra observar que elas são pessoas humildes que não tinham luxos, né. Passavam até mesmo necessidade e sobre a cultura, é uma cultura dos negros até porque eles eram os escravos, né, que vinham de outros países e sobre a vida social não era muito interativa. Eles viviam presos dentro da fortaleza, né. Eles não tinham liberdade de sair porque se eles tivessem essa liberdade com certeza eles iriam fugir de lá”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Frank : “Diz que eles são trabalhadores, que sua cultura é bastante animada e que sua vida social era bastante complicada”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Quanto aos questionamentos: O que essa imagem representa na sua vida? Já viu ou participou de um evento como este em seu cotidiano? O que achou?”. Três colaboradores/as confirmaram ter importância por lembrar fatos ou representar sua cultura. Como nas fala de Dandara e Karol:

Dandara: “Bem, representa porque faz lembrar de algumas coisas que eu também já participei e foi bom ter participado”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Karol: “A imagem representa na minha vida tudo porque eu participo de dança de marabaixo e danço com muito orgulho”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Rafa, entretanto, foi o único que expressou contrariedade de importância: “Eu nunca participei de nenhum evento desses, mas já vi algumas vezes, mas eu nunca participei. E as imagens representam não muita coisa em minha vida” (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012). Os demais expressaram somente falas sobre terem ou não participado, acharem interessante, legal, bom etc., não se reportando à sua vida pessoal.

O encerramento deste bloco de imagens se deu com as perguntas sobre: “Como foram produzidas essas imagens? Quais materiais você acha que foram usados para confecção das mesmas? Como são chamados os homens e mulheres que fazem essas imagens? Por que vocês acham que eles fizeram essas imagens?”.

A maioria dos/as colaboradores/as, inicialmente disse não saber como foram feitas as imagens. Porém ficavam refletindo e logo após respondiam, citando supostos materiais utilizados. Quanto aos propósitos das mesmas, uma grande parte comentou que seriam para: “mostrar a cultura”, “relembrar como era a cidade e a cultura no passado”, “relembrar a história”. Ressalta-se que o colaborador Gustavo¹²³ foi o que mais interagiu com familiaridade ao falar de quais possíveis materiais foram utilizados na construção das imagens:

Gustavo: “Bom, ambas imagens devem ter sido produzidas com (2.0) através da pintura. E os materiais (2.0) são tela, pincel, tintas; não sei, mas também acho que tem giz de cera ali. São os artistas (2.0) artistas plásticos. Eles fizeram para relembrar como era a cidade como era a cultura, como viviam, né, os escravos”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Este quarto encontro encerrou-se com a observação de uma imagem, que segundo seu autor, o artista Olivar Cunha, faz parte da série “Invisíveis Quintais”, que representa a preservação da fauna flora e costumes do Estado do Amapá¹²⁴. (Imagem: 57).

¹²³ - O mesmo estudou por um período quando criança, em oficinas de desenho oferecidas pelo Centro de Educação Profissional em Artes Visuais Cândido Portinari.

¹²⁴ - Ver capítulo 1.

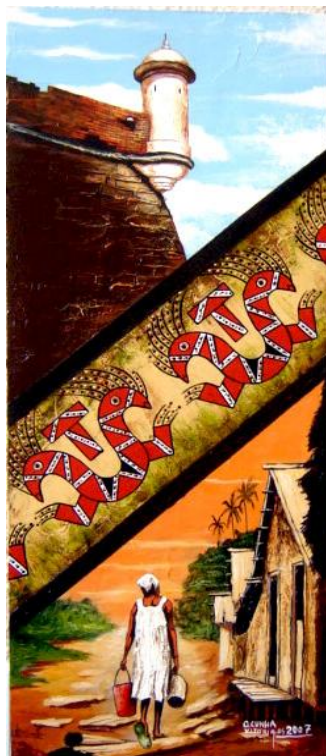


Imagem 57: Artista Olivar Cunha. Igarapé das mulheres. Nº 01 da série. 2007. Acrílica sobre tela – Uso de espátula e pincel. 50 X 20 cm.

Fonte:

<http://olivarcunhaarte.blogspot.com.br/2010/10/igarape-das-mulheres.html> Acesso 12 junho 2012

Utilizou-se nesta etapa alguns dos questionamentos realizados no bloco anterior (imagens sobre marabaixo), acrescentando uma questão: “O que a imagem diz sobre a vida dessa pessoa? Sobre sua cultura e sua vida social?” (Âmbito de compreensão: histórico e antropológico); “O que essa imagem representa na sua vida? Já viu algum dos elementos presente na imagem em seu cotidiano? O que achou?” (Âmbito de compreensão: Biográfico); “Como foi produzida essa imagem? Quais materiais você acha que foi usado para confecção da mesma? Como são chamados os homens e mulheres que fazem essa imagem? Porque vocês acham que ele/a fez essa imagem?” (Âmbito de compreensão: estético estilístico); e “Vocês já viram esse elemento do centro em seu cotidiano? O que ele representa? E o que vocês acham sobre o elemento?” (esta última pergunta surgida no momento de interação).

O primeiro questionamento visou verificar quais seriam as interpretações dos/as colaboradores/as e quais suas suposições sobre a vida social e cultural da personagem representada na imagem. Novamente, na maioria dos comentários predominou a interpretação da personagem como uma negra escravizada, de vida humilde. Gustavo acrescentou uma informação sobre a vida sociocultural dos ribeirinhos¹²⁵, talvez influenciado pelo cenário paisagístico contido na imagem.

Gustavo: “Bom, sobre a vida dela, era uma vida humilde, né. Sobre a cultura (2.0) ainda uma cultura muito ligada com a cultura dos negros, né. Até um pouco já na cultura do ribeirinho, né que é aqui do Estado. Sobre a vida social não é (2.0) como eu já disse, não é muito interativa, né”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Sobre as perguntas: “O que essa imagem representa na sua vida? Já viu algum dos elementos presente na imagem em seu cotidiano? O que achou?”- os comentários que predominaram giraram em torno de frases de caráter coletivo, mesmo a pergunta sendo feita diretamente sobre a vida pessoal de cada colaborador/a: “representa a história da cidade” (Dandara), “como Macapá era antigamente” (Estefany); “relata assim um pouco da história do povo daqui do Amapá” (Karla). Porém ocorreram comentários como o de Rafa, num contexto social mais amplo e também de não atribuir importância como de Kevin:

Rafa: “Pra mim eu acho que (2.0) como a vida pode ser difícil para várias pessoas. Já, já vi muito a parte debaixo da imagem, a miséria, do trabalho; muitas das vezes na televisão, e isso eu acho horrível”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Kevin: “Não representa quase nada em minha vida. Mas já vi sim cenas dessa imagem”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

No que se refere a terem visto algum dos elementos representados na imagem em seu cotidiano, o relato da maioria foi de terem já visto a fortaleza, mas o foco recaiu, sobretudo, a respeito da representação da arquitetura das casas presentes na imagem. Muito embora alguns comentários de colaboradores/as se reportarem ao passado, imaginando um suposto cotidiano, bem como as residências do período de construção da fortificação. No entanto, alguns colaboradores/as citavam o passado, mas logo informavam já terem visto essas construções no presente. Como exemplo, as falas de Gustavo e Karla:

¹²⁵ - Pessoas que moram próximos a rios e igarapés, muito comuns principalmente na região interiorana do Estado.

Gustavo: “Passado representa assim o passado do nosso Estado. Já vi, ali a fortaleza, né, a guarita, as casas. Tem casas que, por exemplo, as palafitas¹²⁶ relembram muito ali, né, aquele formato”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Karla : “Bom, relata assim um pouco da história do povo daqui do Amapá. Já vi muitos dos que estão aí, é legal. A fortaleza (2.0) assim essas casas, eu já vi, o balde (risos), só”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Nesse momento ao perceber que nenhum/a colaborador/a havia citado, em sua fala, sobre o elemento indígena no centro da imagem, questionei: “Vocês já viram esse elemento do centro em seu cotidiano? O que ele representa? E o que vocês acham sobre o elemento?”. Somente Rafa expressou uma aproximação ao reconhecer o elemento representado como indígena: “Pra mim acho que são obras da cultura maracá e cunani”. Os demais disseram nunca terem visto ou não conhecerem, como exemplo, as falas de Dandara: “Nunca vi e nem sei o que significa (risos)”; e Razor: “Nunca vi, mas eu não tenho nem palavras para explicar”.

Embora Rafa tenha expressado essa aproximação ao falar da cultura maracá e cunani (antigas civilizações indígenas antecedentes ao período de construção da fortaleza)¹²⁷. O grafismo representado pertence aos povos indígenas atuais Wayana e Aparai (abordado no primeiro capítulo), que habitam região do Estado do Amapá.

Somente um colaborador teceu comentário sobre conhecer o elemento (iconografia) representado. A imagem que inter-relaciona a fortaleza a uma iconografia indígena produzida pelo artista permite refletir, após comentários dos/as colaboradores/as, sobre: como vem sendo abordado nas escolas os conhecimentos acerca da cultura indígena? E como são também as abordagens feitas sobre os grupos indígenas que habitam o Amapá?

Supõe-se que ao se referir sobre a cultura maracá e cunani, Rafa tenha tido como referência as visualidades que já vem circulando há algum tempo na cidade sobre o tema. “As imagens Maracá e Cunani sofreram diversas influências ao longo do tempo e, atualmente estão passando por uma fase de re-significação a partir de uma campanha institucional do Estado do Amapá – o sentimento de amapalidade” (LEAL, 2009, p.1)

¹²⁶ - Supõe-se que Gustavo tenha se referido as residências localizadas nas áreas de ressaca da cidade (área alagadiça) onde são construídas casas em madeiras sobre lagos e a circulação das pessoas entre as casas são feita por pequenas pontes, também em madeira. São áreas onde habitam famílias que possuem baixo poder aquisitivo (socioeconômico). Essas áreas são conhecidas popularmente pela palavra estereotipada: “baixadas” que lembra a palavra “favelas”, esta atribuída popularmente às comunidades localizadas geralmente em morros em outras cidades.

¹²⁷ - LEAL, Lidia Lobato. **Maracá e cunani**: imagens institucionais para o Amapá. Orientador: Prof. Dr. Luis Edegar de Oliveira Costa. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, 2009.

Quanto às últimas perguntas deste encontro, que tratam sobre a produção da imagem em questão, os/as colaboradores/as já expressaram mais familiaridade em responder do que no bloco anterior de imagens, no qual Gustavo foi o que se sentiu mais à vontade em falar. Como por exemplo, os comentários de Rafa e Karla:

Rafa : “Eu acho que ele fez essa imagem de vários quadros, porque não parece ser só um, é (2.0) ele usou telas, pincéis, a criatividade, lápis e vários outros materiais e ele fez essa imagem, o artista no caso o pintor, fez essa imagem pra mostrar como a imagem relativamente boa em cima a fortaleza, céu azul e a parte de baixo a vida difícil das pessoas e a miséria”. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

Karla: “Bom, ela foi produzida assim, através de vários quesitos assim (2.0) a criatividade do artista por pensar assim no modo que ele montou a imagem. Muito interessante, assim, a criatividade dele. Então usou a criatividade dele, pincéis, tintas, telas, lápis. As pessoas que produzem são chamados de artistas. Ele fez pra (2.0). Nós vamos ver atualmente, assim mais pra pensar como era a vida antes em relação à vida agora. Mas pra lembrar assim a história de como os escravos viviam. Como era a vida deles e tal. (Grupo focal, em 20 de setembro de 2012).

3.6.2- Produção de imagens e as visualidades da Fortaleza

No que tange à produção de imagens, em um dos momentos de encontro do grupo focal, solicitou-se aos colaboradores/as a criação de um desenho de memória¹²⁸ sobre a Fortaleza de São José de Macapá. Um dos objetivos era levantar quais as informações e representações que eles possuíam sobre a fortificação em seus repertórios imagéticos.

A produção desta sequência de desenhos foi feita no primeiro encontro (04 de setembro de 2012). No encontro posterior (11 de setembro de 2012), abriu-se espaço para que cada colaborador/a comentasse ao grupo sua proposta. Assim, coletaram-se os seguintes comentários:

Dandara: “Porque no dia foi o ponto que me veio à cabeça. Foi esse elemento porque olhando de dentro para fora que é uma das quatro pontas da fortaleza, né. Acho bonita a visão

¹²⁸ - Foi disponibilizado em uma mesa papéis em tamanho A4 (cores diversas), canetas hidrocor, lápis de cor, giz de cera, lápis pastel, caneta esferográfica, lápis 3B e 6B e borracha. Seguido de orientação que cada colaborador/a poderia escolher qualquer um dos materiais disponíveis para a criação de seus desenhos.

dele. Por isso. Usei o lápis de cor porque a gente pode identificar as cores assim, a pessoa pode entender mais o desenho”. (Grupo focal, em 11 de setembro de 2012). (Imagem: 58).

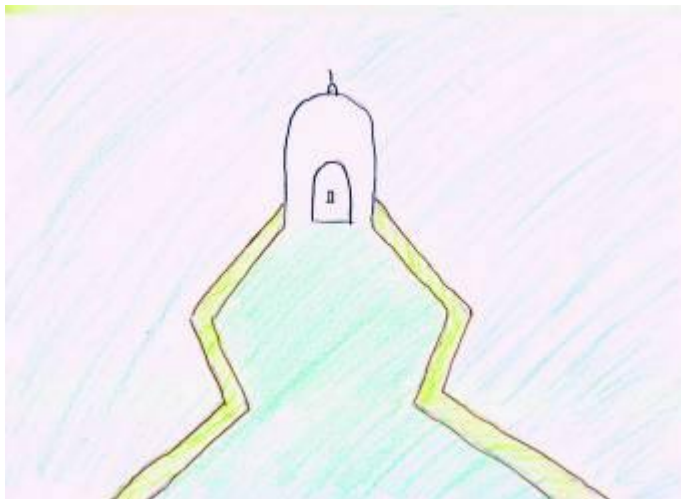


Imagem 58: Desenho da Fortaleza de São José de Macapá. Autora: Dandara, 16 anos.

Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Setembro 2012.

Razor: “Bom, porque a primeira vez que eu vi ela foi de cima para baixo numa foto de computador. Como eu não sei desenhar, né, eu desenhei de lápis por causa se eu errasse pra mim apagar depois” (Grupo focal, em 11 setembro 2012). (Imagem: 59).

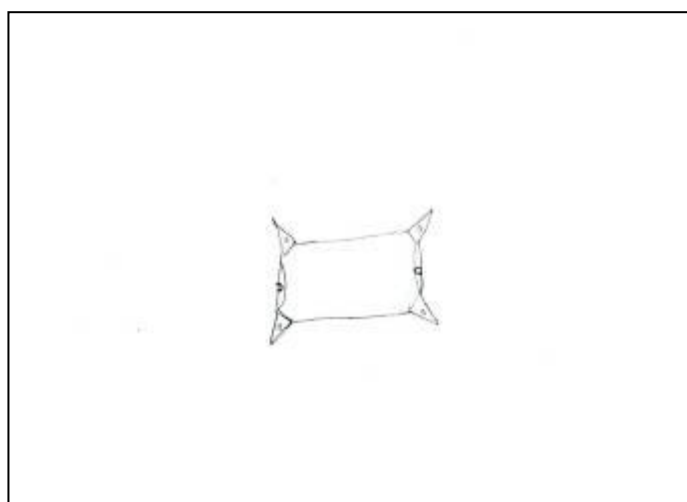


Imagem 59: Desenho da Fortaleza de São José de Macapá. Autor: Razor, 16 anos.

Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Setembro 2012.

Gustavo: “Bom foi o que eu consegui lembrar na hora, do formato, né. Porque eu não tenho uma boa memória fotográfica. Mas eu escolhi essa posição porque é a parte que tem de frente lá, que geralmente tem as famílias, onde elas ficam. Quanto ao material, na verdade não deu tempo de fazer muita coisa né, ficou só no grosso mesmo do desenho”. (Grupo focal, em 11 de setembro de 2012). (Imagem: 60).



Imagem 60: Desenho da Fortaleza de São José de Macapá. Autor: Gustavo, 15 anos.

Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Setembro 2012.

Kevin: “Bom, eu procurei mostrar a parte do rio, né. No caso, aonde fica as famílias, né, pegando vento e coloquei também, é a parte da Fortaleza de São José, geralmente tá cheio de famílias lá com crianças. Eu usei o lápis primeiro pra fazer o formato do desenho e o lápis de cor pra o detalhe do desenho” (Grupo focal, em 11 de setembro de 2012). (Imagem: 61).

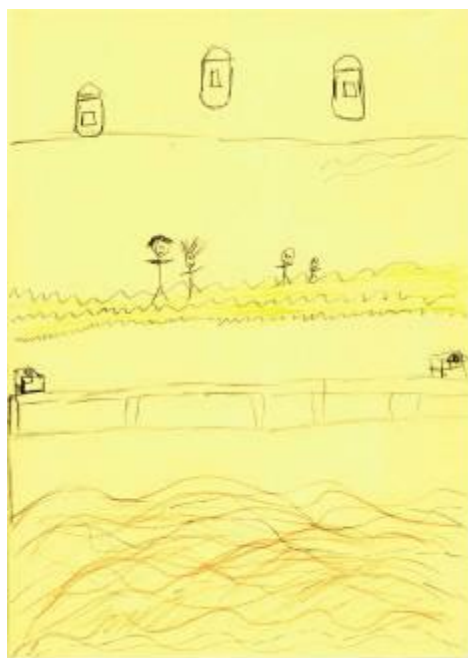


Imagem 61: Desenho da Fortaleza de São José de Macapá. Autor: Kevin, 15 anos.
Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Setembro 2012.

Acerca desses primeiros desenhos feitos pelos/as colaboradores/as, no que se refere aos elementos arquitetônicos da fortaleza, constatou-se o predomínio de guaritas e baluartes, bem como a fortificação em vista aérea. Ressalta-se que no cotidiano da cidade, conforme analisado no primeiro capítulo, há uma circulação considerada de imagens com os elementos e a representação citada.

Constatou-se ainda que na produção de três colaboradores/as foram inseridos textos em seus desenhos, cujas palavras são: “Fortaleza de São José” (Estefany e Karol) e “Canhão” (Frank). Segundo as falas deles/as, a inserção das palavras foi numa atitude de reforço às suas representações gráficas, já que segundo ele/as, não sabem desenhar.

No que se refere à fortaleza e as relações socioculturais, apenas Kevin e Gustavo incluíram em suas propostas o cotidiano social que ocorre ao redor da fortificação (famílias, amigos, pessoas de diversas idades, etc.). Kevin ressaltou também a relação da fortificação inserida na paisagem que evidencia o rio.

Outro momento de produção de imagens pelos/as colaboradores/as foi na visita feita à fortaleza, cuja etapa ocorreu no dia 25 de setembro de 2012 no horário de 14h15 as

17h15. O encontro do grupo ocorreu em frente à Escola Estadual Tiradentes, sendo o traslado feito em dois carros particulares.

Antes de entrarmos no MFSJM, recapitulei as etapas que iriam ocorrer durante a visita aos colaboradores/as. Ao chegarmos à entrada principal, fomos recebidos por um dos historiadores¹²⁹ da instituição que nos acompanhou durante o trajeto de visita, o qual para grupos de visitantes turistas (ou seja, não provenientes de escolas) é comum ser guiado pelos mediadores.

Convém lembrar que se averiguou em encontro anterior, que quatro colaboradores/as (Dandara, Rafa, Kevin e Frank) nunca haviam entrado na fortaleza; Gustavo, apenas uma vez; Estefany e Karla duas vezes; Razor dezessete vezes e Karol várias vezes (não especificou a quantidade). Assim sendo, quatro pessoas do grupo teriam pela primeira vez suas interpretações vivenciando o local e os demais, muito embora já tivessem visitado, sabe-se que cada experiência é sempre mutável e uma nova vivência. Dessa forma Gondar (2005) infere que:

Se viajamos para uma cidade desconhecida, a arquitetura, as cores e os encontros nos marcam bem mais do que nossa vida habitual e cotidiana. Mas podemos pensar que nossa própria cidade já foi um dia, para nós, desconhecida, e que as formas, cores e encontros que nela experimentamos como novidade deixaram impressões e se constituíram em lembranças. Desse modo, se a memória é um processo, o que deflagra são relações e afetos – em outros termos, são jogos de força. A representação poderia, ainda que não necessariamente, integrar este processo, mas nesse caso viria depois, como uma tentativa de dar sentido e direção ao que nos surpreendeu.

(GONDAR, 2005, p. 25)

A ainda complementando a reflexão de Gondar (2005), Pelegrini (2009) diz que:

A memória da cidade se expressa mediante a conservação dos estilos arquitetônicos do casario, das igrejas, dos edifícios públicos e monumentos, no contexto de suas respectivas paisagens culturais. Ao longo dos anos, o valor simbólico de um dado conjunto aumenta e agrega um significado histórico reconhecido como um bem cultural singular de uma comunidade, região, estado ou país.

(PELEGRINI, 2009.p.35-36)

Após a explicação rápida ao historiador sobre as etapas planejadas¹³⁰ para a visita, fomos levados a uns bancos ao ar livre, localizados em frente ao edifício onde se situava no passado a Casa e/ou Alojamento de oficiais, e que no projeto museológico realizado na

¹²⁹ - Não foi possível gravar sua palestra e nem expor seu nome por questão de não autorização.

¹³⁰ - Etapas que foram entregues em anexo juntamente com ofício de agendamento da visita ao Setor de Educação Patrimonial. Porém, segundo o historiador, o mesmo desconhecia quais seriam as etapas, pois não havia sido repassado o cronograma a ele.

década de 90 foi destinado à lanchonete de conveniência (hoje funcionando esporadicamente). É comum esse tipo de palestra ocorrer também em espaço interno (num dos edifícios, antigo armazém de alimentação, hoje auditório). E utilizam-se recursos como *datashow* para exibição de conteúdos e imagens, há também exibição de imagens da fortaleza em *banners*, etc.¹³¹, para posterior circulação pelos espaços da fortificação.

O motivo da realização da palestra ter sido na área externa foi porque estava ocorrendo na fortaleza a exposição¹³² Marcantonio Vilaça, Prêmio CNI-SESI anos 2011-2012. E os edifícios estavam abrigando obras desta exposição, bem como na área externa (praça onde se localiza o desagudouro) também havia montagem de instalações.

Durante a fala do historiador palestrando sobre os fatos da fortaleza, naquele local, percebi algumas situações. Em determinados momentos os/as colaboradores/as eram distraídos/as com as passagens de outros grupos de estudantes que visitavam a fortaleza, sobretudo, pela exposição que se realizava ali. Alguns grupos falavam em vozes altas ao interagirem com obras que se localizavam perto do local. Por outro lado, percebi que estarmos naquele espaço possibilitava aos colaboradores/as uma maior aproximação entre a fala do historiador e as funções dos próprios edifícios, quanto ao que ocorrera em termos de fatos históricos relativos ao período de construção da fortificação. Ou seja, os/as colaboradores/as observaram os edifícios (não apenas em imagens bidimensionais desses locais projetados em *power point*) ao mesmo tempo que ouviam os fatos comentados pelo historiador.

Sobre a mediação do historiador, ainda que ele tenha utilizado uma linguagem não formal e um tanto quanto coloquial para aproximar ao entendimento, a palestra foi longa, com duração aproximadamente de uma hora e meia. A fala se estendeu demais, ocasionando, muitas vezes, a perda de foco, comentando outros assuntos que não eram propícios ao momento. Esclareça-se que tal crítica não tem intenção de deturpar a proposta de mediação utilizada pela instituição ao público adolescente e adulto, e sim de levar à reflexão sobre uma possível reformulação quanto, por exemplo, à duração longa de palestra de criar possibilidades lúdicas também aos adolescentes e não somente ao público infantil.

¹³¹ - Informações coletadas em entrevista feita com funcionária da instituição em agosto de 2012. E também já vivenciada por mim quando levei um grupo de discentes do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá em 2010.

¹³² - Exposição de arte contemporânea que pela primeira vez esteve na cidade de Macapá no período de 13 de setembro a 21 de outubro de 2012.

Durante a palestra do historiador acerca dos fatos históricos e sociais da fortificação, principalmente do período de construção, poucos/as colaboradores/as fizeram perguntas. Quatro pessoas (Kevin, Karla, Gustavo e Karol) expressaram indagações, sobretudo quando se falou da questão do desaguadouro, na qual o historiador desmistificou o fato de ser utilizado para fugas ou castigos relativo às pessoas escravizadas. Também explicou a função das casamatas, utilizadas pelos soldados, que muitos/as dos colaboradores/as acreditavam que tivessem sido prisões das pessoas escravizadas durante o período colonial.

Após o término da fala do historiador, ele acompanhou o grupo para que os/as colaboradores/as pudessem produzir suas imagens fotográficas sobre a fortaleza. Porém o grupo não pode percorrer todos os locais, pois alguns deles (parte da casamata) estavam sendo reformados para funcionar, segundo o historiador, como pequenas feiras de *souvenir* e oficinas de arte. Outro motivo alegado para não percorrer todos os espaços, foi pelo fato de, meses antes da visita do grupo, ter circulado uma imagem pela rede social *facebook* que mostrava uma das entradas laterais da fortificação com alguns sacos de lixo depositados, o que segundo o historiador foi mal interpretado pela pessoa que fez o registro fotográfico e criticava na rede social a má conservação do patrimônio.

Parte do grupo, neste momento, expressou em sua fala descontentamento ou pesar de não poder percorrer todos os locais, mas que entendiam os motivos. Embora não pudesse visitar todos os espaços, o grupo interagiu bem com os locais permitidos e cada um/a fez seu registro fotográfico. Percebeu-se que, nesse momento, involuntariamente surgiram duplas e/ou trios entre eles/ ocorriam comentários e opiniões de como ficaria melhor os ângulos e as cenas escolhidas para o registrado fotográfico. Muito embora já tivesse sido esclarecido que cada um faria seu próprio registro, ocorreu esse diálogo de opiniões. Assim, ora eles produziam imagens das obras expostas na mostra, ora da própria arquitetura da fortaleza.

Um momento que despertou muito a curiosidade de todos/as os/as estudantes foi quando o historiador relatou que na rampa de subida para o Baluarte de Nossa Senhora da Conceição, em alguns dos tijolos da época, havia registros de marcas digitais (dedos) das pessoas escravizadas que serviram de mão de obra na época da construção. Assim, todos/as colaboradores/as passaram a tentar descobrir em quais dos tijolos era possível encontrar tais marcas, porém nenhum/a conseguiu encontrar o detalhe informado e fazer o registro fotográfico.

A proposta previa que cada pessoa fizesse seus registros fotográficos suficientes para depois selecionar quatro imagens. Esclareça-se que devido à longa duração da palestra, não foi possível cumprir toda a agenda planejada. Dessa forma, os registros fotográficos foram feitos na parte interna da fortaleza; na parte externa, só se percorreu o lado oeste e sul da fortificação, finalizando assim o quinto encontro. Ao término, explicou-se ao grupo que dentre as quatro imagens selecionadas, cada um/a dos/as colaboradores/as indicaria duas imagens que mais se identificasse e duas que menos se identificasse (esclarecendo os motivos das escolhas que seriam abordadas no encontro seguinte).

O sexto e último encontro do grupo focal ocorreu no dia 27 de setembro de 2012, em uma das salas de aula da escola. Antes de dar continuidade às interações acerca das imagens produzidas pelo grupo, serão relatadas perguntas que não estavam estabelecidas no planejamento inicial a respeito da visita¹³³ ao museu.

Assim, os referidos questionamentos foram: “Comentem os pontos ‘positivos’ da visita acompanhada pelo funcionário do Museu”; “Comentem os pontos ‘deficitários’ da visita acompanhada pelo funcionário do Museu”; “Se tivesse que mudar a visita acompanhada o que sugestionaria?”.

Em se tratando dos pontos “positivos” da visita, alguns colaboradores/as fizeram comentários como: “Eu aprendi novas coisas lá. Coisas que eu não sabia” (KEVIN, Grupo focal, em 27 de setembro de 2012); “Foi muito bom eu saber, aprender coisas que eu ainda não sabia sobre a fortaleza” (ESTEFANY, Grupo focal, em 27 de setembro de 2012). Outros colaboradores/as também elogiaram a maneira como o historiador explicou os fatos: “eles explicaram numa forma bem clara e deu para entender tudo muito bem”. (DANDARA, Grupo focal, em 27 de setembro de 2012); “tipo, ele explicou muito bem sobre várias coisas que eu não sabia e que eu nunca imaginava sobre a fortaleza” (RAFA, Grupo focal, em 27 de setembro de 2012).

A questão da participação indígena na construção da fortaleza foi retomada neste momento. Assim, Frank expressa em sua fala: “Eu aprendi várias coisas lá, é coisas dos

¹³³ - A inserção desta problematização nesta subseção ocorre para não haver quebra de continuidade das abordagens feitas sobre a visita à fortificação e também por contribuir às questões sobre o assunto que foi problematizado no segundo capítulo deste estudo.

soldados lá. Pensava que tinha tido guerra aqui, mas não tinha. Dos índios (2.0) coisas que eu não sabia, e aprendi coisas novas”. (Grupo focal, em 27 de setembro de 2012).

E ainda, dois colaboradores/as (Karla e Razor) expressaram em suas falas as questões a respeito dos discursos sociais que circulam na cidade, alguns dos quais não correspondem aos fatos históricos documentados. Como, por exemplo, na fala de Karla: “Ah! (2.0) foi bom, foi interessante assim ele explicar alguns pontos, assim, que o povo diz e que não é verdade. Alguns pontos interessantes, assim, conhecer a história cada vez mais dela, em respeito a ela”. (Grupo focal, em 27 de setembro de 2012). Sobre os discursos orais e imagéticos, Ferreira (2005, p. 107) afirma que: “Nascemos em um mundo que se narra, e as imagens que muitas vezes acreditamos ter registrado em nossas memórias a partir de vivências pessoais são, na verdade, reconstruções baseadas em depoimentos e relatos que, de alguma forma, impõem-se a nós”.

No que diz respeito a pontos “deficitários” da visita, os comentários que prevaleceram foram a respeito dos espaços inacessíveis para visita, como por exemplo: “É os lugares que a gente não pôde visitar” (RAFA, grupo focal, em 27 de setembro de 2012); “Talvez alguns pontos que a gente não pôde visitar por causa da reforma” (GUSTAVO, grupo focal, em 27 de setembro de 2012); “Assim como os colegas acabaram de dizer, alguns pontos que a gente não pode visitar, é isso aí” (KARLA, grupo focal, em 27 de setembro de 2012).

No que tange a pergunta sobre possíveis mudanças que eles/as sugeririam para a visita acompanhada, embora a maioria tenha anteriormente citado que aprendeu novos conhecimentos sobre a fortaleza e que o historiador abordou os fatos de forma clara, duas colaboradoras evidenciaram a necessidade de dinamizar a palestra e/ou visita: “Se tivesse que mudar, seria para ter mais materiais, para se fazer uma mediação mais interessante, completar com algo a mais” (DANDARA, grupo focal, em 27 de setembro de 2012); “Algo assim (2.0) que relatasse mais a história assim, para que os guias turísticos não terem que ficar falando tanto, ser algo mais resumido”. (KARLA, grupo focal, em 27 de setembro de 2012).

Após as interações feitas a par das opiniões dos/as colaboradores/as sobre a visita ao MFSJM, iniciou-se as falas sobre as quatro imagens¹³⁴ fotográficas, selecionadas dentre as

¹³⁴ - Optou-se neste trecho por exibir somente duas imagens de cada colaborador, bem como somente os comentários relativos às duas imagens; por conta de extensão do texto e possibilitar a exposição de comentários de mais de um/a colaborador/a.

produzidas por cada estudante. As perguntas realizadas foram: “Comentem porque motivo você tirou em específico cada cena. E quais delas vocês mais e menos se identificaram. Por quê?”. Assim, conforme os exemplos citados:

Dandara: “Escolhi essa porque pela posição que tá, é uma imagem que chama atenção e também por ser um canhão, aí por ele nunca ter sido usado, né, aí eu penso assim (2.0) e se um dia que ele tivesse sido usado? O que teria acontecido aí nessa época? Porque, caso ele fosse usado, só ia ser se alguém tentasse atacar, né. Aí fica tipo imaginando, inventando uma história, daquilo que não aconteceu, mas poderia ter acontecido”. (Imagem 62).

“Essa não me chamou muita atenção por causa que (2.0) já é uma imagem bem comum né, que a gente já viu bastante essa imagem. Por ser uma das pontas, assim, sempre qualquer imagem da fortaleza que vou ver tem uma desse tipo”. (Grupo focal, em 27 de setembro de 2012). (Imagem 63).



Imagem 62: Imagem da fortaleza fotografada por Dandara, 16 anos.
Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Setembro 2012.



Imagem 63: Imagem da fortaleza fotografada por Dandara, 16 anos.
Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Setembro 2012.

Rafa: “Ah, tirei essa imagem porque acho que gostei do ângulo dela, o sol batendo entre as grades e da autenticidade”. (Imagem 64).

“Nessa, tanto pelo ângulo que eu tirei que ficou horrível, quanto pelo (2.0) porque eles usavam, supostamente pra afogar os escravos aí nesse local” (Grupo focal, em 27 de setembro de 2012). (Imagem 65).



Imagem 64: Imagem da fortaleza fotografada por Rafa, 16 anos.

Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Setembro 2012.



Imagem 65: Imagem da fortaleza fotografada por Rafa, 16 anos.

Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Setembro 2012.

Gustavo: “Tirei essa porque ali tem um símbolo, né, que eu vi, era o símbolo de um canhão de lá da fortaleza que eu acho que era um símbolo da época, dos caras que construíram a fortaleza. Por isso que eu gostei dela”. (Imagem 66)

“Tirei essa porque tem ali esse símbolo, né, de tijolos que foram recolocados, aí que não foram tirados esses símbolos, aí, e assim perdeu a naturalidade do solo original que tinha na fortaleza” (Grupo focal, em 27 de setembro de 2012). (Imagem 67)



Imagem 66: Imagem da fortaleza fotografada por Gustavo, 15 anos.

Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Setembro 2012.



Imagem 67: Imagem da fortaleza fotografada por Gustavo, 15 anos.

Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Setembro 2012.

Kevin: “Essa foi porque eu tinha dúvida. Eu pensava que isso daí fosse onde jogavam os negros, os escravos para morrer lá afogado. Aí depois com a explicação do historiador que eu fui descobrir que era outra coisa”. (Imagem 68).

“Essa escolhi porque parecia um local que eles falaram que era o local onde o pessoal fazia suas refeições e parecia não ser um bom local” (Grupo focal, em 27 de setembro de 2012). (Imagem 69).



Imagem 68: Imagem da fortaleza fotografada por Kevin, 15 anos.

Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Setembro 2012.



Imagem 69: Imagem da fortaleza fotografada por Kevin, 15 anos.

Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Setembro 2012.

Entre as imagens produzidas pelos/as colaboradores/as, através de suas câmeras digitais e/ou celulares, constatou-se que a maior parte delas intencionou desvincular-se um pouco das imagens e representações da fortaleza que predominam na cidade, como ocorre com a imagem de um baluarte com guarita (Imagem 63) fotografada por Dandara e avaliada em sua fala como “imagem bem comum”. Entretanto duas pessoas (Estefany e Karla) fotografaram também imagens do baluarte juntamente com a guarita, porém suas falas colocaram as imagens entre as que mais se identificaram, como na fala de Karla: “Essa daí porque eu gosto, acho bonito, assim, acho bonito esse ponto, quando tiram foto desse ponto. Acho bem bonita a foto!” (Grupo focal, em 27 de setembro de 2012).

Imagens do baluarte com guarita, assim como as vistas em panorâmica da fortificação são bastante veiculadas na cidade e em várias mídias, que inclusive foram desenhadas no primeiro encontro do grupo focal. São as imagens padronizadas como “cartões postais”, que se veiculam aos turistas visitantes e servem de referência da cidade. No entanto, as imagens que predominaram no registro fotográfico dos/as colaboradores/as foram imagens de canhão (Imagem 62, 66), fotografado por seis pessoas (Dandara, Kevin, Rafa, Karol, Gustavo e Frank), muito embora com opiniões ora aproximadas, ora contrárias. Como por exemplo, os comentários que seguem: “Tirei essa porque, embora como o historiador falou, os canhões nunca terem sido usados, eles (2.0) se eles tivessem sido usados eles seriam para matar pessoas e isso não é bom” (RAFA, grupo focal, em 27 de setembro de 2012); “Escolhi essa porque ficou legal o canhão apontado lá para o rio e porque caso ocorresse naquela época uma guerra o canhão tava preparado para atirar nos navios”. (KEVIN, grupo focal, em 27 de setembro de 2012).

Esclareça-se que mesmo a fortaleza ter sido construída tendo como um de seus propósitos a defesa militar de território, nunca entrou em combate, ou seja, seus canhões nunca foram utilizados em conflitos. Porém os comentários dos/as colaboradores/as giraram em torno de situação onde muitos imaginaram possíveis batalhas. Assim sendo, surge a reflexão: essa atração pelo canhão (instrumento de guerra) seria influenciada pelas imagens midiáticas como em filmes do gênero ação, por exemplo, de temática de corsários (piratas)?

Outra imagem muito registrada foi o interior das casamatas¹³⁵ (Imagem 69) feitas por sete pessoas (Dandara, Rafa, Gustavo, Frank, Razor, Estefany e Karla). Predominou a opinião de teor “negativo” as essas imagens devido ao local, segundo eles/as, ser “estranho”, “sufocante”, “até o nome assusta”, “estranho para fazer refeições”, ou “o sanitário ser próximo do local onde se cozinhava as refeições”.

Ocorreu também produção de imagens focando elementos compositivos e estéticos como uma das imagens feita por Rafa (Imagem 64) e também motivos focados no patrimônio, como nas imagens produzidas e comentários feitos por Gustavo. Este se preocupou, por exemplo, com questões envolvendo memória, símbolos e registros de “marcas” do passado, como o brasão (em relevo) contido em um canhão (Imagem 66), ou problemas de preservação, presentes, por exemplo, nos tijolos colocados durante o restauro da década de 1990, que evidenciam símbolos grafados numa espécie de “marca” da empresa que os produziu perdendo assim, segundo o colaborador, as características da arquitetura original. (Imagem 67).

Assim, Martins (2005) pontua que a imagem:

É uma elaboração complexa, prenhe de significados e interpretações, que depende de uma rede de informações, convenções e interações sociais que não operam de modo linear. Os significados não são fixos e não existe uma lógica especial que permita interpretação determinante de seus sentidos. O sentido, enredado em camadas de sensações, acepções, torna-se, por isso mesmo, multirreferencial.

(MARTINS, 2005, p.143)

É interessante notar também que, tanto Rafa, quanto Kevin fizeram registros fotográficos do desaguadouro. No entanto, suas opiniões foram contrárias. Kevin classificou sua imagem como teor “positivo”. Seu propósito foi de registrar uma imagem de cujo local, antes da visita, ele considerava utilizado para jogar “os negros, os escravos para morrer lá afogado”, visão reformulada a partir do esclarecimento pelo historiador (Imagem 65). Já Rafa classificou sua imagem com teor “negativo”, fez o registro fotográfico porque segundo o colaborador: “eles usavam, supostamente pra afogar os escravos aí nesse local” (Imagem 68); ou seja, continuou reafirmando este discurso sobre a fortaleza que circula pela cidade, e que, no entanto, segundo o historiador não se tem comprovação documental sobre tal fato. Dessa forma, a par das interpretações, Martins (2010) aborda que:

¹³⁵ - Conjunto de 12 células abobadadas para abrigar as tropas.

Chamo atenção para o fato de que pessoas de uma mesma comunidade ou grupo social podem conviver no mesmo território visual, com os mesmos objetos e imagens, mas, apesar de conviverem com imagens, objetos e visualidades que lhes são comuns cada pessoa as experimenta e interpreta de maneira diferente, contribuindo para ampliar não apenas o acervo de interpretação e de sentidos da territorialidade visual, mas principalmente, seus espaços de diversidade.

(MARTINS, 2010, p.24)

O último momento do sexto encontro e término do grupo focal sobre as investigações de como são as visualidades da Fortaleza de São José de Macapá em interação com os estudantes, consistiu na solicitação de um desenho da fortificação numa perspectiva futura, na qual os participantes pudessem expressar graficamente como se formulam a relação da Fortaleza de São José de Macapá com a cidade (seu entorno). Assim, as orientações dadas foram: “criem um desenho da Fortaleza de São José de Macapá e sua relação com a cidade imaginando o futuro daqui a dez anos. E comentem ao grupo sua proposta”.

Assim sendo, os resultados da produção das imagens e comentários ilustram-se em falas de alguns colaboradores/as, abaixo:

Dandara: “Bem, eu fiz tipo uma das pontas da fortaleza vista de cima e tentei mostrar um pedacinho do que tem ao redor, uma rua daqui, aqui em volta essa parte, ainda tentei mostrar o pedaço do rio” (Grupo focal, em 27 de setembro de 2012). (Imagem 70).

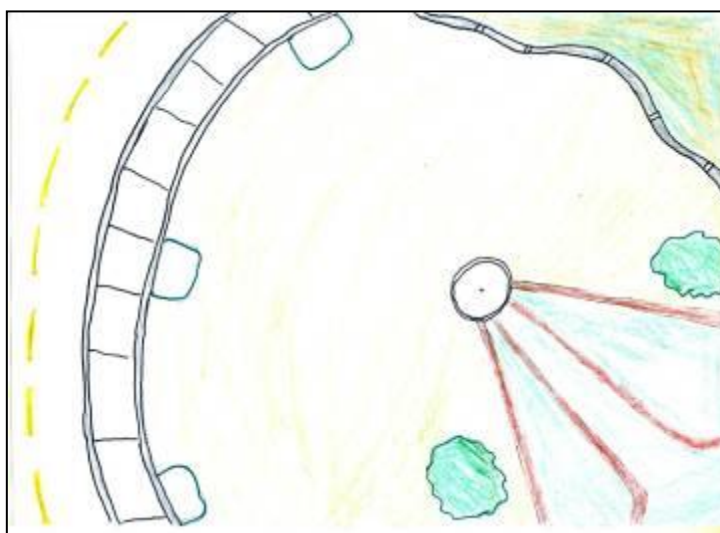


Imagem 70: Tema Fortaleza de São José de Macapá e sua relação com a cidade numa perspectiva futura. Autora Dandara, 16 anos.
Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Setembro 2012.

Gustavo: “É (2.0) eu imaginei também a cidade de Macapá daqui alguns anos né, daqui a dez anos como uma metrópole, né, cheia de prédios e condomínios, né, é isso” (Grupo focal, em 27 de setembro de 2012). (Imagem 71).



Imagem 71: Tema Fortaleza de São José de Macapá e sua relação com a cidade numa perspectiva futura. Autor Gustavo, 15 anos.
Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Setembro 2012.

Kevin: “Bom aqui tá a fortaleza dez anos à frente, só que continua a mesma, mas rodeada de prédios, mostrando que a cidade se desenvolveu e tem um bocado de prédios” (Grupo focal, em 27 de setembro de 2012). (Imagem 72)

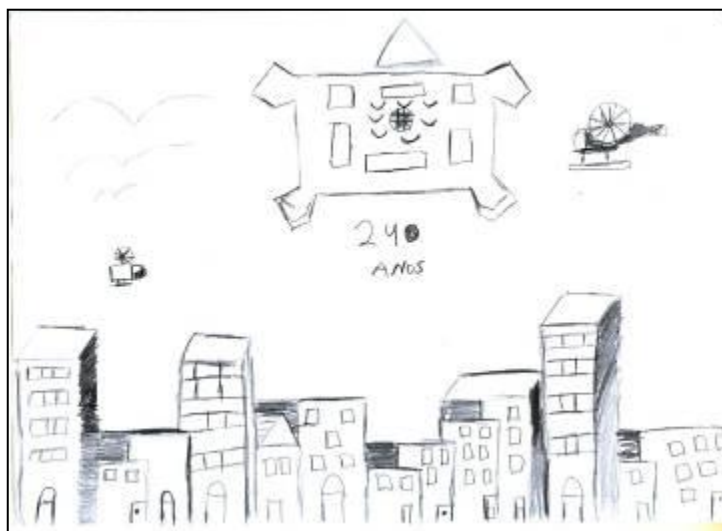


Imagem 72: Tema Fortaleza de São José de Macapá e sua relação com a cidade numa perspectiva futura. Autor Kevin, 15 anos.
Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Setembro 2012.

Frank: “Daqui com dez anos a fortaleza igualzinha como era antes, só que com prédios ao lado, no dia do aniversário dela, o som Guerreirão¹³⁶ vai tá lá fazendo a cobertura, ajudando nos 240 anos da fortaleza” (Grupo focal, em 27 de setembro de 2012). (Imagem 73).

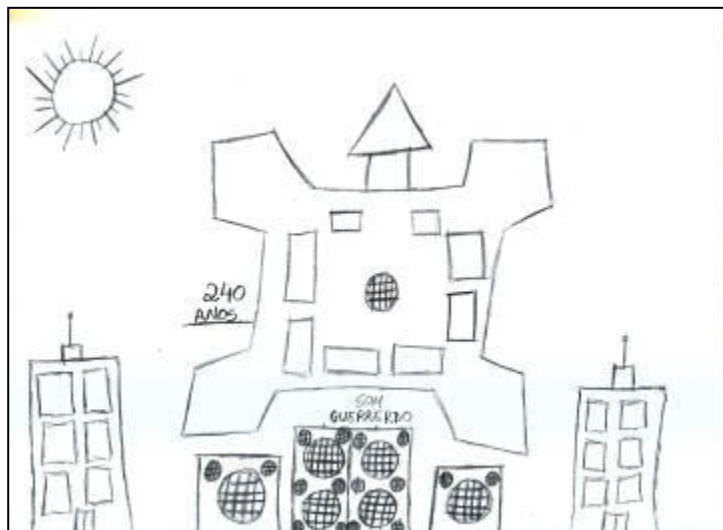


Imagem 73: Tema Fortaleza de São José de Macapá e sua relação com a cidade numa perspectiva futura. Autor Frank, 14 anos.
Fonte: Arquivo fotográfico da pesquisadora. Setembro 2012.

Nesta última proposição, correlativa aos colaboradores/as numa postura de produtores de imagens, duas pessoas (Dandara e Rafa) citaram e evidenciaram em seus desenhos, novamente, a relação da fortificação com o rio (Imagem 70). Verificou-se, ainda, que ao solicitar aos colaboradores/as que desenhasssem a relação da fortificação com a cidade de Macapá numa perspectiva futura, sete colaboradores/as (Rafa, Gustavo, Kevin, Frank, Estefany, Karol e Karla) registram em seus desenhos e expressaram em suas falas a relação da fortaleza com muitos edifícios em sua proximidade. Esclareça-se que o predomínio dessas representações nos desenhos dos/as colaboradores/as (Imagens: 71, 72 e 73) pode ser decorrente da influência na interação entre eles no momento da criação dos desenhos, ou do processo de verticalização na cidade que é recente, sendo o primeiro edifício de dez pavimentos construído no final da década de 90 (séc. XX).

Esta nova estética visual vem se configurando na paisagem da cidade de Macapá, uma dinâmica recente, onde se observa as elevações de edificações com mais de 10

¹³⁶ - Conjunto de aparelhos e acessórios de som que é denominado de “aparelhagem” “espaçonave do som”, muito comum no Estado do Pará mais que são utilizados em outros Estados da região norte (com menos evidência). Essas aparelhagens são comandadas por DJ’s em festas onde músicas são remixadas, geralmente predominando ritmos populares como tecnobrega, tecnomelody, calypso, *zouk*, dentre outros.

pavimentos serem erguidas, sobretudo, nos bairros tradicionais como: Santa Rita, Jesus de Nazaré e Centro.

(MARINHO, 2010, p. 5)

Pode-se observar também que embora o entorno da fortaleza sofra transformações nas concepções dos/as colaboradores/as, quatro estudantes (Rafa, Kevin, Frank e Karla) expressaram em seus desenhos e reafirmaram em suas falas o sentido de preservação do patrimônio. O que se nota em trechos como: “A minha tá do mesmo jeito, só que com alguns prédios” (Rafa); “bom aqui tá a fortaleza dez anos a frente, só que continua a mesma” (Kevin); “daqui com dez anos a fortaleza igualzinha como era antes, só que com prédios ao lado” (Frank); “bom, o meu desenho, é a fortaleza como ela tá atualmente, só as casas mais (2.0) e com uma cidade mais do que hoje bem avançada e é isso aí” (Karla).

Por mais que se reafirme, nas falas e nos desenhos dos/as colaboradores/as, o sentido de preservação da fortificação ao apresentá-la intacta sem modificações em sua arquitetura. Fica claro na projeção de futuro desses estudantes a cidade verticalizada. O que permite relembrar que em muitas cidades brasileiras, sobretudo as metrópoles, o processo de verticalização acabou invisibilizando edificações consideradas patrimônios culturais. Assim sendo, os desenhos feitos pelos/as colaboradores/as sobre a fortaleza e a verticalização, possibilita refletir: esses desenhos seriam ou não um indicativo de uma suposta invisibilidade que possa vir ocorrer na cidade em relação à fortificação, numa perspectiva futura?

Constatou-se, ainda, que durante os seis dias de encontros ocorreram diversificadas maneiras de interação dos/as colaboradores/as acerca da fortaleza, ora como receptores, ora como produtores de imagens. Foram diversas representações sobre a fortaleza presentes durante esse período (incluindo a própria visita ao local), sem contar com as demais imagens sobre a mesma veiculadas na cidade, que talvez possam ter aguçado observações, interpretações dos/as colaboradores/as, em seu cotidiano, devido ao convívio sobre o tema durante os encontros.

Assim, verificou-se um aumento no repertório imagético dos estudantes quanto à fortificação que permitiu a inserção de mais elementos representativos em seus desenhos, como se pode observar comparando os desenhos feitos no primeiro dia de encontro com os feitos no último dia¹³⁷. Quanto aos elementos arquitetônicos da fortaleza, por exemplo, observou-se em alguns desenhos uma preocupação com os detalhes aproximados a elementos reais (Imagem 71) ou a quantidade dos edifícios interiores da fortaleza (Imagem 72).

¹³⁷ - Como, por exemplo, nos de Dandara (Imagens 58 e 79); de Gustavo (Imagens 60 e 71) e Kevin (Imagens 61 e 72).

Muito embora a relação social (representação humana) não tenha sido evidenciada em nenhum dos desenhos dos/as colaboradores, neste último encontro, como ocorrera nos desenhos do primeiro dia, a mesma se manifesta indiretamente com a representação das edificações (edifícios e casas), bem como com outros elementos, qual o caso dos transportes (helicópteros) representados nos desenhos de Gustavo e Kevin.

Outro ponto verificado é que mesmo com o desenho solicitado em uma temática da relação da fortaleza com a cidade numa perspectiva futura, dois colaboradores representaram em seus desenhos elementos que se aproximaram da sua vivência pessoal. Como o colaborador Kevin (Imagem 72) que representou uma das obras¹³⁸ que estavam expostas na área interna da fortaleza, durante o dia da visita ao museu. E o colaborador Frank (Imagem 73) que inseriu em sua proposta a representação do “Som Guerreirão”, que se supõe fazer parte de sua vivência sociocultural.

Com tudo o que foi problematizado neste capítulo, a experiência propiciou diversificadas descobertas, erros e acertos e ainda proporcionou diálogos concordantes e discordantes. Pois segundo Martins e Tourinho (2012, p.10): “discutir ou refletir sobre imagens a partir da perspectiva da educação é reconhecê-las como produtoras e mediadoras de cultura”. Também de acordo com os mesmo autores: “É ainda, reconhecer que as culturas das imagens, nas suas mais diversificadas formas, produzem significados e valores que nos constituem como sujeitos, indivíduos, identidades e subjetividades” (MARTINS; TOURINHO, 2012, p. 10).

¹³⁸ - De autoria do artista Marcone Moreira, intitulada Banzeiro, 2010, instalação composta de 20 peças de madeira, dimensões variáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, ao longo de um percurso de levantamento e reflexão conceitual, ficou notório nas abordagens teóricas (principalmente de cultura visual) o quanto adolescentes e crianças recebem influências e constroem referenciais culturais a partir de contextos cujas representações visuais se evidenciam. Verificou-se também que as representações visuais contidas em meios publicitários (como de moda, jogos, brinquedos, etc.), filmes, animações, videoclipes, histórias em quadrinhos, fotografias de familiares e amigos, novelas, *internet* entre outros que circulam principalmente em aparelhos tecnológicos com atrativos virtuais (computadores, *tablets*, celulares, etc.) são as mais “acessadas” e consumidas por estes sujeitos. Pude constatar essa influência inclusive quando alguns dos/as colaboradores/as (estudantes) escolheram seus pseudônimos com expressões “estrangeiradas”, um possível indício de suas representações de mundo influenciadas pela cultura midiática.

Dessa forma, quando optei em abordar uma fortificação (arquitetura) e suas visualidades, sabendo que a mesma coexiste e/ou concorre com outras visualidades circulantes na cidade, inclusive “muito mais atrativas” aos adolescentes, sabia que não seria tarefa fácil. Mas procurou-se verificar quais significações, sobre a Fortaleza de São José de Macapá, são conservadas e renovadas, problematizando principalmente as interpretações de estudantes adolescentes acerca de imagens sobre a fortaleza.

Também não foi tarefa fácil, pois na posição de pesquisadora, professora de artes, artista visual, e principalmente amapaense que nasceu na cidade de Macapá convivendo com a materialidade e as imagens da Fortaleza de São José de Macapá, minhas referências identitárias também foram afetadas por vivências diante desta arquitetura. Por este fato, uma das preocupações durante todo o trajeto deste estudo era de questionar até que ponto meus valores pessoais e minhas significações sobre a fortificação acarretariam influências numa investigação sobre como são as visualidades da fortaleza numa escola pública e diante de uma parcela representativa de estudantes adolescentes, pessoas que também têm suas redes subjetivas e que podem ou não serem influenciados em formação de ideias e opiniões.

Assim sendo, ocorreram dificuldades, acertos, modificações, retrocessos e avanços, situações que se fizeram necessárias e contribuíram na efetivação desta pesquisa, quando se

buscou problematizar as visualidades da fortaleza num posicionamento de recepção/visualização/apreciação/interpretação e também da produção de imagens.

Neste trabalho de investigação, fez-se um levantamento conceitual e histórico sobre a Fortaleza de São José de Macapá. Muito embora a contextualização histórica não tenha sido efetivada de maneira cronológica e linear, foi ressaltada, por exemplo, a relação sociocultural das pessoas com a materialidade arquitetônica desta fortificação e também sua paisagem de entorno ao longo das épocas. E ainda, fez-se um levantamento conceitual dos termos imagem, visualidade, patrimônio cultural, memória e identidade, necessários para o estabelecimento das reflexões estabelecidas ao longo do texto.

Sobre a arquitetura da fortaleza ao longo da trajetória histórica, a mesma recebeu e/ou sofreu diversas intervenções que contribuíram tanto “positiva” quanto “negativamente” no que se refere à preservação e conservação da edificação. É possível inferir, ainda, que se encontra na materialidade arquitetônica da fortaleza, juntamente com as significações construídas historicamente sobre ela, um dos princípios responsáveis para a veiculação e desencadeamento de múltiplas imagens sobre a mesma atualmente, cujas representações evidenciadas são principalmente dos elementos arquitetônicos guarita e baluarte, bem como cenas da fortificação em panorâmica (vista aérea).

Assim sendo, mesmo que as visualidades da fortificação dividam e/ou compitam com outros tipos de visualidades mais “populares” no meio social em relação aos jovens e crianças, há na cidade uma variedade de imagens da Fortaleza de São José de Macapá que transita também no meio virtual como a rede de relacionamento *facebook* (sobretudo nas páginas de pessoas que possuem vínculo sociocultural com a cidade de Macapá e o Estado do Amapá). E no cotidiano através de meios e suportes como, por exemplo, muros de propriedades particulares, lanchonetes ambulantes, cartazes; *outdoor*; fachadas de edifícios comerciais; publicidade (agregando a fortaleza a consumo de produtos e serviços); propagandas; marcas e símbolos institucionais como de faculdades, associações, cooperativas, incluindo as próprias gestões públicas (municipal e estadual), estas últimas responsáveis em grande parte por uma disseminação de memória oficial sobre a fortificação, selecionando e determinando fatos conforme lhes convém.

Percebi que a maioria das imagens que veicula representações da fortaleza assume um papel social de portar significações e discursos que estimulam indivíduos e grupos sociais a colocarem a fortaleza como referência de glória; representação do passado do povo amapaense; despertando sentimento de orgulho e felicidade; e transmitindo mensagens “positivas” associadas a imagens, como por exemplo, imagem da fortificação relacionada a passagens bíblicas como: “tudo posso naquele que me fortalece”. Enfim, são imagens muitas vezes agregadas a textos escritos que corroboram estas significações e mediam interpretações que em alguns momentos são aceitas por certa “convenção” coletiva de tom ufanista carecendo de um olhar mais atento e crítico.

Outro tópico abordado foi o levantamento de imagens que trazem visualidades da fortaleza, no que se refere às relações étnicas. A intenção teve como um dos propósitos, refletir e levantar questionamentos sobre quais associações étnicas a fortificação e posta atualmente, levantando reflexões sobre o próprio passado (período colonial), cuja construção da fortificação envolveu relação de poder e políticas de alianças entre pessoas de diferenciações étnicas.

Constatei que pouquíssimas imagens atualmente abordam visualidades associadas à presença indígena (levando em consideração que, segundo dados documentais e entrevistas, a quantidade da mão de obra indígena responsável pela construção da fortaleza se sobrepôs à mão de obra negra), e quando são feitas, quase sempre é associando a fortaleza aos traços iconográficos indígenas. O que se percebe é uma invisibilidade indígena em relação às demais imagens que tratam sobre questões étnicas.

Quanto às imagens de associação da fortaleza relativas às pessoas negras. Estas se sobrepõem às indígenas; são imagens que predominam as associações da fortificação a temas de negritude (de um referencial identitário afrodescendente), principalmente, associado à manifestação cultural do marabaixo. Essas representações são perceptíveis inclusive em imagens produzidas por artistas visuais (estes também abordam a fortaleza à temática de paisagem, na qual a fortificação é posta como elemento principal). Ou seja, a fortaleza, muitas vezes, vem associada a outros possíveis referenciais identitários como o marabaixo e o próprio Rio Amazonas.

No que tange a presença étnica “branca”, percebi que a mesma é evidenciada muitas vezes na própria representação da estrutura da fortificação ou quando associada a padrão de “vida saudável”, ou está presente nos discursos escritos que acompanham as imagens e valorizam os feitos de Portugal na defesa de território contra os possíveis “inimigos estrangeiros” (referindo-se as outras nações europeias da época).

Na continuidade do percurso desta pesquisa, foi realizado também um levantamento de questões sobre a fortaleza como patrimônio cultural. Constatou-se, por exemplo, que a interação social de aproximação das pessoas para participação de eventos socioculturais ocorridos no interior da fortaleza passou a ser frequente após seu tombamento como patrimônio nacional realizado na década de 50 do século XX, muito embora contextos políticos ocorridos nos níveis estadual e nacional fizessem essa participação oscilar conforme características de cada época.

A fortificação passou por diversos contextos que a transformaram em patrimônio cultural, recebendo diversificadas intervenções, como o projeto paisagístico de seu entorno (Parque do Forte); sua constituição à categoria de museu; além das circulações de imagens com representações da fortaleza, incentivando sentimento de orgulho e criando memórias oficiais e sociais a seu respeito. Porém, pude constatar que ainda assim, a fortaleza e seu entorno vem recebendo gradativas degradações, danos provocados em parte por uma parcela de pessoas que circulam em seu entorno.

Com a criação do Parque do Forte, o mesmo aproximou ainda mais o público, principalmente, da área externa da fortaleza; mas essa aproximação à sua arquitetura (muralha de cantaria) em comparação a outras épocas vem sofrendo grandes intervenções de pichações e algumas perfurações nas pedras, decorrentes da ação de uma parcela de adolescentes estudantes de escolas públicas. Fato confirmado em entrevistas feitas com funcionários do museu e detectado por mim ao analisar as pichações que trazem identificações como nome das escolas e turmas às quais esses estudantes fazem parte, como também, por ter presenciado e registrado em fotografia adolescentes estudantes (vestiam camisas de escola pública) escalando a muralha da fortificação.

Essas observações me permitem levantar questionamentos sobre o que seria realmente acessibilidade cultural? É somente revitalizar a área de entorno para o público se aproximar

do local? É somente não cobrar ingressos para entrar no museu? É atender o público, incluindo as escolas, com materiais educativos improvisados e artesanalmente devido à carência de verbas para uma publicação sistemática? É não ter uma continuidade de trabalho na equipe¹³⁹ do museu, pois a mesma por questões político partidárias na troca de governos torna-se temporária e muitas vezes sem qualificação profissional para a função? É não ter verbas para execução de projetos, com qualidade, que não leve somente a escola ao museu, mas também leve o museu até a escola? Definitivamente, se a concepção de acessibilidade cultural é observada e mantida sobre esses focos¹⁴⁰ nas gestões de governo que passam pela cidade e pelo Estado realmente não é uma acessibilidade cultural de qualidade.

Creio que ações efetivas de qualidade como a criação de projetos educativos eficientes e investimento financeiro amenizariam inclusive as pichações que ocorrem na fortificação. Pois, como relatado anteriormente, uma parcela de estudantes picham a fortificação e/ou outros monumentos. Mas por que picham? Não defendendo aqui a depreciação e a depredação do patrimônio cultural material, pois estaria me contradizendo em minhas reflexões expostas ao longo da pesquisa. Mas será que, em parte, essas pichações ocorrem por representarem uma relação de exterioridade com a fortificação? Isto é, seria então uma maneira (ao meu ponto de vista equivocada) de se apropriar da fortificação e dizer “eu estive aqui”, “isso aqui também é meu”? Ou, seria então um nível de agressividade criado por estes/as estudantes (que picham) devido eles/as se sentirem alijados a estes locais, e por isso eles/as não reconhecem pertencimento?

Outro fato que constatei, e também verificado por outros pesquisadores, é que a questão da falta de preservação não recai somente nas utilizações danosas de determinados sujeitos sociais. Verificou-se que as gestões, municipal e estadual, não possuem efetivas ações de manutenção da área. E ainda, realizam constantemente eventos onde são criadas estruturas temporárias que contribuem ao abalo da arquitetura secular. Detectou-se também que o próprio poder legislativo não promulgou uma legislação que contemple a preservação do patrimônio cultural material da cidade de Macapá.

Quanto ao material educativo, ressaltado em questionamento anterior, não há uma sistematização de publicação. Na pesquisa o que foram encontrados são mais *folders*/

¹³⁹ - Não desqualificando aqui alguns profissionais que encontrei no MFSJM, cujos esforços foram perceptíveis em dar continuidade de trabalho nas ações mesmo com as dificuldades como, por exemplo, financeiras da instituição (museu).

¹⁴⁰ - Questionamentos feitos a partir de minhas observações de parte da realidade atual do MFSJM.

convites, referentes à data de aniversário da instituição; do que realmente um material didático que contribuísse no atendimento ao público, principalmente escolas. Muitos dos *folders*/convites encontrados foram feitos artesanalmente sem qualidade gráfica, outros publicados em gráficas. Ou seja, impressões feitas de acordo com a importância de cada evento e de acordo com a disponibilidade financeira ou entendimento político da Secretaria Estadual de Cultural, cuja instituição Museu Fortaleza de São José de Macapá é vinculada.

Sobre as representações visuais acerca do pouco material educativo encontrado, parte era referente a uma cartilha educacional encontrada, cujas imagens e textos abordam questões sobre a fortaleza como patrimônio, sua revitalização, seu uso como museu, sua história e materiais utilizados em sua construção. Já nos *folders*/convites são visíveis sempre parte da arquitetura da fortaleza, predominando as representações dos elementos guarita, baluarte, portal da entrada principal ou a própria fortaleza e o Parque do Forte em vista panorâmica (aérea). Propostas que trazem diagramação e mensagens também “positivas” e de valorização do monumento, como por exemplo, ideia de cuidado, zelo pelo patrimônio; algumas inclusive contendo representações de sujeitos sociais em cenas de lazer e “bem viver” na área de entorno ou visitando o museu.

Assim após ter feito levantamentos conceituais e históricos sobre a fortificação bem como a termos interligados a respeito de questões sobre imagem, visualidade, patrimônio cultural, memória e identidade; após analisar diversificadas modalidades de imagens que envolvem a fortaleza e refletir sobre as possíveis interpretações geradas a respeito; partiu-se para a investigação e reflexão de como são as visualidades da Fortaleza de São José de Macapá em interação com uma Escola Pública da Cidade de Macapá, focando, sobretudo as interpretações de uma parcela de estudantes da Escola Estadual Tiradentes.

No que tange às imagens da fortaleza veiculadas no cotidiano da escola campo, não foram constatadas nenhuma (verificação feita tanto em minhas observações quanto no registro fotográfico). Esse fato também foi evidenciado em falas dos/as colaboradores/as (estudantes) quando disseram nunca terem visto imagens sobre a fortaleza no ambiente da escola nem mesmo terem sido abordadas em disciplinas do currículo também daquela escola. Contudo os/as colaboradores/as pertenciam ao 1º ano do ensino médio, ou seja, era o primeiro ano que estavam na Escola Estadual Tiradentes. Porém os/as mesmos/as informaram já terem visto imagens da fortificação em outros ambientes escolares nos quais estudaram anteriormente, sendo a fortificação abordada em propostas e projetos de trabalho, principalmente, na

disciplina Arte. Relataram também, já terem observado diversificadas imagens sobre a fortaleza no cotidiano como, por exemplo, em fotografias, programas de televisão, revistas, publicidade, calendários, propagandas televisivas, etc.

No que se refere às questões sobre patrimônio cultural, ao longo dos encontros com os colaboradores/as, constatou-se em seus relatos, vários momentos acerca do conhecimento deles/as em reconhecer que a fortaleza é considerada um patrimônio nacional; bem como se ressaltou em suas falas uma preocupação quanto à preservação da fortaleza. Pois houve comentários de preocupação quanto ao não cuidado atual, como: falta de manutenção do lugar, falta de iluminação, vandalismo (tanto em relação à fortaleza, quanto ao Parque do Forte), violências às pessoas que frequentam o entorno da fortaleza, etc.

Quanto a verificar quais memórias os sujeitos pertencentes a uma parcela da sociedade de Macapá, possuem sobre a Fortaleza de São José de Macapá. Verificou-se que uma parcela relevante dos/as colaboradores/as (estudantes da escola) expõe em seu referencial de memória, a arquitetura (estética) da fortificação numa exaltação de “beleza” e “grandiosidade”. Percebeu-se também a presença de uma memória afetiva entre a fortaleza e as lembranças de cada colaborador/a, ou seja, a maioria informou já ter ido pelo menos uma única vez ao lugar. Muito embora dentre os/as colaboradores/as alguns nunca tivessem entrado na fortaleza, a maioria informou já ter passado vários momentos de lazer no lugar, realçando nos relatos a importância desses momentos por ter sido na companhia de amigos e/ou familiares. Percebe-se assim, um conflito e/ou “batalha de significados” em relação a Fortaleza de São José de Macapá e a área de entorno Parque do Forte. Ou seja, para muitos estar no Parque do Forte significa estar na fortaleza.

Outro fato constatado, sobre os conhecimentos acerca da fortaleza para os/as colaboradores/as, é que ocorre um misto de memória social versus memória oficial. Ou seja, é que muitos dos/as colaboradores/as expressavam em suas falas, acerca da fortificação, discursos orais que são veiculados por uma parcela de sujeitos sociais, mas que segundo historiadores não ocorreram e em outros casos não há comprovação documental – como as narrativas sobre a utilização do desaguadouro para servir de local de tortura das pessoas escravizadas, e a impossibilidade técnica do desaguadouro servir como local de fuga. Ou sobre alguns colaboradores/as pensarem que houve guerra entre Portugal e “nações inimigas”, ocasionando a fortificação entrar em combate.

Discursos estes que foram esclarecidos por um historiador no dia da visita à fortificação. Porém mesmo com a explicação, ainda assim tais discursos foram reafirmados nas falas de alguns estudantes após visita ao museu. Fato verificado no momento de narrativas feitas por cada colaborador/a explicando as motivações por terem produzido determinadas imagens fotográficas sobre a Fortaleza de São José de Macapá no dia da visita. Supõe-se que tais narrativas estejam tão arraigadas no imaginário da população de Macapá, uma espécie de cultura histórica, que mesmo o contato com as explicações do historiador no momento da visita não tenham sido suficiente para desconstruir tais discursos; ou que os estudantes que mantiveram essas narrativas não tenham se concentrado o suficiente para compreensão das explicações fornecidas pelo historiador.

Quanto a averiguar quais influências a Fortaleza de São José de Macapá contribui no processo de construção de referenciais identitários individual e coletivo de estudantes de uma Escola Pública; constatou-se ao longo da investigação que a fortificação é posta numa posição valorativa de pertencimento, de enaltecimento e orgulho. Porém foi registrada em falas ao longo dos encontros com o grupo de estudantes a consciência de marca dolorosa da escravidão e da repressão ocorrida no período de construção. Ou seja, percebeu-se um respeito, enaltecimento, orgulho e preservação nas falas dos/as colaboradores/as sobre a fortaleza por motivos como: ser um “ponto turístico nacional”, “patrimônio cultural”, “um lugar bonito”, “contar a história do povo amapaense”. Mas também se verificou os mesmos valores (respeito, enaltecimento, orgulho e preservação), pelo motivo de pessoas no passado terem sido escravizadas, torturadas; porém, foram heróis (termo utilizado pelos colaboradores/as), pois construíram tal arquitetura “grandiosa”.

Sobre as questões étnicas, verificou-se que os/as colaboradores/as, ao expressarem suas opiniões diante de imagens produzidas por artistas cujas cenas apresentam o marabaixo às proximidades ou dentro da fortaleza, observou-se a criação de um imaginário ou um suposto cotidiano, reportando-se à época de construção da fortaleza, ou seja, uma junção de dois referentes identitários. Contudo, verificou-se uma interferência nessas interpretações ocasionada ao bloco anterior de imagens que tratava sobre a representação de um cotidiano do período colonial, criado por artistas visuais.

Ficou evidente também, nas falas da maioria, a associação do marabaixo à ideia de felicidade e festejo; muitos colaboradores/as inclusive afirmando (em seu suposto cotidiano

imaginado) que as cenas evidenciadas nas imagens representavam a “comemoração da construção da fortaleza” ou “homenagem aos negros escravizados mortos que construíram a fortaleza”. Vê-se aí significações de reafirmação de identidade, ou seja, mesmo com os castigos durante a escravidão quanto à construção da fortificação, ainda assim há um sentido de heroísmo e bravura expresso em algumas falas pelo fato das pessoas negras escravizadas (mesmo sendo a mão de obra dessa construção) terem construído a fortaleza, “essa maravilha como ela é agora” (colaboradora Karol).

Muito embora as falas dos/as colaboradores/as tenham ressaltado o respeito e a valorização da fortificação, ocorreram momentos em que alguns colaboradores expressaram em suas falas certo despreendimento em relação a fortaleza não ter importância em sua vida pessoal. No entanto, contraditoriamente, esses mesmos colaboradores em outros momentos expressavam sentimento de pertencimento e respeito em relação à fortaleza.

No que se refere às imagens da fortaleza que circulam na cidade, constata-se o predomínio de representações dos elementos arquitetônicos guarita e baluarte, bem como cenas da fortificação em panorâmica (vista aérea), relatados no início destas considerações. Embora os/as colaboradores/as citassem muito esses elementos em suas falas, inclusive uma parcela do grupo tenha representado esses elementos em desenhos produzidos no decorrer dos encontros. Verificou-se que nas imagens fotografadas pelos/as colaboradores/as no dia da visita à fortaleza os elementos que predominaram nestas imagens foram desagudouro, casamata, e canhões (sendo que cada intenção do registro fotográfico foi pontuada pelos/as colaboradores/as), produção de imagens que divergiu em parte das representações dos elementos arquitetônicos veiculadas na cidade e reafirmadas pelos/as próprios/as colaboradores/as em outros momentos do encontro do grupo focal.

Por tudo exposto, pelas investigações feitas, reflexões levantadas; posso afirmar que a Fortaleza de São José de Macapá, seguida da manifestação marabaixo, são colocadas nas imagens e discursos circulantes como os referenciais de identidade do povo amapaense, sendo a fortaleza inclusive posta como referencial máximo de representação cultural. Tal fato foi constatado nas várias imagens coletadas e pesquisadas, bem como, percebido nas falas dos/as colaboradores/as (estudantes), parcela representante da sociedade macapaense, mas que durante os encontros do grupo focal evidenciavam e afirmavam a importância da fortificação não somente para a cidade de Macapá, mas, sobretudo, para o Estado do Amapá. Porém tal constatação leva-me a refletir nos meus últimos questionamentos sobre esta questão. Ou seja,

sendo a Fortaleza de São José de Macapá (tida como símbolo da cidade de Macapá) e também posta como grande símbolo de identidade amapaense, de certa forma não contribui para uma invisibilidade cultural e identitária de outra parcela da população¹⁴¹ do Amapá que não mora na capital Macapá? E ainda, essas pessoas localizadas nas outras cidades do Estado consideram a fortaleza como seu símbolo máximo de identidade? Caso não, quais seriam então seus símbolos identitários veiculados em imagens e quais ideias e discursos estariam vinculados?

Assim sendo, não se pretende aqui cristalizar conceitos ou conhecimentos nem findar ideias e possibilidades sobre pesquisar a Fortaleza de São José de Macapá, suas imagens e suas visualidades. Este estudo é apenas uma das possibilidades investigativas de se abordar o assunto, em uma abrangência de opções existentes. Muitos dos questionamentos pontuados ao longo da pesquisa foram respondidos, outros propostos buscando não respostas, mas sim reflexões. E o que se espera com o resultado deste estudo é que o mesmo seja possibilidade de referência para outros estudos, principalmente na área de Arte, mas também posto a críticas, e que os conhecimentos construídos juntamente com os referenciais que contribuíram como aportes da pesquisa não se tornem conclusivos e sim inícios...

¹⁴¹ - População localizada nas cidades/municípios de Amapá, Calçoene, Cutias, Ferreira Gomes, Itaubal, Laranjal do Jari, Mazagão, Oiapoque, Pedra Branca do Amapari, Porto Grande, Pracuaba, Santana, Serra do Navio, Tartarugalzinho, Vitória do Jari.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

AMAPÁ. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação. **Plano Curricular da Educação Básica do Estado do Amapá**. Macapá, 2009.

AMAPÁ. Lei nº 1.402, de 10 de novembro de 2009. Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial. Patrimônio Cultural do Estado do Amapá. Programa Estadual do Patrimônio Imaterial. **Diário Oficial do Estado nº 4618**, Poder Legislativo, Macapá, AP, 2009.

_____. Lei nº 1.263 de 02 de outubro de 2008. Tombamento de natureza imaterial manifestação folclórica do Marabaixo. **Diário Oficial do Estado nº 4348, de 02.10.2008**. Poder Legislativo, Macapá, AP, 2008.

_____. Lei nº 1091, de 29 de maio de 2007. RPPM-REVECOM Reserva Particular do Patrimônio Natural. **Diário Oficial do Estado nº 4015, de 29.05.2007**, Poder Legislativo, Macapá, AP, 2007.

ARAGÃO, Fábio Rodrigo Couto; MARTINEZ, Monnya Karoline da Silva. **A Fortaleza de São José de Macapá, a valorização de nossa história**, estágio supervisionado em Turismo II. Relatório de estágio 2 .Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP. Macapá- AP, 2004

ARAÚJO, Renata Malcher de. **As Cidades da Amazônia no Século XVIII** – Belém, Macapá e Mazagão. Porto: FAUP publicações, 1998.

ARRELIA, Denize Regina da Silva; TAVARES, Ellen Simey da Silva; RAMOS, Maira das Graças Senna. **A Fortaleza de São Jose de Macapá: como fonte de inspiração para R. Peixe**. Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em Artes Visuais). Departamento de Artes Visuais, Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP, 2010.

ASLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. **Ensino de Arte**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. 2. ed. Campinas-SP: Papirus, 1995.

BARBOSA, Bruna Carolini. **A imagem em sala de aula: cultura visual e a formação de consumidores**. Universidade Estadual de Londrina / UEL III Encontro Nacional de Estudos da Imagem 03 a 06 de maio de 2011 - Londrina – PR. Disponível em <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Bruna%20Carolini%20Barbos a.pdf> Acesso em 16 junho 2012.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). **Arte Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRASIL. Lei nº 11.645/2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/L11645.htm> Acesso 16 de junho de 2013.

BRASIL. **Ensino Médio Inovador**. Ministério da Educação. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13439:ensino-medio-inovador&catid=195:seb-educacao-basica>. Acesso em 08 dezembro 2012.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. 2 ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008.

CAMILO, Janaína. **Homens e pedras no desenho das fronteiras: a construção da Fortaleza de São José de Macapá (1764/1782)**. Dissertação (Mestrado em História, Filosofia e Ciências Humanas). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.

_____. Homens e pedra no desenho das fronteiras amazônicas (1764/1782). In: OLIVEIRA, Augusto; RODRIGUES, Randolfe. **Amazônia, Amapá: escritos e história**. Belém: Paka-Tatu, 2009.

CAMPOS, Raimundo Nonato; SANTOS, Suzidarte da Conceição Palheta. **Relatório anual – Setor de Visitação Turística**. Museu Fortaleza de São José de Macapá. Macapá, AP, 2010.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CANTO, Fernando Pimentel. **Vertentes Discursivas da Fortaleza de São José de Macapá: Das Cartas dos Construtores às Transformações e Apropriações Simbólicas Contemporâneas**. 2010. 159 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Desenvolvimento Regional). Universidade Federal do Amapá. Macapá, AP, 2011.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. Intervenções sobre o patrimônio urbano: modelos e perspectivas. In: **FORUM PATRIMONIO: ambiente construído e patrimônio sustentável**. V.1, n.1 (set/dez) 2007. Belo Horizonte: MACPS; CEDODAL; IEDS, 2007.

CASTRO, Adler Homero Fonseca. O Fecho do Império: História das Fortificações do Cabo Norte ao Amapá de Hoje. In: GOMES, Flavio dos Santos. **Nas terras do Cabo Norte: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana Brasileira (séculos XVIII – XIX)**. Belém: Editora Universitária/ UFPA, 1999.

CASTRO, Edna. (org.). **Cidades na Floresta**. São Paulo: Annablume, 2008.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 3 ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CORDEIRO, Carlos; MADEIRA, Artur Boavida. **A emigração açoriana para o Brasil (1541-1820)** uma leitura em torno de interesses e vontades. Arquipélago História, 2ª SÉRIE,

VII (2003). Disponível em: http://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/384/1/Carlos_Cordeiro_p99-122.pdf. Acesso em: 12 dezembro 2011.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Questionamento de uma professora de arte sobre o ensino de arte na contemporaneidade. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (orgs.) **Cultura das imagens: desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012.

_____. Apontamentos sobre a Cultura Visual. In: **Anais do 19º Seminário de Arte e Educação: A poética da docência**, 2005.

DIAS, Belidson. Cultura Visual e Escola. Direção: Barbara Pereira. Produção: TV Brasil – TV Escola, 2011. Vídeo 1: Ver e Ser Visto na Contemporaneidade. Programa Salto para o futuro (50min).

ESCOLA ESTADUAL TIRADENTES. **Regimento Escolar 2010**. Macapá, AP, 2010.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5 ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: O minidicionário de língua portuguesa**. 7 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FERREIRA, Lucia M. A. As práticas discursivas e os (im) previsíveis caminhos da memória. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

FLORES, Elio Chaves. Dos Feitos e dos Ditos: História e Cultura Histórica. **Saeculum – Revista de História**, João Pessoa, PB, n. 16, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11374>> Acesso em: 13 de junho de 2013.

FRANZ, Teresinha Sueli. Educar para uma compreensão crítica da arte. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNANDEZ, Fernando. (Orgs.) **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria, Ed. UFSM, 2005.

FREIRE, Cristina. **Além dos Mapas: Os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: SESC: Annablume, 1997.

FONTANA, Ricardo. **As obras dos engenheiros militares Galluzi e Sambuceti e do arquiteto Landi no Brasil colonial do séc. XVIII**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo A; FUNARI, Raquel dos Santos. Educação Patrimonial: teoria e prática. In: SOARES, André Luis Ramos (Org.) **Educação Patrimonial: teoria e prática**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2007.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio Histórico e cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GALLOIS, Dominique Tilkin. **Mairi Revisitada**. A Reintegração da Fortaleza de Macapá na Tradição Oral dos Waiãpi. São Paulo: NHII-USP/FAPESP, 1994.

GATTI, Bernadete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PLAFF, Nicolle. (Orgs.). **Metodologia da pesquisa qualitativa em Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GHIRARDELLO, Nilson; SPISSO, Beatriz. **Patrimônio histórico**: como e por que preservar. colaboradores: Gerson Geraldo Mendes Faria [et al.]. Bauru, SP: Canal 6, 2008. Disponível em: <http://www.creasp.org.br/arquivos/publicacoes/patrimonio_historico.pdf>. Acesso em: 18 fevereiro 2012.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre a memória social. In: GONDAR, Jô. DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. Da alfabetização visual ao alfabetismo da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo. TOURINHO, Irene (orgs.). **Educação na cultura visual**: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 9 ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.

LEAL, Lidia Lobato. **Maracá e Cunani**: imagens institucionais para o Amapá. 2009. 105 f. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual). Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, 2009.

LEITE, Elani da Costa; SILVA, Nazimara da Silva. **Setor de visitação turística**: Relatório Anual. Museu Fortaleza de São José de Macapá. Macapá, AP, 2009.

LEMOES Carlos A.C., **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LUNA, Verônica Xavier. **Entre o Porteau e o Volante**: Africanos Redesenhando a Vila São José de Macapá – 1840-1856. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Piauí. Teresina, PI, 2009.

MACHADO, Adriana de Almeida. O seu olhar melhora o meu: o processo de monitoria em exposições itinerantes. In: LEITE, Maria Isabel; OSTELLO, Luciana Esmeralda (Orgs.). **Museu, educação e cultura**: Encontros de crianças e professores com a arte. Campinas – SP: Papirus, 2005.

MACHADO, Claudete Nascimento. **Olhares a Fortaleza de São José de Macapá: do tombamento (1950) aos dias de hoje (2001).** 2001. 189 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 2001.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. Prosperidade e estagnação de Macapá colonial: As experiências dos colonos. In: GOMES, Flavio dos Santos et al(orgs.) **Nas Terras do Cabo Norte: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana Brasileira (séculos XVIII-XIX).** Belém: Editora Universitária – UFPA, 1999.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo; GOMES, Flávio. **Reconfigurações coloniais:** tráfico de indígenas, fugitivos e fronteiras no grão-pará e guiana francesa (séculos XVII e XVIII) Revista de História 149 (2º - 2003), 69-107. Disponível em:< http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S003483092003000200004&script=sci_arttext>. Acesso 29 de outubro 2011.

MARINHO, Carla. Além dos Grandes Centros Urbanos: Inquietações e reflexões sobre mediação cultural nos Museus Fortaleza de São José de Macapá e Museu Sacaca. In: **XXI Congresso Nacional da Federação de Arte Educadores do Brasil- CONFAEB**, São Luís, 2011, Anais 2. Disponível em:< <http://www.faeb.com.br/livro/Narrativas/alem%20dos%20grandes%20centros%20urbanos.pdf> >. Acesso: 03 março 2012.

_____. **MACAPÁ:** das residências quintais ao habitar vertical, signos de uma nova transformação urbanística, 2010. Disponível em: < <http://carlamarinhoartes.blogspot.com.br/2011/04/artigo-que-escrevi-sobre-o-processo-de.html>>. Acesso 21 dezembro 2012.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Entrevistas das imagens na arte e na educação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (orgs.) **Cultura das imagens:** desafios para a arte e para a educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012.

MARTINS, Raimundo. Pensando com imagens para compreender criticamente a experiência visual. In: RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira [et al.] (orgs). **Educação das artes visuais na perspectiva da cultura visual:** conceituações, problematizações e experiências. Goiânia: SEDUC/GO, 2010.

_____. Narrativas visuais: imagens, visualidades e experiência educativa. In: **VIS - Revista do Programa de Pós-graduação em Arte.** Brasília: editora Brasil, V.8, n.1, 144 p. semestral, janeiro/junho. 2009.

_____. Das belas artes à cultura visual: enfoques e deslocamentos. In: _____ (org.). **Visualidade e educação.** Goiânia : FUNAPE, 2008.

_____. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). **Arte, educação e cultura.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

_____. Educação e poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura visual. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNANDEZ, Fernando. (Orgs.) **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria, Ed. UFSM, 2005.

MARTINEZ, Monnya Karoline da Silva. **A Fortaleza de São José de Macapá, a valorização de nossa história**, estágio supervisionado em Turismo II. Relatório de estágio 2. Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP. Macapá- AP, 2004

MORAES, Nilson Alves de. Memória social: solidariedade orgânica e disputas de sentidos. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

MORAIS, Paulo Dias. **História do Amapá-** O passado é o espelho do presente. Macapá: JM Editora Gráfica, 2010.

MOREAU, Filipe Eduardo. **Arquitetura Militar em Salvador da Bahia Séculos XVI a XVIII**. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo – USP, 2011.

MYERS, Greg. Análise da conversação e da fala. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. Culturas das imagens e os desafios dos referenciais curriculares do Ensino Fundamental do Estado da Paraíba – Artes. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (orgs.) **Cultura das imagens: desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012.

_____. Singularidades da educação da cultura visual nos deslocamentos das imagens e das interpretações. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (orgs.) **Educação da cultura visual: Conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

_____. Visualidade e infância até seis anos: versões em imagens e os desafios da educação infantil. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). **Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2010.

_____. Representação da morte para aproximar a escola da vida: Uma experiência com a cultura visual no ensino básico. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). **Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009.

OLIVEIRA, Fabiana de; WENCESLAU, Franclin Ferreira. Educação patrimonial e a pesquisa arqueológica do sítio “casa de David Canabarro” em Santana do Livramento, RS. In: SOARES, André Luis Ramos (Org.) **Educação Patrimonial: teoria e prática**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

OLIVEIRA, João Batista Gomes de. **Musealização da Fortaleza de São José de Macapá-F.S.J.M.:** sede de um Complexo Museológico para o Estado do Amapá. 1999. 187 f.

Dissertação (Mestrado em Artes). Instituto de Artes. Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 1999.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Cultural**: consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte**: *piercing*, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo: Editora Senac, 2005.

PÚRPURA, Christian. **Formas de Existência em Áreas de Fronteira**: A política portuguesa do espaço e os espaços de poder no oeste amazônico (séculos XVII e XVIII). Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo- USP, 2006.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra. **Imagem também se lê**. São Paulo: Edições Rosari, 2005

RAVENA, Nívia. “Maus vizinhos e boas terras”: Idéias e experiências no povoamento do Cabo In: GOMES, Flavio dos Santos.[et al.] (org.) **Nas Terras do Cabo Norte**: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana Brasileira (séculos XVIII-XIX). Belém: Editora Universitária – UFPA, 1999.

REZENDE. Tadeu Freitas de, **A conquista e a ocupação da Amazônia brasileira no período colonial**: a definição das fronteiras. Tese (Doutorado em História). 2006. 353 f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História Econômica. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SANT’ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

SANTOS. Carla P. C. do; SILVA. Rondiney dos Santos; PEDRADA. Marcos A. M. **O Naturalismo na pintura de Dekko com base na abordagem formalista**. 2010. 101 f. Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em Artes Visuais). Departamento de Artes Visuais, Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP, 2010.

SILVA, Mary Aparecida Ferreira da. **Métodos e técnicas de pesquisa**. 2 ed. Curitiba: Ibpx, 2005.

SOARES, André Luis Ramos. (org). **Educação patrimonial**: Teoria e prática. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

SOARES, André Luis Ramos. (org). **Educação patrimonial**: relatos e experiências. Teoria e prática. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2003.

STUHR. Patricia L. A cultura visual na arte-educação multicultural crítica. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (orgs.) **Educação da cultura visual**: Conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

TAVARES, Aurélio de Lyra. **A engenharia militar portuguesa na construção do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2000.

TOSTES, José Alberto. Entre a Igreja e a Fortaleza de São José de Macapá. In: _____. **Além da Linha do Horizonte**. João Pessoa: Sal da Terra Editora, 2012.

_____. Do Tijolo Nu ao Concreto Bruto. In: _____. **Além da Linha do Horizonte**. João Pessoa: Sal da Terra Editora, 2012.

TOURINHO, Irene. Imagens, pesquisa e educação: Questões éticas, estéticas e metodológicas. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (orgs.) **Cultura das imagens: desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012.

_____. Educação Estética, imagens e discursos: cruzamentos nos caminhos da prática escolar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). **Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Circunstâncias e ingerências da Cultura Visual In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (orgs.) **Educação da cultura visual: Conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente**: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

APÊNDICE A - Cronologia de Eventos acerca da Fortaleza de São José De Macapá.

PERÍODO	EVENTOS	REFERÊNCIAS
1494	Assinado Tratado de Tordesilhas. De acordo com esse tratado as terras do Amapá na época pertenciam a Espanha.	(MORAIS, 2010, p. 9)
1544	Francisco Orellana ganha a concessão das terras “Adelantado de Nueva Andaluzia” (atual Amapá) do rei da Espanha.	(MORAIS, 2010, p. 12)
1580 a 1640	Felipe II da Espanha assumiu o trono de Portugal. União das coroas: portuguesa e espanhola.	(MORAIS, 2010, p. 16)
Final Século XVI	Inglese e holandeses na amazônica exploram a região em busca das chamadas “drogas do sertão”.	(MORAIS, 2010, p. 18)
	Drogas do Sertão como: o cravo, a canela, a castanha, a salsaparrilha, a baunilha, o breu, as resinas, as sementes oleaginosas, a quina, e, sobretudo, o cacau; além das madeiras e dos produtos do reino animal: peixes, caça e tartaruga.	(REZENDE, 2006, p.118)
2ª metade do século XVII Até século XVIII	Ordens religiosas (como jesuítas, franciscanos, carmelitas) distribuídas estrategicamente pela Amazônia para o cumprimento das instruções régias	(ARAÚJO, 1998, p.91)
	Aldeamento missionário desenvolveram formas de arregimentação e manutenção de mão-de-obra indígena. Grandes tensões entre missionários e colonos.	(RAVENA, 1999, p. 64)
1618	Catequese na região do Amapá com os frades franciscanos que se deslocavam pelos rios: Jarí, Cajari, Ajuruxi, Araguari.	(MORAIS, 2010, p. 26)
1629	Construção do Forte de Torrego. Engenheiro construtor irlandês James Purcell	(CASTRO apud GOMES 1999)
	O mesmo é construído por Inglese, irlandeses e holandeses (aliados), às proximidades da região do atual município de Mazagão. No ano, seguinte os portugueses destruíram o forte.	(MORAIS, 2010, p. 20)
1629	Construção do Forte Felipe nas proximidades de Macapá. Procedência inglesa.	(CASTRO apud GOMES 1999)
1632	Construção do Forte Cumaú, na margem esquerda do rio Mattapi. Procedência inglesa. Engenheiro construtor Roger Fry	(CASTRO apud GOMES 1999)
	Tribos indígenas Aruãs, Tucukus e Nheengaybos participaram da construção.	(MORAIS, 2010, p. 20)

1637 ou 1639	Rei da Espanha (no trono de Portugal) cria a capitania do Cabo Norte (atual terras do Amapá) e doa ao capitão-mor Bento Maciel Parente.	(MORAIS, 2010, p. 18)
	Bento Maciel Parente submeteu os índios à obediência, tanto pela obra de catequese das missões, como pela violência, quando necessária.	(TAVARES, 2000, p.127).
1687 ou 1688	Portugueses construíram o Forte de Santo Antônio de Macapá. Engenheiro construtor Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho.	(CASTRO apud GOMES 1999)
1691	Governador de Caiena (Guiana Francesa) Marques de Ferrolles envia carta ao governador do Estado do Maranhão e Grão-Pará, assinalando o limite do rio Amazonas entre Brasil e Guiana Francesa.	(MORAIS, 2010, p. 21)
1697	Portugueses organizam expedição comandada por Francisco Sousa Fundão e João Muniz de Mendonça para expulsar os franceses.	(MORAIS, 2010, p. 22)
1700	Tratado Provisional, assinado entre portugueses e franceses definindo área neutra de posse, a qual compreendia entre o rio Araguari e o rio Oiapoque.	(MORAIS, 2010, p. 22)
1713	Tratado de Utrecht, assinado na Holanda por Portugal e França estabelecendo o rio Oiapoque como limite entre as nações.	(MORAIS, 2010, p. 23)
1738	O governador do Maranhão e Grão-Pará, João de Abreu Castelo Branco envia um destacamento militar acompanhado de várias famílias para ser o primeiro núcleo de povoamento da região de Macapá.	(MORAIS, 2010, p. 24)
1748	Rei de Portugal Dom João V nomeia oficialmente de província dos Tucujus ou Tucujulândia o que é hoje atual região do Amapá.	(MORAIS, 2010, p. 24)
1750	Henrique Antônio Galuzzi – italiano fez parte da expedição científica de demarcações	(TAVARES, 2000, p. 162)
	O conhecimento do território pelas expedições de demarcações consistia em decodificado em mapas, cartas e plantas, adviria a real possibilidade de domínio e intervenção sobre este.	(ARAÚJO, 1998, p. 110).
1751	Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do Marquês de Pombal foi nomeado governador do Estado do Maranhão e Grão-Pará.	(LUNA, 2009, p.33)
1751	Chegada dos colonos açorianos (aprox. 432 pessoas)	(RAVENA, 1999, p. 63-64).

	Procedência de: Ilha Terceira, ilha Canárias, ilha Graciosa, ilha de Santa Maria, e também ilha Madeira, à vila que seria denominada Vila São José de Macapá. Projeto português urbanístico e econômico de povoar a região.	(CORDEIRO; MADEIRA, 2003, p.109) (MARIN 1999, p.39) (BRAUM apud ARAUJO 1998, p. 194-195) (LUNA 2009, p. 48)
1751	Além das famílias açorianas Macapá recebeu neste ano famílias do Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia e Maranhão.	(MORAIS, 2010, p. 49)
1752 a 1761	Construção da Igreja de São José de Macapá marco histórico antes da criação oficial da Vila de São José de Macapá.	< http://www.citybrazil.com.br/ap/macapa/historia-da-cidade > Acesso 09 junho 2012
1755	Cria-se a Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, cuja uma das ações era introduzir escravos no projeto de ampliação econômica das vilas de regiões estratégicas da Amazônia. Introduziu aproximadamente 31.317 escravos.	(CARREIRA apud MARIN; GOMES, 2003, p. 78)
	Procedência de locais da África como: Guiné-Bissau, Caché, Serra Leoa, Cabo Verde e Angola.	(DIAS apud MARIN; GOMES 2003, p.78)
1757	O Ministro de Portugal, Marques de Pombal expulsa os jesuítas da região do Amapá (sul do rio Araguari).	(MORAIS, 2010, p. 27)
04 fev 1758	Levantamento do pelourinho na praça São Sebastião atual praça Veiga Cabral fundada a Vila de São José de Macapá.	< http://www.citybrazil.com.br/ap/macapa/historia-da-cidade > Acesso 09 junho 2012
	A elevação da categoria de vila contou com a presença do Governador Mendonça Furtado e de sua comitiva. E o referido pelourinho hoje não existe mais.	(MACHADO, 2001, p.35).
	Vila de Macapá “primeiro” investimento urbano da administração de Mendonça Furtado.	(ARAÚJO, 1998, p.156)
1761	Construção do Forte de São José de Macapá (I) por Gaspar Gronfeld	(CASTRO apud GOMES 1999)
1764	Lançado a pedra fundamental no baluarte de São Pedro, pelo governador da província Capitão-general Fernando Costa de Ataíde Teive, obedecendo às ordens da metrópole para o início da construção da Fortaleza de São José de Macapá.	(MACHADO, 2001, p. 36)

1764 a 1782	Período de construção da Fortaleza de São José de Macapá por Antônio Henrique Gallucio.	(ARAÚJO, 1998) (CASTRO apud GOMES 1999) (MACHADO, 2001) (CAMILO, 2003) (CANTO, 2011)
	No dia de São José, a 19 de março 1782, foi feita a sua inauguração da fortaleza mesmo inacabada.	(CANTO, 2011, p.68)
	Essa inauguração não se deu com a fortaleza incompleta, na verdade a obra já estava basicamente terminada há muitos anos e o que ficou de ser feito consistia em algumas das obras externas, muito pequenas, na verdade.	(CASTRO, 1999, p.183)
	No decorrer dos anos, seguidos a sua inauguração em 1782, a Fortaleza ficou em inteiro abandono, servindo até mesmo de curral de animais.	(CANTO, 2011, p. 71)
1764/1765	Número de habitantes da vila de São José de Macapá: 802 pessoas	(ARAÚJO 1998, p. 190)
1771	Foram concluídas quase todas as obras internas da Fortaleza.	(CANTO, 2011, p.68)
1772 a 1775	Foi o de maior atuação nos trabalhos da obra; o fosso aquático entre o lago e o rio no inverno enfraquecia o terreno e prejudicava substancialmente o baluarte de São José, que desde cedo já apresentava fendas.	(CANTO, 2011, p.68)
1778	Um ano depois da morte do rei D. Manuel I e a queda do Marquês de Pombal, e quando o Capitão Henrique João Wilkens (como Diretor da Fortaleza de Macapá) dá a aclamação de que D. Maria I considera a obra da fortaleza julgada dispendiosa e não teve mais a devida atenção.	(CANTO, 2011, p.68)
1769	Falecimento de Henrique Antônio Galuzzi engenheiro construtor da Fortaleza de São José de Macapá.	(TAVARES, 2000, p. 162)
	O mesmo fora atacado por uma epidemia de malária que contaminava a região.	(MACHADO, 2001, p. 39)
1774	O Grão- Pará é separado do Maranhão	(MACHADO, 2001, p. 39)
1778	Número de habitantes da vila de São José de Macapá: 1.760 pessoas	(MARIN ,1999, p. 41)
1789	Número de habitantes da vila de São José de Macapá: 2.750 pessoas.	(BRAUN apud ARAÚJO, 1998, p. 194-195)
1789	O Comandante Vasco Manuel de Braun, pede apoio à rainha D. Maria I para fazer levantamento da estrutura física da fortaleza que se encontrava em destruição em vários aspectos físicos. Garantiu apenas pequenos reparos.	(MACHADO, 2001, p.40)
1831	Com a Independência do Brasil, é criada a Guarda Nacional.	(MACHADO, 2001,

	Neste período a fortaleza passa para o comando da mesma, e deixa de receber recursos destinados à Praça de Guerra.	p.40)
1856	Dom Pedro II ordena ao governador do Pará a elevar a vila de São José de Macapá à condição de cidade.	(MORAIS, 2010, p. 44)
1889	Primeira República do Brasil.	< http://www.portalbrasil.net/brasil_historiadobrasil_brasilrepublica.htm > Acesso 10 junho 2012
	Neste período de República a Fortaleza recebeu pequenos reparos financiados pelos recursos oriundos da borracha e passou a ser ocupada por presos da justiça e militares desempenhando trabalhos públicos.	(MACHADO, 2001, p. 40).
Final século XIX	A cidade de Macapá cai em decadência. Com a descoberta do ouro em Calçoene, provocou acentuada migração em busca do ouro deixando a cidade de Macapá ainda mais arruinada.	(MACHADO, 2001, p.43)
1900	Instalado na fortaleza, sobre o Baluarte Nossa Senhora da Conceição, um farol com 11 metros de altura como sinalizador de longo alcance para as embarcações que trafegavam o rio Amazonas.	(MACHADO, 2001, p. 40-41)
1943	Criação do Território Federal do Amapá (Decreto Lei nº 5.812)	(MORAIS, 2010, p. 77)
	O governador do Território, Janary Gentil Nunes, encontra a Fortaleza de São José em completo abandono.	(MACHADO, 2001, p.43)
	Falta de desenvolvimento devido ao abandono que o estado do Pará havia submetido a população amapaense.	(MACHADO, 2001, p.44)
	Guarda Territorial passou a sediar a área interna da fortaleza, transformando suas casamatas no presídio da cidade.	(CAMILO, 2009, p.206)
1947	A fortaleza encontrava-se em processo de estudo para tombamento pelos técnicos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – SPHAN. Nesse período recebeu sua primeira restauração, pois os serviços antecedentes eram apenas de pequenos reparos. A restauração foi realizada pelos membros da Guarda Territorial.	(MACHADO, 2001, p.62)
1950	A Fortaleza de São José de Macapá recebe o tombamento de patrimônio cultural pelos técnicos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. - SPHAN	(MACHADO, 2001, p. 64)
Década de 50	Instalado no interior da fortaleza, órgãos públicos, como: o Museu Territorial, Museu do Índio, Imprensa Oficial e continuando ainda a Guarda Territorial.	(MACHADO, 2001, p. 65)

	Festas populares e cívicas como os desfiles militares e estudantis ocorriam neste período na área interna da fortificação.	(MACHADO, 2001, p.66-67)
1964	Ditadura militar, o governo da época manteve somente o comando da Guarda nas instalações da fortificação, transferindo representatividades administrativas como a Imprensa Oficial e Museu Territorial, que também ocupavam o espaço, para outros locais.	(MACHADO, 2001, p. 68)
	Também nesse período militar foi permitida a construção no entorno da fortificação do clube militar pertencente ao Exército Brasileiro denominado: Clube Social do Círculo Militar.	(MACHADO, 2001, p. 69)
1975	Extinção da Guarda Territorial e criação da Polícia Militar, a fortaleza passa a abrigar somente a corporação da Banda de Música da Polícia.	(MACHADO, 2001, p. 71)
1978 e 1979	No governo do oficial da marinha, comandante Artur de Azevedo Henning é iniciando, na fortaleza, serviços de limpeza, alguns reparos e reconstituições como: pintura dos baluartes, restauração dos edifícios internos e outros reparos tendo como referencias técnicas os microfilmes das plantas originais da fortaleza trazidas de Portugal pelo referido governador. Havia também como referencias, os estudos técnicos dos arquitetos especialistas em conservação e restauro do IPHAN: Dora e Pedro Alcântara.	(MACHADO, 2001, p. 71)
Década de 80	A fortaleza começa a ser tema de questionamentos por artistas e intelectuais, em seminários dos movimentos culturais que neste período começavam a surgir na cidade. Movimentos como MOAP (Movimento Artístico e Popular Amapaense) que atuava através de exposições de artes plásticas, shows musicais, teatro, literatura.	(MACHADO, 2001, p. 76)
1988	Transformação de Território para Estado do Amapá. Com posse do primeiro governador eleito pelo povo em 1991.	(MORAIS, 2010, p. 102)
1996	Procuradoria Geral da Republica no Estado do Amapá, através do procurador João Bosco Fontes Junior, entrou com uma ação judicial solicitando o fechamento da fortaleza até que o governo da época (João Alberto Rodrigues Capiberibe) executasse as obras de restauração da fortaleza. A liminar foi deferida pelo juiz federal Marcus Vinícius Reis Barros.	(MACHADO, 2001, p. 113)
	Em 19 de setembro, dia do Patrimônio Cultural, estudantes, artistas e a sociedade amapaense estiveram presente para um: “abraço na Fortaleza de São José de Macapá” organizado pela Associação de Amigos da Fortaleza, como forma de protesto pelo fechamento da fortificação pela Procuradoria Geral da Republica no Estado do Amapá.	(MACHADO, 2001, p. 145)

1997	Restauração da Fortaleza de São José de Macapá. O projeto da DPJ Arquitetos Associados (1989) foi adaptado após análise de especialistas do IPHAN e do Governo do Estado do Amapá da época.	(OLIVEIRA, 1999, p.82)
	A área do clube círculo militar, pertencente ao exercito foi demolida.	(MACHADO, 2001, p. 125)
2002	A Fortaleza de São José de Macapá recebe o prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade do Ministério da Cultura pelo projeto de educação patrimonial realizado desde 1997.	(MARINHO, 2011, p.9)
2006	Inauguração do Parque do Forte projetado por Rosa Grena Klias. Revitalização do entorno da fortaleza que iniciou em 2002.	(CANTO, 2011, p, 89)
2007	Categoria de Museu Aberto, Decreto Lei nº 1073/2007, vinculado a Secretaria de Cultura do Estado do Amapá – SECULT.	(OLIVEIRA, 1999, p.110)
2010	Número de habitantes da cidade de Macapá: 398.204 pessoas	< http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1 > Acesso 10 junho 2012
2011	Reinauguração da Galeria de Arte da Fortaleza de São José de Macapá. Homenagem (em memória) à Professora de Arte Nazaré Trindade. Passando o local ser denominado Galeria de Arte Nazaré Trindade. Reinaugurada com a exposição de Arte: Transposição do grupo Juçara.	< http://fernando-canto.blogspot.com.br/2011/09/galeria-de-arte-nazare-trindade.html > Acesso 09 junho 2012.
2012	O Museu Fortaleza de São José de Macapá recebe a exposição nacional de arte contemporânea: Prêmio CNI-SESI Marcantonio Vilaça para as Artes Plásticas, promovido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e Serviço Social da Indústria (SESI). Sendo a primeira vez que a exposição esteve no Estado do Amapá. Período: 14 de setembro a 21 de outubro de 2012.	< http://fernando-canto.blogspot.com.br/2012/09/premio-cni-sesi-marcantonio-vilaca-na.html >. Acesso em: 16 dezembro 2012.

APÊNDICE B - Glossário de alguns dos elementos¹⁴² estruturais da arquitetura da Fortaleza de São José de Macapá.

Armazém – espaço destinado à reserva de alimentos (armazém de boca/alimentação) e armazém de armas leves e balas (armazém de munição).

Baluarte - fortaleza, lugar seguro; parte avançada de uma fortificação, com duas faces (frontais) e dois flancos (laterais). Nas antigas fortificações portuguesas, os baluartes eram também batizados com nome de santos.

Calabouço - cárcere sombrio; lugar de prisão preventiva ou provisória; casa de prisão para militares.

Cantaria - pedra lavrada, talhada e aparelhada para construção.

Casa do Comandante- residência e gabinete de trabalho do comandante da praça.

Casa dos Oficiais- residência destinada aos suboficiais e oficiais.

Casamata - subterrâneo abobadado que encerra uma bateria. Casa com abóbada, à prova de bomba, para habitação ou depósito de pólvora e de matérias explosivas. Na Fortaleza de São José de Macapá, é formado por um conjunto de 12 células abobadadas para abrigar as tropas.

Capela- Na Fortaleza de São José de Macapá, é um bloco constituído de três espaços em sua função original era destinado à capela, alojamento do cirurgião (médico) e alojamento capelão (padre).

Corpo da Guarda- Lugar de repouso dos militares (sentinelas) que montavam guarda nas guaritas.

Cortina- Trecho reto da muralha que liga dois baluartes.

Desaguadouro – lugar de coleta de águas da chuva canalizadas para um rio.

Enfermaria- edifício destinado ao tratamento dos militares para tratamento de doenças tropicais e outros males.

Esplanada- Espaço descoberto para frente de uma praça de guerra, facilitando o tiro para a guarnição de infantaria.

Guarita - Torre, ou atalaia, localizada nos ângulos dos antigos baluartes, para abrigo de sentinelas (soldados).

Muralha - muro de pedra ou terra rodeando um castelo, fortaleza ou cidade fortificada, e sobre o qual era levantado o parapeito e usada para fins de defesa.

¹⁴² - Oliveira (1999, p. 91); Guia turístico do MFSJM (2005).

Praça de guerra- cidade murada. Segundo os relatórios do Ministério da Guerra do Império, Macapá era única praça de guerra do território nacional.

Paiol- lugar de reserva de pólvora.

Portal - porta principal de um edifício; portada.

Revelim - construção externa de duas faces, que formam ângulo saliente, para defesa de cortina, ponte etc., nas fortificações. Na Fortaleza de São José de Macapá localiza-se no setor oeste protegendo a entrada principal ou portal.

APÊNDICE C- Planejamento de ações para o Grupo Focal.

QUANTIDADE DE COLABORADORES: MÁXIMO 10 ESTUDANTES, MÍNIMO 06 ESTUDANTES.
HORÁRIO DE ENCONTRO: CONTRA TURNO AO HORÁRIO DE AULA (ou seja, no horário da tarde).
QUANTIDADE DE ENCONTRO: 06 DIAS.

I-PARTE

Tema: Imagens/ visualidade e Patrimônio Cultural

Data	Encontro Duração	Momentos	Ações	Recursos e Materiais de estímulo	Perguntas	Observações extras
04/09/2012	1º encontro Dur. Máximo 1 hora	1º	-Apresentação coletiva de cada colaborador juntamente com a moderadora (pesquisadora). -Informações sobre como serão os encontros: quantidade dias, duração, etc. -Informar sobre a gravação das falas e a preservação do anônimo. -Dinâmica para entrega dos crachás de identificação e a criação dos nomes fictícios pelos próprios colaboradores; -Informar que a entrega do kit desenho será no final dos encontros, sendo que a entrega dependerá da participação em todos os dias de cada colaborador nos 06 encontros.	Recursos: Gravador, bloco de notas, canetas. Material de estímulo: dinâmica dos crachás	-As que surgirem por parte dos colaboradores sobre o que será explicado em relação ao grupo focal.	

		2º	Início das perguntas do roteiro Tema: Imagens e Visualidades	Recursos: Gravador, bloco de notas, canetas.	-Quais imagens você costuma ver distribuídas nos espaços internos da escola? -Quais imagens o seu professor/a de artes costuma mediar em sala de aula? -Você se identifica com as imagens levadas pelo/a seu professor/a? Por quê? -Quais imagens você costuma levar para a escola? (desenhos feitos em caderno, revistas, celulares, máquinas, etc).	-Conforme for ocorrendo as respostas. Possibilidade de questionar algo que for aparecendo em cada fala.
		3º	Continuação das perguntas do roteiro Tema: Patrimônio Cultural	Recursos: Gravador, bloco de notas, canetas.	-O que significa para você patrimônio cultural? (Caso não ocorra uma resposta fazer a outra pergunta abaixo) -Vocês conhecem algum patrimônio material ou monumento da cidade? Qual/is? -Vocês sabem o que é marabaixo? Alguma vez já dançaram? Qual a opinião de vocês sobre o marabaixo? -Dentro da escola de vocês quais manifestações culturais ou festividades costumam ocorrer na escola? E bom ou ruim? Costumam frequentar?	

			4º	Tema: Patrimônio Cultural Desenho da Fortaleza de São José	Recursos: Gravador, bloco de notas, canetas. Material de estímulo: materiais para fazer o desenho.	- E a Fortaleza de São José de Macapá? Vocês conhecem?	-Conforme resposta, solicitar a criação de um desenho de memória sobre a fortaleza de São José de Macapá. (Colocar o nome fictício atrás do desenho para facilitar a identificação) -Encerra-se essa etapa de encontro. Sendo que as observações sobre o que cada um fez no desenho serão feitas no encontro seguinte. -O propósito também é permitir que a pesquisadora observe os desenhos e crie possibilidade de questionamentos sobre o que foi feito e fazendo um <i>link</i> com as categorias de compreensão da autora: Teresinha Franz. -Fazer observações ainda, por exemplo, sobre quais elementos arquitetônicos foram mais desenhados, se foram colocadas pessoas no desenho, etc.
--	--	--	----	---	--	---	---

II-PARTE

Tema: Fortaleza de São José de Macapá

Data	Encontro Duração	Momentos	Ações	Recursos e Materiais de estímulo	Perguntas	Observações extras
11/09/2012	2º encontro Dur. Máximo 1 hora	1º	Continuação Patrimônio Cultural Desenho da Fortaleza de São José	Recursos: Gravador, bloco de notas, canetas. Material de estímulo: Próprios desenhos feitos pelos estudantes.	-Tempo para cada um observar seu desenho novamente. Em seguida fazer a indagação abaixo: -Comente sobre seu desenho para o grupo. Porque escolheu esse elemento para desenhar?	-Outras observações podirão ser levantadas a partir do que eu observar nos desenhos de cada colaborador de um dia para o outro.
		2º	Perguntas do roteiro. Tema: Fortaleza de São José de Macapá	Recursos: Gravador, bloco de notas, canetas.	- Qual a primeira vez que você visitou a Fortaleza de São José de Macapá? O que achou? - Quantas vezes você já visitou a Fortaleza? - O que é bom na Fortaleza de São José de Macapá? - O que é ruim na Fortaleza de São José de Macapá? - Você se lembra de alguma imagem (obras artísticas, publicidade, representações oficiais como bandeiras ou brasões, etc.) que apareceu na Fortaleza e que te chamou a atenção? Descreva como era essa imagem? E porque chamou a	

					sua atenção? -Na sua escola você vê com frequência imagens sobre a fortaleza de São José de Macapá? Nas aulas de quais disciplinas? Descreva como são essas imagens?	
	3º	Tema: Fortaleza de São José de Macapá	Recursos: Gravador, bloco de notas, canetas.		-Solicitar que tragam de casa duas imagens que mais gostou da Fortaleza de São José de Macapá. -E duas que menos gostou.	

III-PARTE
Tema: Fortaleza de São José de Macapá

Data	Encontro Duração	Momentos	Ações	Recursos e Materiais de	Perguntas	Observações extras
18/09/2012	3º encontro Dur. Máximo 1 hora	1º	Continuação Tema: Fortaleza de São José de Macapá	Recursos: Gravador, bloco de notas, canetas. Material de estímulo: Imagens trazidas pelos colaboradores de casa.	-Tempo para cada um observar as imagens que trouxeram. Em seguida fazer a indagação abaixo: -Comente sobre as imagens. Quais as que mais gostaram? Por quê? -Quais as que menos gostaram? Por quê?	-Caso os estudantes não tragam as imagens de casa, haverá pasta-catalogos com imagens da Fortaleza de Macapá retiradas da internet. Com a intenção de disponibilizar essas imagens e os colaboradores fazerem suas escolhas a partir do material disponibilizado pela pesquisadora (mas essa ação só será feita caso ocorra o imprevisto dos mesmos não trazerem as imagens de casa). -Antes das perguntas e observações das imagens pelos colaboradores. Solicitar que cada um deles colem as imagens em folhas com a identificação do nome fictício de cada colaborador/a.
		2º	Tema: Questionário de entrevista aos familiares	Recursos: Gravador, e questionários.	- Ler as perguntas do questionário junto ao grupo, para esclarecimento de dúvidas e solicitar que tragam no encontro seguinte.	

IV-PARTE

Tema: Fortaleza de São José de Macapá

Data	Encontro Duração	Momentos	Ações	Recursos e Materiais de estímulo	Perguntas	Observações extras
20/09/2012	4º encontro Dur. Máximo 1 hora	1º	Tema: Fortaleza de São José de Macapá Visualidades arquitetônicas	Recursos: Gravador, bloco de notas, canetas, data show/notebook Material de estímulo: 02 imagens em panorâmica sobre a fortaleza de São José de Macapá	-Em sua opinião qual o grau de importância que tem a Fortaleza de São José de Macapá para os moradores da cidade? Por quê? (Âmbito de compreensão: Biográfico/ Teresinha Sueli Franz). - E na sua vida, qual grau de importância possui a Fortaleza de São José de Macapá? Por quê? (Âmbito de compreensão: Biográfico/ Teresinha Sueli Franz). -O que podemos aprender e ensinar com esta imagem? (Âmbito de compreensão: Pedagógico/ Teresinha Sueli Franz).	Imagens:  
		2º	Tema: Fortaleza de São José de Macapá Visualidades didáticas e artísticas	Recursos: Gravador, bloco de notas, canetas, Data show/ notebook	-Que personagens são esses que vemos na imagem? (Âmbito de compreensão: crítico social/ Teresinha Sueli Franz).	OBS: Imagem de uma das páginas da cartilha não publicada pelo MFSJM. Foi retirada, conforme explicação contida no capítulo 2 da pesquisa.

			Material de estímulo: 01 imagem. Artista Honorato. Material retirado de uma parte do material educativo da Fortaleza. 01 imagem (pintura) autor desconhecido. Acervo Museu FSJM.	-Que relação eles tem com a Fortaleza? (Âmbito de compreensão: crítico social/ Teresinha Sueli Franz). -Que Classe social eles pertenciam na época? (Âmbito de compreensão: crítico social/ Teresinha Sueli Franz). -Como são vistos hoje na sociedade amapaense e nas demais sociedades? (Âmbito de compreensão: crítico social/ Teresinha Sueli Franz).	
3º	Tema: Fortaleza de São José de Macapá Visualidades artísticas	Recursos: Gravador, bloco de notas, canetas. Datashow/ notebook Material de estímulo: 03 imagens de artistas amapaense sobre a relação marabaixo e Fortaleza de São José de Macapá. Artistas: Dekko, Ivan Amanajás,	-Quem são os homens e mulheres presentes nas imagens? (Âmbito de compreensão: histórico e antropológico/ Teresinha Sueli Franz). -O que eles estão fazendo perto da fortaleza? O que você acha disso? (Âmbito de compreensão: histórico e antropológico/ Teresinha Sueli Franz). - O que a imagem diz sobre a vida dessas pessoas? Sobre sua cultura sua vida social (Âmbito de compreensão: histórico e antropológico/ Teresinha Sueli Franz).	Imagens: 	

V-PARTE

Tema: Fortaleza de São José de Macapá

Data	Encontro Duração	Momentos	Ações	Recursos e Materiais de estímulo	Perguntas	Observações extras
25/09/2012	5º encontro Dur. Máximo 3 horas	1º	Tema: Fortaleza de São José de Macapá Visitando a Fortificação - Esperar os colaboradores em frente à escola para seguir para a Fortaleza de São José de Macapá	Recursos: Gravador e maquina digital Material de estímulo: a Própria Fortaleza de São José de Macapá	- Informar que se quiserem fazer alguma pergunta aos mediadores do museu, que será possível.	- Tradado por conta da pesquisadora
		2º	Tema: Fortaleza de São José de Macapá - Fazer a visitação acompanhada de um dos mediadores do Museu Fortaleza de São José de Macapá.	Recursos: Gravador e maquina digital Material de estímulo: a Própria Fortaleza de São José de Macapá		
		3º	Tema: Fortaleza de São José de Macapá - Após visitação com mediadores	Recursos: Gravador e maquina digital	- Orientação: Informar aos colaboradores que cada um deles poderá tirar 04 fotografias de um ponto da fortaleza que pode ser dentro ou fora. - Essas fotografias poderão ser algo que gostou ou que não gostou. Porém não dizer no momento (somente escolher o local e tirar a fotografia)	- Após registro fotográfico seguir para a escola.

		4º	Tema: Fortaleza de São José de Macapá -Informar que o próximo e último encontro será na escola.			
--	--	----	--	--	--	--

VI - PARTE

Tema: Fortaleza de São José de Macapá

Data	Encontro Duração	Momentos	Ações	Recursos e Materiais de estímulo	Perguntas	Observações extras
27/09/2012	6º encontro Dur. Máximo 1 hora	1º	Tema: Fortaleza de São José de Macapá -exibir as fotografias tiradas	Recursos: Gravador, bloco de nota, data show e notebook Material de estímulo: fotografias tiradas pelos colaboradores	-Comente sobre a imagem. E porque motivo você a tirou?	
		2º	Tema: Fortaleza de São José de Macapá -Desenho sobre a fortaleza	Recursos: Gravador, bloco de nota. Material de estímulo: materiais para fazer o desenho.	-Solicitar que façam um desenho imaginando como estará a cidade de Macapá daqui a aproximadamente 10 anos e sua relação com a Fortaleza.	
		3º	Tema: Fortaleza de São José de Macapá	Recursos: Gravador, bloco de nota.	- solicitar que cada um comente sobre o seu desenho.	
		4º	-Finalização do grupo -Agradecimentos -Entrega do kit desenho.			

APÊNDICE D - Roteiro de entrevista com a Direção da Escola Estadual Tiradentes



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARTES VISUAIS UFPB/UFPE



QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA A GESTORA DA ESCOLA

Pesquisadora: Carla Marinho Brito

Assunto: entrevista para atividades de pesquisa acadêmica.

ATENÇÃO:

-Prezado/a Gestor/a, primeiramente agradeço sua colaboração em responder a este questionário de entrevista e por estar contribuindo com a pesquisa em Arte.

-Caso necessário, utilize a folha em anexo como espaço opcional para as respostas.

-No espaço abaixo, há um campo disponível para que você crie um pseudônimo, o qual será utilizado nos dados para a pesquisa.

DADOS:

Nome Completo: _____

Pseudônimo: _____ Sua Idade: _____

Escola em que é gestor(a): _____

Endereço da Escola: _____

Telefone da escola: _____

Email e/ou blog da escola: _____

Email e/ou blog (pessoal): _____

Telefone (pessoal): _____

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- 1- Instituição onde concluiu sua formação profissional?
- 2- Há quantos anos você é gestor(a) da escola?
- 3- No seu cotidiano, quais hábitos culturais você costuma ter?
- 4- No ano de 2009, ocorreu a reformulação do currículo pela Secretaria de Educação do Estado. Os docentes da escola já vêm trabalhando com este currículo? O que mudou na proposta da escola após reformulação?

- 5- Como tomou conhecimento da reformulação curricular?
() Pela Secretaria de Educação
() Outros:_____
- 6- O Setor pedagógico da Escola chegou a discutir, em encontros, com os docentes o currículo lançado em 2009?
- 7- Quais manifestações culturais ocorrem na escola durante o ano letivo?
- 8- De que forma a questão cultural local é introduzida nas atividades cotidianas da Escola?
- 9- Quais dificuldades são encontradas para a realização desses eventos/atividades?
- 10- Como ocorre a participação dos/as estudantes nestes eventos?
- 11- Existe na escola um espaço destinado às atividades práticas da disciplina Arte?
- 12- Como você compreende a disciplina Arte para a formação acadêmica e pessoal dos/as estudantes?
- 13- A escola costuma oferecer excursões didáticas aos alunos para conhecer o patrimônio histórico e cultural da cidade, por exemplo, ou frequentar a programação artística pela cidade?



APÊNDICE E - Roteiro de entrevista com Professor/a de Arte

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARTES VISUAIS UFPB/UFPE



QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA A DOCENTE DA DISCIPLINA ARTE

Pesquisadora: Carla Marinho Brito

Assunto: entrevista para atividades de pesquisa acadêmica.

ATENÇÃO:

- Prezado/a docente, primeiramente agradeço sua colaboração em responder a este questionário de entrevista e por estar contribuindo com a pesquisa em Arte.
- Caso necessário, utilize a folha em anexo como espaço opcional para as respostas.
- No espaço abaixo, há um campo disponível para que você crie um pseudônimo, o qual será utilizado nos dados para a pesquisa.

DADOS:

Nome Completo: _____

Pseudônimo: _____ Sua Idade: _____

Escola que trabalha: _____

Série/ Ano que dar aulas: _____

Endereço da Escola: _____

Telefone da escola: _____

Email e/ou blog da escola: _____

Email e/ou blog (pessoal): _____

Telefone (pessoal): _____

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- 1- Instituição onde concluiu sua formação profissional?
- 2- Há quantos anos você trabalha como docente de Arte?
- 3- Quantidade de estudantes aproximadamente em cada sala?
- 4- No seu cotidiano, quais hábitos culturais você costuma ter?

- 5- Trabalha com imagens nas aulas de Arte? Quais tipos? E por que estas imagens e não outras?
- 6- De quais meios (livros, revistas, catálogos de exposição, internet, etc.) você escolhe as imagens?
- 7- Costuma abordar imagens que seus alunos levam para sala de aula? Quais imagens são essas que eles levam?
- 8- Qual o significado para você sobre imagem e visualidade?
- 9- Durante suas aulas, quais métodos e teorias costuma utilizar nas atividades com os estudantes para análise de imagens?
- 10-No ano de 2009, ocorreu a reformulação do currículo de Arte pela Secretaria de Educação do Estado. Você já vem trabalhando com este currículo? O que mudou no seu trabalho?
- 11-Como tomou conhecimento da reformulação curricular em Arte?
☐ Pela Secretaria de Educação
☐ Pelo Setor Pedagógico da Escola
☐ Por outro docente da disciplina Arte,
☐ Outros: _____
- 12-O Setor pedagógico da Escola chegou a discutir em encontros com os docentes o currículo de Arte (lançado em 2009)?
- 13-No Currículo de Arte (2009) estão inseridos questões sobre patrimônio cultural. Você aborda esse tema em suas aulas? Como é esta abordagem?
- 14-Como é a receptividade deste tema pelos estudantes?
- 15-No seu ponto de vista, o que significa patrimônio cultural? E qual a importância de trabalhar este tema nas aulas de Arte?
- 16-O que entende sobre educação patrimonial?
- 17-Quais manifestações culturais ocorrem na escola durante o ano letivo?
- 18- De que forma a questão cultural local é introduzida em sua prática pedagógica?
- 19-Hipoteticamente, se você docente recebesse uma verba financeira para trabalhar com patrimônio cultural em suas aulas de arte, como seria a proposta dessa aula?

**APÊNDICE F - Roteiro¹⁴³ de entrevista com funcionário/a do Museu
Fortaleza de São José de Macapá**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARTES VISUAIS UFPB/UFPE**



Responsável pelo Programa Educativo.

Dados Colaborador/a (entrevistado/a):

Instituição: _____

(☐) Pública Municipal (☐) Pública Estadual (☐) Privada (☐) Outros: _____

Entrevistado (a): _____

Pseudônimo para identificação na pesquisa: _____

Idade: _____ Data Nascimento: _____/_____/_____

Função que ocupa na Instituição: _____

Tempo que trabalha na Instituição: _____

Contato (Telefone Residencial e celular): _____

Email: _____

Data de entrevista: _____

Roteiro de Perguntas:

1- Qual o perfil do público que frequenta o Museu?

2- Qual o percentual de escolas públicas e particulares que frequentam o museu em relação ao público em geral?

3- Como se organiza o organograma da Instituição?

¹⁴³ - As perguntas desse roteiro de entrevistas também fazem parte da pesquisa: A Mediação Cultural nas Fortalezas São José de Macapá e Santa Catarina – Cabedelo/PB. Em andamento e foi criado em parceria com a pesquisadora Teresinha Vilela. Grupo de Pesquisa em Ensino das Artes Visuais. Universidade Federal da Paraíba.

- 4- Existe uma metodologia diferenciada de mediação para atender cada faixa etária em relação aos grupos provenientes das Escolas? Como ocorre?
- 5- Existe uma adaptação do museu tanto física, quanto metodológica em relação à acessibilidade (receber público especial como: deficiente auditivo, visual, físico, etc.)? Quais são as adaptações?
- 6- No museu, o público pode ter acesso ao espaço (à exposição) sem o acompanhamento do mediador? Por quê?
- 7- Qual a quantidade de mediadores que atendem ao público? São feitas as capacitações de mediadores culturais do museu no decorrer de cada ano?
- 8- Existe dentro dos projetos de mediações da Instituição uma prática de parcerias como os professores das escolas para um trabalho de incentivo às visitas em museus e de continuidade em sala de aula? Como ocorre essa parceria?
- 9- Existe a utilização e distribuição de material didático de apoio aos grupos visitantes das Escolas?
- 10- Os professores que trazem o grupo de estudantes costuma procurar a equipe de educação da Instituição e/ou visitar o local antecedendo a visita coletiva?
- 11- Quais as estratégias de divulgação do museu que a Instituição utiliza para atrair o público?
- 12 - Existe um trabalho de consulta ao público sobre um levantamento de opiniões a respeito do Museu como: mudanças e melhorias? Explique como é feito esse procedimento de consulta.
- 13-Existe dentro do monumento/museu um espaço para exposições temporárias e/ou permanentes? Como é feita essa mediação?
- 14-Quais propostas metodológicas de mediação a equipe educativa costuma utilizar com o público
- 15- A estrutura física e os recursos materiais que a Instituição possui permitem uma mediação com qualidade ao público? Por quê?
- 16-No seu ponto de vista qual (is) fatores favoreceriam para o aumento do público ao local e para colaborar a uma mediação qualitativa?

APÊNDICE G - Roteiro de entrevista com Historiador sobre a Fortaleza de São José de Macapá



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARTES VISUAIS UFPB/UFPE



Visualidades da Fortaleza de São José de Macapá em interação com uma Escola Pública da cidade de Macapá.

ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE QUESTÕES ACERCA DA FSJM.

Instituição: _____

Entrevistado (a): _____

Função que ocupa na Instituição: _____

Contato: _____

TÓPICOS:

- 1- Contexto econômico e social do período colonial e a importância da Amazônia nesse período.
- 2- Quanto às Fortificações construídas na Amazônia do Sec. XVIII.
- 3- Quanto à estrutura arquitetônica e militar da FSJM
- 4- Quanto aos engenheiros militares e trabalhadores da construção da fortaleza
- 5- Quanto à população da Vila de São José de Macapá
- 6- Quanto ao período da FSJM no período da guarda territorial.
- 7- Quanto ao tombamento do monumento e seu uso cultural na década de 50
- 8- Quanto à associação do marabaixo aos escravos do período da fortificação.
- 9- Quanto ao período de restauro na década de 90
- 10- Quanto a sua atual funcionalidade como museu, educação patrimonial e conservação.

**ANEXO A - Trechos do Currículo de Arte da Secretaria de Educação do Estado do
Amapá - 2009.**



GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

A logo de fundo é circular, com uma bússola no centro. No topo, há uma coroa de formatura e um owl (coruja) amarelo com olhos grandes. O texto "CURRÍCULO A BÚSSOLA PARA UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE." circunda a bússola.

**PLANO CURRICULAR DA
EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO
DO AMAPÁ**

Macapá - AP

2009

DE QUALIDADE.



GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

ANTONIO WALDEZ GOES DA SILVA

Governador do Estado do Amapá

JOSÉ ADAUTO SANTOS BITENCOURT

Secretário de Estado da Educação

ALBERTINA GUEDES DA SILVA

Secretária Adjunta de Políticas de Educação

MARIA DA CONCEIÇÃO AMARAL CARDOSO

Coordenadoria de Desenvolvimento e Normatização das Políticas Educacionais -
CODNOPE

MARIA ROSETE FERREIRA DO AMARAL

Gerente do Núcleo de Assessoramento Técnico-Pedagógico - NATEP

CRISTILENE DE MOURA MENDONÇA

Chefe da Unidade de Orientação Curricular e Supervisão - UOCUS

Macapá - AP

2009

COORDENADORES DAS DISCIPLINAS

ARTE

Hildima Ramos da Silva

Ronne Franklim C. Dias.

LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA

Maria de Assunção Cortes Costa

Elizane do Socorro Assunção

Vânia do Socorro A. Silva

EDUCAÇÃO FÍSICA

Djaci Amoras Colares

Rinaldo Oliveira do Nascimento

LÍNGUA ESTRANGEIRA

Hildete Margarida Rodrigues de Souza

Anita Garibaldi de Oliveira

Ênia Cláudia Barros

Rubens Edgardo P. Pereira

ENSINO RELIGIOSO

Maria de Lourdes Sanches Vulcão

Luciana Martha Sena de Vilhena

FILOSOFIA/SOCIOLOGIA/PSICOLOGIA

Áurea Batista de Sá Viana

Patrick Loureira Bitencourt

Manoel Lourenço da Cruz Moraes

Anatália Cistina Neves Nascimento

Andréa Coimbra de Moura B. Costa

GEOGRAFIA

Marilza dos Santos Lima

Cristiane da Costa Lobato

Denis Marques de Oliveira

HISTÓRIA

Maura Leal da Silva

Pedro Paulo da Cunha Carvalho

MATEMÁTICA/QUÍMICA/FÍSICA

Idelfonso Barroso de Almeida

Edcarlos Vasconcelos da Silva

Wilker Sathoro

Pedro Maria Mendes

BIOLOGIA/CIÊNCIAS

Antônio Manoel Alves Pampolha Júnior

Ediléa M. de Oliveira

Lailson Lemos

OFICINA DE TRABALHO

Maria do Socorro Varanda

Suzana Almeida Coelho

ENSINO MÉDIO REGULAR E MODULAR

1º ANO ENSINO MÉDIO

EIXO: Arte como sistema cultural

I-UNIDADE

1- A arte e o cotidiano: a estética nas manifestações ou produtos artístico-culturais.
Compreensão das representações culturais.

Multiculturalismo e hibridismo

1.3 Manifestações culturais locais: principais características.

1.3.1 Identificação: de Festas, danças, artefatos, celebrações, ambientes, etc.

1.4 Carnaval: origem, características das regiões, artefatos carnavalescos.

II-UNIDADE

2- Bens culturais

2.1 Sítios e artefatos arqueológicos: características e possíveis simbologias

2.1.1 Brasil: Piauí, Paraíba, Minas Gerais, Pará, etc.

2.1.2 Amapá: Mazagão, Calçoene, etc.

2.2 Patrimônio Cultural

2.2.1 Patrimônio Material e Imaterial

2.3 Museu de arte: conservação, pesquisa e comunicação.

2.3.1 Circulação cultural: obra, público, autor, instituição.



III-UNIDADE

3- Arte e Novas Tecnologias

3.1 Meios eletrônicos da arte e da imagem

3.1.1 TV, internet, celular, etc.

3.2 Vídeo-Arte

3.3 A Tecnologia e o Artista

3.4 Imagens de computador: virtual e real

IV-UNIDADE

4- Arte Moderna: pensamentos de época, principais artistas, produções e suas características.

4.1 Arte *Nouveau*

4.2 Expressionismo: holandês, alemão, abstrato

4.3 *Fauvismo*:

4.3 Cubismo: analítico, sintético e hermético

4.3.1 Influência Africana

2º ANO DO ENSINO MÉDIO

I-UNIDADE

1- Arte Moderna II: pensamentos de época, principais artistas, produções e suas características.

1.1 Abstracionismo: lírico (informal) e geométrico

1.2 Dadaísmo

1.3 Surrealismo

1.5 Expressionismo Abstrato

1.6 Pop-art

1.7 Op-art

II-UNIDADE

2.3 Visualidade e cotidiano: urbano, centro, periferia, rural, setores privados, grupos sociais, etc.

2.3.1 As visualidades etno-culturais: símbolos, artefatos, obras de arte, etc.

2.3.2 de matriz africana (Lei 10.639/03)

2.3.3 de matriz indígena (Lei 11.645/08)

2.3.4 Hibridismo e visualidade

III-UNIDADE

3- Visualidades Amazônicas

3.1 arte e meio ambiente

3.2 a produção “imagética” no Amapá:

3.2.1 abordagens naturais e culturais de produtores/artistas: Wagner Ribeiro, Grimaldo, João de Deus, Josaphat, Irê Peixe, Deoclides, Célio, Dekko, Paulo Uchôa, Edinei Campos, etc.

IV-UNIDADE

4- Patrimônio cultural e museu

4.1 Monumentos históricos do Brasil e do Amapá: identificação de simbologias

4.2 Patrimônio Imaterial: grafismo Waiãpi, celebrações, etc.

4.3 Instituições museológicas do Brasil e do Amapá

3º ANO DO ENSINO MÉDIO

I-UNIDADE

1. Elementos de composição em imagem/artefato/arte

1.1 linhas, textura, volume, movimento.

1.2 Cor luz e cor pigmento;

1.2.1 Círculo de Newton;

1.2.2 Cores quentes e frias; neutras, monocromia e policromia; tons (intensidade e saturação).

1.3. Relações formais: escala e proporção; enquadramento; perspectiva e profundidade, justaposição e sobreposição.

1.4 compreensão das representações “imagéticas”/artesanais/artísticas

1.4.1 narrativas visuais.

II-UNIDADE

2- Arte Moderna e Contemporânea: pensamentos de época, principais artistas, produções e suas características.

2.1 Construtivismo, suprematismo

2.2 Futurismo

2.2.1 Arte Cinética;

2.3 Minimalismo:

2.4 Arte Conceitual:

2.4.1 Instalação/ *Performance*/ Intervenção:

ready-made

Happening, Body Art

Land Art, graffiti

III-UNIDADE

3- Movimento Modernista no Brasil: pensamentos de época, principais artistas, produções e suas características.

3.1 A Semana de Arte Moderna de 22

3.1.1 Os precursores Lasar Segall e Anita Malfatti

3.1.2 A busca da brasilidade pela produção artística:

Artes plásticas

Poesia

Música

3.2 manifestos e grupos modernistas

IV-UNIDADE

4. As tendências construtivistas no Brasil:

4.1 O Abstracionismo.

4.2 O Concretismo: Grupo Ruptura (bloco paulista) e Grupo Frente (bloco carioca).

4.3 Neoconcretismo em Lygia Clark, Hélio Oiticica, Lúcia Pape, Amílcar de Castro, etc.

4.5 Anos 60 e a Pop Arte nas obras de caráter sócio-político dos artistas brasileiros.

4.6 Arte Conceitual na produção brasileira

4.7 Arquitetura Contemporânea:

4.7.1 As linhas de: Oscar Niemeyer, Lina Bo Bardi, etc.